

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Marina Machiavelli

**USOS E APROPRIAÇÕES DO LIVRO POR ADOLESCENTES: A
INTERNET COMO MEDIADORA DE NOVAS PRÁTICAS**

**Santa Maria, RS, Brasil
2018**

Marina Machiavelli

**USOS E APROPRIAÇÕES DO LIVRO POR ADOLESCENTES: A INTERNET
COMO MEDIADORA DE NOVAS PRÁTICAS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), **como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.**

Orientadora: Prof. Dra. Liliane Dutra Brignol

**Santa Maria, RS, Brasil
2018**

Marina Machiavelli

**USOS E APROPRIAÇÕES DO LIVRO POR ADOLESCENTES: A
INTERNET COMO MEDIADORA DE NOVAS PRÁTICAS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), **como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.**

Aprovado em 27 de março de 2018

Liliane Dutra Brignol, Dra. (UFSM) (Presidente/Orientadora)

Veneza Mayora Ronsini, Dra.
(UFSM-RS)

Isabel Siqueira Travancas, Dra. (UFRJ-RJ) videoconferência

**Santa Maria, RS, Brasil
2018**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e meu irmão, que não tenho palavras para descrever tudo que fizeram e fazem por mim para estar onde estou. Pelo carinho, apoio e incentivo independente da situação. Aos três, que sempre estiveram tão longe e ao mesmo tempo tão perto de mim, me dando forças para seguir sempre.

À professora Liliane pela orientação generosa, pela paciência e atenção. Agradeço pela confiança e por me manter segura do que eu estava desenvolvendo.

À professora Veneza por me apresentar o mundo da pesquisa e me inspirar neste caminho, com inquietações e reflexões.

À professora Isabel que desde o primeiro contato com seus textos me motivou a pesquisar a leitura de adolescentes. Agradeço pelas contribuições e reflexões.

Aos colegas de mestrado por compartilhar angústias, dúvidas e conquistas e principalmente por saber que eu não estava sozinha.

Às minhas amigas e amigos que são fundamentais para que eu continue com amor e alegria.

À Ligia e Zilah, minha segunda família em Santa Maria, que me acolheram e cuidaram de mim por tanto tempo, seus cuidados e conselhos foram importantes para meu amadurecimento.

À Inari por toda atenção sempre que precisei, pelo cuidado e paciência na correção do trabalho.

À Andressa pelo apoio no grupo de discussão e por seguir na pesquisa sobre a leitura.

Aos adolescentes que participaram das entrevistas e do grupo de discussão, obrigada por terem compartilhado suas experiências comigo.

À UFSM pela formação pública de qualidade desde a graduação; aos professores e funcionários do Poscom, pelos ensinamentos e convivência e à CAPES, pelo auxílio fundamental para a realização deste trabalho.

E a tudo e todos que fazem eu acreditar nas minhas qualidades, todos são responsáveis por eu seguir em frente nos momentos de medo e insegurança.

RESUMO

USOS E APROPRIAÇÕES DO LIVRO POR ADOLESCENTES: A INTERNET COMO MEDIADORA DE NOVAS PRÁTICAS

AUTORA: Marina Machiavelli

ORIENTADORA: Prof. Dra. Liliane Dutra Brignol

A dissertação busca, pelo viés da recepção, investigar os usos e apropriações do livro por leitores adolescentes, de modo a compreender os impactos dos suportes digitais nos modos de ler a partir das mediações de sociabilidade, ritualidade e tecnicidade. A problemática centra-se na questão: Como a internet transforma as práticas de leitura dos adolescentes? A pesquisa está fundamentada nos estudos culturais, especialmente na perspectiva teórico-metodológica das mediações de Martín-Barbero (2003). Metodologicamente, realizamos um estudo exploratório organizado em dois momentos; inicialmente, ocorreu a aplicação de formulários e entrevistas informais no ano de 2016 e a aplicação de formulários no ano de 2017. No segundo momento, selecionamos os entrevistados para a realização das entrevistas semiestruturadas. Em um terceiro momento realizamos um grupo de discussão com os adolescentes participantes das entrevistas para que, juntos, conseguissem discutir as práticas de leitura e suas relações com o livro e as novas mídias. Tomamos como objetivos específicos: a) Compreender os hábitos e as preferências de adolescentes leitores santa-marienses; b) Identificar possíveis mudanças nas práticas de leitura a partir do acesso às mídias digitais; c) Analisar a importância do livro para os adolescentes. A análise foi baseada nas categorias elencadas a partir das mediações. Como resultados, identificamos que a leitura dos adolescentes transcende o livro. É possível compreender que novos usos se concretizam nessa trama entre o livro e a internet e que esse contexto proporciona práticas que permanecem, mas que estão também condicionadas pelas mudanças desses novos meios. Os adolescentes são leitores, usuários, internautas, espectadores, seguidores e transitam entre o impresso, o on-line, a tela do cinema e a tela do celular. Os adolescentes mantêm o hábito da leitura silenciosa e íntima e, por outro lado, dedicam-se a uma leitura compartilhada, eles expandem as histórias ao produzir novos conteúdos e ao acompanhar seus semelhantes.

Palavras-chave: Estudo de recepção. Mediações. Leitura. Novas práticas de leitura. Adolescente.

ABSTRACT

USE AND APPROPRIATION OF BOOKS BY ADOLESCENTS: INTERNET AS MEDIATOR OF NEW PRACTICES

AUTORA: Marina Machiavelli

ORIENTADORA: Prof. Dra. Liliane Dutra Brignol

This dissertation aims, by a reception bias, to investigate use and appropriation of books by adolescent readers, in order to understand the impact of digital support in the ways adolescents read, through the mediation of sociability, ritualism and technicality. The main problem is: How does internet transform reading practices of adolescents? The foundation of the research is the cultural studies, specially the theoretical-methodological perspective of Martín-Barbero (2003) mediations. Methodologically, it was developed an exploratory study organised in two stages, the first was the application of forms and informal interviews in 2016 and the application of forms in 2017. The second stage of the exploratory study was the selection of the sample to which the semi-structured interviews were applied. In the next phase it was formed a discussion group with the interviewed adolescents in order to debate together reading practices and how they are related to books and the new media. The specific goals of this dissertation are: a) to comprehend the habits and preferences of Santa Maria (Brazil) adolescent readers; b) to identify possible changes in reading practices through the access of digital media; c) to analyse the importance of books to adolescents. The analysis was based in the categories listed from the mediations. As results, it was found that reading for adolescents is not limited to books. It is possible to perceive that new uses emerge in this connection between book and internet and that this context provides practices that not only remain but are also conditioned by the changes in those new media. Adolescents are reader users, internet users, spectators, followers and they flow through printed, online, movie theatres and mobile screens. Adolescents keep the habit of silent and intimate reading, but on the other hand dedicate themselves to shared reading, expanding stories as they produce new content and follow their peers.

Key-words: Reception study. Mediations. Reading. New reading practices. Adolescent.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Caderno da entrevistada com anotações sobre as leituras de 2016.....	117
Figura 2 - Livros preferidos apresentados no grupo de discussão	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de livros preferidos 2016.....	98
Quadro 2 - Lista de livros preferidos 2017.....	102
Quadro 3 - Perfil dos entrevistados	108
Quadro 4 - Perfil de acesso dos entrevistados.....	115

LISTA DE APÊNDICE

Apêndice A - Formulário 2016.....	178
Apêndice B - Formulário 2017.....	180
Apêndice C - Autorização dos responsáveis.....	182
Apêndice D - Roteiro entrevista.....	183
Apêndice E - Roteiro entrevista Roteiro Grupo de Discussão.....	188

SUMÁRIO

1. PRÁTICAS DA LEITURA E ADOLESCÊNCIA	29
1.1 A LEITURA E SUAS PRÁTICAS	29
1.1.1 O livro Digital	33
1.1.2 O cenário da internet: <i>Booktubers</i> e <i>Youtubers</i>	37
1.1.3 Leituras e leitores: entre definições e estratégias	39
1.1.4 A leitura e a internet	42
1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADOLESCÊNCIA.....	48
1.2.1. O adolescente em nosso estudo	52
1.2.2 O leitor adolescente	55
1.2.3 A leitura do adolescente no panorama nacional	59
1.2.4 Leitura e adolescência nos estudos de Comunicação	64
<i>1.2.4.1 A leitura de adolescentes como objeto de pesquisa</i>	<i>66</i>
2 ESTUDOS DE RECEPÇÃO E AS MEDIAÇÕES NAS PRÁTICAS DE LEITURA ...	71
2.1 BREVE TRAJETÓRIA	71
2.2 RECEPÇÃO E LEITURA	74
2.2.1 Contribuições para pensarmos a recepção das práticas de leitura	78
2.3 AS MEDIAÇÕES NA RECEPÇÃO DA LEITURA	80
3 PENSANDO A METODOLOGIA	85
3.1 O ESTUDO EXPLORATÓRIO.....	87
3.1.1 Conversas informais	89
3.1.2. Livraria	89
3.1.3 Biblioteca Pública Municipal	90
3.1.4 CESMA Santa Maria – Cooperativa dos estudantes de Santa Maria	92
3.1.5 Observação da Feira do Livro e aplicação de formulários	94
<i>3.1.5.1 Análise dos formulários aplicados em 2016</i>	<i>97</i>
<i>3.1.5.2 Análise dos formulários aplicados em 2017</i>	<i>100</i>
3.2 A SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS	105
3.4 GRUPOS DE DISCUSSÃO	108
3.4.1 A construção do grupo de discussão	111
4 OS LEITORES E AS SUAS EXPERIÊNCIAS	115
4.1 O PERFIL DOS LEITORES.....	115
4.1.1 Perfil da entrevistada Luana	116
4.1.2 Perfil da entrevistada Marcela	117
4.1.3 Perfil do entrevistado Marcos	118
4.1.4 Perfil da entrevistada Nati	119
4.1.5 Perfil da entrevistada Bianca	120
4.1.6 Perfil da entrevistada Joana	120
4.2. MEDIAÇÕES DA LEITURA: PERSPECTIVAS PARA ANÁLISE.....	121
4.2.1 Os rituais da leitura	123
4.2.2 Sociabilidade	127
<i>4.2.2.1 Escola</i>	<i>127</i>
<i>4.2.2.2 Família</i>	<i>132</i>
<i>4.2.2.3 Amigos</i>	<i>137</i>
4.2.3 Tecnicidade	140
<i>4.2.3.1 Recomendações de leitura na internet</i>	<i>141</i>
<i>4.2.3.2 Rituais mediados pela internet e dispositivos móveis</i>	<i>146</i>
<i>4.2.3.3 Acesso e competências para usos</i>	<i>150</i>

4.2.3.4 <i>As compras na internet</i>	151
4.2.3.5 <i>Os best-sellers como preferências de leitura</i>	152
4.2.3.6 <i>Tecnicidade e sociabilidade mediadas por plataformas de leitura</i>	154
4.2.3.7 <i>Tecnicidade mediando as relações com a família</i>	155
4.2.3.8 <i>Livro como companhia, fuga, reflexão, identificação e sentimento</i>	158
4.2.3.9 <i>Leitores produtores</i>	160
4.2.3.10 <i>O que está mudando?</i>	163
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS	172

INTRODUÇÃO

A presente dissertação trata das práticas de leituras de adolescentes em Santa Maria, em um contexto permeado pelas novas mídias e novos suportes do texto. A partir da perspectiva das mediações, de Martín-Barbero (2003), buscamos compreender como a sociabilidade¹, a ritualidade e a tecnicidade configuram e permitem refletir sobre os usos e apropriações do livro por esses leitores.

A concepção de mediações, proposta por Martín-Barbero (2003), permite que tenhamos acesso às experiências individuais que são adquiridas ao longo da vida dos sujeitos, responsáveis por propor negociações ao que é hegemonicamente apresentado no e pelo texto midiático. Nesse sentido, as mediações seriam "los lugares de los que provienen las construcciones que delimitan y configuran la materialidad social y la expresividad cultural" (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 233).

Conforme Jacks e Escosteguy (2004, p. 57), a perspectiva do autor, além de capturar a experiência dos sujeitos, identifica os usos compreendidos pela situação sociocultural dos receptores que "reelaboram, ressignificam, e ressemantizam os conteúdos massivos, conforme sua experiência cultural, suporte de tais apropriações" (JACKS E ESCOSTEGUY, 2004, p. 66), e que podem "incorporar ou não às suas práticas" (BACEGGA, 1998, p. 10).

A leitura, entendida como "apropriação, invenção e produção de significados" (CHARTIER, 1999, p. 77), se reconfigurou no tempo conforme a necessidade de cada época. A leitura de pictogramas feita pelos egípcios; a leitura de imagens feita pelos católicos; até o discurso oral que prevaleceu por muito tempo como instrumento básico da transmissão de ensinamentos, lendas, informações governamentais e leis, permitem conhecermos os desdobramentos da leitura até chegar ao que conhecemos hoje.

A leitura foi ganhando novas ferramentas como o alfabeto, a separação das frases, pontuação, letras maiúsculas e minúsculas, da mesma forma que cada suporte indicava diferentes maneiras pelas quais os sujeitos se apropriavam dessas representações, em cada momento no decorrer da história. A leitura feita no rolo de pergaminho era diferente da leitura no códice, o que demonstra também o efeito dos suportes.

As transformações das lógicas de produção e distribuição do livro impresso, influenciadas pelas novas tecnologias e pela ambiência da internet, reconfiguram as maneiras de se apropriar desse suporte midiático. Isso se dá tanto pelos novos suportes: computadores, *e-readers*, *smartphones*; como pelos diferentes formatos de textos: *ePub*, PDF, fólio. Além das

¹ Não faremos distinção no uso das expressões sociabilidade ou socialidade, tomando-as como sinônimos.

possibilidades pelas quais os conteúdos chegam e podem ser apropriados pelos indivíduos, como plataformas digitais de leitura, redes sociais de troca de livros, e diferentes aplicativos utilizados por editoras e autores para a troca de informações e de ideias com os seus leitores. Essas questões estão diretamente ligadas à realidade de adolescentes consumidores das novas mídias, o que significa observar a leitura na qualidade de “uma coleção indefinida de experiências irreduzíveis umas as outras” (CHARTIER, 1988 p. 121).

A prática da leitura “*es una práctica porque llega hasta nosotros socialmente estructurada: dotada de determinada organización, cargada de historia, un conjunto complejo de significaciones*” (CRUCES, 2017, p. 13)². Conforme Chartier (1998, p. 12), as práticas são diversas, e o estudo delas permite a compreensão dos usos e significados diferenciados atribuídos ao livro em suas diferentes formas. Nosso estudo não visa um comparativo entre o impresso e o digital, mas pretende aprofundar a questão das relações do leitor enquanto sujeito inserido em um amplo contexto de mediações. O gosto pela leitura e a sua prática “são, em grande medida, socialmente construídos” (PETIT, 2009, p. 22), o que justifica nosso interesse pelas diferentes mediações e significa considerar os diversos contextos que podem dar contornos diferentes para essas práticas, como a diferença de classe, de bairro, de escolaridade, entre outras.

É identificar o lugar do adolescente que permite nos aproximar da sua evolução como leitor, que está diretamente ligada às mediações da família, amigos, escola e das mediações tecnológicas, que permitem os novos usos e apropriações do texto impresso. Afinal, a história da leitura, conforme Manguel (1997, p. 36), “é a história de cada um dos leitores”, por isso é importante a compreensão dessas práticas tomando suas experiências como ponto de reflexão, pois o que é “importante não é o que diz o meio, mas o que fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas veem, ouvem, leem” (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 14).

Embora o foco do nosso trabalho não seja a produção será possível compreender o processo a partir da recepção, sem deixar de considerar a produção, ou seja, como as editoras estão atentando para as novas possibilidades na internet, e como as diferentes mediações se estabelecem a partir dessas novas configurações.

O adolescente é um ser social e histórico e suas práticas estão ligadas aos diferentes processos de socialização dentro da cultura. Em um momento de maior reflexão e troca de experiência com seus semelhantes, a leitura se constitui como peça de fundamental importância para a sua formação. Imerso em novas possibilidade de leitura e apropriação do livro, o

² Optamos por incluir as citações em sua lingual original, sem tradução.

adolescente se vê em uma situação diferente daquela dos seus pais ou do que geralmente aprendem na escola. Portanto, a investigação de práticas adolescentes é crucial para a “compreensão da cumplicidade com os ritmos e as modalidades narrativas dos meios de comunicação eletrônicos e digitais” (RONSINI, 2017, p. 9).

A passagem de uma leitura infantil para a leitura adolescente implica em novos padrões e hábitos que vão delineando a introdução desse sujeito à vida adulta. É na adolescência que o indivíduo passa a refletir mais sobre questões práticas, diante de mudanças físicas e psicológicas, produzindo novos sentidos e novas experiências, também relacionadas ao livro e à leitura.

O Brasil é, muitas vezes, considerado um país de não leitores (TRAVANCAS, 2013). Por outro lado, percebemos algumas mudanças nessas concepções. Por exemplo, na única pesquisa sobre comportamento leitor realizada em âmbito nacional, Retratos da Leitura no Brasil³, a porcentagem de leitores em relação à população brasileira teve um aumento de 50% para 56% do total, sendo que eram 88,2 milhões de leitores, em 2011, e chegamos aos 104,7 milhões, em 2015. Em um comparativo entre as edições de 2007, 2011 e 2015, o número de livros lidos por ano nos dá alguns indicativos. Enquanto em 2007 foram lidos 4,7 livros/ano, em 2011 a pesquisa apresenta uma redução para 4,0 e, em 2015, houve um aumento para 4,96 livros/ano⁴. Ao observarmos o número de livros lidos por ano especificamente por estudantes, temos 7,2 em 2007; 6,2 em 2011 e 9,38 em 2015. Percebemos que a leitura está relacionada à permanência na escola, e a pesquisa reforça essa condição ao indicar que o maior número de leitores é encontrado enquanto o entrevistado está estudando e que, ao completar os estudos, o índice de leitura tende a reduzir.

Em relação à faixa etária do perfil leitor, o índice de entrevistados entre 11 e 13 anos se manteve igual à pesquisa anterior (84% leitor). Já a faixa etária de 14 a 17 anos teve um aumento significativo em 2011, com 71% leitor, e chegou a 75% em 2015. Mesmo que esses dados revelem quantitativamente as informações sobre a leitura no país, eles são importantes por apresentarem novas configurações, tanto de leitores como de não-leitores, o que permite a criação de uma base de dados que revela a leitura em âmbito nacional.

³ Pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro com o objetivo de compreender e acompanhar o comportamento dos leitores jovens do Brasil. Além disso, a pesquisa orientou a formulação e a avaliação de políticas públicas, planos e programas de governo, bem como ações desenvolvidas por organizações do terceiro setor voltadas à democratização do acesso ao livro e o fomento à leitura. (AMORIM, 2002; FAILLA, 2016).

⁴ Esses dados são referentes à média de livros lidos por ano de todos os entrevistados, considerando tanto leitores, como não leitores.

Conforme nota Scolari (2016, p.178), “*Cualquier estudio de los hábitos de lectura debería ser complementado por los otros consumos culturales de los ciudadanos*”. Esse é um ponto importante tratado na última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que introduziu, a partir do ano de 2015, questões que contemplam a leitura na internet: sites, pessoas influentes etc., o que demonstra a dimensão que a internet vem tomando em todos os âmbitos da vida cotidiana, especialmente na leitura, possibilitando diferentes consumos culturais dos adolescentes.

Essa situação também pode ser exemplificada pelo sucesso de algumas atividades relacionadas à leitura, à internet ou a práticas que ilustram esse novo cenário. Por exemplo, através de canais de Youtube⁵, redes sociais de leitores⁶, eventos como o “Encontro de POTTERHEADS”⁷, podemos perceber o interesse dos adolescentes em realizar encontros relacionados ao livro. O número de jovens que vão para as redes sociais comentar livros e séries cresce, como vimos nos dados apresentados pelos Retratos da Leitura 4. Ao perguntar sobre atividades relacionadas à leitura realizadas na internet, identificam-se que 19% dos entrevistados afirmam que compartilham em blogs, fóruns ou nas redes sociais opiniões sobre literatura, temas de livros, autores, trechos de livros etc. Além disso, 13% indica buscar informações sobre literatura, temas de livros, autores, trechos de livros, editoras e lançamentos. Apenas 8% escreve em blogs, fóruns ou nas redes sociais sobre leitura, temas de livros, autores, trechos de livros.

Outro ponto é o crescente número de exemplares vendidos no país⁸ e a grande presença de jovens em feiras e mostras literárias, como a Bienal do Livro do Rio de Janeiro⁹. Em um

⁵ O Youtube é um site destinado ao compartilhamento de vídeos. Conforme descrito: “O YouTube foi lançado em maio de 2005 para que bilhões de pessoas possam descobrir, assistir e compartilhar os vídeos mais originais já criados.” Disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/>> Acesso em: 6 de mar. de 2017.

⁶ Skoob. “Somos a maior rede social para leitores do Brasil. Funcionamos como uma estante virtual, onde você pode não só colocar os livros que já leu, como aqueles que ainda deseja ler”. Disponível em: http://www.skoob.com.br/inicio/quem_somos. Acesso em: 23 set. de 2015.

⁷ Evento realizado para fãs do personagem Harry Potter, em livraria na cidade de Santa Maria.

⁸ A partir do Painel das Vendas de Livros no Brasil, pesquisa realizada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros em parceria com o Instituto de Pesquisa Nielsen, apurou as vendas das principais livrarias e supermercados do país. Como resultado, o levantamento aponta que o mercado editorial fechou o primeiro semestre do ano com um aumento de 6,9% no faturamento, em comparação com o mesmo período de 2014. Disponível em: <<http://www.snel.org.br/levantamentomensal/wpcontent/themes/snel/docs/paineldasvendasdelivrosnobrasil6.pdf>> Acesso em: 22 de set. 2015.

⁹ A 17ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro superou todas as expectativas dos organizadores e encerrou com público de 676 mil visitantes, sendo que 56% do total do público foram jovens entre 15 e 29 anos. De acordo com o presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Marcos Pereira, em 11 dias foram vendidos 3,7 milhões de livros, com faturamento de R\$ 83 milhões. “A gente tinha segurança de que o público viria. O público vir e consumir reforça a ideia de que a gente tem leitores no Brasil”, disse. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/cultura/noticia/2015-09/bienal-do-rio-termina-com-recorde-de-visitantes-de-vendas-e-de-publico-jovem>> Acessado em: 13 de setembro de 2015.

momento em que as editoras estão atentas às novidades e ao que o seu público está interessado, notamos a grande relação das publicações com o que está em alta na internet. Pelo alcance de público, *booktubers*¹⁰, *Youtubers*¹¹ e blogueiros são procurados para lançar obras junto de editoras interessadas nesse conteúdo, que pode atingir um grande número de leitores.

Essa situação reflete em como as editoras também estão preparadas para a realidade que se configura a partir do que foi apresentado. Suas inserções em redes sociais digitais, adaptação de conteúdos para diferentes suportes, manter contas ativas em redes sociais voltadas para seus públicos etc., fazem parte de uma reconfiguração do mercado editorial. Para Socorro Acioli, escritora e blogueira da editora Companhia das Letras, “nesse momento confuso, quando o mercado precisa se reinventar, nada mais importante do que ouvir os leitores reais.”¹² Portanto, o próprio mercado editorial está atento a essas novas configurações e interações entre leitores. E como bem nota Procópio (2010), “o leitor é o consumidor final, é quem compra, é quem consome, é quem indica [e quem lê e é quem dita, no final das contas, o rumo do mercado]” (PROCÓPIO, 2010, p. 213).

Isso fica evidente na Feira do Livro de Santa Maria¹³, realizada no ano de 2016, quando os expositores revelam o sucesso de livros de *booktubers*, *Youtubers* e sobre *games*. Em pesquisa realizada pelo jornal local, com os expositores¹⁴, o sucesso do público infantojuvenil ficou por conta de obras relacionadas ao jogo Minecraft, fenômeno da cultura pop. Já no ano de 2017, a lista dos mais vendidos contou com dois títulos do público infantojuvenil: *Diário de um Banana*, de Jeff Kinney, e *Confissões de um Garoto Tímido, Nerd e (ligeiramente) Apaixonado*, de Thalita Rebouças.

Esses livros estão chamando a atenção dos adolescentes, o que intensifica a relação dos leitores no país. As feiras, as bienais e os eventos literários estão dando espaço para publicações advindas do sucesso de público na internet¹⁵, mas o que isso pode nos dizer sobre a leitura atualmente? A internet pode ser considerada uma mediadora de novas práticas de leituras? Todas essas são interrogações que instigam o nosso problema de pesquisa. Podemos,

¹⁰ *Booktuber* é a denominação utilizada para referenciar as pessoas que utilizam o Youtube como canal para discorrer sobre leituras e livros.

¹¹ *Youtuber* é a denominação utilizada para pessoas que criam canais no Youtube para expor opiniões sobre atividades, produtos, preferências através de vídeos.

¹² Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/materias/2015/08/27/o-que-vende-livros-do-boca-a-boca-ao-byte-a-byte?fb_comment_id=1123031227726017_1123340981028375#fc99bfba90f5a> Acesso em: 14 de Set de 2015.

¹³ Discorremos sobre a Feira no terceiro capítulo.

¹⁴ Disponível em: <<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2016/04/os-3-livros-mais-procurados-da-feira-do-livro-de-santa-maria-5785668.html>> Acesso em: 30 de abr. 2016.

¹⁵ Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/materias/2016/05/30/mais-duas-youtubers-na-lista>. Acesso em: 4 de jun. 2016.

pois, afirmar que essa realidade propõe novas questões sobre o livro e a leitura diante da expansão dos usos das mídias digitais.

Neste cenário, nosso problema de pesquisa é: como a internet transforma as práticas de leitura dos adolescentes? Para isso, temos como objetivo geral investigar os usos e apropriações do livro por leitores adolescentes, de modo a entender os impactos dos suportes digitais nas formas de leitura a partir das mediações de sociabilidade, ritualidade e tecnicidade. Temos como objetivos específicos: a) Compreender os hábitos e as preferências de adolescentes leitores santa-marienses; b) Identificar possíveis mudanças nas práticas de leitura a partir do acesso às mídias digitais; c) Analisar a importância do livro para os adolescentes.

Em relação a trabalhos sobre a leitura no Brasil, verificamos que são poucos os que discutem essas questões, especialmente sobre usos e apropriações do livro pelo viés da recepção, considerando a fala de leitores adolescentes. A pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro traz um apanhado geral da leitura. Entretanto, no que tange à área acadêmica, os estudos ainda são escassos, especialmente estudos de recepção¹⁶.

O levantamento feito para localizarmos estudos sobre a nossa temática no país ocorreu em dois momentos, durante os meses de abril e maio de 2016, elencando estudos pertinentes à nossa temática que fossem da área da Comunicação.¹⁷ Quantitativamente foram selecionados 17 trabalhos (13 artigos, 2 dissertações e 2 teses). As duas dissertações foram incorporadas ao levantamento, ao identificarmos que dois artigos eram recortes de um estudo maior que poderia contribuir para nossas questões.

Inicialmente podemos observar que a maioria dos estudos encontrados estão centrados na relação da família e/ou escola com a leitura e o livro, identificando, em contextos específicos, como se constituíram esses leitores a partir de algumas atividades realizadas em bibliotecas, em casa ou na escola. Além disso, outros dois pontos importantes do levantamento são: a questão dos estudos estarem situados em um número significativo na região sudeste (oito trabalhos), e também o fato de que as áreas que se debruçam sobre essa temática são especialmente da Educação e Letras. Localizamos apenas cinco trabalhos na área de Comunicação, o que indica a escassez de obras que se utilizem da experiência dos leitores pelo viés comunicacional.

¹⁶Em investigação realizada por Jacks (2008), na qual apresenta uma pesquisa de estado da arte de teses e dissertações na área de comunicação, especialmente de estudos de recepção, não cita nenhuma pesquisa relacionada à recepção do livro.

¹⁷Os bancos de dados consultados foram anais de eventos da Comunicação: Congresso Internacional de Comunicação e consumo (Comunicon) Intercom Nacional, e Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Biblioteca da Compós). Além dos eventos, realizamos a mesma busca no site do Banco de Teses da Capes, Periódicos da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Google Acadêmico.

Outro ponto de destaque do levantamento diz respeito à relação da leitura com a internet, pois ela foi vista como um contexto maior no qual esses jovens estão inseridos, mas acabam não refletindo sobre o que ela pode indicar nessa relação de leitura. Sendo assim, podemos identificar essa questão como algo a ser melhor abordado e tratado a partir do nosso estudo, dando conta da dimensão do digital, não como comparativo, mas como uma mediação importante para pensarmos as práticas dos adolescentes.

Por estarmos em uma área relativamente nova no nosso estado, e ser egressa do primeiro curso de Comunicação Social - Produção Editorial do Rio Grande do Sul¹⁸, nossa pesquisa também visa contribuir como um estudo pertinente ao curso de graduação da mestranda. O envolvimento com pesquisas em recepção decorre da participação da mestranda no grupo Usos Sociais da Mídia, coordenado pela professora Veneza Ronsini, do qual participou entre os anos de 2012 a 2015, bem como da participação no grupo de pesquisa Comunicação em Rede, Identidades e Cidadania, coordenado pela professora Liliane Dutra Brignol, de 2016 a 2017.

O tema da leitura e do livro também foi abordado no trabalho de conclusão de curso, especificamente a relação da escola e da família no consumo do livro por alunos de uma escola pública. Como resultados trouxemos alguns pontos importantes para a questão da leitura. Com a pesquisa, conseguimos identificar a forte relação dos adolescentes participantes com o livro impresso e o fato de que é um produto midiático decisivo na construção social desses indivíduos. Também foi possível perceber a importância das mediações escola e família no estímulo ao comportamento leitor. Da mesma forma, percebemos que a internet se desenvolve enquanto espaço importante das práticas de consumo dos indivíduos. Em relação à preferência por best-seller, vimos a forte presença da mídia pautando este consumo (MACHIARELLI, 2014).

Posterior a isso, também faz parte da trajetória da autora a relação das mídias digitais no cenário atual. Ao realizar uma Pós-Graduação em Mídias Sociais Digitais¹⁹, se aproximou de perspectivas que permitem observar a relação de adolescentes com as novas possibilidades, refletindo em como se dão as apropriações de instituições e de adolescentes, observando os

¹⁸ Criado em 2010, o curso de Comunicação Social - Produção Editorial, foi implementado pelo Programa de Expansão do Ensino da Universidade Pública, o REUNI. A proposta do curso é formar profissionais capacitados a atuar em diversas plataformas e não apenas na mídia impressa. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/producaoeditorial/>>. Acesso em: 28 de jun de 2017.

¹⁹ O curso de especialização é ofertado pelo Centro Universitário Franciscano, na cidade de Santa Maria/RS. Com duração de 18 meses, o curso, conforme ementa, oferece formação em Mídias Sociais Digitais e permite produzir e executar propostas teórico-práticas inovadoras, que reconheçam espaços digitais de produção e consumo de diversos produtos e processos midiáticos.

sistemas que se constituem desde a produção até chegar ao consumo. Mesmo que o objetivo do nosso trabalho não esteja centrado na produção, a familiaridade com as técnicas utilizadas e possibilidades dos sistemas é importante para pensarmos a apropriação de adolescentes.

Em relação à problemática deste estudo, ela insere-se na área de interesse da perspectiva de pesquisa do programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria, no que diz respeito aos processos de consumo e apropriação das mídias. Vinculado às diretrizes da linha de Pesquisa de Mídia e Identidades Contemporâneas, o estudo visa, a partir da perspectiva da recepção, identificar a incidência da esfera midiática nos usos e apropriações do livro.

A dissertação organiza-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo tratamos da leitura enquanto prática e suas mudanças no decorrer dos tempos, apresentando um panorama nacional dessa questão e articulando pontos sobre o leitor adolescente e suas características e preferências em relação ao livro. No segundo, abordamos os estudos de recepção, discutindo sua proposta teórico-metodológica, da mesma forma que apresentamos pesquisas que exploram a leitura de jovens e adolescentes que inspiram nosso trabalho sobre a recepção dessa atividade. No terceiro, discorreremos sobre as etapas pelas quais organizamos a aproximação ao nosso objeto e como construímos metodologicamente nosso estudo. No quarto capítulo, empreendemos a análise dos dados, discutindo o perfil do nosso receptor e identificando as práticas de leitura dos adolescentes, observando como as mediações foram percebidas nessa relação.

Metodologicamente utilizaremos diferentes técnicas que proporcionam a aproximação aos nossos entrevistados. Inicialmente desenvolvemos um estudo exploratório em ambientes on-line e em ambientes de leitura da cidade de Santa Maria. Em um segundo momento, realizamos entrevistas informais com os responsáveis dos espaços de leitura, elencados no primeiro momento. A partir dessas etapas foram criados formulários para aplicação na Feira do Livro da cidade de Santa Maria, no ano de 2016 e 2017, para abordarmos os leitores adolescentes em um ambiente de leitura que proporcionasse espaços para essa faixa etária. Posterior à aplicação, realizamos entrevistas para verificar as mediações na compreensão dos usos e apropriações do livro. Após a realização das entrevistas foi criado um grupo de discussão com os entrevistados para aprofundarmos as questões dos usos e apropriações do livro²⁰.

²⁰ Nos relatos, os nomes dos entrevistados foram alterados, utilizando-se pseudônimos. Dessa forma, buscamos evitar o reconhecimento dos adolescentes e seus familiares.

1. PRÁTICAS DA LEITURA E ADOLESCÊNCIA

Para entendermos como se configurou a leitura, discorreremos sobre este processo para compreendermos as mudanças que ocorreram, tanto no suporte do livro, quanto nas maneiras de se apropriar da leitura. Posterior a isso buscamos interpretar o receptor adolescente, a maneira com a qual ele se relaciona com o livro e a leitura e como isso permite entender seus usos e apropriações do objeto em questão.

1.1 A LEITURA E SUAS PRÁTICAS

Em todos os momentos de avanço, nas diferentes sociedades do mundo, a escrita e a leitura tiveram papéis cruciais para estabelecer novos parâmetros e possibilidades de desenvolvimento das regiões e dos sujeitos. Deixando de ser “mera capacidade de obtenção de informações visuais” para a melhor compreensão de textos e escritos em superfície e, atualmente, a decodificação de telas eletrônicas, a leitura transformou-se e adaptou-se às necessidades de cada tempo (FISCHER, 2006, p.10). Para Fischer (2006, p.92), tudo isso se organizou como um “mundo de leituras”, cada povo com suas particularidades foi encontrando maneiras de se comunicar e transformar suas representações em materiais escritos.

Das figuras pictóricas, passando pelos sentidos primitivos; organização em sons e símbolos; leitura em argila; leitura feita no papiro; pergaminho, códice, *volumen*, ou rolo romano; até o texto eletrônico, os povos criaram alternativas para facilitar a memorização e a construção de dispositivos que transmitisse algum significado.

A escrita e a leitura se desenvolveram de maneira simultânea ao redor do mundo. À medida que os povos evoluíam, surgiam novas necessidades, tornando necessária a adequação de suas ferramentas. Cada povo desenvolveu seus métodos, pois, como bem nota Thompson (1998, p.48), as “mudanças ocorridas numa região ou classe podem não ter ocorrido em outra, ou podem ter ocorrido de maneira bem diferente, em outro nível e com consequências bem diversas”.

Para Darnton (2010), essas mudanças fazem parte do que ele chama de eras da informação. O autor entende que estas se deram a partir de quatro mudanças fundamentais na tecnologia da informação desde que os humanos aprenderam a falar. Inicialmente com a invenção da escrita como avanço tecnológico mais importante da história da humanidade, esta que abriu caminho para o surgimento do livro. Como segunda mudança, indica a substituição do pergaminho pelo códice, que é o marco da transformação da experiência de leitura. E então

o códice transforma-se pela invenção da imprensa, quando o público leitor fica cada vez maior. E como quarta grande mudança, o autor destaca a comunicação eletrônica (DARNTON, 2010, p. 39).

A sociedade letrada se configurou gradualmente, a transição do discurso oral para a palavra escrita ocorreu aos poucos, especialmente durante a Idade Média. A leitura silenciosa teve maior adesão por volta do século IX, quando a escrita se tornava mais clara, uniforme e simplificada (MANGUEL, 1997, p.58; FISCHER, 2006, p.147). Isso porque foram inseridos diferentes traços que permitiam que a atividade se tornasse mais fácil, a inserção de letras maiúsculas e minúsculas e a separação das palavras com espaços em branco.

Já no século XI e XII, a leitura ganhava novos elementos que deixariam os textos mais úteis: índice, título repetido em cada página, aspas para separar citações diretas. Neste momento, o leitor “tinha tempo para considerar e reconsiderar as preciosas palavras cujos sons – ele sabia agora – podiam ecoar tanto dentro como fora”, o texto tornava-se “posse do leitor, conhecimento íntimo do leitor” (MANGUEL, 1997, p.68). Todos esses novos caminhos foram responsáveis por impulsionar a leitura silenciosa, dando uma nova dimensão para a prática, que passava do âmbito público para o privado, "tornando-se parte da experiência interior das pessoas" (FISCHER, 2006, p.149). Essa leitura tornava o leitor mais independente, sem precisar de mediadores, como a igreja ou leituras públicas, transcendendo sua função social de ferramenta, transformando-se em uma aptidão. (FISCHER, 2006, p.149).

Este momento proporcionou às pessoas se aproximarem de leituras de suas preferências e desfrutarem de outros conceitos, crenças e abordagens de diferentes assuntos. Permitiu maior atenção, reflexão e associação aos diferentes aspectos da vida dos indivíduos, ou, como aborda Chartier (1999, p.86), torna-se uma leitura “laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares”. Da mesma forma, Livingstone (2011, p.28) ressalta os impactos sociais da escrita como responsável por democratizar o conhecimento, desafiando a autoridade das elites, da mesma forma que o ato de ler possibilitou a disseminação do conhecimento de uma maneira que escapa ao controle dessas instituições.

Além de uma transformação do espaço pelos quais as pessoas se apropriavam dos escritos, público e privado, é importante mencionar os diferentes instrumentos que foram se desenvolvendo pela inserção da leitura em suas diferentes formas na sociedade. Por exemplo, móveis adequados para a leitura; óculos como ferramenta para que pessoas com dificuldades visuais tivessem acesso e não precisassem depender de terceiros para realizar suas leituras. Além de aspectos que estavam relacionados a transformações maiores, como a invenção da

energia elétrica, que permitia que as pessoas lessem não apenas durante o dia, com velas ou sob a luz do luar. Todos esses aspectos são relevantes pelas mudanças que ocorreram com sua inserção na vida diária das pessoas, e da própria leitura.

O acesso à leitura se modifica, a oferta é multiplicada, não só pelo livro, mas pelos diferentes materiais que proporcionavam experiências de leituras diversas, como panfletos, jornais, revistas etc. Tanto as mudanças no texto, quanto nos móveis e suportes para a leitura foram essenciais nas transformações até o que experimentamos hoje. Isto toma uma dimensão ainda maior com a invenção que transforma drasticamente o que vimos até agora: a imprensa, que foi responsável pelo passo inicial da “popularização do livro” (LAJOLO E ZILBERMAN, 2009, p.60), pois sua produção, reprodução e distribuição acontece em uma “escala sem precedentes”. (THOMPSON, 1998, p.49).

Para Fischer (2011, p.187), essa invenção “anunciou uma das maiores rupturas intelectuais e sociais da história”, pois a prensa tornava “viável a sociedade moderna”. (FISCHER, 2006 p.113). Para Thompson (1998, p.54), o desenvolvimento da indústria gráfica “representou o surgimento de novos centros e redes de poder simbólico que geralmente escapavam ao controle da Igreja e do estado”, mesmo que essas instituições dimensionassem as produções para benefício próprio.

Neste momento "a quantidade em detrimento da qualidade tornou-se o *ethos* que impulsionou a revolução da impressão” (FISCHER, 2006, p. 193), e com o que afirma Martins (2002, p.236), a lógica de comercialização da imprensa desse período não se difere das conhecidas atualmente, em que só se é feito aquilo que há certeza que será vendido, pois o livro é, “aos olhos do editor, uma mercadoria como outra qualquer e sofre, por consequência, a influência dos mercados, isto é, do público comprador”. (MARTINS, 2002, p.236). Como observam Lajolo e Zilberman (2009, p.60), ao caracterizarem o livro não só como um suporte físico do saber, mas como um “objeto industrializado submetido à compra e venda”, ele assume:

marcas da sociedade burguesa ao se transformar em propriedade privada; neste caso, contratos de edição e impressão, meios de distribuição e venda, regras de tradução e condensação constituem operações que visibilizam a dimensão economia do processo inteiro que se abre com um original e desemboca num livro. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2009, p.60).

Esse sistema não envolveu só uma grande difusão de livros por toda parte, mas contribuiu para que novos mercados e novas profissões fossem criados. Para isso foram baseados nos interesses e gostos do público leitor, e o livro começava a assumir uma “identidade própria”. (FISCHER, 2006, p.200). Para Peruzzolo (2006, p.241), isso tudo, impressão, novas

publicações, comercialização do livro, resulta em “novos modos de trocas sociais”. Da mesma forma que se inventa “novas relações sociais, novo sistema dentro do trabalho, da família e da sociedade, que passa a organizar-se tocada por esse novo sistema de comunicação”. (PERUZZOLO, 2006, p. 243).

Em meados do século XV, Manguel (1997, p.102) identifica que a leitura era cada vez mais tida como uma “responsabilidade de cada leitor”, momento no qual os leitores deviam “ler por si mesmos”. É no século XVI Fischer (2006) indica um ponto de ruptura, quando o gesto simples das “orelhas” feitas nos livros mostrava como ele acabara de se transformar em um “simples livro”, e não mais visto como algo sagrado ou restrito (FISCHER, 2006, p.213).

No século XVIII, a crescente capacidade de ler resultou no declínio da leitura religiosa na Europa. As revoluções e mudanças de pensamento da época tiveram resultados diretos na maior instrução da população, em decorrência do aumento da leitura e do contato com a informação. Fischer (2006, p.233) destaca que “cultura e poderio econômico caminham juntos, as novas potências industriais – sobretudo a França, Alemanha, Grã-bretanha, Itália e, mais tarde os Estados Unidos – determinam o curso do desenvolvimento cultural”, sendo os responsáveis por novas publicações, aumento na produção de diferentes gêneros e distribuição destes impressos. Neste período, priorizavam a leitura extensa, pois o material disponível proporcionava a possibilidade de acesso a diferentes tipos de conteúdos.

No século XIX, a leitura é considerada parte integrante da vida cotidiana das pessoas. Começavam a surgir novos gêneros como: romance e suas ramificações; romance policial; ficção científica; terror. A leitura se tornava uma atividade fácil. No século XIX, o autor identifica o surgimento da literatura infantil como um “mercado comercial independente”. (FISCHER, 2006, p.263). Em meio a um mercado que se modifica de maneira rápida ao redor do mundo, um fenômeno mundial surge, o que o autor denomina como “*superseller*”. Um livro que “em um intervalo de tempo curtíssimo [...] chega a vender dezenas de milhões de cópias em todo o mundo, e em diversos idiomas”. (FISCHER, 2006, p.263). Como, por exemplo, *Harry Potter*, grande exemplo dos sucessos de publicações na década de 1990. Isto posto, ocorre o que é apontado por Bourdieu (1997, p.37-38), pois “cada vez mais, o mercado é reconhecido como instância legítima de legitimação”, ou seja, quando “a lógica do comercial que se impõem às produções culturais.”

Para Scolari (2016), não devemos nos surpreender com as transformações da leitura, pois desde que se inventou a escrita, “*las formas de leer han cambiado*” (SCOLARI, 2016, p.179). Ao expormos essas transições e mudanças chegamos ao momento em que a leitura se transforma mais uma vez. É necessário o entendimento do que Martín-Barbero (2014) chama

de crise da leitura entre adolescentes e jovens. O autor atenta para as questões atuais das transformações da leitura, quando o mundo das escritas e dos relatos estão passando por uma “profunda reorganização” e “consequente transformação dos modos de ler”. Para Martín-Barbero é preciso compreender a leitura além de sua relação com o livro, mas com “a pluralidade e heterogeneidade de textos e escrituras que hoje circulam” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 64).

Visto isso, retomamos o que Darnton (2010, p. 41) defende diante das mudanças ocorridas nas eras da informação, quando enfatiza a continuidade mesmo com as transformações, argumentando que todas as eras foram uma era da informação, cada uma do seu modo, e que cada uma delas forneceu os elementos para as que viriam, promovendo-as, eliminando a ideia de que substituiriam umas as outras.

Ao apresentarmos brevemente as transformações do livro e da leitura e como essa foi ganhando novas dimensões com o tempo e contextos, no próximo tópico tratamos do livro nos tempos atuais, discorrendo sobre as novas configurações da leitura a partir das invenções da internet, dos dispositivos móveis, leitores digitais e os diferentes suportes que foram criados até agora.

1.1.1 O livro Digital

No início da década de 1990, as transformações tecnológicas criavam novos caminhos para o livro e a leitura, mesma época em que as bibliotecas virtuais começaram a oferecer textos on-line. Inicialmente como mera reprodução do texto impresso, o livro disponibilizado virtualmente já apontava certos incômodos sentidos pelos leitores. Uma leitura feita no computador era desconfortável, e os seus avanços tecnológicos "mudaram a experiência pessoal de leitura e escrita" (PETIT 2003, p.97). A partir de então teríamos contato com o livro em suporte eletrônico: e-book.²¹

Mais uma vez, essas transições indicam novas maneiras de usos e apropriações do livro. Para Castells (2015, p.36), “pela história da tecnologia sabemos que as pessoas adotam, usam e modificam novas tecnologias de maneira a adequá-las propriamente a seus desejos e necessidades, dependendo de sua cultura, organização social, ambiente institucional e sistema

²¹ “Contração de *eletronic Book* ou livro eletrônico. Literatura consumida no formato digital, cujo conteúdo é publicado e acessado eletronicamente. Representa a versão digital de um livro em papel. Inclui hiperlinks e multimídia. É também sinônimo de dispositivos eletrônicos dedicados à leitura, os eBooks Devices [atualmente chamados de e-readers]”. (PROCÓPIO, 2010, p.219).

de personalidade”. Isto é, novas configurações do livro também dependem dos contextos nos quais estão inseridos cada sujeito que tem acesso ou não aos dispositivos e novas plataformas de leitura, ou seja, existem diferentes mediações envolvidas nesse processo.

A mudança ocorreu diretamente nos modos de ler, pois o computador traria novos recursos para a apropriação dos textos escritos e novas histórias através de imagens, sons e links (PROCÓPIO, 2010, p.21). O livro eletrônico estabelece uma nova relação tanto entre o texto e seu suporte, como também nas maneiras de difusão dos conteúdos, expandindo cada vez mais as possibilidades de democratização do conhecimento. Com isso, segundo Procópio (2010, p.21), surge “uma nova realidade que se abre para o mercado editorial através das mídias digitais”, afinal, seria impossível “atingir o leitor em lugares em que o livro impresso não chegava”. (PINSKY, 2013, p.350).

Todo esse processo não envolveu somente novos suportes, mas toda a construção do livro, sendo que as atividades dos autores, editores, distribuidores, que antes estavam separadas, agora aproximam-se (CHARTIER, 1999, p. 17). Da mesma forma que o “trabalho essencial da edição e divulgação” (EPSTEIN, 2002, p. 46) não desaparece, mas se adapta aos novos meios. Dessa maneira, otimiza-se a produção e possibilita-se o desenvolvimento de modelos de negócio através de softwares de leitura e hardware, o que oportunizou “democratizar o acesso à leitura a um nível ainda mais abrangente e de uma maneira extraordinária”. (PROCÓPIO, 2010, p.25). Para Costa (2014, p.183), os novos dispositivos permitiram o desenvolvimento de uma literatura “*born digital*” por disporem de interatividade, multimídias e hipertexto, que só foram possíveis com as ferramentas proporcionadas pelos avanços tecnológicos.

Criam-se dispositivos específicos para isso. É o caso, mais recentemente, da possibilidade de ler o livro por meio de dispositivos dedicados e dispositivos híbridos. Leitores híbridos são *tablets* e *smartphones*, por exemplo. Estes são mais adequados à interatividade e proporcionam recursos multimídias que permitem essa relação com o usuário (Dick et al. 2016, p.765). Entretanto, “as telas destes dispositivos podem causar fadiga visual, apresentam maior consumo de energia e possuem baixa legibilidade em ambientes externos”. (Dick e tal. 2016, p.767).

Em relação aos leitores dedicados, os chamados *e-readers*, “dispositivos dedicados à leitura, com tela plana de cristal líquido colorida ou não” (PROCÓPIO, 2010, p. 81), entre as características mais marcantes desse aparato, e de toda essa evolução do livro, estão: marcadores de páginas, bloco de anotações, controle de luminosidade e brilho, dicionário, sistema de busca, ajustes de tamanho de fonte, base giratória de leitura (retrato e paisagem), capacidade de armazenamento, entre outras. São dispositivos que também “possibilitam uma

melhor legibilidade e maior autonomia de bateria, sendo mais apropriados à leitura contínua, cujo foco se dá na concentração e absorção do conteúdo”. (Dick e tal. 2016, p. 765). Estes dispositivos possibilitam novos modos de leitura e novas experiências de uso e apropriação do livro, pois “o digital depende de um suporte próprio e não há linguagem universal nos livros digitais” (PINSKY, 2013, p.353), da mesma forma que as funcionalidades dos formatos apresentados são “impossíveis numa versão física”. (PINSKY, 2013, p. 349).

Esses suportes e softwares são baseados na visão, fato que é destacado por Fischer (2006, p.289) como um aspecto importante no futuro da leitura – ou no tato, no caso dos deficientes visuais. Com a globalização, viagens internacionais, migrações e novas tecnologias, o alcance a diferentes partes do mundo por todos introduz novas maneiras de significação que permitem que diferentes nacionalidades compreendam. Esta é a chamada “linguagem visual”, ou, como Scolari (2016, p.183) apresenta: “*sociedad de la imagen*”, que, na década de 1970, introduziu ícones universais de leituras óbvias (ônibus, táxi, feminino e masculino). A ideia de muitos pesquisadores, que estão aprofundando estudos nessa área, é expandir os pictogramas para que estes produzam uma “linguagem autônoma” – uma dimensão totalmente nova de leitura.

O objetivo da LV é transmitir ideias complexas de maneira simples e, assim, facilitar o processo perceptivo, eliminando a sobrecarga de informações, pelo menos é isso que se espera. A LV transcenderia a mera justaposição de texto escrito e imagens para alcançar, por meio de sua exclusiva sintaxe semântica e pictográfica, uma liberdade de expressão inédita na linguagem falada e escrita. (FISCHER, 2006, p.290).

Essa linguagem já faz parte do nosso cotidiano: os índices e símbolos que servem para indicar os caminhos que devemos percorrer em computadores, celulares, bancos, forno micro-ondas, carros, controle remoto etc. A ideia é a compreensão dos dados de maneira instantânea, principal tarefa da LV, visto como um complemento à escrita e não algo que ameace ela.

Essa noção revela as características da leitura pelos adolescentes, que estão hoje diante de celulares e computadores, que, de acordo com Fischer (2006, p.293), podem ser chamados de “leitores de telefones”. Para o autor, esses são especialmente o público adolescente, por terem acesso a este tipo de texto virtual em todas as suas variações. E como bem nota Scolari:

Sí, se leen menos libros, pero en la tan glorificada «sociedad de la imagen» nos pasamos una buena parte del día leyendo... mensajes breves en WhatsApp, Twitter, Facebook y, los más jóvenes, en Snapchat. Y escribiendo. Podría decirse que en la historia de la humanidad nunca se habían escrito o leído tantos textos. (SCOLARI, 2016, p.183).

Para Fischer (2006, p.293), isso vai permitir que estes adolescentes se tornem adultos com “habilidades e tecnologias muito mais sofisticadas”. Reforçando o que Scolaro menciona, Fischer ressalta que são os adolescentes que “determinarão o futuro próximo da leitura, o qual, ao que tudo indica, exigirá uma quantidade muito maior de leitura que em qualquer outro período”.

A partir da definição de Fischer (2006, p.200) de que o livro deixou de ser uma reprodução do manuscrito para assumir uma identidade enquanto livro impresso, notamos que essa mudança está ocorrendo lentamente com o livro eletrônico. Muitas vezes sendo uma mera reprodução do livro impresso, os e-books não parecem atender às necessidades de leitores digitais. A experiência da leitura é diferente, mas não totalmente. Isso se dá pela própria evolução das mídias, que não ocorre de maneira distante ou abrupta, que vão se complementando. E talvez isso ocorra, pois, conforme destaca Carrenho (2016, p.100), “trata-se de uma tecnologia de adoção muito recente e que se encontra em sua infância, quicã adolescência”.

Os *e-readers* propõem um novo olhar para essa questão, mas ainda são poucos os leitores que se dedicam à leitura nesses suportes. Essas dificuldades são vistas tanto por funcionalidades, a falta de conhecimento sobre esses dispositivos, como também por acesso, pois eles possuem um alto custo.

Para Carrenho (2016, p.103), fica claro que os e-books e a leitura digital atraem aqueles que leem mais, pois “são eles os mais curiosos em relação a novos suportes, os mais dispostos a investir em um aparelho de leitura e os mais abertos a mudar seus hábitos de leitura”. O autor chama esses leitores de prática constate de *heavy readers*.

Mesmo assim, para Chartier (1999, p.13), todos os traços de uma leitura feita na tela do computador, ou atualmente, do celular, “indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”, ou como defende Pinsky (2013, p.351), “um novo modo de enquadrar um conteúdo”. Ou seja, esses novos modos de circular pelo texto, de encontrar caminhos diante da rolagem da tela, as novas possibilidades de leitura e produção textual demonstram esses novos contornos que as adaptações de suporte e práticas podem sofrer, e, como bem nota Manguel (1997, p.49), “o rolo, a página ou a tela sobre a qual o ato é realizado afetam a leitura”.

Portanto, vimos que a leitura foi sendo adaptada aos contextos nos quais novos suportes eram criados. Por muito tempo estava restrita a alguns setores da sociedade, como instrumento de organização e sistematização de informações dos povos, e era vista como perigosa, pois só quem detinha poder é que poderia aprender a praticá-la, já que, se outros

setores da sociedade tivessem acesso, a leitura poderia “fazê-los pensar, em vez de apenas obedecer”. (FISCHER, 2006, p.229). Então, por muito tempo, a leitura foi considerada como “um exercício prescrito, coercivo, para submeter, controlar à distância, ensinar a se adequar a modelos, inculcar ‘identidades’ coletivas, religiosas ou nacionais” (PETIT, 2008, p.18), e com a evolução das suas práticas e avanços tecnológicos de suportes, a leitura praticada atualmente “convida a outras formas de vínculo social, a outras formas de compartilhar, de socializar”. Essas outras formas de compartilhar e socializar serão abordadas no próximo item.

1.1.2 O cenário da internet: *Booktubers* e *Youtubers*

Além dos novos suportes e maneiras de difundir as informações sobre publicações e autores, também nascem novos espaços de produção e socialização de conteúdos por leitores. São os chamados *Booktubers*, leitores que publicam vídeos autorais em um perfil criado na plataforma Youtube, onde discorrem sobre suas opiniões acerca dos livros que leem.

Para Malini (2014, p.219), esse novo cenário traz à tona “novos críticos e novos mediadores da literatura”. Com um celular na mão, esses adolescentes criam conteúdos com críticas e opiniões pessoais referentes às leituras já realizadas. Para o autor, os *Booktubers* “refletem sobre a literatura a partir da sua visão enquanto amadores, a partir da visão daquele que ama”. (MALINI, 2014, p.222). Corroborando com essa proposta, Ceccantini (2016, p.90) aponta que são jovens que “dão dicas para outros jovens sobre livros, lançamentos editoriais, títulos associados a determinados gêneros literários, etc., criando tendências e fazendo escola”. Para o autor, esse contexto faz com que o livro tenha um “valor simbólico positivo e agregador”, ou seja, a literatura se demonstra na moda e deixa de ser vista como atividade escolar.

Esses canais de troca de experiências sobre a leitura somam milhares de inscritos, dentre os quais podemos citar o canal Perdido nos Livros (59.686 inscritos – 5.570.915 visualizações)²², o de Pam Gonçalves²³ (208.991 inscritos – 9.118.661 visualizações) e o de Tatiana Feltrin²⁴ (238.455 inscritos – 21.505.472 visualizações). Os indivíduos que comentam sobre livros e criam diferentes maneiras de interação com o público criam metas e listas de

²² “Canal que tem como objetivo popularizar o hábito da leitura entre os jovens com vídeos cheios de criatividade e bom humor.” Disponível em: <https://www.youtube.com/user/Perdidonoslivros/about>. Acessado em: 11 de outubro de 2015.

²³ Canal com vídeos semanais sobre livros, séries de tv, filmes, etc. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/TvGarotait/about> Acessado em: 28 de mai de 2017.

²⁴ No seu canal no Youtube, ela compartilha experiências de leitura. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin/about> Acesso em: 28 de mai de 2017.

leitura, entre outras propostas que visam uma troca de experiência com o público que acompanha o canal.

Inicialmente foram vistos como pessoas que não teriam competência para proferir críticas apenas sendo leitores, pois, anterior a isso, eram apenas “especialistas” que tinham autoridade para tal (CANCLINI, 2014, p.176). Esse cenário, ao tomar grandes dimensões, fazem as editoras perceberem o poder dessa relação entre leitores e os efeitos de uma opinião ou uma indicação feita na internet. Ao perceberem esse cenário de alcance que essas pessoas detinham na rede, as editoras perceberam o potencial dessa situação e passaram a fazer parcerias com *Booktubers*. E então “o *booktuber* mostra-se como um lugar onde a literatura é usufruída, refletida e compartilhada de leitor para leitor”, (MALINI, 2014, p.221) e é um lugar que proporciona a indicação de livros entre semelhantes, que se refletiu em novos leitores, novas leituras por esses sujeitos, e conseqüentemente vendas as editoras.

Dessa forma, a tecnologia assume essas novas maneiras de organizar conteúdos e opiniões de maneira rápida e instantânea e, além de criar “ondas”, criam celebridades (FAILLA, 2014, p.81). Isso também é visto pelo mercado editorial que, ao perceber a força que esse tipo de conteúdo estava gerando no mercado, começou a refletir maneiras de participar disso, não só através de parcerias, mas cada vez mais investindo em setores e departamentos digitais. Para Uehara, (2014, P.247) a criação desses departamentos foi revista por muitas editoras que passaram a pensar nessas “novas formas de publicar, tendo cuidado com textos adequados, produção e revisão, divulgação, promovendo essa nova forma de leitura” (UEHARA, 2014, P.247).

Esse fenômeno não permanece apenas no âmbito da internet. Com o grande sucesso de canais do Youtube²⁵, os jovens acabam ganhando visibilidade e chamando a atenção do mercado editorial, que aposta nos sucessos da internet. O que não ocorre apenas com aqueles que comentam sobre livros, mas também com outros fenômenos que são sentidos pelas editoras, como, por exemplo, a *Youtuber* Kéfera Buchmann, que vendeu mais de 300 mil exemplares em uma semana de seu primeiro livro²⁶. A *Youtuber* é um sucesso na web. Em seu canal intitulado 5 Minutos ela atingiu a marca de 10.394.431 de inscritos e já chegou a 802.850.366 visualizações²⁷. Existem outros tantos como Kéfera na rede, que estão fazendo sucesso entre os

²⁵ O Youtube é um site destinado ao compartilhamento de vídeos. Conforme descrito: “O YouTube foi lançado em maio de 2005 para que bilhões de pessoas possam descobrir, assistir e compartilhar os vídeos mais originais já criados.” Disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/>> Acesso em: 6 de mar. de 2017.

²⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1714915-apos-vender-mais-de-300-mil-livros-fenomeno-kefera-planeja-mais-2-obras.shtml>. Acesso em: 2 de mai. de 2017.

²⁷ Dados consultados no dia 2 de maio de 2017.

adolescentes e impulsionando a venda de livros impressos, como por exemplo, Bruno Miranda²⁸, que iniciou com o canal Minha Estante e hoje faz parte dos *Youtubers* de sucesso que falam sobre diferentes assuntos. Bruno lançou seu primeiro livro no ano de 2016 e hoje atualiza suas redes sociais, que só no Youtube já somam 332.580 inscritos e 21.903.503 visualizações.

Portanto, o Youtube é essa plataforma que impulsiona novas ondas de celebridades que viram autores e publicam livros, ao mesmo tempo que é um novo espaço de socialização de leituras entre pessoas que indicam e criam atividades entre esses leitores que preferem se informar sobre livros nesses vídeos. Novos suportes, novos *softwares*, novas linguagens. A leitura se reconfigura da mesma forma que desenvolve diferentes maneiras de ler. E o leitor? Como a leitura foi executada neste processo de adaptação a suportes e contextos? No próximo tópico discorreremos sobre as definições do que é ser leitor.

1.1.3 Leituras e leitores: entre definições e estratégias

A leitura feita em grupo ou individualmente pode ser rápida, pausada, fragmentada. Ela pode ser uma atividade escolar, de trabalho ou entretenimento. Observamos que esses modos de ler foram se constituindo no decorrer do tempo conforme as necessidades de cada época. Para Scolari (2016, p.184), cada nova tecnologia, como telefone, internet e dispositivos móveis, “*reformula conflictos del pasado y, al mismo tiempo, introduce nuevas contradicciones y desafíos*”. Afinal, um adolescente pode ser leitor de dispositivos digitais ao mesmo tempo em que lê o livro impresso. Ele vai de um ao outro descobrindo espaços de encontros e interesses; as redes sociais que divulgam livros e produtos derivados da obra preferida, o site da editora que faz a pré-venda de livros com autógrafos do autor. Então, como definir o leitor hoje? Para Scolari (2016, p. 184), temos “um conjunto, cada vez mais rico, de práticas distantes a leitura tradicional ‘silenciosa e individual’ de livros”.

Nesta mesma proposta, Chartier defende que (1999, p.89), as oposições coexistem, como por exemplo, leitura oral e silenciosa, e leitura extensiva e intensiva. Entretanto, aponta que “as maneiras de ler não se reduzem, portanto, aos dois grandes modelos propostos e sua coleta deve ser empreendida cruzando-se, de um lado, os protocolos de leitura adequados aos diferentes grupos de leitores e, de outro lado, os traços e representações de suas práticas”

²⁸ Conforme a descrição é um canal no qual Bruno faz vídeos “de humor que misturam monólogos com esquetes sobre o cotidiano e cultura pop.” Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/bubarim/about>> Acesso em: 28 de mai de 2017.

(CHARTIER, 1999, p.89). Estes aspectos de diferentes leituras que foram sendo adaptadas e perpassadas umas pelas outras corroboram com as discussões de Bourdieu ao indicar que as “leituras são sempre plurais”:

são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o sentido de que desejariam ver-se atribuídos. E é justamente essa diferenciação de leitura, desde suas modalidades mais físicas até seu trabalho intelectual, que pode constituir um instrumento de discriminação entre os leitores, muito mais do que repartição supostamente diferencial deste ou daquele tipo de objeto manuscrito ou impresso. (BOURDIEU, 1999, p.242).

Esse conjunto de leituras é perpassado pelo que Fischer (2006) denomina como estratégias que, para o autor, foram sendo adaptadas e reconfiguradas de acordo com cada momento e com questões individuais dos sujeitos. Estes vários tipos de estratégias são:

as paradas do iniciante, na leitura fonética; a leitura lenta e ponderada do leitor fluente em busca de significado; a leitura rápida feita por alguém com vocabulário pobre, mediano ou rico; a leitura em voz alta; a leitura dinâmica (passada de olhos, hábil); a leitura crítica; a leitura como lazer; a leitura acadêmica; a leitura de revisão; e muitas outras. (FISCHER, 2006, p.299).

Para Fischer (2006, p.299), nós usamos muitas dessas estratégias durante o dia, ou seja, elas podem ser mistas: “a leitura acadêmica por prazer; a leitura em voz alta para revisão; a leitura crítica e dinâmica; e assim por diante”, e envolver uma variedade de processos e atividades simultâneos. Cada situação, e nossa atitude pessoal em relação a essa situação, determinará qual estratégia de leitura escolhemos, “consciente ou inconscientemente” (FISCHER, 2006, p.299)”.

Da mesma forma que os autores, Santaella (2004) trabalhou em algumas definições de leitores que demonstram esta pluralidade e coexistência. A autora discorre sobre como cada época instituiu determinadas formas de leitura. A autora não busca separar cada *tipo* de leitor, mas delineou o processo pelo qual compreende que existem diferenças entre eles, em relação a hábitos e práticas. As leituras se modificam, mas isso não quer dizer que elas existem separadamente, pois a autora destaca que uma vai moldado e se diferenciando da outra, se misturando e se reconfigurando, mas muitas vezes elas andam juntas. Como afirma Chartier (1999, p.89), elas coexistem.

A autora classifica quatro tipos de leitores: o contemplativo, o movente, o imersivo e o ubíquo. O primeiro diz respeito aos leitores do século XVI e à prática de uma leitura individual, solitária e silenciosa. Esta que implica em uma relação íntima entre o leitor e o livro, “essencialmente contemplativa, concentrada, que pode ser suspensa imaginativamente para a

meditação e que privilegia processos de pensamento caracterizados pela abstração e a conceitualização” (SANTAELLA, 2004, p.29-30). O segundo leitor é o movente, que surge com a modernidade e com a aceleração do capitalismo. Em um ritmo diferente, com sinalização da cidade, movimentos constantes, é um leitor de “linguagens efêmeras, híbridas e misturadas”, imerso em uma “exacerbação dos estímulos e a tensão nervosa” (SANTAELLA, 2004, p.30). Este leitor vai se ajustar aos movimentos do seu entorno, enquanto o leitor do livro tende a “desenvolver o pensamento lógico, analítico e sequencial, a exposição constante a conteúdos audiovisuais conduz ao pensamento associativo, intuitivo e sintético” (SANTAELLA, 2004, p.31). Com o advento do computador pessoal, a autora identifica o leitor imersivo, aquele que detém habilidades distintas do leitor do impresso, pois “navega entre as telas e programas de leitura” (SANTAELLA, 2004, p.31). Este leitor permanece, cognitivamente, em estado de prontidão, pois transita por diferentes estímulos: texto, imagens, *links*, músicas etc, tomando caminhos que ele próprio definir. Com um perfil inédito, o leitor ubíquo “nasce do cruzamento e mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo” (SANTAELLA, 2004, p.34). É o leitor que está presente em qualquer tempo e lugar, tanto em casa, no trabalho, nas ruas, lendo os signos desses ambientes e que, ao mesmo tempo, tem as características de um leitor imersivo. Para a autora, o que caracteriza este tipo de leitor é “uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado” (SANTAELLA, 2004, p.35).

Cada característica aciona habilidades específicas nos sujeitos, e para Santaella (2004, p.36) isso faz com que a formação do leitor seja diferenciada por habilidades cognitivas cada vez mais híbridas e ricas. Isto posto, a preocupação central da discussão da autora é sobre como a educação, em seus diferentes níveis, consegue dar conta e criar estratégias que integrem os quatro leitores apresentados, de maneira que contemplem todos, e não substituam um por outro.

O leitor ubíquo, como já apresentado de acordo com Santaella, é aquele que está imerso em um contexto das novas tecnologias, especialmente o celular. Com base nisso, podemos trazer algumas discussões que contribuem para pensarmos o leitor adolescente. Para autores como Canclini (2008, p.58), “não se lê menos, mas, sim, de outra maneira”, e a convergência digital transforma os hábitos culturais dos leitores, que são também espectadores e internautas (CANCLINI, 2008, p.21).

Além do que defende Canclini, a discussão criada por Scolari (2016) indica um novo modo de ler, o chamado “*translector*”, aquele que se move em uma rede textual complexa e que é capaz de processar uma narrativa que está em diferentes meios e plataformas de comunicação. (SCOLARI, 2016, p.182). Para Scolari (2016, p.181), este leitor deve “*dominar*

diferentes lenguajes y sistemas semióticos, desde el escrito hasta el interactivo, pasando por el audiovisual en todas sus formas". Além disso, essa definição abarca um leitor que é também criador de novos conteúdos, baseados “na apropriação do remix e do mashup” (SCOLARI, 2016, p.182). Essas novas configurações do leitor referem-se aos diferentes usos proporcionados pelas mídias digitais, que permitem a produção de conteúdos pelos próprios usuários.

Complementando a perspectiva de Scolari, Jeffman (2017) pontua sobre os momentos de leitura. Para a autora, nessa realidade apresentada por Scolari, existem três momentos de leitura, por estarem nessa rede complexa é pertinente entendermos como isso compõe novas maneiras de apropriação. Jeffman (2017) defende que existe o primeiro momento que é coletivo, o segundo mais íntimo e o terceiro que é compartilhado. No primeiro momento o leitor “pondera sobre realizar ou não a leitura, quando se informa sobre os lançamentos, quando se atenta à opinião de outros leitores sobre uma possível leitura que pretende realizar.” O segundo momento “é íntimo e solitário entre o texto e o leitor”, uma relação estabelecida “com o autor da obra, com a narrativa, com os personagens”. E o terceiro momento ocorre quando esses adolescentes compartilham suas percepções com seus semelhantes ou sua rede de contatos, quando procuram um grupo “para conversar e refletir sobre este processo, sobre suas impressões e descobertas” (JEFFMAN, 2017, p.321).

A leitura em todos esses contornos “não parece então como um exercício solitário e estritamente individual”, ela é “sempre social, ativo, holístico, corporal, construtivo, afetivo e sensual”. Os modos de se apropriar do texto vão depender tanto do suporte e do contexto, como das emoções que são ativadas na leitura (CRUCES, 2017, p.16). Como vimos, o leitor hoje é entendido tanto pelas estratégias de leitura, seus usos e apropriações e pelas formas que ele se conecta com o texto, pelo papel, pelos meios eletrônicos, por *links* ou imagens. Com isso, ele pode ser visto como um espectador, um internauta, um “translector”, ou ter atividades relacionadas a cada um destes. Um pouco além das definições do que é ser leitor hoje, precisamos entender como a internet vai proporcionar novas maneiras de ler, e como isso pode modificar ou não a leitura. No próximo subcapítulo vamos entender como a internet configura a reorganização de textos, imagens, sons e o próprio cérebro, e como verificar isso na leitura.

1.1.4 A leitura e a internet

A internet, enquanto espaço de “*nuevos entornos y experiencias comunicativas*” (Scolari, 2016, p.175), também deve ser considerada no contexto do leitor adolescente, pois conforme

nota Castells (2015, p.112) “a comunicação de massa no sentido tradicional hoje é uma comunicação baseada na internet tanto em sua produção quanto em sua transmissão”. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil indica que, entre os leitores, 81% são usuários de internet, e a pesquisa TIC Kids Online Brasil, sobre o acesso à internet, aponta que, no ano de 2016, 8 em cada 10 crianças e adolescentes com idades entre 9 e 17 anos utilizaram a internet, o que corresponde a 23,4 milhões de usuários no país²⁹. A leitura feita na internet, as redes sociais que proporcionam novas maneiras de se conectar e trocar informações também configuram mudanças cognitivas. Dessa forma precisamos

compreender a tecnologia, especialmente nossas tecnologias da mídia e da informação, justamente nesse contexto, a fim de aprender as sutilezas, o poder e as consequências da mudança tecnológica. Pois as tecnologias são coisas sociais, impregnadas pelo simbólico e vulneráveis aos paradoxos e contradições eternas da vida social, tanto em sua criação como em seu uso. O estudo da mídia requer, por sua vez, esse questionamento da tecnologia. (SILVERSTONE, 2002, p.60).

Para Martín-Barbero (2014), isso não significa a substituição do livro, “mas sim retirá-lo de sua centralidade ordenadora”, ou seja, o livro não está mais centrado apenas na sua estrutura, da mesma forma que a aprendizagem também não segue mais a mesma, “tanto física como mental”, da leitura linear e sequencial, da esquerda para direita. A internet e os novos meios de comunicação tornam essa leitura fragmentada, feita por links, som, imagem, vídeos.

Com base nisso é que Canclini (2008, p.58) defende que as “telas do nosso século” também são as responsáveis pela mudança nas “maneiras de ler”. O autor destaca isso referindo-se às mudanças propiciadas, tanto pela televisão como pelo vídeo, e que isso indica que não devemos “superestimar as mudanças de hábitos culturais gerados pelas inovações tecnológicas”. (CANCLINI, 2008, p.53). E, neste processo, o autor ressalta consequências para o próprio mercado, quando “os editores ficam mais reticentes frente aos livros eruditos de tamanho grande; as ciências sociais e os ensaios cedem suas estantes, nas livrarias, a best-sellers de ficção ou de auto-ajuda, a discos e vídeos”. (CANCLINI, 2008, p.58).

O nosso cérebro também se adapta às novas possibilidades de leitura, pois “está constantemente se modificando em resposta às nossas experiências e comportamentos” (CAR, 2011 p.52) Isso permite pensarmos as mudanças que a internet e os novos dispositivos eletrônicos provocam na reconfiguração da prática da leitura em si. A distração e a diversão já existiam muito antes da internet, mas para o autor a internet é considerada a tecnologia mais poderosa, depois do livro, na alteração da mente. Os novos usos e apropriações, diante da

²⁹ Discorreremos mais sobre os dados das pesquisas no item 1.1.7.

simples troca de mensagens, do rolar da página em um computador ou a leitura feita em dispositivos de leitura, indicam novos rumos para essa atividade.

Para Martín-Barbero (2014, p.79), “a tecnologia desloca os saberes modificando tanto o estatuto cognitivo como institucional das condições do saber”. A mente linear, focada, que mantinha a concentração, foi dando lugar a uma mente que precisa ser rápida e atenta a inúmeros sinais. Para Car (2011), a ciência do cérebro foi avançando e indicando alguns caminhos que hoje se confirmam, pois logo nos primeiros estudos os cientistas não acreditavam na plasticidade do cérebro e que ele poderia se reestruturar.³⁰ Com o avanço da ciência, a compreensão do cérebro foi dando novas pistas para o entendimento dessa situação e a neuroplasticidade ganhou força. Já que “nossos neurônios sempre estão rompendo antigas conexões e formando novas, e novas células nervosas estão sempre sendo criadas”. (CAR, 2011, p.46).

Car (2011, p.52-53) reforça que nossos modos de pensar, perceber e agir “não são inteiramente determinados pelos nossos genes. Nem são inteiramente determinados pelas experiências da nossa infância. Nós os mudamos através do modo como vivemos [e] através dos instrumentos que usamos”. Dessa forma, as mudanças de suporte e de formatos que ocorreram até agora também foram responsáveis por modificar os “padrões de pensamento”, estes que “afetam a anatomia do nosso cérebro” e que confirmam como o cérebro pode ser profundamente influenciado pela tecnologia. (CAR, 2011, p.53-54). As discussões de Martel (2015) corroboram o que foi mencionado por Car (2011), pois, para o autor, “o digital transforma profundamente a cultura, os conteúdos, os conhecimentos, as identidades. A transição digital duplica os efeitos já consideráveis da globalização, efeitos que se somam e decuplicam”. (MARTEL, 2015, p.9).

O virar da página de um livro, o rolar e clicar com o mouse em uma tela *touchscreen*, envolvem “ações e estilos sensoriais muito diferentes” e reforçam que as mudanças de suporte alteram a atenção dada ao texto e à “profundidade de imersão”. (CAR, 2011, p.129). Para o autor, são essas novas tecnologias que governam a produção e o consumo, guiando os comportamentos e moldando a percepção de quem se apropria. (CAR, 2011, p.128).

³⁰ Car (2011, p.36) explica que, ao confirmarem a existência de células nervosas individuais, os neurônios, os cientistas conseguiram identificar as diferenças e semelhanças destas em relação a outras células do nosso corpo. Desse modo, elas se diferenciavam por terem axônios e dendritos, que transmitem e recebem impulsos elétricos. Ou seja, identificando essa função eles conseguiram perceber que os impulsos transmitidos são neurotransmissores responsáveis por liberação de substâncias químicas e “é através do fluxo de neurotransmissores pelas sinapses que os neurônios se comunicam entre si, direcionando a transmissão de sinais elétricos ao longo de complexas vias celulares. Pensamentos, memórias, emoções – todos emergem das interações eletroquímicas dos neurônios, mediadas pelas sinapses”. (CAR, 2011, p.36).

Car (2011, p.194) apresenta a reflexão de Jordan Garman, chefe da unidade de Neurociência Cognitiva do Instituto Nacional de Desordens Neurológicas e de Derrame. Jordan esclarece que “o constante deslocamento de nossa atenção quando estamos on-line pode estar tornando nosso cérebro mais ágil quando se trata de multitarefas, mas aprimorar a nossa capacidade de fazer multitarefas na realidade prejudica a nossa capacidade de pensar profunda e criativamente”.

A coordenação mental que é exigida para a tomada de decisões na web, enquanto recebe diferentes estímulos, acaba distraindo o cérebro do trabalho de interpretar textos e informações (CAR, 2011, p.170), pois esse processo “aumenta significativamente a carga cognitiva”, o que enfraquece “a capacidade de compreender e reter o que estava lendo”. (CAR, 2011, p.176). Essa argumentação está baseada em diferentes estudos efetuados e apresentados pelo autor em outras áreas e pesquisas referentes a essas mudanças, que indicam que a compreensão é mais exata na leitura linear, diferente da leitura feita perpassada por links, pois estes não aprofundam a compreensão e não fortalecem o aprendizado. (CAR, 2011, p.176-177).

A leitura pela qual o autor faz suas considerações está associada ao acesso frequente ao digital e ao *hiperlink*, que está sendo pensada diante da internet e tudo que envolve a mente nesta situação. Não podemos deixar de mencionar que, com base em nossa proposta e pela ponderação feita por Car (2011) sobre a leitura linear, é preciso compreender, diante do nosso contexto, aqueles leitores de livro impresso que utilizam as redes para outras atividades além da leitura; como aprofundar a história que encontraram no impresso, ter contato com o autor e outros interessados pelos mesmos livros e histórias que eles, compartilhar suas experiências e voltar para o livro impresso. Por mais que essa consulta esteja permeada pelos mesmos estímulos, será que ela permanece com uma compreensão maior? Ou será que essa leitura também é alterada? Se refletirmos sobre a proposta de Car, entendemos que sim, pois a internet vai reconfigurar o pensamento desses adolescentes que não vão permanecer com os mesmos estímulos que teriam em contato somente com o livro impresso, entretanto eles mantêm o hábito da leitura linear constantemente enriquecido por ter uma relação forte com a leitura, ao mesmo tempo que esta atividade é influenciada pelo acesso que eles possuem aos diferentes meios.

Visto isso, é indispensável pensarmos em como os novos *softwares* configuram novas formas de pensar, já que eles são produzidos para exigir menos esforço dos sujeitos para realizar determinadas tarefas, para que tudo seja executado em modo automático. Os aplicativos, as redes sociais, tudo precisa ser intuitivo, tanto por uma questão de mercado – se a pessoa não conseguir usar, logo descarta e vai para o próximo –, como por uma questão de usabilidade. E

isso é visto por Car (2011, p.292) como mais um aspecto que diminui nossa capacidade cerebral que, mesmo que de forma sutil, é significativa.

Apesar de algumas particularidades negativas, o autor também apresenta algumas habilidades cognitivas que estão sendo fortalecidas pelo uso do computador e da internet, como por exemplo a “coordenação mão-olho, resposta reflexa e o processamento de sinais visuais”. (CAR, 2011, p.192). Muitas das pesquisas que defendem esse fortalecimento são as aplicadas em *gamers*, identificando que alguém com experiência em navegação consegue, em segundos, “fazer um julgamento acurado sobre se uma página poderia ter informações confiáveis”. (CAR, 2011, p.193). E essa alegação corrobora alguns pontos defendidos por Livingstone (2011), que defende a alfabetização para as mídias e para a internet, designado por ela como *literacidade*. Da mesma forma que as crianças e jovens aprendem a ler e a escrever, ela considera essencial que atualmente essa alfabetização aconteça para além da ideia simplista de “usar a internet”. (LIVINGSTONE, 2011, p.22).

Essas mudanças nos modos de narrar e de se apropriar dos textos produzem uma “explosão nos moldes escolares da sensibilidade, reflexividade e criatividade”. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.77). Por isso precisamos pensar em como as instituições de ensino e a família podem contribuir para que crianças e adolescentes detenham o saber para utilizar os novos meios.

A proposta de Livingstone está relacionada a expectativas “sociais, econômicas, culturais e políticas que a sociedade reserva para a sociedade da informação, particularmente, para a chamada *geração internet*”. (LIVINGSTONE, 2011, p.13). Munidos de informações adequadas e de um ensinamento pedagógico das mídias, as crianças e os adolescentes teriam acesso a uma rede com menos fatores de risco, o que facilitaria as suas experiências e aproveitamento do que procuram, pois, para compreender essas narrativas, “*no basta saber leer*” (SCOLARI, 2016, p. 182). E se os sujeitos estiverem preparados, isso proporcionará uma “expressão cultural, participação cívica e deliberação democrática”. (LIVINGSTONE, 2011, p. 34).

Da mesma forma, Maldonado (2015 p. 716) também atenta para as questões educacionais, pois a revolução tecnocultural precisa promover a mudança de “planos, modelos e programas de formação das novas gerações”. Para o autor é essencial não mantermos modelos do passado, pois os jovens precisam de uma educação que acompanhe as “riquezas culturais” dos séculos XX e XXI.

A proposta do autor dialoga com as questões apresentadas, afinal, os adolescentes só podem estabelecer um uso adequado das redes e de diferentes meios de comunicação se

estiverem preparados para suas possibilidades e riscos, e isso está diretamente ligado aos processos de ensino e aprendizagem. É necessário uma educação que também se preocupe em preparar crianças e adolescentes para utilizar os meios de comunicação digitais, pois as “lógicas de programação e de construção de estruturas informáticas necessitam penetrar as sociedades”. (MALDONADO, 2015, p.717).

A nossa proposta não é tomar as discussões de Car como algo estabelecido, mas relativizar alguns pontos da nossa pesquisa para que não esqueçamos que o cérebro também está sendo afetado por todos esses dispositivos, especialmente em adolescentes que estão cada vez mais em contato com essas ferramentas para realizar atividades do dia a dia e escolares. Ao mesmo tempo, temos que considerar o que é posto por Martín-Barbero, que destaca que a aprendizagem da leitura desses textos audiovisuais e hipertextos é vista como

condição indispensável da vigência e do futuro dos livros – só se os livros nos ajudarem a nos orientar no mundo das imagens, o tráfico de imagens nos fará sentir a necessidade de ler livros – e parte de um direito cidadão fundamental: o direito a participar crítica e criativamente na comunicação cidadã. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.57).

Enquanto as tecnologias podem ser vistas como responsáveis pela distração e outras opções de entretenimento que não seja o livro, Martín-Barbero propõe pensarmos isso como um processo que pode ser o responsável por despertar o interesse pela leitura ou por estimular essa necessidade da leitura do livro para que os sujeitos participem criticamente da sociedade. É por esta razão que os autores reforçam o papel da educação neste processo, para que “seja capaz de formar cidadãos que saibam *ler* tanto jornais impressos como televisivos, videogames, vídeos e hipertextos”. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.51-52). Pois só assumindo

os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, com os *novos campos de experiência surgidos* da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.52-53).

As questões sobre como as práticas da leitura se deram nos diferentes tempos são importantes para a compreensão de todo o processo até os dias atuais. Não só pela reconfiguração social, mas a forma como hoje isso pode ser entendido especificamente no cotidiano e experiência de adolescentes. Para entendermos o perfil do receptor adolescente precisamos compreender o que é ser adolescente. No próximo tópico trataremos da adolescência e suas definições, e como se dá a leitura nesta faixa etária.

1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADOLESCÊNCIA

A leitura feita na adolescência, como já mencionado, é uma leitura em transição. Visto isso, é necessário compreendermos quem são nossos receptores. A proposta de identificar as novas maneiras pelas quais os adolescentes usam e se apropriam do texto impresso requer atenção ao que é ser adolescente. Assim, podemos discutir de maneira mais acurada seus hábitos e características, que estão diretamente relacionados, tanto a questões psicológicas, como a questões sociais.

Partindo de sua origem etimológica, a palavra adolescência vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), que significa a “condição ou processo de crescimento”. Esta concepção manifesta as características desta fase da vida, e o autor destaca que isto expõem “a aptidão do sujeito de crescer não apenas no sentido físico, mas também psíquico”. (OUTEIRAL, 2008 p.4).

Para Outeiral (2008, p. 4), a adolescência é um “fenômeno psicológico e social”. São inúmeros os autores que tratam desta etapa da vida pelo viés psicológico e social ou, como aborda Ozaella (2011, p.18), como uma “construção social”, e também autores como Inhelder, Inhelder e Piaget (1976), Piaget (1995), Becker (1994), Lahire (2006), Ozaella (2011), Calligaris (2013) e Levy (2013).

A noção de adolescência é recente, considerada um “fenômeno contemporâneo”. (Outeiral, 2008, p. 5-6). Foi apenas no final do século XIX e início do século XX, influenciada pela pesquisa de Stanley Hall, que a conceituação desta fase se deu dentro da psicologia evolutiva. Foi a publicação do autor no ano de 1904, um tratado sobre a adolescência, que se consolidou como um “marco de fundação dos estudos” da área. (León, 2005, p. 11).

Outeiral (2008, p. 4-5) localiza os primeiros passos para o desenvolvimento do que seria a adolescência entre o final da Primeira Guerra Mundial e o início da Segunda, quando algumas necessidades e direitos específicos passaram a ser levados em conta, quando as mulheres assumem o mercado de trabalho em consequência da partida dos homens para a guerra. Anterior a esta realidade, a transição da criança para a vida adulta se dava em forma de rituais e cerimônias de iniciação. As crianças, muitas vezes, eram vistas como miniatura de adultos e estavam integradas nas atividades realizadas pelos pais e responsáveis, sem distinção. Peralva (1997) revela que, no momento em que os Estados Modernos assumiram a responsabilidade de oferecer educação pública gratuita e obrigatória, muito em função de formar as pessoas para o mercado de trabalho como mão de obra especializada, é que a

adolescência surgiu. Foi assim que as crianças passaram a se dedicar aos estudos, deixando de participar das atividades de trabalho.

É importante destacar que a inserção da criança no ambiente escolar não aconteceu de forma igualitária entre os gêneros e classes. As mulheres só ocuparam este espaço depois dos homens, devido a fatores históricos de patriarcalismo, pois elas só deixavam de ser crianças depois do noivado. Além disso, por mais que a educação tenha afastado as crianças das tarefas executadas prematuramente, em um primeiro momento, tal medida governamental favoreceu a escolarização, principalmente dos filhos dos burgueses. Talvez isso apresente consequências até hoje, ao observarmos que muitos adolescentes possuem uma vida precária “pelos condições de pobreza de suas famílias, fica[ndo] impedido[s] de viver esta etapa preparatória, sendo obrigado a uma inserção formal no mercado de trabalho”. (ABRAMO, 2005, p. 4).

Para compreendermos a adolescência, partimos da reflexão de diferentes aspectos envolvidos neste processo. Inicialmente vimos que a adolescência, muitas vezes, é compreendida como a fase da puberdade, ou seja, quando as mudanças biológicas acontecem com o sujeito durante o processo de transição entre a infância e a fase adulta. Para Calligaris (2013, p.19), essa mudança é facilmente observável pelos efeitos que a puberdade proporciona. Para ele “trata-se, em outras palavras, de uma transformação substancial do corpo do jovem, que adquire as funções e os atributos do corpo adulto”. (CALLIGARIS, 2013, p. 19). É neste instante que o indivíduo se encontra em um novo momento, de inseguranças em relação ao corpo, com espinhas, mudanças físicas, aumento dos órgãos genitais, dentre outras transformações. Para Outeiral (2008, p. 4), este “é um processo biológico que inicia, em nosso meio, entre 9 e 14 anos, aproximadamente, e se caracteriza pelo surgimento de uma atividade hormonal que desencadeia os chamados ‘caracteres sexuais secundários’.

Levy (2013 p. 167) do ponto de vista psicanalítico, acrescenta que a puberdade é a causa deste processo de adaptação a um “novo corpo”, e conseqüentemente proporciona uma revisão constante do mundo interior do indivíduo, sendo o adolescente um sujeito em transformação. Dessa forma, Becker (1994, p. 18) destaca que este fenômeno possui limites bem precisos por se tratar de uma variação universal no corpo das pessoas, sendo “o período de vida em que o indivíduo se torna apto para a procriação, isto é, adquire a capacidade física de exercer a função sexual madura”. Entretanto, não podemos considerar esta fase como algo que ocorre sempre em determinada faixa etária e da mesma forma para qualquer pessoa, pois conforme observa o autor, é importante atentarmos para o nível psicológico e das relações sociais com o ambiente, pelos padrões de comportamento variáveis (BECKER, 1994, p. 17). Ou seja, as pessoas se relacionam de diferentes maneiras e inseridas em diferentes culturas, o

que, conseqüentemente, reflete em suas experiências sociais e particulares de consolidação de mudanças e identidade, não sendo apenas uma questão biológica.

Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo ou intelectual, trazemos a discussão proposta por Inhelder e Piaget (1976) e Piaget (1995), que tratam dos mecanismos mentais das crianças e de como isso se desenvolve no adolescente. Especificamente sobre as questões da adolescência, Piaget (1995, p.58) examina como se desenvolve a partir de dois pontos chaves: “o pensamento com suas novas operações e a afetividade, incluindo o comportamento social”. Para o autor, o desenvolvimento do pensamento, e tudo o que envolve essa construção, é que vai ser decisivo para formar o sujeito adolescente.

A diferenciação entre a criança e o adolescente, na proposta de Piaget (1995, p.58-59), diz respeito ao pensamento formal e ao pensamento concreto. O adolescente está estruturando o pensamento formal, o que “envolve uma dificuldade e um trabalho mental muito maiores que o pensamento concreto”(PIAGET, 1995 p.58-59). É na adolescência que o sujeito consegue deduzir as conclusões a partir de puras hipóteses e não somente de uma observação real, o que o autor traz como pensamento “hipotético-dedutivo”. Diferente da criança, o adolescente consegue “considerar possibilidades” (INHELDER E PIAGET, 1976, p.58), e construir sistemas e “teorias” (PIAGET, 1995).

O pensamento concreto das crianças é aquele que se refere à própria realidade, ou melhor, “objetos tangíveis, suscetíveis de serem manipulados e submetidos a experiências afetivas” (PIAGET, 1995, p.58-59). Os autores entendem que, nesta fase da vida, o pensamento do sujeito não é “autorreflexivo” (INHELDER E PIAGET, 1976 p.58). Significa que não constroem sistemas, elas “os têm inconscientemente ou preconsciousmente, no sentido de que estes são informuláveis ou informulados, e de que apenas o observador exterior consegue compreendê-los já que a criança não os ‘reflete’”. O autor identifica que é por volta dos 12 anos que acontece a “modificação decisiva” quando o pensamento “concreto” passa ao “formal”.

Essa mudança não se refere apenas ao pensamento em si e aos seus fatores neurológicos. Inhelder e Piaget (1976, p.56) reforçam que existe uma aceleração “progressiva do desenvolvimento individual”, também pelas diferentes influências do contexto pelo qual isso se dá. Por exemplo, a educação, que também é fator importante a ser considerado nesta mudança. Os autores atentam para o fato de que, iniciadas entre 11 e 12 anos como divisão entre as etapas, as diferentes interferências neste processo podem, em um futuro próximo, alterar essa idade, tanto aumentando a faixa etária como reduzindo. Ou seja, isso não está definido no tempo, e essas mudanças decorrem de diferentes aspectos sociais e psicológicos.

Com referência às estruturas formais, os autores colocam em suspeita as reações do adolescente em virtude dos ensinamentos escolares, e sobre isso trazem a seguinte reflexão:

essa hipótese sociológica extrema, os fatores psicológicos permitem responder que a sociedade não atua por simples pressão exterior sobre os indivíduos em formação, e que estes não são, com relação ao ambiente social e nem com relação ao ambiente físico, simples tábulas rasas nas quais as coerções imprimiriam conhecimentos já inteiramente estruturados (INHELDER E PIAGET, 1976, p.56-57).

Dessa forma, os autores compreendem que, para o indivíduo assimilar como o ambiente tem a contribuir, eles precisam estar em condições para entender e incorporar isso, ou seja, terão a necessidade de uma “maturação suficiente dos instrumentos cerebrais individuais” (INHELDER E PIAGET, 1976, p.56-57). Ou melhor, a proposta apresentada pelos autores precisa estar em processo, a constituição de um pensamento formal capaz de distinguir e refletir sobre diferentes aspectos também, como por exemplo, os ensinamentos escolares.

É em paralelo à formação das operações formais que a “vida afetiva do adolescente afirma-se através da dupla conquista da personalidade e de sua inserção na sociedade adulta” (PIAGET, 1995, p.61). Para o autor, a personalidade se desenvolve na adolescência, a qual é tida como a cooperação entre oposição da autonomia da pessoa em relação às regras, ou submissão às regras impostas pelo exterior. É no fim da infância, entre 8 e 12 anos, que a personalidade se dá como “organização autônoma das regras, dos valores e afirmações da vontade, com a regularização e hierarquização moral das tendências” (PIAGET, 1995, p.61).

Isto posto, é importante destacar que a personalidade se afirma na adolescência, pois é nesta etapa da vida que o sujeito está provido de condições intelectuais, que permitem a oposição ou autonomia às regras sociais que implicam no seu desenvolvimento. É o momento em que a pessoa já tem o pensamento formal ou hipotético-dedutivo preenchido. O livro é um objeto importante para essa questão, sendo um meio de grande relevância enquanto relação social que pode implicar em novas regras, hábitos, reflexões, para este adolescente elaborar sua personalidade.

Ao mesmo tempo, é neste momento que os sujeitos têm contato com seus semelhantes o que também proporciona novas vivências, pois é na adolescência que o convívio com os semelhantes se torna elemento fundamental de socialização. A partir disso é que Becker (1994, p.41-43) assegura a “enorme necessidade de pertencer a um grupo”, pois é no grupo que o indivíduo vai encontrar um abrigo diferente do que ele tem em sua casa e da sua relação com os pais. É com seus semelhantes, com aqueles que compartilham das mesmas angústias, dúvidas, que eles vão vivenciar as mesmas experiências e descobertas.

1.2.1. O adolescente em nosso estudo

Para Martín-Barbero (2008, p.21), os adolescentes assumem a relação social como uma experiência que passa basicamente pela sua corporeidade e sensibilidade, e é por isso que eles se expressam muitas vezes através de outros idiomas, ou seja, pelo vestuário, pelas tatuagens, pelas músicas que escutam etc. Mas é também nessas relações que as mediações tecnológicas revelam seu potencial, pois os adolescentes encontram seu “*mundo más propio*” (MARTIN-BARBERO, 2017, p.21-22), este que conecta aos seus iguais e que exigem que pensemos a adolescência nesta situação de conexão pelas redes.

Essa situação não é colocada pelo autor como algo que acaba isolando esses adolescentes, pois em estudo realizado com jovens em Guadalajara, o autor identificou que, independente do uso da tecnologia, eles seguiam frequentando festas e jogos, então, o uso das tecnologias entre adolescentes não significa restritamente o isolamento desses sujeitos, mas permitem conexões e novas maneiras de se conectar a novos gostos como novos amigos. Winocour (2009, p. 68) reforça essa perspectiva identificando que todas as ações dos adolescentes na rede, por onde navegam e com quem interagem “*se valida fundamentalmente en el mundo de las relaciones persona a persona [...] pois “mucho de lo que ocurre y transcurre en Internet adquiere sentido para los jóvenes cuando pueden ejercer sus beneficios en el mundo de lo real”*”. Ao tratarmos de adolescentes Martín-Barbero (2017, p. 2010-2012) destaca que precisamos quebrar as dicotomias entre “*juego/trabajo, juego/aprendizaje, consumo/producción, seriedad/festividad, estético/cognitivo, ya que ellos tienen otra lógica. Hacen muchas cosas al mismo tiempo, posibilitadas por las tecnologías y la convergencia mediática, y se relacionan con una mediación y no con un aparato*”.

Castro (2012, p. 62) identifica que para compreender os adolescentes, precisamos entender que este é receptor, fã, consumidor que interage com as diferentes telas. A designação apresentada pela autora é algo que caracteriza o adolescente no contexto digital, que seria o *screenager*, “expressão oriunda da fusão das palavras em inglês screen (tela) e teenager (adolescente)”. A autora identifica que o cotidiano desses sujeitos “é permeado por longas horas de interação com conteúdo oriundo de uma ou mais telas, estando estes sujeitos geralmente – mas não exclusivamente – em contato com outros pares por meio da internet”. Entendemos que o perfil pelo qual pretendemos empreender o estudo, diz respeito a essa descrição apresentada pela autora, pois estando em contato com conteúdos e informações em diferentes telas, como se configura a leitura para esses sujeitos?

Para a compreensão do que é ser adolescente, observamos que são importantes algumas delimitações para a pesquisa, enquanto “referente demográfico” (LEÓN, p.13). Dessa forma, a faixa etária da adolescência que tomamos para este estudo é baseada na delimitação proposta pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que considera adolescente o sujeito que possui entre 12 e 18 anos.

Precisamos situar este adolescente em um contexto e compreender as diferentes mediações na construção das suas experiências, hábitos e preferências. Pois conforme Lahire (2006):

só podemos compreender o comportamento daqueles que são designados por sua idade (e que na maioria dos casos ainda são escolarizados) situando-os em uma rede de relações de interdependência que é também uma rede de imposições e de influências mais ou menos harmônicas e contraditórias. (LAHIRE, 2006 p.425).

Para o autor, a adolescência só pode ser compreendida se levarmos em conta as imposições das diferentes esferas da vida: família, escola, grupos de amigos etc., pois, para Lahire (2006, p.428), a adolescência é um momento de “vivências múltiplas”. Isto posto, também permite que pensemos a heterogeneidade dos adolescentes, ou então, na proposta de Becker (1994, p.11), as “várias adolescências” que reforçam que, por ser uma construção biológica e social, esta fase envolve o ambiente no qual o adolescente cresce e se relaciona. Isso significa que um adolescente de classe baixa não vive a mesma realidade que um de classe alta, e as mediações envolvidas na formação destes indivíduos são diferentes de contexto para contexto. Reforçando esta questão, Becker (1994, p.37) destaca que “os adolescentes têm muito em comum, mas cada um tem também um comportamento próprio, determinado pelo meio em que vive e pelas suas experiências interiores”.

As diferenças não estão só associadas à questão da classe, mas também à relação pela qual os adolescentes se aproximam ou se distanciam dos seus pais ou responsáveis quando optam por “reproduzir a vida e os valores da família e da sociedade”, e aqueles que contestam e rejeitam isso (BECKER, 1994, p.13). São essas diferenças, aproximações e negociações que vão configurando as diferentes maneiras de ser adolescente hoje.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (2002), na introdução do seu relatório, indica esta fase na qualidade de transição e que “não pode ser compreendida como uma condição homogênea, uma vez que é atravessada por grandes diversidades e desigualdades, em seus aspectos naturais, culturais e sociais”. É importante destacarmos, como já mencionado, que muitos são aqueles que não vivem esta etapa da vida, por exemplo, por sua condição de

pobreza que impõe restrições, passando por uma inserção precoce no mercado de trabalho. São essas diferenças que se tornam experiências importantes para “a estruturação de sua adolescência” (BECKER, 1994, p.59).

Então, entendemos o adolescente como um ser psicológico e social inserido em um contexto de mediações que propõe diferentes usos e apropriações dos meios. Por estar em um período decisivo de sua vida, consideramos importante a compreensão da leitura e suas práticas neste momento de constituição de personalidade, mesmo com instabilidades, pois é um período no qual os sujeitos estabelecem suas preferências e práticas.

Tratar deste perfil específico requer atenção a outros pontos significativos para a compreensão dos usos e apropriações do livro. Por discorrermos sobre a leitura em uma realidade envolta em novas tecnologias e suportes para acessar conteúdo ou demais mídias on-line, destacamos a questão do acesso. É importante delimitarmos o nosso receptor como aquele que está provido de oportunidades de consumo; que por meio de seus pais, tem liberdade de compra e acesso a diferentes produtos e dispositivos: livros, celulares, computadores e *e-readers*, que não são produtos de baixo custo, da mesma forma que deve ser considerado a posse de um plano de internet, que demanda dinheiro para manter e estabelecer um acesso de qualidade. Com isso, pois, entendemos, a partir de Martín-Barbero que

o plural das lógicas do uso não se esgota na diferença social das classes, mas essa diferença articula as outras. Os *habitus e classe* atravessam os usos da televisão, os modos de ver, e se manifestam [...] na organização do tempo e do espaço cotidianos (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.312)

Visto isso, defendemos considerar a leitura a partir de leitores que estão neste contexto tecnológico e que utilizam dispositivos e internet, o que permite uma observação mais apurada de situações que poderão nos apresentar indícios e tendências sobre a leitura neste contexto. Da mesma forma que investigamos a partir da experiência do adolescente, este que “é, hoje, o grande mediador da tecnologia: é ele quem determina os seus usos, é ele quem protagoniza suas práticas, é ele quem confere significados aos bens tecnológicos” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p.87).

Entendemos que existem restrições em termos de acesso, e também outras maneiras de se apropriar da leitura e do livro permeado pela tecnologia, mas acreditamos que a especificidade dos leitores é importante. Não pelo fato de não reconhecermos que existem diversas outras maneiras de apropriação de informação e conteúdo atualmente em bibliotecas, escolas, espaços públicos, mas em relação ao público leitor do nosso estudo ser aquele com

condições de acesso e compra em lojas on-line e livrarias físicas. Neste sentido, observamos que estes aspectos delimitam algumas características do nosso leitor, o qual tem um perfil restrito, pois conforme Colomer (2009, p. 45) os leitores com 14 ou 15 anos têm um gosto mais personalizado e estão fortemente condicionados por “*la edad, el género y el origen social*”.

Por tratarmos de um estudo de recepção, que busca compreender como as novas mídias reconfiguram a leitura, destacamos a importância da realização de entrevistas e demais técnicas de pesquisa com aqueles que realmente estão imersos em um mundo tecnológico, para que possamos identificar se essas diferentes interações modificam ou não a leitura.

1.2.2 O leitor adolescente

Observadas as particularidades do sujeito em fase de transição, podemos entender que isso vai se refletir em suas práticas e escolhas. Ou seja, a leitura por parte do adolescente também terá algumas características próprias, e é sobre isso que trataremos neste capítulo. Pois conforme entende Margallo (2009, p.223) os adolescentes são “lectores en tránsito”.

Colomer (2009, p.15) destaca que a leitura adolescente suscita um interesse especial por ser considerada uma etapa de “consolidación social de las prácticas lectoras”. Isso vai ao encontro da própria adolescência enquanto momento no qual o sujeito firma sua personalidade (PIAGET, 1995, p.61) e começa a definir seus gostos e preferências, por isso é uma fase importante na consolidação de hábitos, inclusive o da leitura.

Vimos que o adolescente está em uma situação de profunda adaptação à vida adulta, quando seu pensamento formal já está constituído e permite que ele consiga distinguir e refletir sobre diferentes aspectos, organizando-se de maneira autônoma a respeito de regras e valores (PIAGET, 1995, p.61). Deixam de ser crianças e começam a refletir e fazer escolhas que vão delinear o seu futuro.

Para Rocha e Pereira (2009, p. 40) este é o momento no qual o sujeito também começa a identificar a incoerência dos discursos, tanto dos pais, como da escola e da mídia, passando a questionar as ideias e construir sua identidade. Por isso que são eles os responsáveis por “modificar e transformar uma ou mais de suas diversas instâncias e instituições.” (Idem, p.91).

A leitura feita na adolescência acompanha a transição biológica e psicológica do sujeito, havendo diferenças significativas entre as práticas da criança e do adolescente. Este momento de transição é quando o adolescente passa de leituras infantis, – com mais imagens e mais livres, muitas vezes lidas pelos pais ou professores, ou feitas na própria escola –, para leituras mais extensas – com obras que vão sendo indicadas para a faixa etária adolescente. Isso

reflete a condição da criança e do adolescente. A leitura da criança está diretamente ligada à aprendizagem da leitura, com maior alcance dessa atividade entre os nove e onze anos; e a leitura adolescente se insere em um momento de maiores cobranças escolares (COLOMER, 2009, p.27).

Essa transição também modifica a própria relação que os pais mantêm com seus filhos quando são crianças, época em que geralmente dão mais atenção, estão mais próximos e têm mais cuidados. As leituras feitas antes de dormir, em voz alta e com interpretações para chamar a atenção da criança, logo vão se distanciando com o início da adolescência. Esse distanciamento se dá tanto pelos pais, que não estão mais tão próximos dos filhos e mantêm uma relação de cobrança em relação a atividades e responsabilidades escolares; como das próprias peculiaridades dos adolescentes, que em um momento de adaptação não aceitam mais tanta atenção dos pais, e como identificou Travancas (2015, p.9), eles querem ser mais livres e fazer suas próprias escolhas.

Colomer (2009, p. 39-40) chama a atenção para esse desejo dos adolescentes como uma leitura que lhes conceda um “status cultural”, eles querem “sentir-se maiores, impressionar ou ser modernos”. É uma transição com um peso social, com interferência de diferentes mediações, seja dos pais, que cobram que os filhos leiam, e da escola que já considera o adolescente um “leitor independente” (COLOMER, 2009, P.39-40); como da própria relação que o adolescente quer construir com seus semelhantes, de distinção e de poder que isso lhe confere no círculo de amigos.

É especialmente a escola que acaba criando um “domínio” (PETIT, 2013, p.22) sobre as leituras, tratando-as com certo controle, indicando determinados textos e não outros, e que muitas vezes não condizem com o desejo dos adolescentes e com o que eles esperam dessa leitura independente. Ao mesmo tempo, que “vê reduzir-se sua influência: primeiro a mídia de massas e, recentemente, a comunicação digital e eletrônica multiplicaram os espaços e circuitos de acesso aos saberes e à formação cultural” (CANCLINI, 2008, p.23).

Neste momento em que a leitura é considerada uma obrigação, como um conteúdo não prazeroso, ela acaba por intimidar alguns adolescentes e não incentivar o gosto pela leitura. Para Petit (2013, p.22) este momento, de leitura obrigatória, acaba tornando a leitura do adolescente algo para “satisfazer os adultos”, quando precisa atender a demandas escolares e exigências dos pais ou responsáveis.

É também neste momento de transição que ocorrem outras mudanças no indivíduo, estabelecendo-se um quadro de “conversão mental” (PETIT, 2013 p.59), quando o adolescente se situa de maneira diferente em relação aos novos textos, com “uma atitude distinta, erudita,

de deciframento de sentidos, o que marca uma ruptura com suas leituras pessoais anteriores”. Ele se vê diante de cobranças internas e externas, transformando as maneiras de se relacionar com o livro e a leitura.

A leitura é importante nesta etapa, pois conforme Petit (2013, p.44), “ao poder dar um nome aos estados que atravessam, podem encontrar pontos de referência, apaziguá-los, compartilhá-los”. A autora salienta que isso pode ocorrer em qualquer momento da vida, mas que a adolescência representa uma fase de maior sensibilidade. Para Petit (2013, p.41), os adolescentes recorrem aos livros para “manter um espaço próprio, um espaço íntimo, privado” nos quais eles podem explorar diferentes tipos de conteúdo e curiosidades sobre sexo, fantasias etc., da mesma forma que buscam palavras “que permitam domesticar seus medos e respostas às questões que os atormentam”.

A autora vê que a leitura literária – e consideramos que isso pode ser importante para pensarmos as diferentes leituras desses adolescentes – é uma leitura transgressiva, pela qual eles se distanciam dos seus lugares, de seus bairros, casas, e se abrem para novos horizontes, o que muitos veem como algo que “faz pensar que é possível abrir seu caminho, seguir com seus próprios passos” (PETIT, 2013, p.42). É neste lugar que eles se sentem bem, pois constroem um lugar onde não “depend[em] dos outros” (PETIT, 2013, p.42).

Além disso, a autora ainda destaca que é nesta fase da vida que a ficção estabelece uma distância para com o mundo. Seriam os adolescentes os que mais sentiriam a necessidade de se afastar do real, pois com tantos medos, desejos e falta de desejo, a ficção teria seu papel fundamental nesses momentos que contribuem para essa “urgência e a impaciência diante dessas questões” (PETIT, 2009, p. 76) para estabelecer essa distância.

Colomer (2009, p. 42) não tem dúvidas que as tendências editoriais voltadas a esse público estão diretamente relacionadas a “sentir-se parte de uma coletividade”, são aqueles livros que são “capazes de conectar com as inquietudes vitais dos adolescentes”. Ou seja, são livros que estabelecem afinidades e concedem este espaço no qual eles pertencem, entre colegas, amigos, ou, atualmente, com pessoas de outros estados ou países, que compartilham das mesmas angústias e curiosidades. Isso reflete a natureza adolescente, quando eles se sentem mais seguros em sua coletividade, e demonstra essa necessidade de compartilhar experiências (BECKER, 1994).

A condição atual das tecnologias dá uma nova dimensão para a leitura, já que esse momento altera radicalmente as “formas de ócio e socialização” (COLOMER, 2009, p.2) dos sujeitos, que vivem com “a presença multimidiática e o predomínio do consumo”. Para Colomer (2009, p.40-41), as leituras dos adolescentes estão diretamente ligadas a leituras

próprias da sociedade de consumo, quando os títulos são diversos, os gêneros são diferentes e os adolescentes têm forte relação com os inúmeros meios para ter contato com a sua história. Além disso, ressalta que é entre os 14 e os 15 anos que os gostos são mais condicionados pela idade, pelo gênero e pela origem social (COLOMER, 2009, p.45). Afinal, é nesta etapa da vida que os sujeitos estão em

idade em que não sabemos como nos definir. E em que sentimos medo das definições. É um momento em que precisaríamos estar informados, mais do que em qualquer outro, sobre o chão em que pisamos. E encontrar palavras que, no fundo, mostrem que estamos apenas experimentando afetos, tensões e angústias universais, conforme tenha nascido menino ou menina, rico ou pobre, habitante deste ou daquele canto do mundo (PETIT, 2008, p.50).

Colomer (2009, p.49-50) evidencia que os adolescentes valorizam mais a leitura do que o livro em si, pois para eles o livro é considerado um objeto qualquer, que pode ser substituído por outros suportes. Entendemos que estes dados são apresentados em relação aos adolescentes em geral, pois aqueles que têm grande apego e envolvimento com a leitura e o livro impresso consideram este como um objeto importante. Outro aspecto apresentado pela autora é realmente o que observamos nas aproximações iniciais aos adolescentes de Santa Maria. Em geral, eles não escolhem os livros pelos nomes de autores, são poucos os que sabem e lembram de seus autores preferidos, é mais fácil que lembrem de celebridades que eles acompanham na internet do que autores de livros impressos.

A autora defende a questão da escola enquanto ambiente onde esses adolescentes devem interiorizar certas leituras, aprender sobre as leituras mais tradicionais e como se apropriar delas. Ela coloca que este seria um ponto importante a ser levado em consideração pela escola sobre o ensino literário, para que esses adolescentes tivessem conhecimento de outras leituras, pois, para ela, os adolescentes conseguem diferenciar suas leituras das infantis, mas não estabelecem diferenças entre as leituras canônicas e as leituras de sua preferência, as mais comerciais. O que ensinaria “*los principios de la lectura culta, científica y filosófica*” (COLOMER, 2009, p.49-59). Mesmo que ela indique que isso não anula “*ni la búsqueda de identificación, ni las prioridades de sus propias lecturas personales externas*” (COLOMER, 2009, p.50). Para que esse interesse ocorra da melhor maneira, Margallo (2009, p.224) sugere que encontrem nas leituras feitas pelos adolescentes, “*sus mecanismos de atracción*”, ou seja, características dessas leituras preferidas que podem ser trabalhadas nas leituras literárias, fazendo com que os adolescentes tenham outras experiências.

Esta proposta precisa ser considerada pensando nos estudos já mencionados, que indicam os esforços que poderiam ser feitos pelas instituições de ensino para que o interesse por leituras mais tradicionais seja trabalhado. Travancas (2015, p.9) encontra em sua pesquisa algo que reflete os aspectos que merecem atenção, do motivo, por exemplo, de que frequentar a biblioteca não é um hábito para esses adolescentes, pois “isso demonstra o quanto o espaço da biblioteca, mesmo em escolas particulares, não é visto como um lugar de lazer, um espaço prazeroso, onde acontecem atividades interessantes”. Isso está diretamente voltado para a própria escola de maneira geral, pois é sinal que a instituição não está preparada para propor espaços que trabalhem a leitura do adolescente.

Ao apresentarmos o que é ser um adolescente e suas características de leitura seguimos para o próximo subcapítulo, no qual discorreremos sobre os estudos existentes relativos à faixa etária que será estudada, importantes para entendermos a situação da leitura no país.

1.2.3 A leitura do adolescente no panorama nacional

Como exposto na introdução, na última pesquisa realizada pelos Retratos da Leitura no Brasil observamos um aumento significativo no número de leitores da faixa etária entre 14 e 17 anos. Por mais que a porcentagem de leitores com idade entre 11 e 13 anos tenha se mantido desde a pesquisa anterior (84% leitor), os leitores adolescentes entre 14 e 17 anos tiveram um aumento de 71%, em 2011, para 75% em 2015. Contrariando a visão de que os adolescentes não leem, a pesquisa traz dados esperançosos sobre a faixa etária, pois somando os percentuais que se enquadram na idade da adolescência, observamos que estão acima dos 56% de leitores da população total estudada.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil considera leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses. Levando em conta a população brasileira com mais de cinco anos, em 2015 (188 milhões), 104,7 eram leitores (56%). Para conhecermos o perfil do leitor adolescente abordaremos os principais tópicos apresentados pela pesquisa nacional para identificarmos como a leitura se configura na faixa etária em que propomos o estudo. Como os Retratos separam os participantes com idade de 5 a 10; 11 a 13; 14 a 17; e 18 a 24, nos debruçamos sobre os dados das faixas etárias de 11 a 13 e 14 a 17 para conseguirmos observar os números relativos à população adolescente.

Sabemos que a faixa etária apresentada está em situação escolar e que isso poderia apresentar-se como algo a ser observado nos dados no quesito das leituras obrigatórias. Vimos isso ao atentarmos para a porcentagem de leitores na faixa etária em que se encontram na escola

ser maior em relação aos leitores de outras faixas etárias. Dessa forma, entendemos que o período escolar interfere na leitura desses sujeitos, pois estão em um ambiente que existem cobranças em relação a leituras e disciplinas de literatura.

Por outro lado, a pesquisa permite que tenhamos acesso a outras percepções que indicam o gosto pela leitura para além do contexto escolar. Vejamos o percentual daqueles que leem por gosto e por prazer: 42% da faixa etária de 11 a 13 diz ler por gosto, e 29% entre os 14 e 17 anos, o que reflete uma leitura por prazer e não apenas associada ao período escolar, pois dos 11 aos 13, 12% indica a exigência escolar, e dos 14 aos 17, 14%.

Para os adolescentes os principais fatores que influenciam na escolha de um livro é o tema, sendo a opção de 19% (11 aos 13) e 23% (14 aos 17). A capa é a opção indicada por 23% dos adolescentes com idades entre 11 a 13 anos, e 15% dos 14 aos 17. Em terceiro lugar vem o título do livro como um fator que influencia, sendo 13% indicado pelos adolescentes dos 11 aos 13 e 10% dos 14 aos 17. A dica da professora é relatada por 11% dos respondentes de 11 aos 13 e 12% pelos de 14 aos 17.

Sobre as figuras importantes para despertar ou influenciar o gosto pela leitura, fica evidente a figura da mãe ao 22% (11 aos 13) e 20% (14 aos 17) indicarem a mãe como pessoa mais importante vindo o professor como segunda opção, indicado por 12% (11 aos 13) e 7% (14 aos 17).

Algumas ponderações são feitas por Ceccantini (2015, p.84) ao observar as afirmações sobre o adolescente que não lê. Para o autor, isso se dá também em função da “incapacidade da escola de enfrentar desafios pedagógicos frente às rápidas mudanças da sociedade nos séculos XX e XXI do que fazer um diagnóstico acurado dos fenômenos em curso”. É neste ponto que podemos levantar a questão da pesquisa nacional que questiona quem são as pessoas que mais influenciam os adolescentes, quando apenas 12% da faixa etária de 11 a 13 e 9% da faixa etária de 14 a 17 indicam algum professor ou professora. Entendemos isso de duas maneiras, tanto pela falta de novos desafios enfrentados pela escola e pelos professores, como uma situação que não depende apenas deles, mas de ações relacionadas ao âmbito governamental. Em um primeiro momento, expomos a dificuldade dos professores em se adaptar às novas tendências e utilizá-las em benefício das leituras e conteúdos tradicionais, aliando isso ao que é de interesse dos adolescentes para despertar sua atenção. Já sobre o amparo governamental, entendemos que isso não é só uma questão pedagógica, mas também se refere a ações efetivas de incentivo e apoio para aperfeiçoar tanto a formação de mediadores, como a distribuição de materiais adequados.

Avançando nos dados encontrados, é importante darmos atenção ao mercado editorial e suas produções voltadas ao público juvenil. Conforme Ceccantini (2016, p.88), de 2007 a 2014 o número de exemplares de livros juvenis produzidos no país cresceu cerca de 135,61%. Da mesma forma é importante destacarmos a venda de exemplares para o governo, que proporciona a distribuição de livros juvenis nas escolas do país³¹ e que contribui para que o gosto e o acesso à leitura sejam ampliados. Esse panorama de venda e distribuição nos dá alguns indícios de preferências e de como o mercado editorial está atentando para os interesses e características próprias dos adolescentes. Isso ficou evidente ao identificarmos a grande lembrança das traduções da cultura de língua inglesa (norte-americana e britânica), como as obras mais citadas nos Retratos, pela faixa etária estudada. Dentre os exemplares citados como o último livro que leu ou está lendo estão muitos do universo do público adolescente, como por exemplo: *O diário de um banana*, de Jeff Kinney; *A culpa é das estrelas* e *Cidades de papel*, de John Green; *A maldição do titã – Série Percy Jackson*, de Rick Riordan; *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak; *Muito mais que cinco minutos*, de Kéfera Buchmann; *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer; *Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis; *Diário de Anne Frank*, de Anne Frank (Annelie Marie Frank); *Série Harry Potter*, de J. K. Rowling.

Essa forte presença de literatura estrangeira é o que Martín-Barbero (2014) e Ortiz (1994) destacam sobre a sociabilidade global: o compartilhamento de experiências que diz respeito às formas como esses sujeitos se integram e se relacionam aos fenômenos culturais que não estão apenas centralizados no livro físico em si, mas também por obras audiovisuais, games, revistas e produtos derivados (camisetas, canecas, etc.). Isto é, a própria conceituação de Jenkins (2008) sobre a convergência das mídias e os diferentes tipos de produtos que derivam daí, que fazem com que os receptores estabeleçam diferentes usos e apropriações dos meios. Ceccantini (2016, p.89) reforça que essas práticas adquirem contornos “cada vez mais globalizados” e que essas práticas são hoje “complexas, múltiplas, inter-relacionadas e se apoiam fortemente num processo lúdico e de socialização”, pois ele observa que o adolescente dificilmente lê de forma isolada, entendendo a expressão *isolada* de duas maneiras: “tanto no sentido de ler um livro e se restringir a ele ou de ler um livro na solidão e apenas para si mesmo”. (CECCANTINI, 2016, p.89).

Essas características são próprias do adolescente, pois eles possuem necessidade de compartilhar suas experiências (BECKER, 1994) e de serem ouvidos (TRAVANCAS, 201), e a leitura revela-se também um momento de socialização e troca de identificações que passa a

³¹ PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola que conta com a distribuição feita pelo governo.

“atender a certa necessidade de pertencimento a um grupo de identidade afim”. (CECCANTINI, 2016 p. 90).

A internet, enquanto espaço que promove essas experiências coletivas, é onde os adolescentes utilizam seus perfis para discutir e tratar da leitura. Os Retratos da Leitura inseriram em seu último levantamento as questões sobre a internet e indicam que, entre os leitores, 81% são usuários de internet.

Dentre as atividades realizadas na internet na faixa etária de 14 a 17 anos destaca-se a troca de mensagens por aplicativos como WhatsApp e Snapchat (75%); o acesso a vídeos; filmes ou TV on-line, que fica com 60%, acompanhado da opção de escutar música, 63%. Já para aqueles com idade entre 11 a 13 anos, se destaca o jogo, que fica com 59%, acompanhado das demais atividades em destaque mencionadas anteriormente, ficando o acesso a vídeos, filmes ou TV on-line com 55%; escutar música, 51%; e a troca de mensagens com 57%.

Sobre atividades relacionadas a leituras realizadas na internet, por faixa etária, temos uma grande porcentagem nas atividades escolares, com a realização e pesquisa de conteúdo: 11 a 13 (57%) e 14 a 17 (52%). Ler livros é indicado por 19% na faixa etária dos 11 aos 13, e 12% dos 14 aos 17. Ao indagar se compartilham em blogs, fóruns ou nas redes sociais assuntos sobre literatura, temas de livros, autores, trechos de livros etc., 19% (11 a 13 anos) e 20% (14 a 17 anos) afirmam compartilhar. A participação de elaboração de histórias coletivas e *fanfic*³² possuem a maior porcentagem na faixa etária dos 11 aos 13 anos, com 5%, e dos 14 a 17 apenas 1% afirmam elaborar essas histórias.

Isto posto, cabe apresentarmos dados da TIC Kids Online Brasil, a qual exhibe o cenário de acessos e usos da internet por crianças e adolescentes no país. O projeto Global Kids Online é internacional e desenvolvido pela London School of Economics, Unicef Office of Research e rede acadêmica EU Kids Online, com o objetivo de produzir um conjunto de ferramentas para pesquisadores de todo o mundo com dados de oportunidades e riscos para crianças e adolescentes na era digital.³³

No Brasil, a pesquisa teve sua última aplicação em 2016 e sinaliza que nesse ano cerca de oito em cada dez crianças e adolescentes (82%) com idades entre 9 e 17 anos utilizaram a internet, o que corresponde a 23,4 milhões de usuários no país. Ao que se refere a frequência desse acesso 84% afirma acessar a internet todos os dias, e desses sete em cada dez (69%) se conectaram à rede mais de uma vez por dia.

³² Histórias e/ou textos criados e divulgados por fãs das obras.

³³ Descrição feita na última versão brasileira.

A pesquisa também apresenta as disparidades de acesso tanto por regiões do país, quanto as diferenças socioeconômicas. Em números o Sudeste (91%), Sul (88%) e Centro-Oeste (86%) apresentaram percentuais superiores aos encontrados no Nordeste (73%) e Norte (69%). E em relação a classe, a quase totalidade (98%) das crianças e adolescentes que pertencem a classes AB era usuária da internet, e entre aqueles das classes DE, a porcentagem foi de 66% (CGI.br, 2016b, p. 99).

Um dos pontos de destaque do estudo é que já são 22 milhões (91%) de crianças e adolescentes se conectando via telefone celular. E neste quesito não foram encontradas disparidades expressivas entre classes ou regiões do país, o que revela a penetração do dispositivo móvel entre essa faixa etária mesmo em populações com limitações de conectividade (CGI.br, 2016b p. 104).

Em contrapartida, o uso de computadores, console de jogos e televisão apontou disparidades entre as classes, nesse contexto, o que indica que as classes AB têm à sua disposição uma variedade maior de dispositivos para acesso à rede, quando comparados aos de classes mais baixas.

Os resultados são essenciais para atentarmos ao que está sendo feito pelos adolescentes na internet e juntamente dos dados dos Retratos da leitura do Brasil compreender os usos no âmbito da leitura e do livro. Da mesma forma que são importantes para compreendermos até que ponto os adolescentes dispõem de habilidades e competências para a produção de interações e participações efetivas na rede, tanto do uso cotidiano dos diferentes aplicativos, como do que é próprio da leitura. Essas atividades realizadas na internet devem atentar para o que Livingstone (et al, 2015, p.167) chama a atenção, pois “com um maior uso de tecnologias digitais, aumenta também a tendência de crianças desenvolverem competências digitais e obterem benefícios tangíveis a partir desse uso”. Ou seja, as possibilidades de participação de crianças e adolescentes nas redes também dependem da aprendizagem do uso dessas ferramentas, que podem contribuir para o melhor aproveitamento das oportunidades nesse ambiente, da mesma forma que a educação para as novas mídias proporciona mais segurança em relação aos perigos e desafios dos meios digitais.

Entretanto, é importante destacarmos que os dados apresentados por pesquisas como as mencionadas também sinalizam as desigualdades regionais e socioeconômicas nas diferentes regiões do país. Da mesma forma, constituem-se como desafios à inclusão digital e o acesso à leitura, sendo dados que podem contribuir para a elaboração e aperfeiçoamento de políticas públicas que levem em conta o contexto, as dificuldades e as expectativas de adolescentes leitores. A questão econômica interfere diretamente no acesso e consumo de livros impressos

ou digitais, como visto nos indicativos apresentados pela pesquisa, pois os jovens que têm o apoio dos pais conseguem ter mais acesso a publicações e dispositivos do que aqueles que não têm condições para isso. O acesso pode ser em nível da compra do livro físico ou do acesso à internet para compra de livros on-line.

1.2.4 Leitura e adolescência nos estudos de Comunicação

Para entendermos como a comunicação trata sobre a leitura de adolescentes e quais são os esforços realizados para a compreensão dessa temática, brevemente referida na introdução, realizamos uma pesquisa bibliográfica analisando os estudos encontrados na área da Comunicação, discutindo a sua pertinência e quais serão nossos avanços. Conforme Stumpf (2009, p.51), pesquisa bibliográfica “é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas e selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado”. Ou seja, explorar a literatura relevante ao assunto a partir de portais, bibliotecas, anais de congressos, teses e dissertações. Conforme Bonin (2012), “um levantamento e mapeamento geral das pesquisas realizadas é importante para situar-se neste processo e orientará o trabalho de reflexão aprofundada daquelas que se mostrem relevantes para o trabalho de apropriação”.

Partindo desse pressuposto, localizamos trabalhos dos últimos cinco anos, a partir da busca combinada das palavras-chaves: livro, leitura, adolescente. A pesquisa ocorreu entre os meses de abril e maio de 2016, elencando estudos pertinentes à nossa temática³⁴.

Por termos combinado as palavras-chaves, permitindo uma especificação maior relacionada a temáticas do nosso estudo, foram selecionados arquivos contendo reflexões sobre práticas de leitura em estudos com jovens/adolescentes levando em conta sua relação com o livro e a leitura. Por ser um tema amplo que pode ser discutido sob diferentes perspectivas, nosso intuito foi identificar aqueles estudos que estivessem relacionados ao âmbito da Comunicação Social, entretanto, podemos observar, em levantamento prévio, que a maioria dos artigos e trabalhos encontrados são pesquisas das áreas das Letras e Educação. Mesmo especificando o campo para trabalharmos, muitas dessas pesquisas foram apresentadas nos eventos da área de Comunicação, o que fez com que os considerássemos neste levantamento.

³⁴ O levantamento foi feito nos seguintes anais de eventos da área de comunicação: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Biblioteca da Compós), Congresso Internacional de Comunicação e consumo (Comunicon) e Intercom Nacional. Além dos eventos, realizamos a mesma busca no site do Banco de Teses da Capes, Periódicos da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Google Acadêmico.

Percebemos a concentração de trabalhos nos Encontros Nacionais do Intercom, com oito trabalhos, e no Google Acadêmico, com três trabalhos. Cabe ressaltar que foram elencados dois no Google Acadêmico por darmos atenção a estudos acadêmicos, não tratando do estudo nacional dos Retratos da leitura como já mencionado. Nos demais eventos e portais pesquisados não foram localizados estudos relacionados à nossa temática no que tange a área da Comunicação.

Por ser um evento importante da área de Comunicação, o Intercom Nacional detém essa concentração pela sua abrangência e por possuir diferentes espaços de discussões que permitem que outras áreas apresentem artigos que dialogam com as perspectivas comunicacionais. Já no Google Acadêmico, encontramos diferentes trabalhos relacionados à nossa temática, então selecionamos os que levavam em consideração o que propomos inicialmente, a questão de estarem na área de comunicação. Por isso, os trabalhos que indicavam outras abordagens não foram incluídos neste levantamento.

No Intercom Nacional, a pesquisa foi realizada nos anais dos encontros dos últimos cinco anos (2010 a 2015). Encontramos oito trabalhos e verificamos que, dentre esses, estão três trabalhos de Sérgio Luiz Alvez da Rocha (2015; 2013; 2012), com dados preliminares e resultados de sua pesquisa de doutorado. Outros dois são de autoria de Isabel Travancas (2015; 2012) sobre as primeiras reflexões de sua pesquisa com adolescentes do Rio de Janeiro e posteriormente uma apresentação de alguns resultados já identificados no seu estudo. Além desses estudos selecionamos o trabalho de Machiavelli e Bordinhão (2015), com a apresentação dos resultados de um trabalho final de curso sobre o consumo do livro por adolescentes refletindo as mediações escola e família nesse processo. Também selecionamos o trabalho de Júlio Altieri Monteiro (2012), que realizou um estudo da leitura em diferentes suportes, e o estudo sobre a sala de leitura como espaço de mediação de Rogério Pelizzari de Andrade (2012).

Em pesquisa feita no Google Acadêmico com a combinação das palavras-chaves: livro; leitura; adolescentes, no período específico de 2010 a 2015, encontramos aproximadamente 15.200 resultados. A análise foi realizada até a página 10 dos resultados.

Os estudos selecionados foram artigos publicados em revistas da área da Comunicação e interdisciplinares. Além desses estudos, localizamos a terceira edição da pesquisa nacional Retratos da Leitura no Brasil, amplamente apresentada, que proporciona um panorama nacional sobre os índices de leitura no país e que contribui para propostas referentes a políticas públicas de leitura e do livro. Entretanto, cabe ressaltar que essa pesquisa já está em sua quarta edição ³⁵

³⁵ A quarta edição foi apresentada no dia 19 de maio de 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf> Acesso em: 19 mai. 2016.

e aponta novos rumos da leitura no país. Por estarmos tratando de trabalhos acadêmicos, no momento, não será tratado do estudo nacional.

Foram encontrados dois artigos em revistas, que estavam relacionados à temática e que possuem relação com a área. Partindo desse pressuposto, foram selecionados aqueles que estavam em revistas de comunicação ou em revistas interdisciplinares que abarcavam esses temas. Os artigos selecionados são, respectivamente, sobre o livro como produto midiático, um estudo de recepção feito por Isabel Travancas (2013), e Análise de como os *best-sellers* influenciam a formação do gosto de jovens leitores, de Lima, Souza e Corsi (2015).

1.2.4.1 A leitura de adolescentes como objeto de pesquisa

Em análise inicial podemos detectar um número significativo de estudos na região sudeste, totalizando oito, enquanto tivemos um na região Sul e um na região Centro-Oeste. Nas demais regiões do país não foram localizados estudos, a não ser o levantamento nacional que contempla todas as regiões. Dos oito artigos encontrados na região Sudeste, dois são de São Paulo, e seis, do Rio de Janeiro. Essa divisão se dá em função do que encontramos em outros comparativos, pois os estudos tratados nessas quantificações são os que apresentam recortes específicos de pesquisas dos mesmos autores dessas regiões, o que pode esclarecer sobre essa concentração na região Sudeste.

Da mesma forma é essencial ressaltarmos as áreas que se debruçam sobre essa temática e que enfatiza o que mencionamos sobre as diferentes perspectivas encontradas. Embora a busca tenha sido feita pelos estudos de Comunicação, salientamos que, em alguns trabalhos, os estudos aliam autores de Educação/Letras, ou somente de uma das áreas, o que indica que a análise dessa temática se concentra especialmente nas áreas indicadas. Esse pressuposto é ressaltado pelas abordagens que levam em conta o papel da escola e do professor e o fato de que, diante desse novo cenário e tecnologias, a educação também precisa estar atenta aos novos desafios que implicam no ato de educar e ler.

O que podemos destacar é que, mesmo em eventos e revistas de comunicação, os trabalhos, na maioria das vezes, são de áreas da Educação ou Letras. Isso indica, então, a escassez de trabalhos de Comunicação que abordam essas temáticas e que partam da experiência dos leitores pelo viés comunicacional.

Dentre os artigos consultados no Intercom Nacional podemos perceber que a grande maioria levou em consideração a leitura a partir da experiência do próprio leitor, tanto em atividades de observação em sala de leitura (ROCHA, 2015; 2013; 2012), como pelo estudo de

recepção feito por Travancas (2015; 2012) e Machiavelli e Bordinhão (2015). Outro trabalho que destaca a experiência do leitor é o de Azevedo (2015), que, através de entrevistas, buscou compreender as relações simbólicas construídas entre os jovens e seus livros e autores preferidos.

As técnicas utilizadas nesses estudos foram, respectivamente, aplicação de atividade/observações das atividades/conversas com os alunos; questionários/entrevistas; observação/questionários/entrevistas; entrevistas. Já o estudo de Andrade (2012) realizou uma observação participante de uma sala de leitura e da influência que dispositivos móveis tinham nesse ambiente e suas relações com as leituras.

Os estudos encontrados no Google Acadêmico também não abrangem a experiência do leitor, sendo que o de Lima; Souza e Corsi (2015) apresenta a pesquisa de duas das autoras; uma feita em uma livraria de um shopping, e outra, no âmbito escolar. O outro estudo encontrado, de Isabel Travancas (2013), apresenta as ideias iniciais de sua pesquisa com adolescentes, pontuando questões teóricas e indicando os passos que pretende seguir no seu estudo. No texto de Travancas (2013), ela indica as técnicas de observação participante, questionários e entrevistas e, no texto de Lima; Souza e Corsi (2015), foram realizadas entrevistas nos dois estudos apresentados.

Para identificarmos as perspectivas mais trabalhadas nos estudos, localizamos os autores mais utilizados. O que encontramos indica uma concentração na perspectiva teórica de Roger Chartier, o qual foi tratado em quatro trabalhos, outros 12 autores foram utilizados duas vezes, e 55 autores foram citados apenas uma vez. Os 12 autores que foram utilizados em mais de um trabalho foi em virtude de serem trabalhos dos mesmos autores, publicados em eventos diferentes. Os trabalhos estão centrados em diferentes perspectivas teóricas, que ora conversam, ora indicam outras abordagens, tanto pelo viés educacional, como pelo viés da literatura. Vimos que as perspectivas não indicavam uma aproximação em algumas questões, o que pode ter relação com as diferentes áreas em que as temáticas são trabalhadas, que são vistas sob diferentes perspectivas teóricas e o que pode indicar essa segmentação. Elencamos as referências tratadas por cada estudo para compreendermos essa configuração.

Mesmo não trabalhando com as mesmas perspectivas, alguns dos estudos possuem pontos em comum em suas considerações. Muito se dá em relação ao papel da escola e família como mediações fundamentais para que a leitura se torne um hábito ou uma atividade mais prazerosa para o adolescente, o que não impede de pensarmos em relações que vão além dessas instâncias, que também são pontuadas por dois trabalhos selecionados e que vão ao encontro da nossa proposta de avançar nessa questão. Devemos considerar, além dessas mediações,

outras que são tão importantes para o desenvolvimento ou aproximação do adolescente com o livro e/ou a leitura quanto as apresentadas. Essas mediações podem ser de amigos, bibliotecários, pessoas que fazem parte de suas redes sociais, canais do Youtube, redes sociais de leitores. Todas esses novos espaços e relações configuram também novas mediações, ou permitem pensar em novas mediações, o que é importante para observarmos o contexto desse adolescente, considerando o que indica as diferentes formas de constituir suas práticas, seus gostos e suas escolhas, sem deixar de considerar os papéis da escola e da família.

Outro ponto que teve destaque nos trabalhos encontrados foi a relação da leitura desses adolescentes pesquisados com os best-sellers (LIMA, SOUZA E CORSI, 2015; TRAVANCAS 2015; MACHIAVELLI E BONDINHÃO 2015), que foram identificados como preferência dos pesquisados. Isso indica como as pesquisas também devem considerar essas leituras, que se consolidam como importantes para a construção desse leitor, sem excluir a questão da leitura ser ou não a mais recomendada, e serve para refletirmos a relação que esse primeiro contato pode proporcionar para além dessas leituras.

Mesmo que a internet tenha sido vista como um contexto maior no qual esses jovens estão inseridos, a maioria não se debruça sobre o que ela pode indicar nessa relação de leitura. Não podemos deixar de considerar que algumas pesquisas partem de estudos maiores e que, por questão de espaço, podem ter tratado de recortes específicos. Para esse momento podemos identificar essa questão como algo a ser mais profundamente abordado e tratado a partir do nosso estudo, dando conta da dimensão do digital, não como algo comparativo, mas como uma mediação importante para pensarmos essas práticas adolescentes.

Os dados indicam que a perspectiva histórica e social do livro, proposta por Roger Chartier, é fundamental para estudarmos essas temáticas. Além dele, também elegemos os estudos de Isabel Travancas como importantes, pois a autora reflete sobre os poucos trabalhos que se dedicam à recepção da leitura. Ela também indica que os jovens leem, só não estão lendo aquilo que a escola e os pais esperam. Esse ponto também foi destacado no trabalho de Machiavelli e Bordinhão (2015), ou seja, os jovens leem e se apropriam das leituras.

Outra questão pertinente para refletirmos a partir da pesquisa de Travancas (2015) é a dificuldade em realizar pesquisa com adolescentes, em como estabelecer uma conversa e pensar nas experiências desses jovens a partir de suas falas, sendo que estes possuem algumas dificuldades para expressar o que sentem. A autora indica alguns caminhos que contribuem para utilizarmos metodologias pertinentes ao nosso estudo, como por exemplo, grupos de discussão, que possibilitam uma interação entre os jovens e conversas mais dinâmicas e participativas.

A questão da escola e da família como espaços fundamentais para o gosto e a prática da leitura que vá além do âmbito escolar está clara em todos os trabalhos. A relação com a tecnologia também é destacada pelos estudos encontrados, mas não há um aprofundamento dessas questões relacionadas à internet ou às tecnologias na relação com as novas práticas de leitura, tanto em sala de aula, como em casa.

Com esse levantamento podemos perceber que, além de serem poucos os estudos feitos pela área da Comunicação sobre a experiência da leitura por adolescentes, também são poucos os realizados na região Sul. Isso indica como o livro e a leitura merecem maior atenção nos estudos na nossa área, especialmente em uma cidade do interior do estado. Também conseguimos identificar de que forma estão sendo realizados esses estudos e quais suas perspectivas e metodologias, o que nos permite analisar novos caminhos e possibilidades para pensarmos a nossa pesquisa.

No próximo capítulo discorreremos sobre a perspectiva da recepção e sua abordagem para a compreensão das práticas de leitura dos adolescentes, apresentando uma breve trajetória e reflexões desses estudos. Da mesma forma pontuamos contribuições importantes de autoras que são essenciais para efetivarmos um estudo de recepção com leitores.

2 ESTUDOS DE RECEPÇÃO E AS MEDIAÇÕES NAS PRÁTICAS DE LEITURA

Pensar a comunicação a partir do viés da recepção permite-nos entender melhor a relação dos meios com os sujeitos na nossa sociedade. Para compreendermos de que maneira esses estudos foram sendo tratados ao longo da história, precisamos remontar a períodos em que os meios de comunicação passaram a ter papel importante e que indicavam novas configurações na sociedade. Ou seja, quando os meios de comunicação começaram a levantar questionamentos em pesquisadores interessados no que essa inserção poderia acarretar. Apresentamos, a seguir, uma breve trajetória dessas pesquisas.

2.1 BREVE TRAJETÓRIA

Dentre as diferentes abordagens dos estudos que refletem sobre os meios, vamos destacar alguns que começaram a dar atenção ao lugar dos sujeitos nesse processo. As pesquisas iniciais que permitiam pensar no processo comunicacional acabavam por tratá-lo como algo linear, considerando a comunicação algo fechado em caixas e etapas, o que impedia de considerar outras questões envolvidas.

Os primeiros estudos estavam focados em compreender o que os meios poderiam fazer na vida das pessoas, isto é, buscavam compreender quais eram os efeitos produzidos por eles logo que começaram a se desenvolver. Entretanto, essa reflexão estava mais ligada ao que os meios poderiam pensar a partir desses estudos, ou melhor, como os próprios poderiam alcançar de maneira mais efetiva essa audiência. O que se sobressai desse primeiro ciclo é “uma visão linear, fragmentada e mecanicista da comunicação”. (GOMES, 2004, p.21).

Os estudos que centraram sua atenção nessa abordagem foram as pesquisas dos *efeitos*, que estavam orientadas para identificar os impactos provocados no público pelas mensagens. Esses estudos são advindos da tradição norte-americana, e os efeitos eram tidos como imediatos e poderosos. Dentre esses estudos encontramos os da Metáfora da Agulha Hipodérmica e o Modelo Matemático da Comunicação. Nesse momento, já havia indícios de que existia um receptor e um processo de recepção, e a audiência era pensada como algo homogêneo, que não era diferenciada e nem entendida a partir de uma ação, mas de uma ideia de passividade.

Em um segundo momento, os estudos dos efeitos, conforme Gomes (2004), passam a dar atenção a características individuais, psicológicas e às experiências dos sujeitos. Esses foram chamados de Estudos dos Efeitos Limitados, porque consideravam essas características dos sujeitos e as relacionavam com o que isso desempenhava na relação com as mensagens

mediáticas. Partiam do entendimento de que existiam variáveis entre os estímulos e as respostas, sugerindo acréscimos ao modelo matemático da comunicação. Entretanto, mesmo considerando algumas características e avançando na concepção dos efeitos, a autora pontua que ainda era uma visão restritiva, pois “efeitos são entendidos como influência a curto prazo e a problemática da eficácia das mensagens é reduzida a uma questão de formação de opinião, de atitude e de mudança de atitude”. (GOMES, 2004, p.44).

O terceiro momento, designado como o dos “usos e gratificações”, é quando a pesquisa chama atenção para a atividade da audiência pela noção do *feedback*, reordenando a pergunta de “o que os meios fazem com as pessoas”, para “o que as pessoas fazem com os meios”. (GOMES, 2004, p.61). As determinações para que os efeitos fossem percebidos estavam centradas apenas na satisfação das necessidades psicológicas dos indivíduos que, na verdade, seriam os receptores que fazem algo com os meios e não os meios com eles. Nessa perspectiva, a preocupação era compreender as motivações de determinado público, entretanto, ela permaneceria em uma definição mecânica de estímulo-resposta.

Iniciados na década de 1970, os estudos culturais têm origem britânica e transformaram-se, ao longo das últimas décadas, em um fenômeno internacional. Ligados ao contexto do Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS), em Birmingham, na Inglaterra, esse campo relaciona diversas disciplinas ao estudo de “aspectos culturais da sociedade contemporânea”. (ESCOSTESGUY; JACKS, 2005, p.37). Foi na segunda metade dos anos 1980 que a recepção começou a chamar a atenção dos pesquisadores do centro, a partir da publicação de Hall do texto “*Encoding and decoding in the television discourse*”. Esse momento se constituiu como uma mudança, pois o interesse passa “do que está acontecendo na tela para o que está na frente dela, ou seja, do texto para a audiência”. (ESCOSTEGUY, 2001, p.31). Entretanto, é David Morley quem vai a campo realizar uma pesquisa empírica nos estudos culturais, com seu estudo de audiência intitulado “*The nationwide audience*”, que é considerado um marco nessa área de investigação.

Os estudos culturais compreendem que as “atividades sociais estão fundadas em e são dependentes de processos de produção de sentido”. (ESCOSTESGUY; JACKS, 2005, p.38-39). Na comunicação, não devemos evidenciar exclusivamente os meios, dando espaço ao “circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática”. (ESCOSTESGUY; JACKS 2005, p.38-39). Portanto, trata-se de estudos que entendem a comunicação a partir da cultura, isto é, da aproximação do cotidiano dos sujeitos e do contexto social.

Alinhados aos estudos culturais, nos aproximamos nesta pesquisa da perspectiva latino-americana, que entende a comunicação como um processo de inter-relação entre produção e recepção, um não podendo ser separado do outro, tendo como autores de referência Martín Barbero, Guilherme Orozco Gómez e Néstor Garcia Canclini. Esse lugar para onde se voltam os olhares dos pesquisadores destaca esse deslocamento, a necessidade de prestarmos atenção no que as pessoas fazem, como elas se posicionam, como geram interpretações diferentes com base naquilo que elas consomem nos meios de comunicação.

Como já mencionamos na introdução do trabalho, o mapa de Martín-Barbero (2003) é importante para a compreensão das reações constitutivas entre comunicação, cultura e política. As mediações que compõem esse mapa se referem a experiências individuais adquiridas ao longo da vida, que propõem negociações ao que é hegemonicamente apresentado no e pelo texto midiático. Portanto, as mediações são importantes por “reconhecer que a comunicação está mediando todas as formas da vida cultural e política da sociedade” (LOPES, 2014, p. 72). Discutiremos posteriormente essa perspectiva para compreender as concepções do autor enquanto mediações importantes para nosso estudo.

Orozco Gómez, também referência no contexto latino-americano, debruça-se sobre a noção de mediações operacionalizando a noção proposta por Martín-Barbero. O pesquisador mexicano formula uma tipologia de mediações que resulta de suas experiências de pesquisa empírica, especialmente voltadas à televisão (COGO, 2007, p.5). O autor vai abordar as mediações a partir de distintas tipologias tendo como principal eixo a noção de mediações múltiplas: mediação individual, mediação situacional, mediação institucional e a mediação videotecnológica.

Os estudos de recepção permitem um distanciamento da concepção de poder da produção e da passividade do receptor nessa relação, partindo do entendimento de diferentes mediações para compreender, de maneira mais complexa, o processo comunicacional, levando em conta tudo o que envolve a produção de significados, usos e apropriações.

Conforme Cogo (2007), os usos, ou as lógicas de usos, são uma noção que possibilita aos estudos de recepção se distanciarem da vertente de usos e gratificações, por não restringirem as interações dos sujeitos aos efeitos e reações, também por levarem em conta os conflitos e resistências inseridos nessa relação. É o que propõe Martín-Barbero com a noção de mediação utilizada pelos pesquisadores da recepção para a compreensão das interações específicas dos meios de comunicação ou dos processos mediáticos.

Diante desse cenário, atualmente, as pesquisas de recepção estão se reconfigurando à medida em que as tecnologias e os meios se transformam. Como dar conta dessas

transformações? Tanto Cogo (2007), como Orozco Gómez (2011), Martín-Barbero (2003) e Lopes (2011) trazem à tona essas discussões recentes para pensarmos em novas possibilidades, e colocam novas questões metodológicas para refletirmos a comunicação e a recepção. Cabe ressaltar o que destaca Lopes (2011, p. 414), que “o ambiente dos novos meios exige mais do que nunca o enfoque teórico complexo das mediações na recepção”.

As reconfigurações, tanto da televisão como da internet, impõem pautas diferentes para a compreensão dos pesquisadores da área. A transmediação, as novas interações proporcionadas pelos meios e a convergência são pontuadas por Orozco Gómez (2011) para levantar novas possibilidades na recepção. As concepções dos autores é que devemos combinar vertentes de investigação para abarcar a pluralidade de interações que hoje é possível pelos sujeitos. Entretanto, também chamam a atenção para as dificuldades de se pesquisar na rede, tanto pela questão da privacidade, como dos novos lugares ocupados por esse sujeito para interagir com o meio, não sendo mais a sala de casa, mas no quarto, no celular, em ambientes mais privados.

Outra consideração importante de Orozco Gómez (2011) é sobre as pesquisas quantitativas que podem ser importantes para essa nova configuração, sendo possível, a partir de um esforço metodológico, reforçar as pesquisas etnográficas colocando-as em perspectiva em relação às pesquisas de audiência, que fazem levantamentos mais quantitativos de usos e consumo dos diferentes meios. Como a metodologia dos estudos de recepção é centrada em captar o cotidiano dos sujeitos e suas interações com os meios, a etnografia é o principal eixo metodológico adotado. Com uma descrição densa e caráter interpretativo e reflexivo, essa metodologia é capaz de identificar os momentos de recepção e confrontar os usos dos diferentes receptores. Por isso, precisamos pensar essas descrições e análises do cotidiano de maneira que deem conta da recepção em uma sociedade em rede, pois, como bem nota Cogo (2007, p.8), “uma das agendas pendentes dos estudos de recepção consiste justamente no esforço de podermos abranger os estudos do processo comunicacional como um todo”.

Diante dessas abordagens precisamos elencar os caminhos da nossa pesquisa, compreendendo os percursos já realizados e nos aprofundando na recepção da leitura. Para isso, no próximo tópico discorreremos sobre esses pontos.

2.2 RECEPÇÃO E LEITURA

Em 1967, Hans Robert Jauss proferiu, em conferência realizada na Universidade de Constança, o que seria um marco da sua proposta de investigação: a estética da recepção. Foi

neste momento que o autor propôs pensar o leitor como figura central desses estudos, ou seja assumindo a perspectiva do leitor e que esta garantiria a historicidade das obras literárias (ZILBERMAN, 2008, p.92). A perspectiva proposta pelo autor defende que as obras já estão condicionadas por diferentes aspectos, como normas estéticas e sociais, e que conseqüentemente vão moldar a recepção da obra. Outro autor que trabalhou nesta mesma perspectiva é Iser (1999), que considerava que a literatura se realizava na relação estabelecida entre obra e leitor.

A proposta dos autores buscava entender a literatura enquanto processo de produção, recepção e comunicação, sendo uma relação dinâmica entre autor, obra e leitor. Esta perspectiva está alinhada a uma preocupação e observação no campo da literatura, especificamente na compreensão dos efeitos que condicionam e permitem entender a recepção de determinada obra.

A estética da recepção permite um olhar sobre o leitor enquanto sujeito que interpreta e dá significados distintos ao que lê. Embora a concepção tenha grandes contribuições para os estudos culturais, a leitura, enquanto prática social e que envolve a relação com diversas mídias e suportes midiáticos, será tratada pelo viés dos estudos culturais, pela perspectiva latino-americana. Esta vertente permite a compreensão do contexto no qual os sujeitos estão inseridos, levando em consideração os usos e apropriações feitos pelos leitores e a forma com que vem se alterando com o tempo, considerando as novas tecnologias e observando isso de acordo com as mediações envolvidas nesse processo, não tratando da obra em si e de suas questões estéticas. Caracterizando-se como um entendimento social, não estamos preocupados em entender de maneira específica a apreensão do texto por adolescentes em seu sentido estético, mas em que sentido as novas mídias proporcionam novas maneiras de ler.

O livro e a leitura foram sendo reconfigurados, tanto pelos novos modelos de produção como pela digitalização. A partir dessas mudanças pretendemos compreender essa questão de maneira ampla pelo viés comunicacional. Para isso, abordamos alguns estudos que permitem pensarmos a relação da leitura com pesquisas já realizadas e que suscitam novos caminhos e possibilidades de pesquisa.

Janice Radway (1984) é uma autora importante na área dos estudos culturais, que realizou um estudo empírico, uma análise da recepção da literatura por mulheres, para compreender os sentidos da ficção romântica para mulheres de uma cidade americana. O estudo da autora é considerado inovador (MESSA, 2008) por identificar que a leitura era algo emancipador para essas mulheres que, em meio a uma cultura patriarcal, encontraram nas

leituras um refúgio e uma forma de se desvincular, pelo menos no momento da atividade, das obrigações da casa.

Mesmo sendo uma pesquisa focada na reflexão das questões de gênero, ela indica algumas indagações importantes para pensarmos a recepção da leitura. O que a autora identifica corrobora com pressupostos indicados também por Michele Petit, quando esta apresenta suas investigações da leitura como algo que proporcionava novos sentidos na vida dos pesquisados, ou seja, a leitura como “auxílio para elaborar seu mundo interior e, portanto, de modo indissolúvelmente ligado, sua relação com o mundo exterior” (PETIT, 2008, p.11), algo ligado à cultura, ao lugar de pertencimento. Portanto, a apropriação da leitura permite identificar de que forma os sujeitos se relacionam com esse meio e o que isso pode nos dizer sobre a leitura nos dias de hoje. Resultados importantes para refletirmos as diferentes construções de significados e apropriações das leituras, e como isso contribui para entendermos de maneira mais complexa o próprio processo comunicacional.

Outra autora que contribui para pensarmos a recepção é Sonia Livingstone, ao estudar crianças e internet. A autora realiza entrevistas e observa como as crianças se relacionam com as mídias em suas casas e escolas, considerando como a comunicação altera as maneiras de conexão entre as pessoas e constrói novos significados. Ela busca compreender como as crianças se apropriam disso escutando e observando suas experiências com a internet, para então pensar a comunicação.

Livingstone (2011) fez sessões de observação na casa dos jovens para apreender o uso e as dificuldades, bem como as formas com que os pais ajudavam ou aconselhavam esse uso. Também observa como as constatações refletem sobre a literacidade, ou seja, a necessidade de “habilidades específicas, experiências, instituições e valores culturais associados a internet” (LIVINGSTONE, 2011, p.21) e como isso permite pensar a relação das crianças com o ambiente on-line.

Essa concepção de literacidade está relacionada com a ampla difusão das tecnologias da informação, para englobar as competências requeridas para os usos de sistemas digitais de representação e distribuição de informação. Ao refletir sobre esse conceito na internet por parte das crianças, a autora salienta que a literacidade nas mídias e na informação são úteis “para identificar quais são os desafios cognitivos e sociais resultantes do acesso (ao *hardware*, *software*, conteúdo e serviços) e identificar também os desafios da dimensão da literacidade associada à análise e avaliação crítica dos conteúdos por sua forma textual, gêneros e características”. (LIVINGSTONE, 2011, p.22). Essa concepção, conforme Lopes (2011, p.

426), visa “democratizar o acesso ao conhecimento e a participação nos ambientes das novas mídias e comunicação”.

As reflexões de Orozco Gómez permitem que façamos um paralelo com os pontos tratados por Livingstone, quando o autor destaca que a literacidade na mídia é fundamental para as investigações presentes e futuras sobre as interações entre as telas, ou melhor, sobre o processo de recepção, que permite “*explorar, mostrar y comprender cómo estas nuevas opciones de estar y ser audiencia repercuten y transforman también los modos de conocer, aprender y trascender en la sociedad red*” (OROZCO GÓMEZ, 2011, p.391).

Por mais que as autoras sejam referências importantes, tanto para os estudos culturais que dão atenção à recepção, como para a questão da dimensão da internet na relação com as crianças, neste momento vamos nos deter nas contribuições das antropólogas Isabel Travancas e Michele Petit, que abordam a relação de jovens e adolescentes com o livro e a leitura. As autoras são importantes por tratarem dessa temática a partir da esfera da recepção, dando atenção à experiência de cada leitor. Com um viés antropológico, as autoras utilizam técnicas que contribuem na reflexão acerca da recepção e sua relação com o contexto do indivíduo, mesmo Petit não se autodefinindo com um estudo de recepção, Travancas dá alguns indícios de que sua pesquisa é feita por esse viés. Entretanto, a perspectiva das autoras contribui para pensar esse tema, sugerindo caminhos e possibilidades na pesquisa com adolescentes.

Michele Petit é antropóloga e, desde 1992, demonstra o interesse pela dimensão simbólica em suas pesquisas que analisam a relação entre sujeitos e o livro. Inicialmente, suas pesquisas abordavam a leitura nos meios rurais; mais tarde, começou a realizar pesquisas sobre o papel das bibliotecas na luta contra os processos de exclusão e segregação; e, posteriormente a isso, se dedicou a compreender a leitura na construção dos sujeitos.

Os estudos da autora são importantes para analisarmos a leitura e suas dimensões, levando em conta os sujeitos e os contextos nos quais estão envolvidos. Com um viés antropológico, a autora discute a questão do livro em diferentes contextos. Por ter esse viés e relação como uma perspectiva que vem da psicanálise, talvez o estudo leve mais em conta a experiência do leitor enquanto mudança na sua relação com o mundo, as mudanças proporcionadas pela leitura diretamente ligadas à sua vida e como a leitura permite uma mudança em sua trajetória escolar/pessoal. Dessa forma, sua pesquisa considera a leitura como item estruturante na vida desses entrevistados, apresentando algumas ações importantes para que isso aconteça, e o papel de pessoas como pais, professores e bibliotecários. Com um viés mais psicológico da leitura, também proporciona reflexões queensem o jovem enquanto leitor e como é essa relação com adolescentes e suas inquietações, ao mesmo tempo que também

reflete sobre pessoas de diferentes idades e espaços (rural/urbano). Essas noções não impedem pensarmos a leitura e as diferentes práticas envolvidas nesse processo, tratando de alguns dos pressupostos da autora.

Isabel Travancas, também antropóloga, desenvolve pesquisa com jovens leitores do Brasil e de Barcelona, traçando comparativos entre os dois países e suas relações com o livro e a leitura. A pesquisa está em andamento, mas já indica alguns caminhos e obstáculos do estudo realizado com adolescentes. A autora busca identificar os gostos, opiniões e críticas dos adolescentes, e como se dá esse contato com o livro na adolescência, se eles leem, como leem e quais são as suas interpretações do que leem.

Travancas (2015, p.4) chama a atenção para o fato de que “conhecer e entender as práticas leitoras de uma sociedade ou de uma época pode ser uma importante forma de acesso à sua história e à sua cultura”, o que confirma as ideias da recepção midiática, que visa compreender, de maneira mais ampla, o contexto das práticas sociais relacionando-as e compreendendo-as também a partir dos sujeitos.

2.2.1 Contribuições para pensarmos a recepção das práticas de leitura

Com base nas concepções das duas autoras é possível refletir sobre alguns pontos que contribuem para pensar a pesquisa de recepção da leitura. Um ponto destacado por elas é que devemos levar em conta que “os pais e a família são muito importantes na construção de jovens leitores, mas não são determinantes”. (TRAVANCAS, 2015, p.13). Essa questão é tratada por Petit (2008, p.144) ao considerar que “embora a leitura seja frequentemente uma história de família, é também uma história de encontros”, ou seja, que esses encontros não estejam condicionados somente ao espaço escolar e familiar.

Isso contribui para o pensamento das práticas que envolvem a leitura atualmente, quando esta é compartilhada, e, muitas vezes, é a partir dessas dinâmicas que os adolescentes passam a se interessar pelo livro ou pela leitura. Portanto, quais são esses diferentes encontros pelos quais os adolescentes passam a se interessar pela leitura ou pelo livro? Seriam os filmes? Os seriados? Os amigos? Canais do Youtube com indicações? Como essa realidade contribui para pensarmos a leitura atualmente, não necessariamente restrita a instâncias como escola e família, mas como práticas que vão além desses espaços e que refletem também o que é ser um adolescente hoje? E de que maneira eles se apropriam do livro enquanto suporte midiático? Afinal, compartilhar a leitura também significa pertencer a alguma coisa, ou seja, “as tecnologias da comunicação, como a internet, ocupam lugar fundamental como recurso para

articular a dispersão, manter, fortalecer, e (re) criar os laços afetivos, as interações em rede e os sentidos de pertencimento e unidade”. (COGO, 2007, p.9).

Outros pontos também abordados nas pesquisas das duas autoras são as diferentes técnicas utilizadas para refletir de maneira mais ampla sobre os leitores, trazendo pesquisas quantitativas que contribuem para a compreensão da leitura de maneira mais geral, e que também traça um comparativo com o específico. Tanto Travancas como Petit trazem pesquisas dos diferentes países em seus estudos para traçar comparativos e possibilidades na temática, o que é o caso da pesquisa nacional dos Retratos da Leitura no Brasil e das pesquisas nacionais realizadas na Espanha. Essa questão é considerada por Orozco Gómez como fundamental para pensarmos as pesquisas de recepção hoje, que diante de tantas possibilidades precisamos encontrar técnicas que auxiliem e abarquem a multiplicidade de meios e significados construídos a partir das práticas. É com base também em pesquisas mais amplas que podemos refletir sobre o micro e dar conta das múltiplas atividades desenvolvidas pelos sujeitos. Ou melhor, essas pesquisas “*refuerzan los análisis más etnográficas y los ponen en perspectiva*” (OROZCO GOMEZ, 2011, p.364).

Metodologicamente, Travancas e Petit trabalham respectivamente com questionários/entrevistas; entrevistas/conversas informais. Sobre as entrevistas, as autoras concordam na medida que consideram que ela deve ser algo aberto e dar espaço aos sujeitos, permitindo que os adolescentes revelem aos poucos suas experiências. Para Petit (2008, p.54), “uma entrevista não é um questionário”, por isso a autora sempre deixava de lado seu roteiro, pois, como ela pontua, a partir de um roteiro “nada se aprende além do que já se sabia”. (PETIT, p. 55). A autora acredita que “devemos ficar atentos à singularidade, evitar reduzir o outro a um ‘exemplo’ ambulante, a uma ‘amostra representativa’ encarnada”. (PETIT, p.55). Também é necessário pensar em técnicas que captem as experiências dos adolescentes que são, muitas vezes, tímidos ou de poucas palavras, como fazer com que eles se sintam à vontade para expor suas práticas. Os grupos de discussão são apontados por Travancas como possibilidades para essa questão, pois diante de amigos ou colegas eles se sentem mais seguros para compartilhar suas ideias.

Por outro lado, o que podemos verificar é que a internet não foi considerada na metodologia. Por mais que as entrevistas indiquem a relação desses jovens com a internet e com essas tecnologias, as autoras não apresentam metodologias que tratam dessa questão, o que é algo a ser considerado importante em meio a mudanças e ao papel central que a internet tem atualmente na vida dos adolescentes. Pensamos na instância da internet como algo que também está ligado a suas práticas e que pode elucidar novos caminhos para refletirmos essa recepção,

como indicam as pesquisas de Livingstone (2011), e as próprias mediações de Martín-Barbero, para pensarmos o lugar da internet na mediação da leitura.

Como bem notam Orozco Gómez (2011) e Lopes (2011), a internet e a comunicação em rede são instâncias importantes no momento em que a perspectiva da recepção se encontra, pois precisamos voltar o olhar para onde os sujeitos interagem e dão sentido a suas práticas, seja na internet, no grupo de amigos, na escola ou na família.

Portanto, como destaca Lopes (2014, p.67), “os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos, tanto subjetivos como objetivos, tanto de natureza micro (o ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (a estrutura social que escapa a esse controle)”. E, embora Michele Petit não se intitule como uma estudiosa de recepção, juntamente com o trabalho de Isabel Travancas, seus estudos são importantes por permitirem analisarmos metodologicamente a questão da recepção com adolescentes e sua relação com a leitura. Podemos perceber que existe uma trajetória que dialoga com os estudos de recepção que se desenvolveram nas diferentes perspectivas e que contribuem para pensar a interface da leitura, do livro e da recepção nos diferentes contextos que envolvem essa relação.

2.3 AS MEDIAÇÕES NA RECEPÇÃO DA LEITURA

Para compreendermos o conceito das mediações precisamos identificar suas modificações ao longo da obra de Martín-Barbero, pois, conforme Lopes (2014, p.70), não há uma definição única de mediações, sendo entendida como uma “noção movente, que acompanha permanentemente as mutações da sociedade especificamente no que diz respeito ao papel da comunicação”.

A concepção de “mapa noturno” foi desenvolvida em *De los medios a las mediaciones* (MARTÍN-BARBERO, 1987) e, mais tarde, o autor retoma esse conceito propondo-o como modelo teórico em “Ofício de Cartógrafo”. Para Martín-Barbero (2002, p. 16), o mapa noturno “*buscaba reubicar el estudio de los médios desde la investigación de las matrices culturales, los espacios sociales y las operaciones comunicacionales de los diferentes actores del proceso*”, sendo um mapa para “*el reconecimiento de la situación desde las meidaciones y los sujeto*”.

O conceito de mediação, inicialmente, diz respeito aos meios, sujeitos, gêneros, espaços. Em um segundo momento, o conceito tem a proposta de hipóteses, estas que seriam os três lugares de mediações preferenciais (cotidianidade familiar, temporalidade social e

competência cultural). Mais tarde, o autor propõe transformar essas hipóteses em dimensões (sociabilidade, ritualidade e tecnicidade). A primeira dimensão diz respeito à “interação social”, a segunda trata das “rotinas e das regras constituídas a partir da combinação dos ritmos do tempo e dos eixos de espaço”, e a terceira é identificada como as “características do próprio meio”. (ESCOSTEGUY, 2001, p.101-102).

Para abarcar a complexidade do processo de comunicação instaurado pela mediação da tecnologia, quando esta deixa de ser instrumental e passa a ser estrutural, modificando o lugar da cultura, o autor elabora um novo mapa. Martín-Barbero (2002, p. 226) afirma que o mapa busca dar conta dessa complexidade a partir das “mediações comunicativas da cultura”: institucionalidade, tecnicidade, socialidade e ritualidade. A proposta de trabalhar com três das quatro mediações (socialidade, ritualidade e tecnicidade) neste estudo se dá por estarem “intrinsecamente ligadas ao estudo de recepção” (RONSINI, 2011, p.83), e a institucionalização se dá enquanto contexto dessas experiências.

Ao retomar a discussão em 2009, o autor apresenta um novo mapa, o mapa cognitivo no qual as “mediações passam a ser transformação do tempo e transformação do espaço a partir de dois grandes eixos, ou seja, migrações e fluxos de imagens”. (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p.14). Para Lopes (2014, p.72), essa nova proposta vincula os anteriores à investigação das mutações culturais contemporâneas, cujos eixos são a temporalidade/formas de espaço e mobilidade/fluxos. No novo mapa, Martín-Barbero (2009a) insere os eixos das migrações e fluxos de imagens, ou seja, as grandes migrações de população e os fluxos virtuais, indicando como mediações fundamentais: identidade e tecnicidade, e retirando as mediações da sociabilidade e institucionalidade.

Neste trabalho utilizaremos as mediações comunicativas da cultura a partir da análise das mediações da sociabilidade, ritualidade e tecnicidade, entendendo que, dessa forma, conseguimos dar conta das experiências a partir das mediações como articuladoras desses espaços de leitura dos adolescentes. Isso ocorre, pois, concordamos com Ronsini (2011, p. 86), que defende que não precisamos substituir um modelo pelo outro, mas articular os dois. Para a autora, “identidades e cognitividades podem ser noções embutidas tanto na mediação da socialidade quanto da ritualidade”.

A mediação da sociabilidade diz respeito à multiplicidade de sentidos inscritos nas práticas sociais de sujeitos e suas interações e, conseqüentemente, na constituição de suas identidades. Deste ponto de vista, para Martín-Barbero,

a socialidade, gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se, é por sua vez um lugar de ancoragem da práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/ constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 17).

Para Wottrich, Silva e Ronsini (2009, p. 8), a socialidade diz respeito aos modos pelos quais os indivíduos se constituem “através da família, da escola, da igreja, das comunidades, perpassadas pelas relações de gênero e de classe, além de questões étnicas”. Afinal, como observa Thompson, (1998, p. 46), “os primeiros processos de socialização na família e na escola são, de muitas maneiras, decisivos para o subsequente desenvolvimento do indivíduo e de sua autoconsciência”. É entendendo o contexto desses adolescentes, articulando a suas práticas cotidianas, que podemos perceber de que maneira o livro está associado a instituições como a família, escola e amigos. É, sobretudo, através dessas relações cotidianas que se baseiam as interações e a constituição de identidades, pois a sociabilidade “refere-se à interação social permeada pelas constantes negociações do indivíduo com o poder e as instituições”. (RONSINI, 2012, p. 60).

A ritualidade diz respeito a ritmos e formas que constituem uma “gramática de ação”, a qual corresponde às maneiras de ver, maneiras de ler ou de escutar, sendo que essas maneiras são responsáveis por regular a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana. Portanto, as ritualidades remetem “aos diferentes usos sociais dos meios” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 228-229), ou seja, compreender os rituais do ver, por exemplo, a televisão, também os rituais inscritos no ler, isto é, compreender os modos de ler, de que maneira esses adolescentes leem, se criam uma rotina ou um ritual de leitura. Para Ronsini (2012, p.70), a ritualidade “permite pensar a modelagem dos ritmos que imprimimos ao viver cotidiano” da mesma forma que também contribuem para a definição das identidades que podem ser “definições (móveis e transitórias) de si mesmo e de pertencimento coletivo”.(RONSINI, 2012, p.71).

A tecnicidade refere-se à “sedimentação de saberes e a construção de novas práticas” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.231) a partir dos diferentes meios. Conforme Ronsini (2011, p.88), a tecnicidade está relacionada aos “modos como a tecnologia vai moldar a cultura e as práticas sociais”, podendo ser entendida, então, como responsável pelas reformulações de lógicas, formatos, produtos, o que conseqüentemente se inter-relaciona com novas práticas culturais e sociais.

Percebemos que a tecnologia foi, por muito tempo, mero instrumento e hoje se constitui enquanto dimensão constitutiva das trocas socioculturais (MARTÍN-BARBERO, 2017, p. 24-26). É por isso que a tecnicidade adquire um novo estatuto, pois com a sua

“centralidade na organização social, a tecnicidade percorre o circuito inteiro, modelando a ritualidade, a socialidade e a institucionalidade” (RONSINI, 2011, P.86). Dessa forma, ela também constitui “novas formas de sociabilidade e funções rituais” (ESCOSTEGUY, A. C. et al. p.99). Portanto, neste trabalho, consideramos a tecnicidade como norteadora da sociabilidade e ritualidade e entendemos que, dessa forma, conseguimos observar as dinâmicas que se estabelecem atualmente, especialmente com adolescentes, como já mencionado.

Será possível compreender as experiências e sentidos produzidos na relação desses adolescentes com os meios, pois “a mediação deve ser entendida como o processo estruturante que configura e reconfigura tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos” (LOPES, 2014, p. 71).

No próximo capítulo apresentamos a metodologia empregada para chegarmos aos leitores de Santa Maria, e como elaborarmos as etapas do estudo de recepção apoiado na vertente latino-americana de estudo dos usos sociais da mídia.

3 PENSANDO A METODOLOGIA

Nossa proposta de pesquisa está fundamentada em um estudo pelo viés da recepção, o qual está preocupado em compreender as novas práticas de leitura dos adolescentes de Santa Maria. Isto posto, é importante destacar a forte relação dessa orientação com métodos que permitem dar voz aos nossos receptores, possibilitando maior aproximação ao seu cotidiano e a suas experiências. A pesquisa será operacionalizada a partir da perspectiva da recepção, especificamente a vertente dos usos sociais das mídias pela abordagem das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2003). A investigação pela abordagem das mediações busca compreender o contexto no qual os adolescentes se encontram, combinando procedimentos e instrumentos de pesquisa que deem conta dessa proposta para apreendermos os usos e apropriações dos livros qualitativamente.

Por pesquisa qualitativa nos baseamos em Goldenberg (2004, p.53), que entende-a como metodologia de uma pesquisa com descrições detalhadas da situação com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Ou seja, ela indica que os dados obtidos não são padronizáveis como os dados quantitativos, fato que “obriga o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los” (GOLDENBERG, 2004, p. 53). E, diferentemente das pesquisas quantitativas, “os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social” (GOLDENBERG, 2004, p.49).

Cabe destacar que a proposta qualitativa não exclui as diversas pesquisas quantitativas consultadas para esta pesquisa, pois, considerando dados locais e nacionais, podemos abarcar “diferentes pontos de vistas” sobre nossos dados, o que, conforme Goldenberg (2004, p.62), “permite uma ideia mais ampla e inteligível da complexidade de um problema”. Trazer dados das pesquisas nacionais e internacionais sobre livro e leitura ou sobre o mercado editorial permite diferentes olhares para compreensão das nossas observações locais.

Todas as etapas da pesquisa são importantes para a sua constituição epistemológica. Lopes (2010) afirma que a pesquisa é propriamente a prática metodológica, sendo que o processo de tomada de decisões pelo investigador é o que estrutura as investigações nas diferentes fases do estudo e o que, conseqüentemente, determina o espaço epistemológico. Ou seja, o espaço epistêmico é onde as práticas metodológicas se realizam e, ao mesmo tempo, se constitui em um campo de forças, no qual o contexto afeta diretamente nossa construção metodológica e teórica. Por isso, a autora observa que o caráter reflexivo da prática é algo natural e indispensável para criar uma atitude crítica quanto à investigação proposta.

A partir disso, observamos a importância da reflexão permanente sobre nossas escolhas no estudo, tanto de objeto como de técnicas e métodos. Com base nessa proposta discorreremos sobre como as primeiras aproximações foram importantes para prosseguirmos e pensar no estudo como um todo. Sendo assim, apresentaremos as aproximações iniciais ao nosso objeto, destacando a utilização de um diário de campo no qual anotamos nossas percepções com base nos dados dos formulários e questões levantadas nas conversas informais. Conforme Travancas (2009, p.101), o diário funciona como um registro descritivo do que foi presenciado.

A proposta para a realização deste trabalho divide-o em dois eixos: pesquisa bibliográfica e pesquisa empírica. A pesquisa bibliográfica, conforme Stumpf (2009, p.51), “é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas e selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado”. Entre essas informações encontra-se o estado da arte realizado para identificarmos os estudos já realizados na área e pertinentes para nossa pesquisa. A partir das proposições já encontradas buscamos avançar na temática.

No que tange à pesquisa empírica foi realizado um estudo exploratório, o qual visa uma primeira consulta ao nosso campo de estudo e análise para, então, aprofundarmos o estudo pelo viés da recepção. A pesquisa exploratória “fornece subsídios para melhor entender aspectos desconhecidos do objeto empírico que é construído de forma processual nas pesquisas de cunho qualitativo” (JACKS et al, 2014, p.16).

Sobre essa primeira etapa, buscamos nos aproximar de questões importante para nossa pesquisa, ou seja, espaços de leitura que encontramos na cidade de Santa Maria, uma observação nos espaços on-line de leitores e a aplicação de um formulário junto aos participantes da feira do livro da cidade. O formulário foi aplicado conforme proposta de Gil (1999, p.121) quando as questões são formuladas oralmente pelo pesquisador.

Conforme Bonin (2012), a pesquisa exploratória “implica aproximações ao fenômeno concreto a ser investigado buscando perceber seus contornos, suas especificidades, suas singularidades”. Essa investigação pode partir de “sucessivas aproximações empíricas a partir de várias angulações possíveis que interessam ao problema/objeto em construção.” O universo empírico se move por essas percepções iniciais, portanto é importante a aproximação dos espaços de leitura da cidade para refletirmos sobre a problemática do nosso estudo e avançar metodologicamente.

3.1 O ESTUDO EXPLORATÓRIO

Para nos aproximarmos de adolescentes leitores na cidade de Santa Maria realizamos uma pesquisa exploratória a fim de observar especificidades e delinear os próximos passos da pesquisa. A partir deste estudo foi possível identificar espaços on-line de troca de informações sobre livro, leitura e espaços de leitura na cidade. Da mesma forma que também realizamos a aplicação de formulários como técnica que permitiu aproximação à faixa etária da pesquisa. Por tratarmos da leitura e suas novas práticas, partimos também de ambientes on-line para identificarmos algumas questões que poderiam auxiliar na compreensão do que o adolescente, ou o leitor de maneira geral, busca na rede. Castells (1999, p.13) afirma que “a internet é uma tecnologia particularmente maleável, suscetível de ser modificada profundamente pela prática social e de nutrir uma vasta gama de efeitos sociais”. Corroborando essa proposta, Alex Primo (2013, p.8) destaca que “não estudamos tecnologias, mas fenômenos comunicacionais mediados pelas mídias”. Isto posto, observar os espaços on-line é também entender como essas práticas na internet nutrem a leitura atualmente.

Sobre as pesquisas realizadas na internet, Fragoso, Recuero e Amaral (2011) defendem que não existem fórmulas prontas para esses estudos. Para as autoras, cada estudo deve ser encarado como “uma construção única” e não apoiadas em receituários a serem seguidos. Dessa forma, esse contato com grupos de leitores na internet foi o primeiro passo para que, a partir de singularidades e de diferentes angulações, conseguíssemos compreender a realidade através da experiência em relação à leitura.

Sobre essa primeira aproximação de observação, inicialmente realizamos uma busca por grupos que tivessem como título um tema relacionado com a cidade de Santa Maria. O único resultado encontrado foi o grupo Desapego de livros – Santa Maria³⁶. Mesmo não sendo um grupo destinado à discussão da leitura é um espaço no qual são compartilhadas informações sobre livros, o que permite observarmos o cenário da cidade. A entrada no grupo foi solicitada em agosto de 2016.

Tendo apenas um administrador, que é livreiro de um sebo de bairro, o grupo é descrito como “grupo para quem quer desapegar de seus livros, vender ou comprar um! Fique à vontade e poste seus livros ou interesses. Só pedimos para que não use linguagem imprópria nem conteúdo impróprio!”. Em relação ao número de membros, o grupo contava com 495 em última consulta, no dia 22 de novembro de 2016.

³⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1556040324610919/>>

Como não localizamos grupos de leitores na cidade, realizamos busca por grupos que indicassem a leitura e que criassem discussões sobre a temática. Localizamos dois grupos que possuem participantes de todo o país para compreendermos como se dá a relação nesse ambiente. Solicitamos a participação nos dois grupos: o primeiro, em agosto de 2016, com o nome de Leitores Anônimos; e o segundo, com o nome de Leitoras Insanas, também em agosto de 2016.

O grupo Leitores Anônimos contava com 59.517 membros, até a última consulta realizada, no dia 22 de novembro de 2016. Criado em 4 de maio de 2013, o grupo conta com 8 administradores.

Isso é um espaço de vocês, para vocês, para discutir sobre seus livros lidos, que estão lendo, que querem ler, autores, personagens, sobre textos de própria autoria. Vocês são livres para postar aqui, contanto que não infrinjam as regras e não desviem o foco do grupo. Há limites. (Descrição Leitores Anônimos)

O terceiro grupo localizado é Leitoras Insanas, que contava com 6.282 membros até o dia 22 de novembro. A descrição do grupo já traz as regras, que são:

ESSE GRUPO NÃO É DE TROCA E VENDA! *Não pode adicionar MENORES DE IDADE* Não façam divulgação de PDF (SEM EXCEÇÃO) *Sem ofensas * Únicos homens que poderão entrar no grupo são nossos queridos personagens. * Caso descumprimento das regras, implica-se na expulsão imediata do grupo! (Descrição Leitoras Insanas)

Como mencionamos, solicitamos a entrada em todos os grupos em função de todos serem fechados, ou seja, é preciso uma autorização para entrar, um aceite do administrador do grupo. Apenas o grupo Leitoras Insanas possui regras. Ao observarmos os grupos percebemos como os leitores conversam sobre livros e debatem questões sobre a leitura. É importante o contato com experiências na internet que remetem ao que os leitores estão interessados e de que maneira eles participam e se relacionam por esses canais. Os grupos de leitura encontrados discutem diversos assuntos, não só relacionados à leitura em si e ao mercado editorial, mas também assuntos gerais, como algum acontecimento no país. Acontecem sorteios de marcadores de páginas, sugestões de livros, discussões sobre determinada obra lida pelo participante que propõe algum debate. Dúvidas sobre o livro que vai ser lido e compartilhamento de experiências antes de começar um texto também são tópicos de conversas. São numerosas as discussões sobre a preferência de leitura, sobre preferências ao livro impresso ou digital, da mesma forma que os debates sobre a preferência de leitura são intensos,

especificamente quando comentam sobre best-sellers do momento. Todas as discussões envolvem vários membros do grupo.

Além da observação de grupos on-line, realizamos entrevistas informais em espaços da cidade de Santa Maria, que serão descritas no próximo item.

3.1.1 Conversas informais

Em um segundo momento da nossa pesquisa fomos até locais importantes para a leitura na cidade de Santa Maria, nos quais buscamos identificar como a cidade proporciona espaços para essa atividade e como cada espaço se organiza para receber adolescentes e leitores. Adotamos como metodologia a entrevista informal proposta por Gil (1999, p.118), que propõe a coleta de dados específicos, diferente de uma simples conversação. É recomendado pelo autor para estudos exploratórios para visão aproximativa do problema pesquisado.

A partir dessas entrevistas, também foi possível estabelecer uma relação com determinados indícios apresentados pelos responsáveis de cada espaço. As entrevistas não possuíam um roteiro pré-elaborado, pois buscávamos uma primeira aproximação ao nosso campo, e saber como instituições importantes estão se colocando nesse ambiente. Esses momentos tinham como objetivo compreender quais eram as atividades realizadas para o público adolescente. Dessa maneira, as perguntas estavam centradas em compreender como funcionava o local e de que maneira cada um propunha atividades de leitura para a cidade, apontando o que já havia dado certo e as dificuldades encontradas nos trabalhos realizados por eles. A seguir, descrevemos as entrevistas feitas nos locais.

3.1.2. Livraria

A Livraria está localizada no centro da cidade de Santa Maria. Atualmente conta com site institucional, página no Facebook, Instagram e um blog³⁷ que, no momento, está desatualizado. A conversa na livraria aconteceu no dia 22 de abril de 2016, na própria livraria, com o sócio-proprietário da loja. Foram 9 minutos e 48 segundos de gravação.

O entrevistado comenta a intenção dos proprietários de trabalhar com uma ideia de livraria “diferente das que tinham aqui”, construindo um ambiente descontraído, no qual as pessoas pudessem se sentir em casa. Além disso, demonstra o interesse em focar na cultura em

³⁷Encontra-se desatualizado, a última postagem é de 2014.

geral, em não ser simplesmente só uma livraria, sem deixar de apostar forte no público-alvo deles, que é o infantil e o infantojuvenil, pois seu objetivo era difundir a cultura dos livros.

Ponto de encontro de leitores e autores da cidade, a livraria disponibiliza o espaço para quem quiser realizar eventos culturais, por considerarem importante para a cidade. Da mesma forma, estão sempre contribuindo com autores, apoiando com patrocínio e espaço na livraria para incentivar o autor local. Por esse motivo, a livraria também realiza diferentes eventos para o público de adolescentes e crianças, como o dia do Harry Potter³⁸ e a Hora do Conto³⁹, ou distribuindo brindes e contatando editoras em lançamentos de filmes. Dentro dessa proposta, também realizam parcerias com escolas locais e autores e organizam um clube Clube de Leitura aberto a quem tiver interesse.

A preocupação da livraria é sempre trazer algum autor, pelo menos uma vez por ano, para a cidade, trabalhando com oficinas e eventos que envolvam o público leitor, contribuindo para que atividades voltadas para a cultura e leitura estejam presentes em Santa Maria.

3.1.3 Biblioteca Pública Municipal

Em segunda visita, fomos até a biblioteca pública de Santa Maria. Identificamos no site e no site da prefeitura que contava com várias ações voltadas a diferentes públicos. A conversa realizada com a bibliotecária aconteceu no dia 2 de junho de 2016, na sua sala. Com duração de aproximadamente 20 minutos, teve como objetivo entender a realidade do espaço, suas dificuldades e ações desenvolvidas para o público adolescente.

Conforme descrito no site⁴⁰, a Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide, criada em 1938, atende leitores de todas as faixas etárias com um acervo que abriga livros infantis e adultos, oferecendo uma leitura formativa e de lazer. Além disso, também disponibiliza periódicos como Zero Hora, Diário de Santa Maria e A Razão, e revistas como Veja, Semana, Saúde, Super Interessante e Mundo Estranho. Em relação às pessoas envolvidas, a biblioteca conta com uma responsável pela administração, uma bibliotecária e outros responsáveis pela organização e monitoramento do acervo. Atualmente, o acervo possui em torno de 40 mil livros.

As atividades culturais desenvolvidas são: Lançamento de Livros, Hora do Conto, Projeto Baú do Livro, Baú infantil, Baú do Vestibular, Baú dos 150 anos do Município,

³⁸ O evento é organizado na livraria voltado para a discussão de textos e demais produções relacionadas à obra. Além disso, os participantes podem ir fantasiados e realizar diferentes ações na livraria.

³⁹ Evento realizado para crianças com a contação de histórias na livraria.

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/49-biblioteca-publica-municipal>> Acesso em: 20 de mai. 2016.

Concurso Literário Felipe D'Oliveira, Palestras e Saraus Literários, Visita de escolas na Biblioteca.

A bibliotecária explica que o público deles está mais centrado nas crianças que participam das atividades de contação de histórias, e também pelas parcerias com a Secretaria da Educação – SMED, que realiza atividades voltadas para esse público, como o projeto Leitura no Coração⁴¹. Para o público adolescente, ela menciona que disponibilizam o espaço, mas que eles frequentam mais para estudo. Além de escolas, ela destaca a participação de alguns grupos de teatro, de projetos da LIC⁴², que utilizam os espaços da biblioteca para realização de eventos. Cita também o projeto do Vô Venâncio⁴³, voltado para crianças e que, conforme a bibliotecária, teve um grande sucesso entre esse público.

Para os adolescentes, ela cita as estratégias utilizadas para chamar atenção desse grupo, como por exemplo o Facebook e o blog enquanto principais ferramentas para captar o público. A rede facilita o contato com os adolescentes, constituindo-se como canal de divulgação de seus lançamentos e novas aquisições. Na biblioteca há um espaço de grande destaque para os adolescentes, que é o destinado à consulta à internet, com acesso a computadores. Dessa forma, elas articulam uma estratégia para que, ao consultar a internet, eles encontrem livros, revistas ou jornais que possam ser do seu interesse. Elas deixam próximo aos computadores leituras que podem despertar o interesse de quem frequenta, mas que é utilizado para chamar a atenção e o interesse para as obras.

Mesmo depois de algumas ações feitas para atrair o público, eles não obtiveram resultado. Ressaltam que, mesmo focando no jovem, com internet, blog etc., eles acabaram atingindo o público em geral, por isso ela conta que não podem afirmar que atingiram o objetivo e destaca também a forte relação da oferta on-line. Ela vê o on-line como algo que distancia o jovem da biblioteca, pois ele tem outras possibilidades ao seu alcance. Lembra que em uma pesquisa realizada em 2015 para identificar o público verificaram que os idosos eram os que mais frequentavam a biblioteca e perceberam também a forte procura por livros espíritos.

As aquisições de livros são feitas tanto por sugestões dos leitores, como por listas dos mais vendidos. A biblioteca procura sempre ter uma lista dos livros mais solicitados pelos que frequentam. Ela destaca a questão do acervo infantojuvenil estar infantil e que esse público

⁴¹ Projeto municipal de incentivo à leitura.

⁴² A LIC é a Lei de Incentivo à cultura de Santa Maria. Ela dispõe sobre incentivos fiscais para a realização de projetos culturais no município. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/45-lei-de-incentivo-a-cultura-lic>> Acesso em: 22 de fev. de 2017.

⁴³ Projeto que utiliza o teatro para falar da importância da leitura através de narrativas criativas. O projeto é realizado em escolas do município.

busca por “uma coisa a mais”. Isso envolve tentativas de modificar e atualizar o acervo para que o interesse seja o mesmo, atraindo esse público através de suas preferências. O acervo é constituído, em grande parte, por doações da comunidade, muitas geradas pelo atraso de entrega dos livros e a taxa de inscrição anual. Esses são os recursos utilizados para aquisição de novas obras e manutenção, mesmo existindo parcerias com o Estado, como a Secretaria de Cultura do Estado e o Sistema Estadual de Bibliotecas, que faz doações de materiais enviados pelo projeto da LIC. A entrevistada salienta que as obras enviadas, muitas vezes, não são os livros mais procurados, o que torna difícil a procura e a aquisição da própria biblioteca desses títulos, também pelo preço do livro atualmente.

Mesmo que a biblioteca priorize o acervo de clássicos, observamos que eles trabalham com best-sellers e leituras mais tradicionais. Os best-sellers são usados para captar a atenção para outras obras, pois quando o leitor já está na biblioteca, a apresentação de novas leituras é facilitada. Esse trabalho é feito pela bibliotecária que, ao perceber o interesse por diferentes temáticas, tenta apresentar novas propostas de leitura para o adolescente, apresentando os clássicos também. A entrevistada afirma que, depois que o adolescente cria o hábito da leitura, a inserção das outras leituras é possível.

A biblioteca conta com parcerias da prefeitura da cidade e de projetos realizados por escolas e universidades locais, mas salienta que são poucos os projetos feitos em parceria com a universidade, e que as Secretarias da Educação e da Cultura é que se envolvem mais diretamente com a biblioteca.

3.1.4 CESMA Santa Maria – Cooperativa dos estudantes de Santa Maria

Na terceira visita entramos em contato com Tércio Brezolin, gerente do terceiro espaço de leitura que visitamos. Fundada em 1978, por um grupo de estudantes, atualmente a CESMA – Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria Ltda participa ativamente da vida cultural da cidade, apoiando e realizando ações de fomento à arte. Promove e apoia vários projetos culturais, dentre os quais o Cineclube Lanterninha Aurélio⁴⁴, que nasceu junto com a

⁴⁴ Atividade realizada na cooperativa que consiste na apresentação de filmes, algumas vezes com a presença de debatedores, para que seja feita uma discussão sobre a obra. Aberta ao público e que estimula as pessoas a ir em busca de outras referências, ou a ir atrás do livro, tanto em questão de elenco, de referências apresentadas no filme, como de produtores, etc. Não são apresentados só filmes norte-americanos, eles tentam dar espaço para filmes de diferentes lugares, Oriente Médio, Japão, Ásia. Um espaço democrático que visa apresentar novas referências e novos olhares, estimulando novos campos e novos horizontes.

Cooperativa; o Santa Maria Vídeo e Cinema⁴⁵; Cesma in Blues⁴⁶; Feira do Livro de Santa Maria, entre outros.

Os objetivos da CESMA e de seus associados são de diminuir os custos na aquisição de livros, material escolar, papelaria, filmes e outros produtos culturais, possibilitando uma formação mais qualificada para o melhoramento das condições sociais. Possui um quadro social formado por mais de 40 mil associados, que atuam nas mais diferentes áreas profissionais, e qualquer pessoa que tenha interesse nos seus serviços pode se associar. Atualmente contam com site⁴⁷, Facebook⁴⁸ e Twitter⁴⁹.

Por estarem envolvidos com a organização da Feira do Livro de Santa Maria desde os anos 70, Tércio resalta alguns pontos que ele observou no decorrer do tempo, especialmente referente ao público que frequenta a feira e a CESMA. Percebe que 70% do público da feira espera este evento acontecer para realizar a compra de livros, não tendo o hábito de ir até a livraria. Por isso e por todas as atividades desenvolvidas durante o evento é que o gerente vê a feira como responsável por motivar e envolver produtores, autores, professores, escolas e crianças, referindo-se ao evento como uma “grande vitrine”. A CESMA tem a preocupação em manter viva a feira, participando e contribuindo em todos os aspectos, pois ela é a segunda mais antiga do país em ambiente aberto.

Com um acervo de 10 a 12 mil títulos, a CESMA tem um cuidado grande com as escolhas das obras, estão sempre atentos ao que está em alta no meio editorial, pesquisando de maneira intensa, especialmente obras premiadas. O papel decisivo da CESMA é este, colocar à disposição do seu público o que há de melhor, sempre com cuidado e muita atenção, analisando vários pontos e trazendo para o conhecimento das pessoas que consultam a livraria o que muitas pessoas não conhecem e podem ter contato. Isso também acontece quando vão até as bienais, tanto do Rio de Janeiro, como em São Paulo, para buscar outros livros, para saber o que está acontecendo no mercado editorial e trazer para Santa Maria. A cooperativa já passou por diversas feiras, como a de Madri, Buenos Aires, Chile, Barcelona, Portugal e México, que conta ter sido a mais importante, já que selecionaram 700 títulos nessa feira. Todo esse processo faz parte da CESMA e foi incorporado colocando à disposição dos associados obras importantes, o que também faz com que a cooperativa seja vista como esse espaço importante na cidade.

⁴⁵ A Santa Maria Vídeo e Cinema é a entidade civil sem fins lucrativos realizadora do Festival de Santa Maria, o Santa Maria Vídeo e Cinema. Disponível em: <http://www.smvc.org.br/index.php> Acesso em: 22 mai. 2016.

⁴⁶

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.cesma.com.br/index.php>> Acesso em: 22 mai. 2016.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/cesmasantamaria>> Acesso em: 22 mai. 2016

⁴⁹ Disponível em: <https://twitter.com/cesma_coop> Acesso em: 22 mai. 2016.

Sempre preocupados com o apoio à cultura, a cooperativa se envolve também em parcerias com escolas e feiras de outras cidades fornecendo o acervo, enviando material ou participando de alguma forma. Escolheram atuar dessa forma em função de muitas cidades não possuírem relações com editoras ou secretarias de cultura e educação, o que, no meio editorial, é importante para facilitar o acesso aos materiais. Também disponibilizam seus espaços para atividades de fomento à cultura, a autores e leitores locais. A cooperativa dispõe do espaço do café para que os santa-marienses tenham acesso à internet de graça, e a uma pequena biblioteca, para sentar no café e ler, sendo uma outra forma de fazer com que as pessoas tenham acesso aos livros.

Ele nos conta que o público jovem associado busca mais material didático pelos preços. Quando indagamos se as leituras obrigatórias também são procuradas, ele respondeu que sim, pois são as mais relacionadas ao ensino médio, e ainda disse que os estudantes se associam por esses motivos, mas depois seguem sendo sócios. Comenta que hoje em dia os jovens estão focados “nessas coisas de mídia maior”, nessa fase do Minecraft⁵⁰, mas salienta que não podemos dizer que essas leituras não têm sentido, pois essas linguagens, conforme ele, acabam influenciando de uma forma ou de outra, estimulando o cérebro. Os jovens acabam, a partir dessas leituras, lendo outras coisas, indo atrás de referências indicadas no texto. Ele diz que acha “fantástico”, pois, se não houvesse a série *Harry Potter*, muita gente não estaria lendo hoje. Esse foi um passo importante para muitas pessoas se interessarem pelo livro e leituras que foram incentivadas por essa primeira aproximação, tanto por despertar para o cinema, como outras artes. Ele considera um processo significativo para desenvolver o gosto e hábito pela leitura, já que não interessa o suporte, mas sim se a pessoa está lendo ou não. Ele indica essas leituras como um caminho.

Posterior às entrevistas informais, que foram importantes para entendermos como esses espaços propõem atividades voltadas para a faixa etária pesquisada, foram realizados os formulários na feira do livro de Santa Maria, apresentados a seguir.

3.1.5 Observação da Feira do Livro e aplicação de formulários

Para que conseguíssemos nos aproximar de adolescentes leitores na cidade vimos a Feira do Livro como um local que proporcionaria este contato com diferentes públicos. Por ser um espaço no qual são promovidas atividades voltadas para crianças, adolescentes e adultos,

⁵⁰ Minecraft é um jogo infantil que foi adaptado para livros e outros produtos culturais.

foi o momento crucial para aproximação do público. Neste item, descreveremos a feira enquanto espaço importante para a cidade, desde seus primeiros eventos, apresentação do processo de aplicação e indícios importantes encontrados para avançarmos com o estudo.

Durante o primeiro semestre do ano, a Feira do Livro de Santa Maria é organizada no centro da cidade. Partindo da proposta inicial, ao localizarmos ambientes que proporcionem diferentes dimensões da leitura na cidade, vimos a feira como essencial para contribuir com nossa discussão, já que é um evento comentado pelas três instituições, do qual todas participam e elencam como um espaço de suma importância para a cidade, enquanto promotor de atividades que proporcionam aos santa-marienses um local democrático de contato com os livros e ações culturais. A etapa realizada na feira foi a aplicação de formulários nos anos de 2016 e 2017, com participantes do evento, especificamente adolescentes, que pudessem contribuir com a nossa discussão, pela faixa etária escolhida para o estudo.

Conforme Barichello (2013), a primeira feira realizada na cidade de Santa Maria ocorreu no ano de 1962, sendo que a feira como conhecemos, que ocorre de forma continuada, começou em 1973. Intitulada Feira Universitária do Livro, foi realizada por alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria e mantida por estes até o ano de 1989. Foi nesse período que a feira “firmou-se como acontecimento cultural da cidade”. (BARICHELO, 2013, p.27). No ano de 2017, a feira estava em sua 44ª edição.

Ainda sobre a feira, a autora expõe que o objetivo do evento era proporcionar à população “a compra de livros a um preço mais acessível, incentivar o hábito de leitura e facilitar a aquisição de exemplares com assuntos específicos que continham, entre outros, textos censurados, pelo regime político brasileiro da época”. (BARICHELO, 2013, p.29).

A 43ª edição ocorreu entre os dias 23 de abril e 8 de maio de 2016, na Praça Saldanha Marinho, no centro da cidade, encerrando com mais de 55 mil (55.870) livros vendidos⁵¹. A 44ª edição aconteceu no ano de 2017, entre os dias de 29 de abril e 14 de maio, contabilizando 55.305⁵² livros. Observamos que as vendas baixaram no ano de 2017, e na listagem de títulos mais vendidos de 2016 encontramos mais obras para adolescentes do que no ano de 2017. As expectativas para 2017 estavam maiores, também em relação ao baixo público da edição anterior, pois em 2016 a feira ocorreu durante semanas chuvosas, mesmo assim os números baixaram.

Iniciamos a aplicação dos formulários no ano de 2016, na segunda semana de evento, entre os dias 30 de abril e 8 de maio. Foram aplicados 25 formulários; destes, 18 formulários

⁵¹ Disponível em: <<http://feiradolivros.com.br/?p=970>>. Acesso em: 17 de mai. 2016.

⁵² Disponível em: <http://feiradolivros.com.br/?p=1894>. Acesso em: 29 de mai. 2017.

no ano de 2016 (Apêndice A), dentre os quais, 15 foram respondidas por meninas e 3 por meninos. Como o nosso objetivo era encontrar leitores adolescentes, foram examinadas as respostas de 11 respondentes que estavam dentro da faixa etária de 12 a 18 anos. Na proposta inicial buscávamos entrevistar adolescentes, mas por ser um formulário feito direto na feira com pessoas que estavam no local, as idades acabaram variando.

No ano de 2017, aplicamos 14 formulários e adaptamos o formulário (Apêndice B) com base nos indícios encontrados no primeiro ano, e selecionamos alguns dias específicos para aplicação, de acordo com a observação feita durante o ano anterior e os primeiros dias da feira no ano de 2017. Observamos que, durante a tarde, o público que mais circula na feira é o infantil, o que se deve às atividades desenvolvidas para que as escolas façam a visita à feira. Outro ponto que observamos foi que, durante o primeiro final de semana de 2017, em decorrência de outros eventos realizados na cidade, pode ter ocorrido uma diminuição do público visitante. Da mesma forma que no ano de 2016 o público não circulou muito pela praça pelas condições climáticas do período, pois choveu durante dias seguidos. Também identificamos que grande parte dos adolescentes vão acompanhados dos pais ou de amigos, o que pode contribuir para que não deem tanta abertura para aplicação do formulário. Mesmo que os pais incentivassem os filhos a responder, percebemos que alguns não se sentiam à vontade.

O formulário contou com perguntas para identificarmos o perfil do leitor da feira, com dados pessoais: nome, telefone, idade, bairro de residência. Para compreensão dessa leitura, foram feitas questões relacionadas aos seus hábitos, preferências de suporte e de gênero, frequência de leitura e questões de acesso. Também faziam parte desse formulário questões relacionadas à participação dos respondentes em ações de leitura na cidade ou em alguma ação feita pela escola. Além disso, também indagamos se os respondentes realizavam buscas ou se acessavam sites e blogs relacionados à leitura na internet e quais eram eles.

Na atualização feita no formulário no ano de 2017, inserimos mais especificações nas questões sobre a leitura do livro digital e sobre as informações que eles buscam na internet. No primeiro ano só perguntávamos se já tinham lido algum livro digital, e eles respondiam sim ou não. No ano de 2017 inserimos um espaço para eles selecionarem qual foi o formato do livro digital que leram, ePub, PDF ou algum outro formato. Também inserimos a pergunta referente à frequência de leitura do livro digital. Na questão que tratava das buscas feitas na internet, especificamos algumas opções para compreendermos em quais plataformas eram feitas essas buscas: Youtube, Instagram, grupo de Facebook, grupo no WhatsApp, site de editoras, blogs ou algum outro que o respondente indicasse. Assim poderíamos chegar a novas plataformas consultadas pelos adolescentes e entender quais são as redes utilizadas para ter acesso a

conteúdo de leitura e do livro. Por não ser um formulário que indicava dados sobre a feira do livro em si retiramos a questão que tratava dos motivos pelos quais eles teriam ido à feira no ano de 2016. Diante disso, apresentaremos os dados dos 25 formulários, no primeiro momento, de 2016.

3.1.5.1 Análise dos formulários aplicados em 2016

Dentre os 11 respondentes considerados para a análise, 6 possuíam Ensino Fundamental Incompleto, dois possuíam Ensino Médio Incompleto e dois, Ensino Médio Completo, os quais, naquele momento, estavam cursando o preparatório para o vestibular/ENEM.

Quando indagados sobre suas fontes de leitura, 10 indicaram o livro impresso; destes, três também assinalaram o livro digital e redes sociais on-line; dois informaram o blog como fonte de leitura; um, sites na internet; dois indicaram revistas; um, jornal, sendo que destaca o jornal on-line.

Por mais que todos participassem de redes sociais, nem todos indicaram essa ferramenta como fonte de leitura. Da mesma forma que o jornal como fonte de leitura podia ser entendido pelos respondentes como as notícias que são lidas on-line, ponto que foi revisto no formulário de 2017, quando inserimos o jornal on-line como plataforma. Percebemos também que alguns pareciam incertos ao indicar o livro digital, pois ficavam em dúvida do que designar como livro digital, PDF ou e-book.

No segundo aspecto sobre leitura, a pergunta era relacionada à plataforma de leitura utilizada por eles. Dez indicaram o papel como plataforma de leitura; cinco, o celular; nenhum respondente indicou o *tablet*; quatro apontaram o computador, sendo que um respondente explicou que só lia no computador caso não tivesse o livro impresso, como uma alternativa. Apenas um respondente indicou o *e-reader*, mas a respondente não indicou nas fontes de leitura o livro digital.

Na terceira questão, relacionada à frequência de leitura, quatro afirmaram ler todo dia, um indicou essa leitura diária no Wattpad, e um indicou a leitura do jornal. Quatro indicaram uma vez por semana, sendo que a respondente que indicou a leitura diária no Wattpad afirmou ler no impresso uma vez na semana. Um afirmou ler várias vezes na semana, e apenas um no fim de semana; dois destacaram que liam uma vez por mês; e um assinalou que quase nunca lê.

No quarto ponto, sobre o que é definidor para a compra de um livro, quatro responderam a indicação de amigo; seis, a capa do livro; quatro, o autor. Ninguém selecionou

o preço e a indicação da mídia; quatro colocaram a indicação da internet, sendo que a que indicou a mídia não indicou a internet como definidora. Quatro indicaram a sinopse, e um respondente colocou que o que também é definidor é algum interesse específico, mas não discorreu sobre qual seria esse interesse.

Os respondentes possuíam acesso ao livro principalmente pela livraria, quando oito indicaram este local. Dois colocaram a feira do livro; cinco, a biblioteca da escola. Ninguém indicou a biblioteca pública. Seis colocaram a livraria virtual, e apenas um mencionou o sebo.

Em outra questão, apenas um respondente afirmou ir até à biblioteca Erico Veríssimo, na cidade de Porto Alegre, onde ela estabeleceu uma meta de leitura para o ano. É uma biblioteca pública, mas ela não indicou a biblioteca pública como um espaço pela qual tem acesso na cidade, mas marcou como outros, talvez por ser de outra cidade. Quando questionados se frequentavam a biblioteca, oito indicaram a biblioteca da escola; três, a da cidade; e dois afirmaram não frequentar.

Ao perguntarmos quantos livros cada um tinha em casa, dois responderam de um a quatro livros. Um afirmou ter de cinco a 10 exemplares, sendo que diz ter no celular mais de vinte, e o outro, que estava contando os didáticos. Dois indicaram ter de 11 a 20 livros, e 6 respondentes possuíam mais de vinte.

Sobre já terem lido livro digital, seis afirmaram, e cinco responderam não ter lido. Dos que leram, quatro marcaram o PDF, e dois desses comentaram que começaram e não terminaram essa leitura. Ao perguntarmos onde costumavam ler o livro digital, cinco indicaram o computador e cinco, o celular. *Tablet* e *e-reader* não foram indicados por ninguém, mesmo que um respondente tenha marcado o *e-reader* na pergunta sobre plataforma de leitura.

Partindo para as perguntas sobre preferência de leitura, cada um indicou três livros ou autores (Quadro 1). A maioria pensou se lembravam ou não, mas todos tinham lembranças de nomes de livros e autores.

Quadro 1 - Lista de livros preferidos 2016

(continua)

Nome do livro	Nº de indicações
<i>Instrumentos Mortais</i> de Cassandra Clare (Editora Record)	2
<i>Rick e Cath</i> de Eva Zooks (Ler Editorial)	1
<i>Revolução em mim</i> de Marcia Kupstas (Editora Ática)	1
<i>A seleção</i> de kiera Cass (Editora Seguinte)	1

<i>O Alquimista</i> de Paulo Coelho (Editora Companhia das Letras)	1
<i>Guerra dos Tronos</i> de George R. R. Martin (Editora LeYa)	1
<i>Código da Vinci</i> de Dan Brown, (Editora Sextante)	1
<i>Um Amor para Recordar</i> de Nicholas Sparks (Editora Novo Conceito)	1
<i>A turma da Mônica</i> de Mauricio de Sousa (Editora Abril)	1
<i>Diário de um banana</i> de Jeff Kinney (VeR Editoras)	1
<i>Assassin's Creed</i> de Oliver Bowden (Editora Galera Record)	1
<i>O Diário de Anne Frank</i> de Anne Frank (Editora Record)	1
<i>Fazendo Meu Filme</i> de Paula Pimenta (Grupo Autêntica)	1
<i>Malala</i> de Malala Yousafzai com Christina Lamb (Companhia das Letras)	1
<i>A Menina que Roubava Livros</i> de Markus Zusak (Editora Intrínseca)	1
<i>Harry Potter</i> de J. K. Rowling, (Editora Rocco)	1
<i>1984</i> de George Orwell (Companhia Das Letras)	1
<i>Chico Xavier</i>	1
<i>Hush Hush</i> de Becca Fitzpatrick, (Editora Intrínseca)	1
<i>Saga Crepúsculo</i> de Stephenie Meyer, (Editora Intrínseca)	1

Fonte: Autor.

Percebemos que as preferências são variadas, e poucos repetiram os mesmos livros que outros entrevistados. O único autor lembrado foi Augusto Cury. Apenas duas pessoas não souberam indicar três preferências por não recordar, todos os demais lembraram e indicaram seus livros e séries preferidas.

Para compreendermos a relação que os respondentes tiveram com o livro e a leitura em ações promovidas pela escola ou pela cidade, indagamos se lembravam de ter participado de alguma ação específica e, em caso afirmativo, pedimos que descrevessem o que recordavam. Um lembrou de ter participado de ação na cidade que não durou muito tempo, um clube de leitura. Três afirmaram terem participado ou recordado de atividades na escola mencionando: feira do livro na escola, apresentações realizadas nas turmas iniciais sobre livros, projeto de ler contos, realização de um curta sobre o conto e apresentação de textos na aula de literatura, atividades feitas pela professora no projeto Mais Educação, caixa de livro na sala de aula, ler e contar a histórias para a turma, grupo de leitura realizado na escola, atividade que a professora indicava quatro livros, resumo de livros, leituras direcionadas para o vestibular, espetáculo

baseado nas histórias dos livros lidos na disciplina, leitura de livro toda semana e apresentação de um resumo, frequentar a biblioteca da escola.

Ao perguntarmos se eles buscavam informações de leitura e de livros na internet, 10 afirmaram pesquisar, dos quais três indicaram o nome da *Booktuber* Pam Gonçalves, um indicou o Youtube como fonte de busca, e outro falou sobre um grupo de troca de livros no Facebook. Apenas uma pessoa disse não realizar buscas sobre livro e leitura na internet. Como no ano de 2016 não especificamos os canais que os respondentes realizavam busca, apenas alguns citaram.

Sobre quantos livros extracurriculares eles leem durante o ano, um afirmou ler vinte livros, um respondeu que lê quinze, dois afirmaram ler cinco, um disse ler apenas um livro por ano, um disse ler de dois a três, dois afirmaram ler dez livros, dois indicaram mais de dez, e um indicou três livros por ano.

3.1.5.2 Análise dos formulários aplicados em 2017

No ano de 2017 aplicamos 14 formulários, com a atualização e especificação de algumas questões da aplicação do ano anterior. Dentre os respondentes de 2017, 13 possuíam Ensino Fundamental incompleto e um estava no Ensino Médio. Os adolescentes que participaram desta segunda etapa tinham idades entre 12 e 16 anos.

Ao questionarmos quais eram suas fontes de leitura, os 14 indicaram o livro impresso, sendo que um assinalou também sites na internet, um indicou revistas e um redes sociais.

Sobre os suportes de leitura, todos os respondentes indicaram o papel, e três assinalaram também o celular. Por termos especificado a frequência do livro impresso e do digital, conseguimos compreender melhor a relação com cada suporte. Como no ano de 2016, eles indicavam a leitura de aplicativos como Wattpad e leitura de jornal, o que tornava difícil saber qual era o suporte de leitura diária. Ao separarmos, no ano de 2017 a frequência do livro impresso foi indicada por quatro respondentes como sendo feita todo dia, três realizavam uma vez por semana, seis várias vezes na semana, e um uma vez por mês.

Ao perguntarmos o que era definidor para a compra, para três dos respondentes era a indicação do amigo; dois, a capa; três, o autor; dois, a indicação da mídia; dois, a indicação da internet; e seis, a sinopse. O aspecto que teve maior destaque neste ano foi a sinopse, o que pode ser identificado como algo relativo ao perfil do adolescente, que tem uma necessidade de liberdade de escolha, por buscarem uma leitura prazerosa e não obrigatória, com assuntos e livros que façam sentido para suas experiências.

Em relação a como estes adolescentes têm acesso ao livro, 10 indicaram a livraria como principal espaço; dois, a feira do livro; seis, a biblioteca da escola; e um a livraria virtual, um, o Play Livros⁵³; dois como presente; dois têm acesso pelo empréstimo.

Em 2017, a maioria (12) indicou que frequentava a biblioteca da escola, sendo que dois desses destacaram que não o faziam frequentemente. Já a biblioteca da cidade não foi assinalada por nenhum dos participantes.

Sobre quantos livros cada um tem em sua casa, um disse que tinha de um a quatro, um tinha de cinco a dez, cinco adolescentes possuíam de onze a vinte, e sete assinalaram que tinham mais de vinte, sendo que três afirmaram ter mais de cem e uma coloca que tinha mais de setenta. Neste ano percebemos o maior número de livros em casa em virtude de um perfil de leitoras que encontramos demonstrarem uma questão de acesso e compra de livros.

Ao questionarmos sobre a leitura de livro digital, 14 afirmaram ter lido, dos quais três destacaram que foi texto em blog, e um não soube especificar. Três colocaram o PDF, quatro indicaram o *ePub*, mas apenas uma identificou como sendo *ePub* por ser aplicativo, os outros apenas disseram que leram livro digital, e, ao perguntarmos o formato, marcaram que foi em aplicativos, sendo que neste tipo de suporte as publicações são em *ePub*.

Sobre o suporte utilizado para a leitura do livro digital, nenhum marcou o computador como um lugar onde costuma ler o livro. Por mais que tenham contato limitado com a leitura de livro digital, isso demonstra a forte relação da leitura em *smartphones*, como prioridade de acesso a consulta de conteúdos. São 12 os respondentes que colocaram o celular como principal suporte. Destes, um também colocou o *tablet* e dois colocaram apenas o *tablet*. Nenhum dos respondentes colocou o *e-reader* como suporte.

A frequência da leitura no livro digital é bem menor do que a do livro impresso, já que 11 indicaram que quase nunca liam o livro digital. Apenas um realizava a leitura uma vez por semana, e um uma vez por mês. Dos 11, um especificou que não gostou de ler o livro digital, mas quando não tinha acesso ao livro físico realizava a leitura no celular.

Os livros preferidos foram lembrados por todos (Quadro 2), apenas dois não conseguiram colocar os três preferidos, por não lembrar, indicando dois. Os livros citados são bem variados, mas alguns são lembrados por mais de um respondente.

⁵³ Aplicativo de leitura disponível para dispositivos com sistema Android.

Quadro 2 - Lista de livros preferidos 2017

(continua)

Nome do livro	Nº de indicações
<i>Minha Vida Fora de Série</i> de Paula Pimenta (Gutenberg)	4
<i>Harry Potter</i> de J. K. Rowling, (Editora Rocco)	4
<i>Fala Sério Mãe</i> de Thalita Rebouças, (Editora Rocco)	3
<i>Quem é Você Alasca</i> de John Green (Editora Intrínseca)	2
<i>O Orfanato da Srta. Peregrine Para Crianças Peculiares</i> de Ransom Riggs,(Editora Intrínseca)	2
<i>Um erro inesquecível</i>	1
<i>360 dias de sucesso</i> de Thalita Rebouças, (Editora Rocco)	1
<i>Quatro vidas de um cachorro</i> W. Bruce Cameron (Editora Harpercollins)	1
<i>Não se Apega Não</i> de Isabela Freitas, (Editora Intrínseca)	1
<i>Confissões de Uma Garota Excluída, Mal-Amada e (Um Pouco) Dramática</i> de Thalita Rebouças,(Editora Arqueiro)	1
<i>Boneca de Ossos</i> de Holly Black, (Editora #irado)	1
<i>A Menina que Roubava Livros</i> de Markus Zusak (Editora Intrínseca)	1
<i>Garota Online</i> de Zoe Sugg, (Editora Verus)	1
<i>Por lugares Incríveis</i> de Jennifer Niven, (Editora Seguinte)	1
<i>O Que Há de Estranho em Mim</i> de Gayle Forman, (Editora Arqueiro)	1
<i>Caçador de pipas</i> de Khaled Hosseini, (Globo Editora)	1
<i>Diário de um banana</i> de Jeff Kinney, (VeR Editoras)	1
<i>A Seleção</i> de kiera Cass, (Editora Seguinte)	1
<i>Estrela Amarela</i> de Jennifer Roy, (Editora Seguinte)	1
<i>O Pequeno Príncipe</i> de Antoine De Saint-Exupéry, (Harpercollins)	1
<i>A Princesa Adormecida</i>	1
<i>Série Maldosas</i>	1
<i>Hobbit</i> de Jude Fisher, (Editora Wmf Martins Fontes)	1
<i>Eu Fico Louco</i> Christian Figueiredo de Caldas, (Editora Novas Páginas)	1
<i>Cidade do sol</i> de Khaled Hosseini, (Editora Harpercollins)	1
<i>Cidade de Papel</i> de John Green, (Editora Intrínseca)	1
<i>It</i> de Stephen King, (Editora Suma De Letras)	1
<i>Papo de Menina</i> de Mariany Petrin Martins e Nathany Petrin Martins, (Editora Astral Cultural)	1
<i>Diário de uma Garota Nada Popular</i> de Rachel Russell Renee, (Editora Verus)	1

<i>Para todos os garotos que já amei</i> de Jenny Han, (Editora Intrínseca)	1
<i>Os 13 Porquês</i> de Jay Asher, (Editora Ática)	1

Fonte: autor.

No ano de 2017, entre os respondentes houveram mais obras semelhantes citadas do que no ano anterior, o que pode ser explicado pela faixa etária estar concentrada em idades próximas neste ano. Ao mesmo tempo, percebemos novamente a forte lembrança de publicações estrangeiras.

Sobre ações de leitura realizadas na cidade de Santa Maria, nenhum dos respondentes já participou. Isso demonstra o baixo investimento, ou poucos espaços destinados ao público adolescente em Santa Maria. A feira proporciona poucos espaços, tanto que percebemos que o público não foi expressivo para um evento com uma autora tão conhecida como Thalita Rebouças. Isso pode ter ocorrido tanto por conta da falta de divulgação, como por essa relação limitada da cidade com espaços para este tipo de público.

Sobre ações e atividades de leitura realizadas pela escola, 12 afirmaram já ter participado, apenas um não lembrava, e dois falaram que não participaram. Dentre as ações citadas, seis indicaram a realização de resumo dos livros na aula de Português ou Literatura; um, além desses resumos, contou sobre a criação de um grupo de leitoras na escola criado por ela e pelas amigas. Este ponto foi importante para as próximas etapas, por ser um esforço de adolescentes na cidade que, dentro da escola, iniciaram uma ação de leitura entre amigas.

Ao indagarmos quantos livros extracurriculares cada um lia por ano, dois não responderam; um colocou que fica entre dois ou três; um disse ler quarenta; um lia cinco livros por ano; um indicou vinte livros; três mais de vinte; um mais de seis; e um mais de dez. Três colocaram aproximadamente cinquenta.

Ao perguntarmos sobre a busca por informações sobre livro e leitura na internet, treze afirmaram buscar, e apenas um disse que não. Como neste segundo momento da pesquisa pedimos para que explicassem quais são esses espaços de busca, nove indicaram o Youtube – sendo que um citou a Kéfera, Cristian Figuredo, e um citou Luba TV e Depois das 11. Um respondente disse que participava de um grupo no Facebook sobre livros e citações, mas não conseguiu lembrar do nome do grupo. Um disse que trocava informações com amigas no WhatsApp. Três disseram que buscavam em blogs, quatro em sites de editoras, oito colocaram o Instagram, sendo que um indicou editoras sem especificar o canal que faz a busca. Um indicou que acompanhava a Thalita Rebuças nas redes sociais. Um indicou a Thalita e também Felipe

Castanhari, Desempedidos e Kéfera. Dois afirmaram seguir escritores, mas sem especificar as redes. Um disse seguir Thalita Rebouças em todas as redes; um especificou a Editora Rocco; e outra especificou Editora Fundamento. Dois colocaram outros meios: um colocou o site Mundo Paralelo, e um colocou que acompanhava a Bruna Vieira em todas as redes.

Os formulários foram importantes para a aproximação da faixa etária pesquisada e para a seleção dos entrevistados. Os dados permitiram que desenhassemos de maneira mais assertiva a proposta de entrevistas, baseando-nos no que observamos nas respostas dos participantes do formulário. Dessa forma, apresentamos de maneira sucinta as respostas dos dois anos de aplicação e de que maneira nos fizeram pensar os próximos passos da pesquisa.

Percebemos que nos questionários de 2016 e 2017 a indicação da leitura no celular ou no computador é vista como uma alternativa quando não podem ter acesso ao impresso, mas reforçam que a preferência é pelo papel. Mesmo que acompanhem diferentes autores e pessoas que lançam livros, nas redes sociais, o contato com a leitura é no impresso. As questões levantadas no formulário demonstram alguns indícios de como a internet vem ganhando espaço como lugar de divulgação e acesso a diferentes tipos de leituras e atividades. Mesmo que a frequência da leitura no livro digital não seja percebida, a leitura nas redes sociais e o contato que eles têm com autores e outros livros, com livrarias e editoras já demonstra uma mudança nas relações de compra e apropriação.

A maioria realmente têm um grande envolvimento com o livro, o que não significa que eles tenham maior propensão em práticas de leituras em dispositivos digitais. Como vimos anteriormente, Carrenho (2016, p.103) destaca que os *heavy readers* teriam o perfil mais propenso a iniciar uma prática de leitura digital. Entretanto, é precipitado tomarmos isso como uma característica dos leitores adolescentes. Essa observação se dá pelo fato de que muitos, apesar de indicarem uma prática intensa de leitura do livro impresso, não tiveram boas experiências com os livros digitais. Essa falta de boas experiências pode se dar pelo baixo nível de conhecimentos das possibilidades dos suportes e dispositivos. Então, essa característica de leitores que seriam mais “abertos a mudar seus hábitos de leitura” (CARRENHO, 2016, p.103), especialmente em relação aos livros digitais, não pode, por enquanto, ser tomada como uma regra na faixa etária estudada.

Não podemos deixar de considerar que muito dos dados coletados também precisam ser relatados em seu contexto da feira do livro, os quais já direcionam para o fato de que os adolescentes que participaram ou estão em algum evento já possuem certo interesse pela leitura. Os dados são importantes para nosso estudo, pois a nossa proposta está diretamente voltada para este tipo de leitor, o do livro impresso.

Tanto em 2016 como em 2017 ficou claro que os livros mais lembrados são livros de literatura estrangeira. E isto está diretamente relacionado ao que já mencionamos das ideias de Martín-Barbero (2014) e Ortiz (1994) sobre a sociabilidade global e da maneira pelas quais os sujeitos se integram aos fenômenos culturais pela convergência (JENKINS, 2008), o livro que virou filme, o canal do Youtube que virou livro etc., ou seja, as trocas estabelecidas pelos adolescentes que socializam suas leituras, tanto com amigos e colegas na escola, como com amigos on-line (CECCANTINI, 2016 p.89).

Ao especificarmos as redes sociais pelas quais os adolescentes buscam informações sobre livro e leitura é possível elencar quais são essas influências e o porquê de livros fazerem sucesso entre adolescentes, já que a maioria dos canais citados são de pessoas que publicaram obras que estão tendo alcance significativo no mercado editorial, como mencionado anteriormente. Este ponto, como os demais, será aprofundado na próxima etapa da pesquisa, para entendermos, por exemplo, como eles procuram pelas leituras, como eles acompanham essas pessoas nas redes e o que isso influencia nas suas práticas. Outras questões serão aprofundadas na aplicação da entrevista. Entre elas, de que maneira o uso das ferramentas de busca interferem nas suas preferências e escolhas para leitura, e quais são as atividades realizadas por cada um, nas suas redes sociais, que reforçam suas preferências.

3.2 A SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Partindo das primeiras aproximações realizadas em espaços de leitura da cidade e observação *on-line*, o estudo exploratório permitiu que observássemos com mais atenção o que o campo nos indica, nos aproximando da experiência de adolescentes e da realidade da cidade. Como próxima etapa, as entrevistas semi-estruturadas serão utilizadas para aprofundarmos a compreensão do uso e apropriação desses adolescentes.

A aplicação do formulário foi responsável pela seleção dos participantes das entrevistas, feita de forma não-probabilística e baseada, tanto em critérios de conveniência, que leva em consideração a disponibilidade dos respondentes, quanto de intencionalidade, quando o pesquisador seleciona quem têm conhecimento do assunto estudado (DUARTE, 2009, p.69). Da mesma forma, nos aproximamos de “informantes válidos”, que são apresentados por Queiroz (1991 p.102) como aqueles “que se supõe de antemão possuir uma vivência do que se procura conhecer”. Por conta disso, os adolescentes selecionados são aqueles que possuem forte relação com o livro e a leitura e que têm disponibilidade de participar das próximas etapas do estudo.

Por ter passado muito tempo da aplicação do primeiro formulário, o contato foi feito com os adolescentes que se disponibilizaram na aplicação em 2017, que teriam mais proximidade e recordariam da proposta. O contato com os respondentes, em 2017, foi iniciado logo após a realização dos formulários. Conforme combinado, a mestrandia entraria em contato pela rede social Facebook para que acertassem as próximas etapas da pesquisa. Em um primeiro momento, ao tentarmos contato pela rede social, como apenas três respondentes aceitaram a solicitação de amizade, traçamos outros caminhos para conseguir conversar com os adolescentes. Assim, entramos em contato com algumas meninas pelo aplicativo de conversa WhatsApp. Por todos os participantes terem fornecido seus telefones celulares vimos como estratégia de contato mais adequada. Sendo assim, três prontamente responderam, uma delas logo marcou o dia e já iniciamos a entrevista. Uma ficou de conversar com os pais, e em um segundo contato disse que a mãe preferia que ela respondesse por *e-mail*. A terceira menina concordou em participar na primeira conversa, mas não deu mais retorno, no segundo momento ao perguntar se seria possível marcarmos um dia, ela aceitou e combinamos a entrevista. O contato foi feito com o grupo de amigas por percebermos a forte relação que elas têm com o livro e a leitura e por terem sido as responsáveis pela organização de um grupo de leitura na escola.

Como observamos que a relação do adolescente é forte com os amigos e os formulários indicaram isso quando a maioria assume a importância da leitura como indicação de amigos, vimos como alternativa possível uma recomendação feita por cada participante. Adotamos como estratégia para a próxima etapa a indicação de amigos e conhecidos que tivessem o interesse pelo livro e a leitura. Essas indicações possibilitaram as próximas entrevistas e a criação do grupo de discussões. O contato com os amigos indicados foi facilitado pela conversa prévia entre eles, no qual combinávamos no momento da entrevista que aquele entrevistado que indicou o amigo conversaria com ele e explicaria o motivo da indicação falando que a mestrandia entraria em contato via WhatsApp. Dessa forma, ao entrarmos em contato com os três entrevistados indicados por amigos, apenas um não respondeu, os outros responderam prontamente e marcamos as entrevistas.

Por ter uma abordagem dinâmica e flexível, utilizamos a entrevista semiestruturada proposta por Duarte (2009, p.62) como uma técnica que visa explorar “um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes”. A entrevista contribui para a imersão na realidade do entrevistado, dando-lhe maior liberdade para ampliar e aprofundar as suas respostas, bem como para o entrevistador que tem a possibilidade de realizar outras perguntas que não estavam previstas no roteiro inicial. O objetivo da entrevista está

“relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema” (DUARTE, 2009, p.63).

A entrevista teve caráter em profundidade, pois, sendo um estudo de recepção, buscamos aprofundar a compreensão do comportamento do entrevistado e de suas experiências, subjetividades e relações cotidianas com o livro em relação ao seu contexto. Isso porque, ao tratarmos da sociabilidade, necessariamente implica em conhecermos os espaços de interação entre os sujeitos e instituições, como a escola, família e amigos e, conseqüentemente, seus usos e apropriações.

Para registro da entrevista e captação de áudio foi utilizado o gravador do celular, um objeto que permite uma aproximação maior aos adolescentes, por já estarem acostumados com este objeto em seu dia a dia, e também por ser um equipamento que permite a gravação e que podemos monitorar a qualquer momento.

A entrevista foi composta por oitenta e seis questões subdivididas em quatro blocos (Apêndice D). No primeiro bloco concentramos as questões relacionadas ao livro e à leitura, suas preferências e hábitos para que estas introduzissem os usos e apropriações a partir do entendimento das preferências. No segundo bloco estão as questões sobre a internet e como ela configura o acesso a diferentes conteúdos, e aqueles voltados ao livro e leituras. No terceiro bloco indagamos sobre a relação da família com os adolescentes, questões de acesso, liberdade, cobranças e incentivos. No quarto bloco são feitas perguntas sobre a escola e como esta se relaciona com o livro e a leitura, e como cada adolescente vê a escola neste processo.

Foram observados aspectos do momento da entrevista, se consultavam o celular, se exemplificavam e de que maneira isso foi feito, se alteravam a voz em algum momento. Foram realizadas sete entrevistas ao total. Seis delas foram feitas em uma livraria no centro da cidade, como um local público que não implicaria em maiores problemas para os pais ou responsáveis e por ser um ambiente relacionado à leitura, da mesma forma que foi o local escolhido pelos entrevistados. Apenas uma foi realizada na biblioteca pública da cidade, local também escolhido pelo entrevistado. As conversas foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos participantes e tiveram duração de aproximadamente uma hora. A análise foi feita com seis das sete entrevistas, pois percebemos que a experiência de um dos entrevistados era muito diversa dos outros, o que exigiria um tensionamento de classe social que não seria possível neste trabalho. Dessa forma, a análise foi empreendida a partir dos dados dos seis participantes conforme Quadro 3. Do total, três entrevistados responderam ao formulário feito na Feira do Livro e três foram amigos leitores indicados por estes.

Quadro 3 - Perfil dos entrevistados

Nome	Idade	Escolaridade	Escola	Fonte de leitura
Luana	14	9º ano	Particular	Livro impresso
Marcela	14	9º ano	Particular	Livro impresso e revista
Bianca	14	9º ano	Particular	Livro impresso e E-reader
Marcos	16	9º ano	Particular	Livro impresso
Nati	14	9º ano	Particular	Livro impresso
Joana	14	9º ano	Particular	Livro impresso e PDF.

Fonte: autor.

Com a finalização das entrevistas foi realizado um grupo de discussão com os participantes, o qual será explorado no próximo tópico.

3.4 GRUPOS DE DISCUSSÃO

Após a realização das entrevistas, escolhemos como última proposta metodológica a construção de um grupo de discussão composto pelos participantes da entrevista. Consideramos importante manter o grupo depois das entrevistas como técnica para aprofundarmos experiências que a entrevista não abarcou, e também por alguns pontos do estado da arte.

No estado da arte identificamos algumas questões pertinentes para avançarmos no estudo. Travancas (2015) destaca a dificuldade de realizar entrevistas com adolescentes, ao mesmo tempo que coloca a entrevista em grupo como uma alternativa para esses receptores, pois eles se sentem mais à vontade falando entre um grupo de amigos ou colegas. Apresentamos uma fala da autora que exemplifica sua relação com essa proposta em pesquisa comparativa realizada com adolescentes do Rio de Janeiro e Barcelona: “No Rio as entrevistas foram individuais, em Barcelona em grupo. Percebi que eles poderiam ficar mais à vontade e não darem respostas curtas ou monossilábicas. Se no início se mostravam tímidos, aos poucos ficavam mais relaxados”. (TRAVANCAS, 2015, p.7). Essa passagem demonstra que nos grupos a troca de ideias é mais expressiva, pois um lembrava o outro de algum livro ou experiência que podia ser importante para a percepção das especificidades. Corroborando com a ideia,

Thornton (2005 p.15) observa que “os grupos são experiências frequentes na vida de um indivíduo” e ainda mais na de um adolescente, os quais se sentem mais à vontade com o seu grupo de interesse.

Como vimos, no estado da arte, alguns estudos consideram a experiência a partir da realização de grupos de discussão, o que é importante para nos aproximarmos do público adolescente, visto que foram métodos que contribuíram para as discussões apresentadas pelos estudos. Tanto o trabalho de Travancas, já mencionado, como o trabalho de Henriques (2015), o qual combinou diferentes metodologias, nos ajudam a pensar nosso trabalho utilizando o grupo focal.

Para a compreensão do grupo focal enquanto ferramenta de pesquisa seguimos as orientações de Thornton (2005) e Costa (2009) complementadas pelas ideias de Gaskell (2002). A proposta dos autores possibilita pensarmos metodologicamente o grupo focal como ferramenta de coleta de dados. Além desses autores, também tivemos contato com a proposta de Jesús Ibáñez (1990a) e Colina Salazar (1994).

Para Thornton (2005, p.15) existem dois tipos de grupos: os que têm o propósito de resolver problemas, como por exemplo, na realização de tempestades de ideias. E o segundo grupo seria constituído dos que estão orientados para “conhecer intenções, percepções e condutas sobre determinados problemas e necessidades”. O que permite tratarmos do grupo enquanto ferramenta adequada para nossa proposta, que busca identificar tendências e referências de grupos particulares relacionados ao livro e à leitura.

Costa (2009) indica várias possibilidades dentro dessa prática, o que se constitui como algo flexível e aberto às possibilidades que o pesquisador está disposto. Proposta que corrobora com as ideias de Gaskell (2002) ao indicar as conversas grupais como alternativa possível para uma interação social mais natural. O autor discute que o grupo focal permite uma “interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade” (GASKELL, 2002 p.75) por cada participante estimular os demais pesquisados a expor suas experiências. Ainda sobre isso, Gaskell (2002 p.75) chama a atenção para a constituição desse ambiente, que se dá pelas emoções que são geradas por um grupo, tanto pelo humor, como pelas espontaneidade e intuições criativas, por estarem em grupo e isso também implicar em um compartilhamento maior de ideias e discussões. Essa constatação diz respeito ao que os participantes consideram do que foi dito pelos colegas, sendo que eles se sentem à vontade para comentar suas próprias experiências. Cabe lembrarmos que essa observação foi feita na pesquisa de Travancas (2015) enquanto espaço que permitiu maior interação e participação de adolescentes sobre a temática levantada.

Acreditamos que esta situação está relacionada à realidade do grupo que pretendemos trabalhar, afinal, os adolescentes têm uma relação próxima a essa proposta do autor, de compartilhar suas experiências a partir do que os amigos ou próximos indicam. Não que isso seja uma regra, mas é importante por ser algo próximo ao cotidiano do grupo.

De acordo com Gaskell (2002, p. 77), “na situação grupal, a partilha e o contraste de experiências constrói um quadro de interesses e preocupações comuns que, em parte experienciadas por todos, são raramente articuladas por um único indivíduo”. E é a partir do que nos indica Gaskell (2002) que vimos como é importante aliar métodos dentro da nossa pesquisa, pois ele aborda que, dentre as limitações e vantagens desses procedimentos, muitas pesquisas aliam os dois procedimentos com um “enfoque multimétodo” de maneira justificada.

Segundo Thornton (2005, p.17-8), os grupos de discussão devem ser utilizados quando buscamos ampliar ideias ou sentimentos e conhecer percepções sobre algum tema em particular; para aprofundar determinada informação e para investigadores que possuem informações quantitativas e requerem interpretá-la.

Para a seleção dos participantes do grupo, nos aproximamos da proposição de Gaskell (2002, p.69) ao retratar a seleção de “grupos naturais”, isto é, um grupo no qual “as pessoas interagem conjuntamente; elas podem partilhar um passado comum, ou ter um projeto futuro comum. Elas podem também ler os mesmos veículos de comunicação e ter interesse e valores mais ou menos semelhantes”. Se aproxima do que o autor chama de “meio social”, que se dá por essas aproximações formadas pelos grupos naturais. Essa proposição apresentada vai ao encontro do que foi considerado por Jesús Ibáñez (1990a) para a seleção da amostra e discussão, este que chama a atenção para a construção de uma amostra com relações já existentes: de bairro, trabalho, amizade, parentesco etc.

Para a nossa pesquisa, consideramos importante a relação que os participantes mantêm com a leitura e o livro impresso. Ou seja, um meio social que se dá a partir de interesses e valores semelhantes, considerando-os como grupo natural, constituído por adolescentes. Portanto, compartilham não só valores como também uma questão geracional, já discutida nos capítulos anteriores. Assim, observamos como é importante a realização do grupo com os entrevistados para colocar em contraste suas experiências, analisando tendências, a partir de debates e consensos, para conseguir identificar o que revelam sobre suas práticas.

3.4.1 A construção do grupo de discussão

Desde a aplicação dos formulários percebíamos que a relação com os amigos representava uma importante mediação nas escolhas e opções de leituras e atividades. Estar acompanhado de amigos na feira do livro e indicar os amigos como elementos importantes para a escolha das leituras, nos fez pensar em como isso poderia ser uma estratégia importante metodologicamente. Ao iniciarmos as entrevistas e solicitarmos a indicação de amigos, isso foi construindo um grupo de amigos leitores. Independente da sua relação para além da pesquisa, esse ponto de contato entre eles foi importante para a organização do grupo de discussão.

O contato inicial foi feito por aplicativo de conversas, pelo qual já havíamos marcado as entrevistas, ao explicar mais uma vez sobre a pesquisa e explicar a próxima etapa, que já havia sido explanada no fim de cada entrevista quando informamos que teríamos uma próxima etapa e, se estivessem interessados, entraríamos em contato. Feito isso, após cada um nos informar sobre a disponibilidade para o grupo, criamos uma conversa com todos aqueles que aceitaram participar para organizar possíveis dias e horários.

No primeiro contato apenas uma entrevistada não respondeu, os outros cinco responderam prontamente que poderiam ser inseridos no grupo de conversa. Dessa maneira, iniciamos o grupo no dia 8 de novembro em aplicativo de troca de mensagens, reforçando sobre a pesquisa e deixando claro que o grupo seria excluído após a realização deste. Foi então que iniciamos a discussão para selecionar um dia no qual todos estariam disponíveis. Tivemos bastante dificuldade para encontrar uma data e que todos respondessem aos questionamentos. Como era final do ano, eles estavam com diversas atividades e provas, organizando as férias e programando atividades com as famílias. Depois de tantas tentativas e reagendamentos do local que seria o grupo, estabelecemos a data para o dia 7 de dezembro de 2017.

No dia do encontro apenas uma menina que havia confirmado não esteve presente. Os demais, que então ficaram quatro adolescentes, participaram. Para que o grupo ficasse organizado e fosse possível cumprir os objetivos, delineamos um percurso que deveríamos seguir a partir das discussões teóricas feitas até então. Um breve roteiro (Apêndice E) foi criado e serviria como documento base para discussões e conversas relacionadas ao livro e leitura, nos deixando mais seguros para que não perdêssemos o foco nos objetivos.

O grupo ocorreu por aproximadamente uma hora e foi produtivo, pois eles participaram das atividades. Percebemos que no final eles já estavam cansados de responder questões e que gostariam de trocar ideias diversas sobre os seus livros e atividades, mesmo assim, conseguimos perceber muitas situações e relacioná-las ao que encontramos nas

entrevistas individuais, como pontos de reforço e de divergências, que foram importantes para entendermos as relações estabelecidas, tanto com o livro como com as novas mídias

O grupo seguiu as sugestões de Jesús Ibáñez (1990a). Dessa forma, iniciamos a conversa com uma apresentação sobre a pesquisa, retomando pontos já apresentados para os adolescentes e introduzindo o grupo que seria realizado. Foi assim que os deixamos mais à vontade, partindo das boas-vindas para a atividade inicial. No início solicitamos que cada participante falasse o seu nome e a sua idade, mesmo que alguns já tivessem contato e conhecessem os colegas, pois é uma etapa importante pela presença de um menino de outra escola e para ir quebrando a timidez entre eles. Essas são as perguntas de abertura, as quais não têm a intenção de coletar informações, mas servem para criar um clima através de respostas sem compromisso (JESÚS IBÁÑEZ, 1990a).

No segundo momento, realizamos a atividade introdutória, que foi a responsável por apresentarmos o assunto e possibilitar sentir como os adolescentes participariam. Os adolescentes tiveram que apresentar seus livros preferidos e os motivos da escolha. Consideramos importante que cada um tivesse espaço para falar sobre alguma leitura, tornando a conversa mais natural e introduzindo as próximas atividades.

O terceiro momento foi a pergunta de transição, quando o moderador percebe como está a discussão, se está no rumo planejado. Foi neste momento que fizemos uma atividade em que os adolescentes teriam que retirar frases que indicassem um perfil de leitura e cada um teria que identificar-se ou identificar um amigo que estava na sala e justificar. As frases que estavam nos papéis eram as seguintes: Leio a partir de recomendações do Facebook ou Youtube; Leio depois de assistir o filme; Organizo as minhas leituras em um caderno; Compartilho opiniões sobre livros e leituras nas minhas redes sociais; Leio no celular quando não tenho livros comigo. Dessa forma, pretendíamos gerar discussões sobre práticas que cada um comentou nas entrevistas e perceber se essas eram recorrentes entre o grupo, e se eles identificavam isso em seu dia a dia.

Posterior a essa atividade, iniciamos as perguntas-chaves, as que “definem a investigação e sustentam o propósito do estudo” (JESÚS IBÁÑEZ, 1990a, p.59). Fizemos uma roda de perguntas a partir da exposição de imagens que poderiam gerar discussões entre eles. Eles precisariam comentar aquilo que fazem e questionar os amigos sobre suas atividades. Para finalizar tivemos as últimas perguntas sobre como eles se imaginam como leitores no futuro e o que mudou nas rotinas de leitura e preferências.

Com o grupo buscamos aprofundar aspectos da entrevista sobre essas mudanças, pois o comentário de uma adolescente poderia suscitar práticas recorrentes entre eles. Trataremos

do grupo enquanto técnica que auxiliará a análise dos dados de cada entrevistado, orientando e confirmando algumas questões observadas individualmente e apresentando especificidades quando estão em grupo.

4 OS LEITORES E AS SUAS EXPERIÊNCIAS

Neste momento apresentaremos o perfil dos entrevistados do estudo, discorrendo sobre as preferências de leitura de cada um, pontuando sobre o acesso aos meios e as experiências individuais de relações com a família e escola. Posterior a isso iniciaremos a análise, abordando de que maneira ela foi desenvolvida a partir da teoria e das experiências dos entrevistados⁵⁴. Foram articuladas, tanto as questões das entrevistas como as que encontramos no grupo de discussão para que conseguíssemos identificar a leitura do grupo, tendências e exceções.

4.1 O PERFIL DOS LEITORES

Observamos nas entrevistas que os entrevistados, por estudarem em escolas particulares e por utilizarmos as indicações de amigos metodologicamente de maneira estratégica, encontramos adolescentes com perfis semelhantes, ou seja, muito do que eles acessam também é acessado pelos amigos.

Embora não tenhamos feito uma pesquisa de perfil socioeconômico, a inserção em escola particular, as práticas de lazer, e as ocupações dos pais, indicam que eles integram grupos sociais de camadas média e média alta.

Identificamos que os meios disponíveis em casa são similares entre eles. De acordo com essa proximidade, escolhemos reunir essas informações, englobando suas preferências e meios de acesso conforme Quadro 4 para então, no próximo tópico, apresentar as experiências individuais de leitura, a partir do perfil de cada participante.

Quadro 4 - Perfil de acesso dos entrevistados

(continua)

	Bianca	Luana	Marcela	Joana	Nati	Marcos
Serviço de Streaming (Netflix)	x	x	x	x	x	x
TV por assinatura	x	x	x	x	x	
Smartphone	x	x	x	x	x	x
Cartão de crédito	x		x			
Computador	x	x	x	x	x	x
Tablet			x			x

⁵⁴ As falas dos entrevistados tiveram reprodução literal do que foi dito, com gírias e erros de português, respeitando o modo de falar de cada um.

E-reader	x					
Revistas/jornais	x	x	x	x	x	

Fonte: autor

4.1.1 Perfil da entrevistada Luana

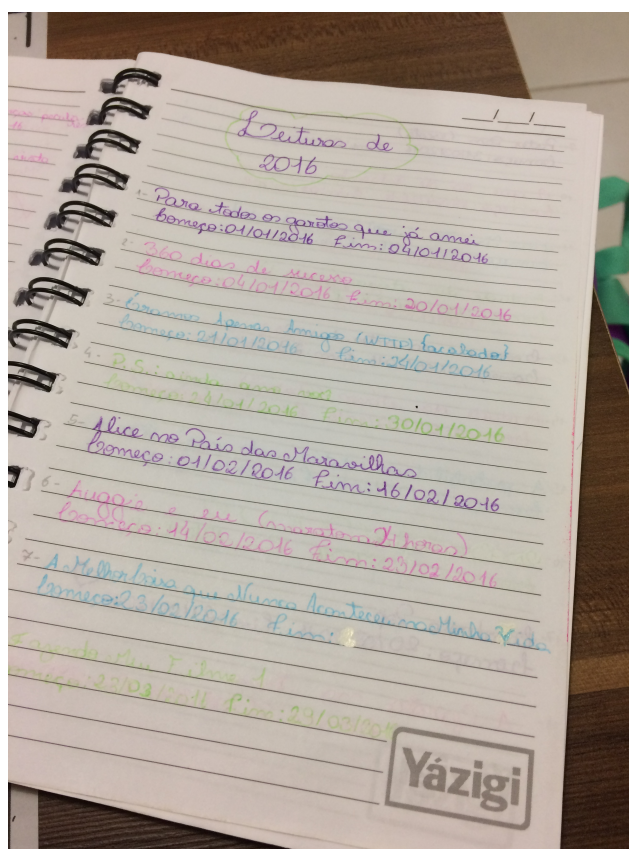
Luana tem 14 anos, estuda em escola particular, cursa o nono ano do ensino fundamental. Tem como atividades extracurriculares dança, encontro de Jovens e inglês. Mora com os pais no centro da cidade e com mais um irmão de 20 anos e a avó. Seu pai é corretor de imóveis, e a mãe, engenheira civil.

A entrevista foi realizada conforme disponibilidade da entrevistada. Luana sugeriu a livraria do centro da cidade para os encontros, por ser próxima do seu colégio. A entrevista teve de ser feita em três momentos, pois, ao perceber que a conversa se tornara cansativa e com respostas curtas, sugerimos a continuação em outra data.

Sua relação com a leitura se intensificou no ano de 2014 e, mesmo com muitas atividades escolares, ela mantém a frequência de leitura do livro impresso até hoje. A leitura de Luana é feita no livro impresso, demonstrando certo apego pelo objeto. Esse apego fica claro quando observamos as diferentes formas de apropriação feitas por ela. Por exemplo: ela foi a responsável por criar um grupo de leitura na escola; organiza um caderno no qual aponta várias informações de livros e das leituras realizadas (Figura 1), datas de início e término da leitura, livros emprestados, resenhas etc.; mantém alguns grupos de conversa no aplicativo WhatsApp para “salvar” livros, passagens de livros, músicas, e pensamentos que gosta. São maneiras que ela encontrou de organizar suas leituras atuais e futuras e se manter conectada com essas obras. Essas apropriações também são organizadas como referências utilizadas em suas redes sociais, trechos de livros usados como legenda e resenhas que são feitas para a rede social de leitura Skoob.

Fica claro que as leituras que Luana faz são suas preferidas, por ela se identificar com momentos da história que são parecidos com suas atividades do cotidiano, pois faz mais sentido para sua vida ter essas referências do que outras distantes da sua realidade.

Figura 1 - Caderno da entrevistada com anotações sobre as leituras de 2016.



4.1.2 Perfil da entrevistada Marcela

A entrevistada tem 14 anos, estuda em escola particular e está no nono ano do ensino fundamental. Tem como atividades extracurriculares dança e inglês. Mora no centro da cidade com os pais e um irmão mais novo. O pai é formado em direito, mas não exerce a função, e sobre a mãe ela não soube responder se tinha ou não formação acadêmica. Além disso, os pais são proprietários de uma padaria e uma loja de chocolates localizados no centro da cidade.

A entrevista ocorreu em dois encontros realizados em uma livraria no centro da cidade. No primeiro encontro, ela não lembrava ou não fazia questão de falar sobre o nome dos livros. No segundo momento, ela contou mais sobre cada livro e a relação que teve com cada um, comentando detalhes das obras e falando os títulos e autores.

A entrevistada era tímida e a tivemos que instigar em vários momentos para que ela se sentisse mais à vontade, indo além do roteiro estabelecido, explicando exemplos etc., para que ela discorresse sobre suas preferências e atividades. As respostas curtas só se desenvolviam quando a entrevistadora dava algum exemplo ou explicava como era algum processo, como por

exemplo, como ela buscava alguma coisa na internet, se era pela busca do Google, ou ela tinha alguma outra prática. Dessa forma, percebemos que ela conseguiu explanar mais sobre suas experiências.

A entrevistada costuma ler em seu quarto, ou nos intervalos entre provas e atividades na escola e chegou a mencionar que, muitas vezes, passa tardes lendo sem ver o tempo passar. Ela também acompanha em suas redes sociais alguns autores, editoras ela não soube identificar e nomear. As autoras que ela acompanha recentemente são Paula Pimenta e Thalita Rebouças. Essas autoras estão nas suas leituras atuais, o que pode se dar por esse contato que ela está tendo com as obras e por acompanhar as autoras mais de perto pelas redes sociais do seu interesse. Além da leitura, ela também utiliza bastante o Youtube, Netflix e Twitter, não apenas para assuntos relacionados aos livros, sendo as redes sociais mais utilizadas por ela.

Marcela mantém cuidados específicos com os seus livros organizando-os e limpando-os em seu quarto, e não gosta que ninguém chegue perto deles. Inclusive, ela não costuma emprestar seus livros e nem retirar na biblioteca da escola pelo forte apego aos seus livros.

O uso do celular feito pela entrevistada corresponde ao uso de aplicativos de montagens de fotos, colocar textos em imagens, *printscreens* feitos com a tela para salvar o que lhe interessa. Também se utiliza de possibilidades da internet e dos celulares com recursos disponíveis para esse tipo de apropriação, dando nova dimensão para a história ou trechos de livros. “Tem um aplicativo específico aqui... tem tipo aqui... Esse é o que eu usei pra fazer o fundo (We Love It, aplicativo de imagens, mostra no celular). E esses aqui é que tu faz as coisas... (aplicativo de fotos, efeitos, onde é possível colocar texto na imagem)” (MARCELA, 14). Ela não utiliza o celular para a leitura de livros.

4.1.3 Perfil do entrevistado Marcos

Marcos tem 16 anos, estuda em escola particular, é o único que frequenta escola diferente dentre os entrevistados, pois foi para essa escola para se preparar para o Enem⁵⁵. Fez o nono ano na escola das outras meninas que participam da entrevista. Natural de Quaraí⁵⁶, veio para Santa Maria para estudar, junto do irmão, com o qual divide apartamento e as tarefas da casa. A entrevista de Marcos também aconteceu na livraria do centro da cidade. O pai de Marcos

⁵⁵ Isso fica claro no plano pedagógico da escola disponível em seu site: “O Projeto pedagógico do Colégio Riachuelo firma-se no preparo de seus alunos para o ingresso em universidades públicas.” Disponível em: <<http://colegioriachuelo.com.br/medio/projeto-pedagogico.php>> Acesso em: 5 de fev. de 2018.

⁵⁶ Cidade localizada a 345 km, aproximadamente 5h de Santa Maria. Muitos estudantes de outras cidades vêm para Santa Maria em busca de preparação para o vestibular e Enem.

é agricultor e sua mãe, dona de casa. Ele foi indicado como amigo leitor de uma das entrevistadas.

Conta que na sua infância não foi muito incentivado, pois na sua cidade eram poucos os espaços que permitiam o acesso aos livros por não existirem livrarias ou biblioteca na cidade, ficando esse contato restrito à escola. Na sua adolescência, já comenta da cobrança da mãe pela leitura de clássicos, mas se aproximou realmente dos livros atualmente, quando começou a se interessar por histórias de filmes e indicações da internet.

A entrevista foi rápida, e Marcos estava à vontade. Sentimos que ele tinha necessidade de conversar, pois se mostrava interessado ao falar sobre suas leituras. Isso fica claro quando comenta que são poucos os amigos com quem consegue conversar sobre livros e que ele gosta bastante de comentar para que a história não seja esquecida. Marcos vê a dificuldade de conversar com as suas colegas, o que pode acontecer, talvez, por ser um dos únicos meninos leitores.

Atualmente, as suas leituras estão relacionadas aos filmes e séries, mas mantém a preferência pelo impresso. Sua rotina de leitura é de acordo com o tempo livre nas aulas, como intervalos ou aulas mais cansativas. Marcos é um dos entrevistados que mais tem interferência das indicações feitas por pessoas da internet e de filmes. “Comecei a ler Percy Jackson por causa dos filmes... eu vi que o livro é beem (ênfase) melhor que o filme, o filme é muito ruim...”.

4.1.4 Perfil da entrevistada Nati

Nati tem 14 anos, estuda no nono ano do ensino fundamental em escola particular. Mora com os pais e a irmã em um bairro residencial distante do centro da cidade, mas como frequenta escola particular localizada no centro e mantém diversas atividades nos turnos inversos às aulas, ela está sempre na região central da cidade. Seu pai é nutricionista e sua mãe é arquiteta.

Os pais leram histórias desde cedo e sempre proporcionaram o contato com livros e diferentes meios. A mãe aparece como importante mediadora para ela, pois é a responsável por indicações de livros e por sempre acompanhar as leituras da filha, comprando livros e presenteando-a.

Nati costuma manter sua leitura em seu quarto ou, quando viaja, aproveita para fazer leituras dentro do carro. Gosta de frequentar a livraria com as amigas e já fez compras pela internet. Gosta de ler coleções e séries por não querer que a história termine. Sua preferência

também é por livros de aventura e ação. Por mais que acompanhe autores e *Youtubers*, não chega a comentar e compartilhar as suas opiniões de leitura pois, conforme a entrevistada, prefere guardar para ela, e menciona que: “Eu tipo, sei lá... eu sou quase um fantasma na internet...”. Ou seja, ela não costuma interagir publicando suas opiniões sobre livros e demais atividades na internet e reforça falando que prefere guardar as opiniões para si.

Sua preferência pelo impresso é pelo fato do livro permitir que ela transite de uma página a outra, manuseando, marcando páginas. Ela é uma das entrevistadas que inclui a leitura em suas preferências de atividades em seu tempo livre, além das séries e filmes.

4.1.5 Perfil da entrevistada Bianca

Bianca tem 14 anos, está no nono ano em escola particular. Suas atividades extracurriculares são: dança, inglês, academia. Mora no centro da cidade com os pais e uma irmã mais velha. Seu pai é dono de uma empresa provedora de internet e sua mãe voltou aos estudos, no momento está cursando Psicologia em uma universidade particular. A entrevista com Bianca aconteceu na livraria do centro da cidade.

Os pais sempre incentivaram a leitura desde cedo, mas é com a mãe que estabelece uma forte relação de práticas e costumes compartilhados. Isso vai de indicação de livro, compra, assistir vídeo no Youtube, frequentar a livraria da cidade e conversar sobre as leituras feitas por elas.

Bianca costuma ler de madrugada, mas deixa claro que lê onde conseguir, na aula, na escola, em casa, na mesa da cozinha. É a única que tem um Kindle e conta sobre sua experiência. Já comprou na internet e costuma comentar e compartilhar suas percepções em grupos e redes sociais. Para ela, a internet complementa a sua leitura.

4.1.6 Perfil da entrevistada Joana

Joana tem 14 anos, estuda no nono ano do ensino fundamental de escola particular, mora com os pais e um irmão mais novo em um bairro da região central da cidade. Dentre suas atividades, ela faz aulas de inglês, italiano e francês. Sua mãe é formada em artes e seu pai é advogado.

Joana é a entrevistada que mais demonstra interesse em leitura de textos digitais, acessados pelo celular, em formato PDF. E, além disso, também realiza leitura do impresso e comenta que muitas vezes fica horas lendo um livro. Dessa forma, ressalta sua preferência por

destacar partes do texto, às vezes risca com lápis e coloca adesivos coloridos. Ela não tem um gênero específico preferido, pois busca apenas boas histórias, independente do gênero. Ela escolhe seus livros, tanto por indicações de amigos como de filmes e séries. E isso ela também diz que tem a ver com o estado no qual ela se encontra. Depende do seu humor.

É que varia muito o humor, tem umas épocas que eu tô me sentindo mais... pra esse tipo de livro... tipo férias eu gosto de ler romancezinho e tal, porque eu tenho muito tempo livre, então eu fico pensando muito sobre o livro e daí... essa época do ano que eu nem penso nada eu gosto de ler mais terror... Eu não sei assim... (JOANA, 14).

Joana acompanha blogs de literatura e é ativa em grupos de leitura e sobre filmes e séries, que, mesmo não tendo o foco em livros e leitura, ela comenta que a maioria dos assuntos dizem respeito a diferentes histórias.

4.2. MEDIAÇÕES DA LEITURA: PERSPECTIVAS PARA ANÁLISE

A criação de categorias de análise tem como propósito delimitar a abordagem sobre os usos e apropriações do livro, compreendendo a leitura em um contexto. Essas categorias resultam do estudo exploratório e da perspectiva teórico-metodológica das mediações. Por se tratar de um estudo de recepção, é importante dar voz aos receptores partindo da experiência de cada um, em seus contextos.

Os usos e as apropriações do livro foram investigados a partir das categorias que delinearam a execução da entrevista e serão analisados a partir das mediações ritualidade, sociabilidade – esta através de subcategorias como família, escola e amigos – e tecnicidade. A análise foi estruturada a partir das categorias estabelecidas, ou seja, com base em “determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria”. (DUARTE, 2009, p.79). Isto é, o tensionamento feito com as categorias empíricas e teóricas busca apreender os usos e apropriações dos adolescentes. As falas dos pesquisados foram articuladas com a teoria a fim de perceber a atuação das mediações direcionando, balizando e justificando determinadas posturas e interpretações no que diz respeito aos usos e apropriações do livro e as relações estabelecidas.

Para compreendermos esse contexto de encontros (PETIT, 2008), a sociabilidade é entendida como as subcategorias da família e da escola enquanto mediações importantes no processo de acesso e incentivo à leitura. Da mesma forma, abarca as relações de amizade que estão intimamente ligadas às relações dos adolescentes, e a forma com que esse contexto e vínculos interferem no gosto pela leitura.

A ritualidade será abarcada pela subcategoria Modos de Ler, que busca identificar quais são os usos e apropriações do livro desses adolescentes. A partir de uma observação de todas as categorias já mencionadas proporcionará o entendimento das práticas de leitura dos respondentes e suas preferências. Como esses adolescentes leem, quais os momentos dedicados à leitura, em quais espaços eles leem mais, quanto tempo eles ficam diante de um texto impresso. Essas e outras características serão tratadas na subcategoria para conhecermos o perfil do leitor estudado e seus diferentes modos de se apropriar do texto.

A tecnicidade é a categoria que permite identificarmos os processos pelos quais os adolescentes têm acesso ao livro e a leitura e ao que é proposto nos meios digitais. Ou seja, a relação que se estabelece a partir dos usos do livros entre os novos formatos e as lógicas da produção.

A internet se mostrou importante durante o processo da pesquisa enquanto mediação que propõe novos usos dos meios. E é a tecnicidade que permite a compreensão dessa reconfiguração e de que maneira essas possibilidades propostas pela internet e novos suportes vão delinear as práticas dos entrevistados, propondo articulações entre novos e velhos usos do livro. Por exemplo, o celular como uma alternativa de leitura, os sistemas de busca utilizados para pesquisar obras, os sites de editoras e sites de textos de autores independentes que são importantes para compreensão das novas mídias e novas maneiras de circular entre conteúdos e dispositivos no cotidiano desses adolescentes. São essas atividades que também vão propondo novas maneiras de apropriação, tanto do suporte como do conteúdo.

Vimos que, neste momento, os usos e apropriações são perpassados por novas sensibilidades, novos modos de ler se estabelecem pela configuração de novos formatos apresentados pelas indústrias editoriais. E não só por elas, pois, como vimos, cada vez mais existem leitores produtores, ou pessoas da internet produzindo conteúdos voltados a esses leitores. Portanto, abarcaremos essas novas ritualidades do ler e como a tecnologia constrói essas novas maneiras. Por assumir essa dimensão maior, a tecnicidade atravessa todas as demais mediações apresentadas até aqui, e por isso ela não pode ser dissociada na análise das demais mediações. Pois, como destaca Martín-Barbero (2017, p. 24-26), *“la tecnología, que durante siglos fue tenida por un mero instrumento, ha pasado a convertirse en razón, y en dimensión constitutiva de los cambios socioculturales”*. Entretanto, não significa que trataremos apenas da tecnicidade em relação às outras mediações, mas, ao identificarmos a sua importância em determinado aspecto nas demais, ela será apresentada para compreensão desse contexto.

Tratar da mediação da tecnicidade como dimensão importante para as demais mediações significa pensá-las em um cenário característico do cotidiano desses adolescentes.

Significa que entendemos que não há uma separação entre o analógico e o digital, o antes e o depois para esses adolescentes. Nascidos em um mundo que já se configura como digital, os chamados nativos digitais estão imersos nessa realidade conectada, eles já nasceram com a possibilidade de estar com o digital e o impresso. Portanto, na experiência desses adolescentes a relação com as tecnologias faz parte do cotidiano e não podem estar separadas, pois essas vão atuar nos diferentes modos de sociabilidade, nas trocas entre famílias, amigos, escola, da mesma forma que os dispositivos que eles acessam diariamente na palma de suas mãos interferem na sua leitura.

Neste momento aprofundaremos as observações feitas até aqui, de maneira a sistematizar o que encontramos no campo e apresentar os elementos e aspectos dos relatos dos nossos entrevistados.

4.2.1 Os rituais da leitura

Neste tópico, discorreremos sobre as maneiras com que os adolescentes criam suas rotinas de leitura, para compreender os usos, os horários em que realizam as leituras, a frequência e os principais locais escolhidos para essa atividade. Apresentaremos as observações sobre como a leitura se insere em seu cotidiano e quais as práticas empreendidas por eles com seus livros. Salientamos que aquilo que os adolescentes mantêm em sua rotina, mas que estão condicionados pelos usos de tecnologias e associados à internet e *smartphones*, serão pontuados no tópico sobre tecnicidade.

O apego aos livros é bem visível em todos os entrevistados pela questão de possuir o objeto físico. Alguns não gostam de emprestar seus livros, como é o caso de Bianca, Marcos, Nati e, especialmente, Marcela, que tem todo um cuidado para que ninguém “chegue perto” de seus livros: “não!! não, eu não empresto, eu sou muito chata, eu não empresto mesmo”. (MARCELA, 14). E complementa reforçando:

porque eu não empresto, não é pra encostar no livro, não é pra respirar no livro... é meu livro e é meu... E tipo assim, eu não pego livro na biblioteca, porque, primeiro que eu tenho que devolver, e segundo porque ele tá em más condições. Eu prefiro comprar e ter ele, sabe? (MARCELA, 14).

Isso é reforçado quando indagamos se ela não tem o desejo de desapegar mesmo daqueles que ela não gosta, e ela responde que, mesmo com esses livros pelos quais não consegue ter interesse, ela continua tentando ler para saber se em outro momento vai gostar: “não, é tipo... eu leio os livros, e quando eu não gosto deles eu tento pelo menos dar uma

insistida nele, pelo menos até a metade pra ver se melhora, porque o começo é meio chato sempre né... só que daí, quando eu vejo que eu não gosto, eu paro...”. (MARCELA, 14).

Diferente de Marcela, Joana e Luana não se importam de emprestar para amigas e colegas, pois isso seria um incentivo aos amigos que podem ter contato com a leitura e fazer com que outros se interessem, como destaca Luana:

assim, eu sou bem apegada aos meus livros, eu cuido muito dos meus livros, mas eu... não tenho nenhum “mas, tal coisa”, quando eu vou emprestar, porque como eu amo ler, eu acho que não faz tanto sentido eu amar o livro e querer guardar ele pra mim. Eu quero que outras pessoas também amem, sabe? (LUANA, 14).

Os cuidados que cada um tem com seus livros são ressaltados. Existe a preocupação com o local onde vão deixá-los, como organizar, como limpar. Cada um da sua maneira e ao seu tempo, mas todos reservam uma parte de sua rotina para cuidados com as estantes e livros.

Marcela tem cuidados específicos como: ordenar na prateleira, deixar o livro que está lendo ao lado da cama, limpar os livros e não deixar ninguém chegar perto deles. Procura manter uma organização dos livros que já leu e aqueles que ainda pretende ler: “não, os que eu já li eu coloco na prateleira e os que eu tenho que ler, eu boto... ali... na mesinha que eu tenho do lado da cama. Só que tipo, os que eu tenho que ler, eu deixo ali na mesinha, e os que eu tô lendo, eu deixo do lado do travesseiro... não faz muita diferença, mas...”. (MARCELA, 14). Também mantém mais um cuidado especial, pois não risca e nem faz comentários, já que as passagens que interessam, ela anota na parede do quarto para não rasurar os seus exemplares e essa anotação é feita com caneta.

Nati não é diferente ao relatar que não gosta que ninguém chegue perto de seus livros, “eu tenho lá a minha prateleira e lá ninguém mexe porque é meu. ã... e tipo, ah, não pode... se tá com a mão suja, eu não gosto que pegue o meu livro... eu não gosto que amassem nada...”. E Bianca segue nessa mesma linha:

os meus são intocáveis, sabe? Ah, eu procuro sempre limpar, guardar direitinho, eu separo eles por categorias... separo que é romance em romance... quando tem livro de romance... separo o livro de terror aqui... separo livros de, por exemplo, da DarkSide Books que é uma editora, eu separo aqui, os livros do Harry Potter eu tenho uma prateleira pra eles... os livros de guia de viagem têm outra prateleira... essas coisas. (BIANCA, 14).

Os horários e locais de leitura variam de entrevistado para entrevistado. Marcos, Nati e Marcela costumam ler nas aulas e nos intervalos. Bianca, além das aulas, também gosta de ler na mesa da cozinha de sua casa, mas destaca que qualquer lugar onde tiver oportunidade ela

está lendo. Nati também costuma ler no seu quarto, que é onde Luana e Marcela também costumam ler. Luana, Marcela, Bianca e Joana afirmam que chegam a passar tardes inteiras lendo. E todos concordam que as atividades escolares acabam prejudicando sua frequência de leitura, por isso sentem que nas férias conseguem manter uma frequência maior, o que foi destacado especialmente por Marcos e Joana.

Tá, por ano, por ano, assim, uns 30... Mas o interessante é que eu leio muito nas férias, quando eu não tô com a cabeça assim... eu leio muito, muito... Porque ano passado eu li 32, e 17 foram durante as aulas, então a maioria eu li nesses dois meses... Então quando eu tenho tempo eu leio muito... só que chega as aulas e eu vou assim... (JOANA, 14).

A preferência pelo livro impresso destacada por todos os entrevistados é tomada principalmente pela posse do objeto, por poder tocar, sentir, cheirar, folhear para a página que quiserem, ir e voltar com facilidade. Bianca chega a comentar que frequentemente anuncia para sua mãe quando o livro tem algum cheiro: “quando o livro tem cheiro bom, eu chego a berrar no meu quarto: Mãe!! O livro tem cheiro bom!!”. Isso, para Jeffman (2017, p.320) significa que a “materialidade tangível e áspera da folha de papel ainda se revela um elemento crucial para as relações entre o leitor e o texto”.

Além disso, a possibilidade de fazer marcações e poder retomar aquilo que foi feito em cada livro torna essa rotina um momento especial para cada um deles, quando retomam aquilo que estavam passando e sentindo ao ler e anotar. Bianca exemplifica da seguinte forma:

sempre... sempre quando eu termino o livro eu vejo os meus post-it e volto pra ler o que... que... o que me fez marcar aquilo... daí eu penso, o que me fez marcar isso? Por que eu marquei isso? Às vezes eu não lembro muito bem, mas a maioria das vezes eu penso, tipo: nossa, teve realmente um significado. (BIANCA, 14).

Não são só cuidados, os entrevistados também criam práticas particulares para suas leituras. Luana e Bianca organizam suas leituras em cadernos, nos quais apontam várias informações dos livros e das leituras realizadas; datas de início e término da leitura, livros emprestados, resenhas, metas etc., mantendo suas leituras atualizadas também dessa forma. São as duas que também colocam adesivos em livros lidos, com cores distintas conforme o ano no qual foi feita a leitura. Além disso, Luana também faz uso de carimbos com o seu nome para identificar os livros.

Carimbo, esses carimbo que tu coloca o nome, eu boto nos livros... quando eu gosto do livro, tipo... tem muito livro que eu coloquei e me arrependi de ter botado... eu poderia vender o livro, entendeu? Agora eu sou mais inteligente, eu penso um pouco mais do que antes... então, tipo... aqui ó, eu marquei com lápis e eu posso apagar, se

eu não gostar do livro... entendeu? Aí, se eu gostar do livro, eu marco com o marcador de texto mesmo e daí eu boto o coisa. Eu boto o carimbo aqui... porque aqui a pessoa pode arrancar a página aqui e fingir que era dela o livro (só uma página com o nome). (LUANA, 15).

A prática de criar um caderno era para Luana e Bianca algo natural, mas Marcos nunca havia pensado sobre isso. Foi no grupo de discussão que, no momento de retirar um papel com um perfil leitor, seu papel dizia: “Organizo as minhas leituras em um caderno”, Marcos logo comentou: “eu acho que ninguém aqui faz isso...”. Ao pedir para que os outros participantes falassem de suas experiências, Marcos ficou admirado ao saber que Bianca e Luana faziam isso em cadernos que estão atualizados. Percebemos que as maneiras que cada um organiza e dá atenção aos seus livros são distintas, em alguns casos, e parecidas, em outros. No grupo percebemos essas divergências e concordâncias de maneira mais clara, pois cada um questionava e argumentava sobre as atividades que conhecia dos amigos, colocando em debate, por exemplo, o porquê de ter um caderno.

Mesmo sem ter um caderno específico para isso, Nati comentou que já chegou a criar metas de leitura, mas que como estava com muitas atividades, acabou desistindo por não conseguir cumprir, e foi lendo dentro do possível. “Eu sou dessas de fazer lista enorme de livro e daí a minha lista nunca acaba e eu vou colocando mais livros, então eu não posso me desviar”. (Nati, 14).

Outra meta estabelecida por elas é a contagem e divisão de páginas conforme o tempo que pretendem terminar o livro. Bianca, Luana e Nati, que acabou desistindo, tinham esse hábito.

Eu costumava fazer meta, só que daí eu comecei a fazer o cursinho e daí a meta acabou... [...] eu fazia tipo... eu contava quantas páginas tinha o livro, daí assim... ah, se eu ler 10 páginas por dia, eu vou demorar tantos dias pra acabar... daí é mais ou menos assim que eu fazia. (NATI, 14).

Outra característica dos entrevistados é carregar livros na mochila. Isso ficou claro, pois todos eles, nos encontros feitos para a entrevista, sempre davam exemplos de leituras e puxavam seus livros da mochila. Marcela comenta que carrega livros na mochila para caso não se interesse por algum conteúdo escolar, tenha livros para se distrair. Mesmo que prefira ler no seu quarto ela comenta que: “mas tipo, se eu tiver um livro, e se eu não tiver nada pra fazer, eu vou ler” (MARCELA, 14).

Quando indagamos sobre as atividades, percebemos se a leitura está incluída em suas rotinas e em que medida isso pode contribuir para pensarmos o que foi dito neste tópico. Por

exemplo, Marcos, quando comenta que a leitura não é a sua atividade principal, falando que primeiro tem os filmes e as séries como atividade e depois a leitura: “Eu confesso que ler não é a principal...”. (MARCOS,16). Ao mesmo tempo, ele indica que sua aproximação de filmes e séries seriam um caminho para a leitura: “os canais que eu acompanho ficam falando de livros, daí eu me interesso e leio”. (MARCOS,16). Percebemos que o hábito de leitura dele tem a ver com os filmes e séries que ele acompanha e que essa relação é produtiva para sua leitura, pois acaba direcionando aos textos dessas produções audiovisuais e mantendo um contato com o impresso.

4.2.2 Sociabilidade

Neste tópico discorreremos sobre o contexto nos quais os adolescentes convivem com a leitura a partir de instituições responsáveis pelo primeiro contato ou incentivo, como escola e família, e também as relações estabelecidas entre amigos e semelhantes considerados um espaço de encontro importante para esses adolescentes como já visto nos formulários.

4.2.2.1 Escola

A escola é uma importante mediadora enquanto instituição que promove a leitura em suas atividades e que seria um lugar no qual os adolescentes poderiam estar próximos de livros e autores. É a partir das experiências que nossos entrevistados tiveram, ou lembram da escola, que entendemos em que momentos a escola promove ou não um contato com o livro e em que medida isso é percebido pelos entrevistados.

Identificamos que os adolescentes observam que as atividades de leitura da escola ainda são “superficiais”, mesmo que estejam em uma escola particular, que proporciona uma biblioteca equipada com bons livros, que podem indicá-los para serem comprados. Os trabalhos, as escolhas de livros, a falta de indicação e de relação estabelecidas com histórias são pontuadas por eles ao relatar sobre o que a escola propõe e promove sobre o livro e a leitura.

Luana aponta vários aspectos que poderiam ser diferentes. Ela não vê a obrigatoriedade da leitura como o melhor caminho para a constituição do gosto por parte de outros alunos. Percebe que a escola não utiliza os livros que poderiam contribuir para ajustar algumas questões e, ao mesmo tempo, aproximar os diferentes alunos ao interesse da leitura. Observamos que todas as sugestões e indignações acerca da escola se dá por perceber que muitas das histórias e

experiências que ela teve com os livros poderiam ser importantes como aproximação de colegas e pensamento crítico para diferentes questões pessoais e sociais.

Percebemos que eles fizeram alguns esforços para que a escola se encaixasse no que eles esperavam sobre a leitura, e também para incentivar colegas a partir de leituras escolhidas por eles. Entendemos que essas tentativas são significativas por eles estarem propondo aos professores e à escola maneiras para tornar a leitura atrativa aos outros colegas. E essa troca de papéis demonstra o interesse que estes alunos têm ao realizar leituras que poderiam aproximar os conteúdos escolares da leitura e colocar na rotina de colegas, que não são leitores, a reflexão a partir de livros que poderiam ser apropriados por eles.

E daí a gente chegou pra ela, todos os anos a gente chegava pra ela e pedia pra ler Extraordinário⁵⁷, tipo, na aula... Porque a gente queria que nossos colegas lessem, pra eles perceber algumas coisas de errado que eles fazem, daí... né? ã... então, a gente queria falar com ela... e daí ela: “tá, vou falar com... eu acho que esse ano a gente vai ler”. E daí ela falava com a escola e a escola não deixava porque a gente tinha que ler clássicos e não Extraordinário, sendo que Extraordinário ia mudar totalmente a estrutura da escola, porque tipo, eles tinham um monte de problema com bullying e tal lá na escola, e tipo, um monte deles poderia se solucionar com o livro, que... (LUANA, 14).

Com isso, os adolescentes passam a questionar as visões da escola ao propor esse tipo de intervenção, com sugestões daquilo que eles percebem como algo que merece atenção na sua escola, que pode interferir na formação dos colegas, e que já mencionamos a partir da proposta de Rocha e Pereira (2009, p.41) sobre “descoberta da incoerência dos discursos”. A partir dessas descobertas, eles começam a interferir nesses espaços propondo novas maneiras de entender, tanto a situação na escola, como em casa.

A escola é vista pelos adolescentes como instância falha neste momento de suas vidas. Eles indicam que lembram de atividades feitas na escola, mas que notam que o incentivo ocorria de maneira mais intensa durante a infância. Como pontua Nati sobre o que acha das atividades feitas pela escola e pelos professores, que as poucas atividades realizadas seriam para “descargo de consciência”. Para Joana, nem a escola nem a cidade se importam com a leitura: “eu acho que a mesma coisa, acho que ninguém se importa na real... eu acho que, na prática, ninguém se importa, nem na cidade, nem na escola”. E pontua que teve mais incentivos quando era criança: “eu acho que... os meus únicos professores que incentivavam mesmo a leitura, foram os que eu

⁵⁷ Livro da autora R. J. Palacio, lançado pela editora Intrínseca, em 2013. O livro conta a história de August Pullman, o Auggie, que nasceu com uma síndrome genética cuja seqüela é uma severa deformidade facial, que lhe impôs diversas cirurgias e complicações médicas. A história causa grande impacto nos leitores pela história apresentar o impacto causado pelo menino nos comportamentos das pessoas envolvidas na história, pais, colegas, escola etc. Disponível em: <<https://www.intrinseca.com.br/livro/282/>> Acesso em: 5 de fev. de 2018.

tinha quando era criança... terceira série... aquele que tava comigo quando eu escrevi aquele belo livro, ela me incentivava bastante”.

Percebemos que a superficialidade comentada pelos entrevistados também pode estar associada à cobrança da leitura pela escola apenas para as provas. Para Chartier (2014, p.22) “exigências e prescrições excessivas acabam desvirtuando a leitura, que pressupõe vontade individual, desejo e transgressão”, o que pode ser o indício do que os alunos veem como superficial e por serem poucos os colegas leitores. Entretanto, os entrevistados percebem essa cobrança de duas formas: a primeira, é que essa atitude da escola acaba afastando os alunos do interesse pela leitura, por ser algo forçado; e outra, é que as atividades também proporcionariam novas experiências de leitura, essas explanadas por aqueles que já são leitores. Por isso, cabe mencionar que seria interessante a escola trabalhar com as duas possibilidades dentro de sala de aula, aqueles que já são leitores e aqueles que ainda precisam de caminhos para conhecer o que gostam e se aproximar mais da leitura. Então existe esse impasse, que cada entrevistado interpreta à sua maneira: é importante em alguns momentos ter contato com leituras propostas pela escola, mas em alguns momentos acham isso forçado.

Como a escola poderia pensar alternativas para essas situações? Ao recordarem do que dizem ser a única atividade, não sendo os livros cobrados durante a prova, comentam sobre a feira da escola em parceria com a Cesma. Existe um esforço da escola para proporcionar esse momento, mas nenhum dos entrevistados viu nessa ação um momento pelo qual eles se interessariam por livros. Comentam que poucas pessoas iam até o espaço, não tinha nada de atrativo, pois era apenas uma feira. Talvez as propostas da escola não levem em consideração de que maneira as atividades poderiam ser mais atraentes para o público. Como foi o caso de uma gincana realizada para outro fim, que indicavam séries e acabou incentivando Marcela a ter contato com essa mídia, ou seja, ela se interessou pelas séries de maneira espontânea em uma atividade realizada pela escola, pois nesse momento fez sentido o que a escola estava propondo. Essas atividades retomam o papel da escola na inserção de conteúdos relacionados ao que os adolescentes possuem contato também no cotidiano e em diferentes meios, que podem interferir em sua relação ou aproximação a determinados tipos de conteúdos.

Marcos tem poucas considerações sobre a escola, pois ele é o único que estuda em outra, mesmo sendo particular, o foco da sua é bem direcionado a provas de vestibular e processos seletivos, então ele percebe que a única leitura que a escola promove é a de clássicos, sem dar espaço para outras opções. Ele observa que a biblioteca é precária, pois conta apenas com exemplares para essas leituras, afinal, são as abordadas nos simulados. Ele também nos traz ideias que poderiam ser consideradas para leitores com o seu perfil, que é trabalhar com

clássicos de maneira que não torne essa atividade forçada, pois com a experiência que teve ao gostar bastante da obra de Dom Casmurro, ao se aproximar do livro através da proposta da escola, acabou por escolher a leitura da história em quadrinhos, o que tornou a leitura clara e acessível: “eu gostei, eu gostei bastante do Dom Casmurro, principalmente porque de... falar as história, clássicos... [...] desse jeito de quadrinhos, é mais legal”. (MARCOS,16).

Histórias que são adaptadas para obras mais simples, mas que despertam o interesse e fazem com que eles compreendam as ideias do autor, também foram mencionadas por Marcela: “sim, eu gostei, porque tipo, eu tenho a coleção inteira de Machado de Assis... só que eu não consegui ler, porque tipo, tá muito complexo... e esse que pediram pra ler, tá tipo, em gibizinho, sabe? Tirinhas, então foi mais fácil pra mim ler”.

Por tudo o que foi comentado nas entrevistas podemos inferir que a relação que a escola estabelece com as atividades de leitura é algo para cumprir currículo e preparar apenas para as provas de vestibular e Enem. As leituras feitas fora da escola proporcionaram novas visões para aquilo que os próprios adolescentes estavam passando na escola. As meninas viram na leitura uma maneira de contribuir para que os colegas pensassem a respeito daquilo que estavam fazendo com outros membros da classe, através da leitura elas buscavam modificar “a percepção dos lugares familiares” Petit (2009, p.82), mas isso não foi aceito pelos professores. A leitura transforma esses adolescentes a partir do momento que eles identificam este tipo de situação e tentam contribuir para que suas realidades sejam repensadas, e a escola, privando os estudantes dessa possibilidade, acaba calando os adolescentes que estão propondo novas soluções.

Poderíamos considerar que existem falhas, como já vimos em trabalho anterior (MACHIAVELLI, 2015), ao observarmos a falta de estrutura e apoio do Governo em uma escola estadual, que mesmo com alguns programas implantados na escola para suprir as necessidades dos leitores, ainda são precários. Entretanto, as escolas dos nossos entrevistados são particulares, localizadas no centro da cidade: a primeira atende cerca de 1050 estudantes, da Educação Infantil ao Ensino Médio⁵⁸, a segunda atende apenas alunos do Ensino Médio. Com uma realidade distinta da vista em estudo anterior, afinal os alunos concordam que ambas possuem boa estrutura e muitos recursos didáticos, mas conforme o entrevistado a biblioteca não é equipada em termos de literatura geral, por ter o foco mais em clássicos abordados nas provas de vestibular.

⁵⁸ Informações retiradas do site da escola.

A questão da biblioteca também deve ser observada por alguns fatores de transição na leitura das crianças e dos adolescentes. Esse afastamento fica claro quando Luana expressa os motivos de não frequentar a biblioteca: "hmm... tipo, a gente tem a biblioteca na escola também, mas as pessoas não vão na biblioteca querendo um livro. Por exemplo, ano passado, eu não peguei nenhum livro na biblioteca, eu pegava quando eu era pequena, que tinha... a hora de ir na biblioteca, mas daí isso foi se perdendo". (LUANA, 14).

Podemos entender que a falta de atividades seja resultado de algumas situações apontadas pelos alunos, como a falta de tempo dos professores, por serem cobrados pela direção da escola a cumprir conteúdos programáticos que proporcionem bons resultados em provas de vestibular e Enem. É o caso do que Marcos comenta sobre os professores, sobre a rotina corrida e que eles não teriam tempo para dialogar com os alunos sobre leituras ou indicações:

às vezes eu converso com a professora de literatura assim... mas ela... ela é toda corrida a rotina dela, então só conversei uma vez com ela sobre livro... e... eu vejo que os professores ficam prestando atenção em mim, "ah, aquele é o guri... excluído que fica lendo" eu sou isso... MARCOS, 16).

Além da situação da rotina dos professores, percebemos pela sua fala que os alunos leitores ainda são vistos como excluídos, mas acreditamos que a fala da professora ao tratar Marcos como excluído possa ser por ele manter a sua leitura durante os intervalos, se mantendo em sala de aula ao invés de ir para o intervalo na área de circulação da escola. Da mesma forma podemos perceber que a leitura não é valorizada na sua escola enquanto atividade normal entre a maioria dos alunos, identificando novamente algo já comentado por todos os entrevistados, que existem um número reduzido colegas que mantêm uma rotina de leitura como eles.

Outra situação que ocorre nas escolas é sobre os professores que não são leitores, pois como reforça Failla (2014, p.80) "necessitamos de mais professores leitores com formação cultural e domínio de práticas leitoras que sejam efetivas e cativantes". Existe uma carência na preparação desses professores para conseguirem suprir as necessidades desses adolescentes e indicar caminhos. Para Chartier (2014, p.20) é na adolescência que "deve ser assegurada a importância dos livros, antigos ou modernos, capazes de dar aos homens e mulheres um conhecimento melhor do mundo e da sociedade". Professores que entendam as preferências desses adolescentes, relacionando-as não só com conteúdos, mas promovendo um debate além disso, com os diferentes meios, e trazendo-as para a realidade do aluno, sem deixar de apresentar os clássicos, poderão construir um resultado efetivo. Ou seja, "não se trata de modo algum de aprisionar o leitor, mas sim de lhes apresentar pontes ou permitir que ele mesmo construa as suas". (PETIT, 2008, p.184).

Portanto, a escola ainda pode ser entendida como uma instituição importante para despertar e manter o hábito da leitura. Para Chartier (2014, p.21), são nos espaços de ensino que se formam os gostos e gestos de leitura e, além disso, é onde se aprende que “uma obra é mais do que a justaposição de dados ou de trechos de textos”. Além disso, precisamos de professores que orientem e sejam referências para que esses trechos sejam compreendidos e que a leitura seja vista como uma atividade prazerosa pelos adolescentes, mas que também considerem suas atividades cotidianas, seus conflitos internos, tudo aquilo que encontram em leituras que ajudem e contribuam não só para o hábito leitor, mas para suas vidas.

Dessa forma, percebemos que existem maneiras de incentivar os adolescentes a manter esse contato com novas histórias e experiências de leitura, como o que aconteceu com as séries. Por que não poderia acontecer com os livros? São estratégias que devem considerar as preferências e hábitos que esses adolescentes mantêm em sua rotina fora da escola, que pense em atrativos para promover o contato com leituras diferentes. Isso não significa ter contato apenas com os clássicos, mas encontrar um equilíbrio entre aquilo que eles esperam, suas preferências e como a escola poderia contribuir nessa situação com leituras que são importantes para a formação leitora desses adolescentes.

4.2.2.2 Família

Percebemos que a trajetória dos cinco entrevistados é semelhante por terem os livros presentes no cotidiano desde cedo, com pais que contavam histórias e os levavam até as livrarias da cidade. Apenas Marcos comenta que teve pouco contato na infância, pois sua cidade não tinha biblioteca, e os pais não se interessavam em ler para ele, apenas compravam alguns livros de vendedores na escola⁵⁹. Entretanto, ao pesquisarmos as bibliotecas de sua cidade, encontramos a biblioteca municipal, o que pode indicar que Marcos não teve contato com esse espaço, não que não existiam. Entendemos que os pais não lhe levavam para esse tipo de atividade, ficando o contato com os livros restrito à escola.

Além da aproximação da leitura ainda na infância, os pais foram os responsáveis por proporcionar o contato com diferentes mídias: TV, computador, iPad, revistas etc., sendo pontos que merecem destaque por percebermos como isso interferiu e direcionou as atividades desses adolescentes. Como foi o caso de Luana e Marcela, que desde cedo tiveram contato com

⁵⁹ Os vendedores mencionados por Marcos são os vendedores de livros que iam até as escolas oferecendo *kits* que continham livros e atividades didáticas em CDs.

revistas como *Recreio*⁶⁰, *Capricho*⁶¹, ou como Bianca que lia gibis, e Marcos que teve contato com os *kits* de livros que eram vendidos na escola.

No caso de Luana, como a mãe não tinha tanto tempo para ler com os filhos, ela proporcionou acesso a diferentes tipos de leituras comprando revistas, levando em revistarias e até mesmo dando de presente livros ou revistas aos filhos quando estes demonstravam bom comportamento. A maneira encontrada por ela, de compensar esse bom comportamento, não era com brinquedos ou jogos diferentes, mas com livros. Isso, para Luana, foi importante e marca a sua trajetória por ser lembrado como propulsor desse gosto que ela adquiriu, pois era também sua mãe que, quando viajava, comprava livros para a filha. Dessa forma, percebemos que o entendimento dos pais sobre a importância e sobre a preferência dos filhos é essencial para que esse gosto se mantenha.

Em todas as casas, os entrevistados citam que existe um espaço para os livros e que não se restringe apenas aos seus quartos, mas seus pais também têm um lugar para guardar os livros da família, que geralmente ficam na sala.

Uma das entrevistadas mantém uma afinidade de leitura com a mãe até hoje, pois compartilham os mesmos gostos e práticas. A mãe constantemente está incentivando a filha a ter mais livros, participar de eventos e fazer atividades juntas que tenham a leitura como foco. Por exemplo, ir à livraria, comprar livros em sites, ler ao ar livre. Foi a mãe quem apresentou o leitor digital Kindle para a filha sabendo de todas as funcionalidades, por isso, mesmo preferindo o impresso, ela tem o Kindle como uma opção de leitura. Essa relação é importante por indicar como os pais são importantes mediadores para proporcionar uma leitura para além das atividades escolares e para que isso se torne um hábito, não só com cobranças, mas com exemplos.

É com a mãe que Bianca troca comentários, fotos e preferências de leituras, a conversa com os pais vai além do cotidiano. Entendemos que é um perfil e uma relação específica, que pode ser considerada exceção, mas que permite pensarmos a importância dessa aproximação dos pais com a leitura que vai proporcionar aos filhos a valorização dessa prática no ambiente familiar.

Da mesma forma, os pais podem ser os responsáveis por tornar a leitura uma obrigação. Para Marcos, a sua mãe forçava a leitura de clássicos, e hoje ele acredita que isso tenha sido o

⁶⁰ Revista mensal da Editora Caras, publicada anteriormente pela Editora Abril. As primeiras edições estavam disponíveis em 1969 até 1981, e a partir de 2000 retornou atividades com outra filosofia. Revista destinada a crianças e desde 2000 distribuía brindes junto do exemplar. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Recreio_\(revista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Recreio_(revista))>. Acesso em: 22 de fev de 2018.

⁶¹ Revista Teen da Editora Abril que trata de assuntos de moda, beleza, comportamento e variedades.

principal entrave para se aproximar dessas leituras, e comenta “é um bloqueio que eu tenho”, por ter sido constantemente forçado pela mãe.

o primeiro livro que eu li, a minha mãe ficava me empurrando título de Machado de Assis... Crônica... ã... Brás Cubas... daí eu ficava... “Marcos, tu vai ler 10 páginas por dia”. Eu acho que não foi uma boa atitude dela ficar me mandando a leitura, 10 páginas por dia, ou 20, com esse autor... horrível, horrível. Tipo, porque eu não gosto de livro assim, talvez seja um trauma porque ela ter feito isso comigo, por eu não querer mais nenhum livro assim... não gostei do que ela fez. (MARCOS, 16).

Sabemos a importância de pais mediadores, entretanto eles precisam manter esse cuidado para não transformar isso em uma obrigação, uma cobrança que, ao invés de contribuir para que eles adquiram o hábito, acabe sendo prejudicial ao interesse de se apropriar de diferentes livros.

Isso também foi pontuado por Marcos ao comentar sobre best-sellers no grupo de discussão, tratando do que sua mãe comenta quando vê que o filho lê esse tipo de livro: “nossa, Marcos, tu fica lendo essas coisas sem conteúdo, que não vão te ajudar em nada... não vão te ajudar a fazer uma redação do Enem”. Neste momento, a intervenção dos outros entrevistados demonstra como os best-sellers, mesmo indicados pelos pais como algo sem conteúdo, não deve ser tratado assim. Bianca comenta imediatamente: “lê depois tu fala comigo, só isso...”, pois, para os adolescentes, os best-sellers também são importantes para que tenham contato com novas histórias e conheçam outras realidades.⁶²

Visto de outra forma, diferente de Marcos, a insistência da mãe de Nati foi importante para que ela iniciasse a leitura de livros indicados por ela. No caso dela, a mãe indicou leituras que tinham linguagens próprias para a filha, que ela poderia ter interesse por serem histórias para adolescentes. Foi dessa forma que ela começou a se aproximar de leituras propostas pela mãe e que acabou mantendo o hábito. Além de serem leituras que tinham mais a ver com o cotidiano da filha e com histórias que muitos adolescentes já tinham contato, como foi o caso de Harry Potter, a mãe teve outra estratégia, que foi indicar o filme. Nati menciona este momento como importante para sua preferência por livros. A mãe insistiu no livro e, ao perceber que não deu certo, ela colocou o filme para filha, do qual ela gostou e então iniciou sua aproximação da leitura.

Ã... minha mãe ficou me dizendo pra eu ler... e eu dizia... “não” (com voz mais baixa, lenta), e eu era menor, daí ela “tá, então vou colocar o filme pra tu assistir”... e aí eu assisti o filme e eu amei o filme... Daí eu comecei a ler... e daí eu não parei mais de ler... (NATI, 14).

⁶² Comentaremos essa relação dos adolescentes com os livros mais vendidos em tópico mais adiante.

Diferente de Marcos, Nati pontua que os responsáveis por despertar o gosto nela são os seus pais: “eu devo isso bastante para os meus pais, porque eu sempre, quando eu era pequena, eles liam bastante pra mim, e quando eu aprendi a ler, eles me incentivavam a ler, então é por causa deles que eu leio”.

Outro ponto destacado por eles sobre comentar e compartilhar experiências de leituras com os pais é que eles possuem uma rotina em que não têm tempo para dar atenção a isso. Isso é recorrente entre todos os entrevistados, a não ser Bianca, todos comentam que as mães e os pais gostam de ler, mas sentem que não persistem nas suas leituras pela falta de tempo, pelos compromissos diários de suas profissões, então acabam deixando a leitura de lado ou lendo menos do que os filhos esperam e, conseqüentemente, tendo poucas conversas referentes à leitura com os filhos.

Os adolescentes chegam a comentar que os pais, às vezes, negam dar algum livro pois percebem que os filhos já têm muitos na lista de espera para ler. Isso também se dá pela quantidade de livros comprados por eles e que ficam em suas estantes sem terem lido. O hábito de comprar e manter em local específico os livros reforça esse apego e essa necessidade de adquirir e armazenar o objeto. Podemos perceber que o livro para esses adolescentes é um objeto importante em suas rotinas, afinal eles destacam a importância de tê-lo em casa, em colocar em estantes, em manter um local para eles e carregá-los como se fosse um troféu: “mas daí quando eu comecei a ter os livros, eu comecei a querer ter os livros mesmo, pra ficar guardado como se fosse um troféu, tipo, aí, eu li, ele tá lá...”. Assim, o modo como os pais veem essa atividade já dá destaque para a leitura, mas, além disso, a quantidade de livros que os filhos podem para comprar

Podemos perceber que cada adolescente cresceu em um ambiente que proporcionou o contato com a leitura desde cedo, uns mais, outros de maneiras diferentes, mas que os pais inseriram o livro no cotidiano e nas atividades dos filhos. Destacamos a realidade de Marcos, por ser o único que é de outra cidade e, portanto, apresentou as diferenças que ele encontrava na sua cidade natal, pela carência de espaços de leitura na cidade, que limitaram sua infância a poucas possibilidades de se aproximar dos livros.

Além do contato com o livro proporcionado pelos pais, também são eles os responsáveis por dar a liberdade para que os filhos comprem ou não seus exemplares. Como todos indicam a preferência pelo livro impresso e, especialmente, por possuir eles, não tendo o costume de retirar na biblioteca ou pedir emprestado, todos compram os livros em livrarias ou pela internet. Então, é importante pensarmos nos limites impostos pelos pais ou na liberdade de compra,

especialmente para livros. Sentimos que alguns comentam que, se é para comprar um livro os pais nunca se negam. Afinal, entendemos que os pais tratam a leitura como algo importante para os filhos e que demonstra o interesse em que eles permaneçam com essa rotina. Luana chega a comentar que os pais admiram o seu gosto pela leitura e, que quando eles enxergam ela lendo, ficam contentes. Já a situação apresentada por Marcos é que precisa da autorização da mãe quando precisa de dinheiro para a compra de livro, é aí que ele fala que se torna mais fácil quando o livro já foi adaptado para filme, pois a mãe já aceita mais fácil.

É, eu sempre... eu vou para a escola encontrar com o pessoal e eu sempre passo aqui na frente e vejo se tem alguma promoção e tal... Mas... é... a mãe não me deixa tanto dinheiro pra eu comprar os livros... então, assim, quando eu quero comprar eu tenho que falar pra ela, tenho que dar, tipo assim, um resumo da história do livro... por isso que eu gosto de comprar livros que tenham o filme, que daí ela sabe qual é o filme, ela vê... (MARCOS, 16).

Sobre a liberdade, entendemos que, se os pais dessem mais atenção a compras e ao acesso deles pela internet, isso poderia ser algo positivo. Os pais, como instância que controla e que se preocupa com essas situações, acabam privando-os desse acesso, mesmo que tenham condições. Observamos isso, pois sentimos certo incômodo dos adolescentes por ter de pedir para os pais realizarem o cadastro em sites para conseguirem fazer a compra de livros. Apenas duas meninas tinham cartão de crédito disponível para compras, os outros precisavam da ajuda dos pais para isso.

A única a mencionar que os pais privaram ela de ler algo, mesmo que ela não tenha conseguido identificar os motivos dessa privação, mas que entendemos que foi por ser uma leitura adulta, foi Marcela: “às vezes eu procuro ali e tento ler... tipo. Algumas vezes eles me dão algumas dicas, eu já quis ler o Código da Vinci e O Menino de Pijama Listrado, mas meus pais não deixaram, e daí eu tive que devolver pra eles”. Joana também comenta sobre essa censura feita pelos pais, mais direcionada para as séries, mas ela percebe isso entre seus amigos e em relação ao seu pai que, diferente da sua mãe, não tem tanta abertura. É com a mãe que ela conversa e tem liberdade para tratar desses assuntos sem medo e sem censura, e, para ela, isso é positivo.

Sim, é bom porque não tem essa censura, sabe? Tipo, eu sei que tem uns que não podem nem falar de umas certas séries na frente dos pais, sabe? E a minha mãe, tipo, eu posso olhar Game of Thrones com ela, sabe? Então eu gosto que tem essa abertura e meu pai não tem. (Joana, 14).

Iniciar a leitura e manter um ambiente propício para esse hábito é também responsabilidade da família. São eles que vão oferecer espaços dentro de casa para que a leitura esteja inserida na vida cotidiana desses adolescentes. Demonstrar o interesse pelos livros e tratar este como objeto importante, não apenas como decoração, também é papel dos pais. Manter conversas e desejar saber mais sobre o que os filhos estão lendo ou acompanhando, sugerir leituras, tudo isso é importante para que eles se sintam incentivados. Esse apoio, e também o apoio financeiro, são importantes para que a leitura avance. Mas não podemos deixar de mencionar que os pais também são cruciais para que os filhos tenham contato com outras formas de acessar o impresso, pela internet ou então pela biblioteca, não apenas com a compra.

4.2.2.3 Amigos

Além da escola e da família serem instituições importantes no incentivo e concretização das práticas desses adolescentes em uma fase de transição e de contato direto com amigos, vimos que as relações de amizade são constitutivas de grande parte das preferências e hábitos dos nossos entrevistados. Para Rocha e Pereira (2009, p, 67), a amizade é um dos eixos que sustenta a adolescência, pois “fazer amigos é uma preocupação central dos adolescentes, que orientam grande parte de suas decisões visando atingir este objetivo”. Essas relações são, em grande medida, estabelecidas na escola, onde ganham força e se tornam grandes amigos. Isso vai além da sala de aula e dos conteúdos programados, pois é com os amigos que eles compartilham suas angústias e alegrias, suas idas à livraria e links de preferências de leitura.

A amizade é um encontro com a leitura, é com os amigos que eles trocam livros, informações sobre livros e autores e se sentem à vontade para conversar sobre diferentes assuntos. As escolhas individuais, hábitos e preferências estão em consonância com a dos amigos, e as indicações feitas por eles são tomadas como algo que deve ser levado a sério. Não só isso, mas especialmente pela aprovação, pela troca que estabelecem entre seus semelhantes e pela confiança em relação às suas suas escolhas. Além disso, fica claro que as trocas estabelecidas de leituras e livros é frequente a partir do envio de links, comentários e fotos entre os amigos. Nessa relação, podemos perceber como os laços de amizade são importantes e, ao mesmo tempo, responsáveis por proporcionar essa sintonia também com as leituras que eles fazem no seu cotidiano.

Foi o que Luana comentou sobre sua inserção na leitura de diferentes assuntos, quando via suas amigas comentando e não conseguia participar da conversa por não ter acesso aos

mesmos livros. A partir dessas situações, ela explica sua aproximação a partir do gosto das amigas:

foi um pouco da minha curiosidade, mas foi muito das minhas amigas, porque quando eu comecei a ler, eram poucas amigas minhas que gostavam de ler também, e elas só gostavam de ler outro tipo de livro, daí eu ficava tipo... eu queria poder conversar sobre aquele assunto com elas, eu queria poder, sabe? Só que eu não sabia, porque eu não gostava. (LUANA, 14).

Não só nas indicações, mas os amigos também são responsáveis por propor novos rituais, como quando Bianca resolveu colocar adesivos para identificação de livros de cada ano, ao ver que Luana fazia isso; manter um caderno de anotações por ver que a amiga também preenchia um caderno. São hábitos que eles compartilham que podem incentivar a leitura. Da mesma forma que o grupo de leitura feito pelas amigas acabou proporcionando o contato de Marcela com a autora Paula Pimenta: "é... a gente se reunia pra trocar livro... e aí que eu conheci a Paula Pimenta... e os livros dela". E hoje essa é a sua autora preferida.

Percebemos que eles se sentem bem falando de suas leituras e gostam de compartilhar com pessoas que já leram a mesma história. Por exemplo, Marcela e Marcos leram um livro com amigos ao mesmo tempo, para que pudessem comentar e tirar dúvidas sobre a história, lendo em conjunto, mesmo que separados. Essa necessidade de compartilhar suas opiniões e debater sobre isso é o que Canclini (2014, p.174) pontua ao mencionar que "o prazer da leitura está associado à convivência e ao intercâmbio social". Comentar com os amigos ou pessoas que já leram e acompanhar a história, os deixa entusiasmados, e isso ficou visível no grupo de discussão, quando cada um apresentou o seu livro favorito (Figura 2) a maioria concordava e falava que já haviam lido ou que tinham interesse naquele livro. Isso tornava eles uma referência para o grupo, um incentivo e um ânimo para falar sobre livro e leitura. Afinal, compartilhar com o grupo é algo que constitui a leitura desses adolescentes, que fazem da leitura uma leitura partilhada.

Figura 2 - Livros preferidos apresentados no grupo de discussão



Fonte: autor

Em vários momentos conseguimos identificar a família, a escola e os amigos, como importantes no processo de conhecer ou iniciar alguma atividade. A escola, mesmo que com poucas ações, ainda proporciona contatos com livros, mas além dessas mediações ficou claro que muito do que é feito pelos adolescentes é perpassado pelo contato com as novas mídias, os novos dispositivos pelos quais eles se comunicam e que passam a fazer parte do cotidiano e também da leitura. Percebemos também que essas trocas são feitas especialmente entre amigas, pois não identificamos entre meninos. No próximo tópico discutiremos sobre a percepção dos entrevistados sobre meninos leitores.

4.2.2.3.1 Menino leitor?

Embora não tenha sido possível aprofundar questões de gênero no trabalho, todos os adolescentes percebem que a leitura é feita em sua maioria por colegas meninas e amigas. Luana chega a destacar que: “porque tem bastante gente que lê... mas é sempre guria... Não sei por

que... eu tenho uma raiva disso, porque é só guria, porque que os guri não podem ler? Eu fico com uma raiva disso...”

Marcos, o único entrevistado menino, destaca que tem dificuldade em manter conversas com leitores, pois na sua classe a maioria é menina e elas não se sentem à vontade para falar com ele, por isso ele acaba ficando sozinho e deixa para comentar sobre suas leituras com uma amiga da sua cidade por terem uma boa relação desde a infância, então ele consegue dialogar sobre livros, já que na escola e entre os amigos não encontra esse espaço. Destacamos a fala de Marcos ao retratar amigos que leem: “eu vi que... poucos meninos gostam de ler, eu sempre tenho amigas que gostam de ler... não tenho, nenhum amigo que leia... nenhum... amigO, só amiga”.

Essa diferença entre meninas e meninos é vista pelos entrevistados como uma maneira dos meninos não se aproximarem, pois essa atividade é vista como algo feminino, então, quando encontram meninos lendo na aula, os outros meninos fazem deste motivo de chacota. Isso foi indicado também pelo estudo nacional Retratos da Leitura, quando 59% dos leitores são meninas enquanto 52% são meninos. Para Petit (2008, p.128), isso é visto como um medo que o leitor homem tem em relação ao que os outros vão pensar dele, sobre ele estar lendo, ou seja, a ideia de que ler “efeminiza o leitor”.

Como já visto até aqui, grande parte das relações estabelecidas com seus amigos é perpassada pelas trocas feitas pelos *smartphones* e redes sociais. Por isso, no próximo tópico de análise discorreremos sobre os usos e apropriações do livro feitos por eles, que são mediados pela internet e pelas novas tecnologias.

4.2.3 Tecnicidade

Failla (2014) identificou nos Retratos da Leitura que os leitores têm uma origem cultural, familiar e escolar diferenciada e recebem um bombardeio de imagens, informações e linguagens, dividindo o seu tempo de lazer entre essas diferentes atividades. Dessa forma, a autora destaca que o maior desafio para essa situação é manter esse interesse pela leitura além do que ela chama de ondas, ou seja, das novidades. Neste tópico, daremos atenção à incorporação feita por esses adolescentes em novos modos de se relacionar com o livro proporcionados pela tecnologia, internet, dispositivos móveis e redes sociais. Perceber como que a tecnicidade, ou seja, a relação dos formatos industriais e as lógicas de produção, implica em novas práticas de leitura, ou complementam e permitem pensar sobre essas práticas. Como já mencionado anteriormente, conseguimos identificar que a tecnicidade é responsável por

reconfigurar tanto os rituais desenvolvidos pelos adolescentes, como o contato que têm com o livro em casa, na escola e com os amigos, por isso ela permeia cada uma dessas situações.

A fase de transição aliada aos diferentes mediadores dos quais esses adolescentes têm acesso e contato com os livros, atividades cotidianas, leituras em diferentes meios, amigos, colegas e família se entrelaçam diante desse novo entorno. Alguns pontos merecem atenção para pensarmos como isso reconfigura o que podemos pensar sobre a leitura e sobre a autoridade da escola e da família em contraste com os amigos e a internet.

A internet pode ser vista como "*una serie de espacios sociales diversos*" (HINE, 2004, p. 143). Ela é responsável por diferentes encontros que acontecem no cotidiano dos adolescentes da pesquisa, pois, a partir dela, eles se relacionam com amigos, familiares e pessoas da internet que, direta ou indiretamente, fazem parte de suas rotinas de leitura e atividades. São diferentes os exemplos comentados pelos entrevistados, como já mencionamos e trataremos a seguir, desde indicações feitas no Youtube, como as indicações em páginas de autores e editoras, mais especificamente sobre grupos de leitores dos quais participam e onde conhecem adolescentes que têm os mesmos interesses, trocam mensagens, comentários e *likes*. A internet "articula, mantém, fortalece e (re) cria os laços afetivos, as interações em rede, e os sentidos de pertencimento e unidade" (COGO, 2009, p. 9), reforçamos o que foi visto anteriormente, pois entendemos que a internet proporciona essa aproximação aos semelhantes interferindo em suas escolhas

4.2.3.1 *Recomendações de leitura na internet*

Para Petit (2008, p.148), embora "a leitura fosse em grande parte uma questão de família, também é influenciada por um contexto mais amplo, um ambiente que convida ou desestimula a aproximar-se dos livros". Dessa forma, por que não pensar na internet como esse outro espaço no qual os adolescentes podem se sentir estimulados a próximas leituras? Neste tópico discorreremos de que maneira os adolescentes entrevistados se sentiram estimulados por diferentes aspectos da rede, aproximando-se de novas leituras.

Entendemos que o leitor passou a ser também um seguidor (FAILLA, 2014, p.90), pois acompanha lançamentos e autores querendo ser o primeiro a saber sobre qualquer atividade dos autores e livros preferidos. Além disso, eles se interessam pelo que o autor representa e o que ele faz na sociedade, é algo que vai além de acompanhar por acompanhar ou ler a obra. Eles admiram a vida do autor, querem se sentir parte, ter a oportunidade de se aproximar não só da

obra, mas daquilo que o autor representa para além dela. Ao falar sobre acompanhar os autores em redes sociais, Joana deixa isso claro da seguinte maneira:

mais no Twitter, porque é normalmente lá que eles falam as coisas... eu gosto de ver... eu sigo o Instagram de Percy Jackson, porque, ele é um autor infantil, então pra mim ele fala umas coisas que são meio assim, mas ainda assim eu acho, assim, como pessoa... porque ele tá sempre ajudando umas Ongs, ele faz uns texto de... ã... como é... de diversidade, que eu acho muito bons... e os livros dele... Tipo, no início ele tinha umas censuras, por causa da editora dele e tal, mas agora ele tá podendo fazer, e daí tem muito personagem LGBT, ele fala da questão de migração e tals, os livros infantis nele, sabe? Então eu gosto de seguir. (JOANA, 14).

Da mesma forma, Luana destaca como é importante ter esse contato, essa proximidade, que fica aparente quando todos mencionam acompanhar em suas redes sociais editoras, autores, artistas de séries ou Youtube. Luana considera importante poder acompanhar o processo de criação ou conhecer mais sobre o autor, saber como ele é, quais são suas características, como a pessoa vive:

tu ter contato com o autor, traz uma coisa muito mais real, sabe? porque tu vai lá... no livro tu vê aquela fotinho que tem atrás do livro... sabe? que tem o autor, tu não vai saber qual a personalidade dele, como ele se sentiu... como é que é o jeito que ele fala, e tipo... tu percebendo isso como a pessoa fala e como a pessoa escreve, tu consegue assimilar umas coisas, sabe? tipo... ã... digamos que tem um artista estrangeiro e ele fala todo agitado assim, e não sei o que e animado... daí tu vai ver que o livro dele é mais agitado, as coisas acontecem mais rápido (LUANA, 14).

Cabe mencionar que essa relação com o autor é facilitada, mas não somente feita pelas redes sociais, para isso trazemos uma recordação de Joana sobre seu contato com a autora na escola: “eu lembro que eu comecei a pedir livro na segunda série, porque foi uma autora lá na escola, e daí ela foi falar com a gente... e ela falou bastante comigo... e daí eu fiquei: ‘meu deus, a autora me reconheceu’. Dai eu quis ler os livros dela.” (JOANA, 14).

A relação que estabelecem com autores nas redes foi vista por Malini (2014, p.216-217) na página da rede social de Thalita Rebouças, na qual ele identifica que ela se configura como uma “espécie de mercadoria literária, em que o consumo do público não apenas se resume às suas obras, mas à sua subjetividade e ao mundo privado que entrega aos seus fãs”. Ou seja, eles enxergam o autor de outra forma, se aproximam, buscam estar próximos pelas redes, que é o caso dos entrevistados que comentam que querem sempre saber mais, porque ter esse contato faz com que eles vejam o autor como mais real e com a possibilidade de interagir com ele em comentários e mensagens.

Os adolescentes têm acesso a mais conteúdos, a informações relacionadas, a comentários de outros leitores e dos próprios autores. São leitores ativos, críticos e participativos. Antes de ler, eles recorrem a comentários, resenhas, ao que o autor diz, ao que um *Youtuber* comenta sobre a leitura. E assim vão delineando leituras e preferências. Eles acompanham porque percebem que existe algo além da história, e isso também os prende a um contexto proposto pelo autor. Ao acompanhar sua vida pessoal, eles admiram e se interessam por outras leituras. Não que isso só fosse possível através da internet, mas essa ferramenta facilitou o acesso ao diferente e ao que eles compartilham com pessoas distantes.

Marcos, Bianca e Nati têm o hábito de consultar vídeos na internet, vídeos com temas de leitura. Na internet encontram indicações de leituras, ou indicam alguns livros. Como para Nati, “*As Vantagens de Ser Invisível*”⁶³ eu já li por indicação de um *Booktuber*”. E isso é reforçado por Bianca, ao mencionar que: “com certeza, eu adoro ficar vendo vídeo no Youtube, sempre tem alguma coisinha escondida...” (BIANCA, 14). Luana ao mencionar as indicações da internet destaca que “se essa pessoa gosta tanto, por que eu não vou gostar? E daí dá vontade de conhecer coisa nova” (LUANA, 14).

Foi também pela indicação de *Booktubers* que Luana e Marcos ficaram sabendo das experiências literárias, mesmo que não tenham participado, recordaram de terem conhecido através dos *Booktubers*: “eu conheço pelos *Booktubers* e tal, que participam às vezes..., mas eu nunca fiz isso, e tenho muita vontade”. (LUANA, 15). Ou seja, são espaços que podem indicar outras possibilidades para esses adolescentes.

Quando ficam em dúvida de qual livro seguir, ou por qual livro do autor devem iniciar, recorrem novamente à internet. Um exemplo disso é quando Marcos estava em dúvida sobre qual livro ler de Stephen King e, ao assistir um vídeo, identificou qual seria melhor:

[...] fiquei pesquisando qual que seria o melhor pra começar... e... disseram que... é uma... é meio que uma continuação, os livros de Stephen King, e... disseram que era pra mim começar pelo *Cemitério*... Que eu queria começar pelo *Iluminado*, porque eu não vi o filme ainda, então eu não sei nada sobre o *Iluminado*... [...] (MARCOS, 16).

Não é apenas uma tecnologia pelo qual eles buscam referências para leituras, mas, ao mesmo tempo, é no Youtube que eles conhecem as celebridades que também lançam livros das suas histórias. É o caso de Nati, que comenta que comprou os livros de *Youtubers* famosos, estes que não eram especificamente *Youtubers* de livros ou leitores, mas que lançaram livros sobre suas vidas.

⁶³ Autor: Stephen Chbosky, Editora Rocco.

Eu li os dois primeiros livros do Cristian⁶⁴... e são muito interessantes, porque são histórias da vida dele eles fazem deles... eles filmam o dia deles e postam... só que é muito interessante... porque é só história da vida dele, sabe? E são histórias legais... E o da Kéfera eu li o primeiro, só que eu não gostei muito... porque era uma biografia dela... só que assim... uma biografia de uma pessoa de 20 anos, sabe? Aí quando eu era criança eu comia areia na praia... era tipo isso... ã... é... daí eu não li os outros dois dela... (NATI, 14).

Percebemos o quanto a tecnicidade passa a ser estruturante no contato e nas novas possibilidades propostas pela tecnologia, que vão diretamente demandar novas situações de leitura. Os modos de estar junto, as maneiras de compartilhar histórias, isso tudo vai ser permeado pela lógica dessas tecnologias, que proporcionam maneiras de conexão, troca e entretenimento. Os modos de estar junto a partir dos livros ganham uma nova dimensão. É a tecnicidade que reorganiza e direciona essas práticas, é ela quem dá suporte para que as apropriações se configurem, baseada nos sentidos produzidos e interpretados pelos adolescentes, e ainda o que eles fazem com isso para que a leitura tenha novos aspectos nesse cenário.

Cabe mencionar que Chartier (2014, p.31) vê nisso um grande perigo do mundo digital, que é a facilidade de encontrar o que o leitor procura, sendo que o autor considera que os encontros inesperados que aconteciam em bibliotecas, prateleiras de livrarias e periódicos impressos não acontecem mais em função de a internet proporcionar essa facilidade. Entretanto, percebemos que a internet pode criar novos espaços de encontros inesperados, que é o que pode acontecer ao consultar um vídeo no Youtube, uma resenha, um filme, e que estes podem direcionar para próximas leituras. A indicação feita em redes sociais, grupos, *Booktubers* também podem criar novas referências que nem mesmo em prateleiras de livrarias teriam tantas trocas. Vimos que nossos entrevistados tomaram conhecimento de leituras dessa forma, por indicações de influenciadores e sites na internet, conectando-se com diferentes pessoas ao redor do mundo, não ficando presos a indicações apenas de pessoas conhecidas.

Ao mesmo tempo precisamos atentar para o que é organizado na rede automaticamente mediante restrições de acesso. A lógica da rede também pode interferir nessa facilidade de encontrar aquilo que se quer ou aquilo que a rede quer que você encontre⁶⁵.

⁶⁴ Christian Figueiredo ficou conhecido em 2014 quando se tornou o um dos maiores fenômenos do Youtube Brasil. Atualmente seu canal conta com 4.654.653 inscritos. Com o sucesso, ele lançou o livro “Eu Fico Loko” contando histórias que marcaram a sua vida.

⁶⁵ Isso acontece em virtude dos algoritmos. Atualmente, os algoritmos do Google utilizam mais de 200 sinais ou “pistas” diferentes para adivinhar o que você realmente procura. Esses sinais incluem aspectos como os termos em websites, a atualização do conteúdo, a região do usuário e o PageRank. O PageRank determina a relevância e

Percebemos que a leitura ganhou outras proporções com os dispositivos como o celular, que está sempre conectando os leitores aos amigos e são responsáveis por novas maneiras de buscar e receber conteúdos; as indicações de sites, as promoções, todo um sistema de marketing⁶⁶ criado para que a pessoa encontre produtos semelhantes. E isso é destacado por Luana, que indica que ao pesquisar sobre determinado livro acaba encontrando sugestões nos sites e conhecendo novos autores e publicações: “por vídeos, ou por ser indicado por outro livro, sabe? Tu vai ali na... no lugar que tem o livro e fala ‘livros semelhantes’ daí eu vou ali olhando...” (LUANA, 14). E por Nati e Bianca, que relatam já ter visto outros livros por indicação, ou Marcela que, como já vimos, fez sua primeira compra a partir de uma promoção que ficou sabendo pelas redes sociais:

[...] porque tipo esse dias eu pensei... vou abrir o Facebook e de casa, destino, e de cara apareceu (falando do livro que comprou pela internet). *Meudeus*, eu preciso disso e daí de cara eu saí correndo atrás da minha mãe... Aí... ela deixou[...] (MARCELA, 14)

Essa situação também ocorreu com Luana e Bianca, elas comentaram sobre o contato que tiveram com as informações de livros disponibilizadas nas páginas das editoras:

É... também tem as páginas das editoras, eu fiquei sabendo de um livro da editora pela página da editora, e daí... é tipo... hoje em dia, um dos meus livros favoritos, e daí... agora até saiu o terceiro da coleção e eu tô louca pra comprar e eu não posso comprar ainda (LUANA, 14).

É... eu sempre fico seguindo os Instagrams das editoras, daí quando tem novidade eu já fico assim olhando... às vezes eu compro até os livros na pré-venda, na Amazon, que eu quero que chegue logo (BIANCA, 14).

A compra em pré-venda de autores e livros que já vêm assinados, acompanhamento das editoras e autores em suas redes sociais são atitudes que demonstram os interesses desses adolescentes e nos colocam indícios para refletirmos que o mercado editorial precisa atentar para essas necessidades, de contato com autores, de exclusividades em publicações de

importância de uma página na Web. E de acordo com todos esses aspectos é que ao realizar uma busca você vai receber certo tipo de informação e não outra. Disponível em: <<https://www.google.com/intl/pt-br/insideseach/howsearchworks/algorithms.html>> Acesso em: 23 fev. de 2018.

⁶⁶ O marketing utilizado para indicação de produtos semelhantes é o chamado Remarketing. Conforme o Google Adwords plataforma de publicidade do Google que utiliza esse sistema, O Remarketing ajuda a alcançar pessoas que visitaram o seu Website. Os visitantes ou utilizadores anteriores podem ver os seus anúncios à medida que navegam em Websites que fazem parte da Rede de Display da Google ou quando pesquisam termos relacionados com os seus produtos ou serviços no Google. Disponível em: <<https://support.google.com/adwords/answer/2454000?hl=pt&topic=2677326&ctx=topic>> Acesso em: 23 fev de 2018.

lançamento etc. Ao mesmo tempo, nos indicam como a compra está associada também à liberdade de compra que comentaremos mais adiante.

4.2.3.2 *Rituais mediados pela internet e dispositivos móveis*

Sobre os rituais, percebemos que a tecnologia não é mero instrumento para esses adolescentes, ela acaba moldando seu cotidiano e direcionando suas práticas, da mesma forma que permite que cada um tome suas direções. A internet, além de meio de busca e de levar os adolescentes para conhecer diferentes referências para suas leituras, também proporciona a eles a troca de informações sobre o que eles leem a partir dos seus dispositivos, e eles acabam criando rotinas dentro de redes sociais e suas possibilidades.

O celular e seus aplicativos são os responsáveis por proporcionar rituais específicos a esses leitores, afinal eles estão conectados e interagindo ininterruptamente (FAILLA, 2014, P.80). Por exemplo, Bianca comenta sobre receber livros e compartilhar com aos amigos em seu aplicativo: “e quando chega eu tenho um ataque! Eu faço Snap, mando pra Laura...” (BIANCA, 14). Isso demonstra que o celular é o responsável por permitir o compartilhamento dessas experiências de leitura com os amigos, ele é peça chave nessas trocas, pois muitas atividades são mediadas pelo celular, então os adolescentes dispensam o computador para as atividades rotineiras e utilizam mais o celular para troca de mensagens, vídeos, *links* etc.

O que os adolescentes mais costumam fazer é pesquisa pelos buscadores, seja para trabalhos escolares, alguma música ou então algo sobre o que estão em dúvida em alguma leitura, como exemplifica a fala de Nati:

quando eu tava lendo os livros do Percy Jackson, essas coisas aí... que... é que assim, todos os livros do Rick Riordan são sobre alguma mitologia, sabe? Ou é grega ou é Egípcia, sei lá... Viking... e daí, às vezes aparecia alguma coisa que eu não sabia o que que era e daí eu só ia olhar tipo, o nome de alguma coisa e: “ah, tá! é isso!” Daí voltava assim... (NATI, 16)

Bianca e Luana são as que mais compartilham seus comentários sobre livros e leituras em redes sociais, elas comentam e postam sobre o que leram ou alguma referência que tenham gostado. Percebemos que essa atividade faz parte de suas rotinas. Luana afirma: “daí eu boto bastante frases dos meus livros favoritos de legenda... pode ter certeza que alguma legenda vai ser livro...”. A apropriação da leitura é feita pela utilização de frases em seus perfis de redes sociais, em fotos e legendas ou compartilhando conteúdos das editoras: “eu sempre tô compartilhando as coisas, porque eu sigo as páginas, tipo, as páginas do Stephen king, do Harry

Potter, de clássicos, eu curto, daí quando eles fazem uma publicação legal, eu tô sempre compartilhando...”(BIANCA, 14).

Essa apropriação é tida por Maria-Claude Penloup (2000 apud Petit 2009, p.221) como uma proteção, pois, a partir do que o outro diz, os adolescentes se sentem seguros em compartilhar aquilo que representa o que estão passando e sentindo em suas vidas, utilizando frases, fotos etc. Para Malini (2014), eles se projetam, identificam-se com a intensidade das frases e, além disso, isso funciona como uma espécie de autoajuda em tempo real (MALINI, 2014, P.210). Petit (2008, p.77) corrobora o pensamento dos autores ao reforçar que os adolescentes “sentem necessidade de compartilhar essas frases e textos para representá-los” e agora utilizam as redes sociais para expor esses sentimentos.

Os adolescentes participam e interagem com os conteúdos feitos pelas editoras e autores. Luana menciona responder ao que os perfis de editoras e autores colocam nas redes sociais, pontuando: “ah, eu comento, eu acho tão legal... Ou quando eu não comento é porque eu tô com preguiça de digitar, ai eu só penso.”. Ou seja, demonstra que eles estão acompanhando e atentos ao que as editoras estão propondo também em suas redes sociais, espaços que permitem maior aproximação e troca com o seu público.

Já Marcos, Marcela e Nati preferem trocas entre seus amigos enviando *links* e fazendo marcações em fotos. Isto é reforçado durante o grupo de discussão, quando um comenta sobre o hábito do outro, ao falar sobre o envio ou marcações de amigos nas redes sociais e destacar que este tipo de atividade é constante entre o grupo. Não significa que todos façam o mesmo, mas esses três preferem compartilhar apenas de maneira privada ou direcionada a amigos próximos e não em redes sociais que todos têm acesso ao seu comentário.

Não são só as redes sociais ou as ferramentas disponíveis nos *smartphones* responsáveis por despertar o desejo de novas leituras, por gerar curiosidade. Marcos deixa isso claro ao destacar o quanto as séries e filmes influenciam suas escolhas: “tá... eu comecei a ler *Desventuras em Série*⁶⁷ por causa da série do Netflix... Tá, eu vi a série do Netflix primeiro... daí eu comprei todos os livros...”. Essa situação de influência de filmes e séries é percebida por Marcela e Nina ao comentarem como isso também interfere em referências de leitura ou como o livro também pode levá-las para um filme ou série.

Failla (2014, p. 84) entende que, ao gastar tantas horas de lazer nas redes sociais, a magia dos livros pode não estar no acesso aos segredos desconhecidos das histórias, “mas no compartilhamento desses segredos e mistérios, ou (tomara) em uma nova forma de se

⁶⁷ Autor: Daniel Handler, Editora Seguinte.

autoafirmar mostrando cultura e conhecimento”. Ou seja, ao comentar, ao participar de discussões feitas nas redes sociais, que tratam especialmente de histórias de livros ou séries, é que entendemos que o que desperta essa interação nos adolescentes é o desejo de compartilhar, de participar de um grupo de interesse. Isso fica evidente ao percebermos que os adolescentes da pesquisa realizam esse tipo de atividade e sentem-se animados e entusiasmados ao falar das leituras, tanto ao comentar sobre o que fazem na internet, como quando falam sobre suas preferências no grupo de discussão feito nesta pesquisa. Observamos a emoção ao falar de autores e livros que já foram lidos pela maioria. Isso é, para Failla (2014), o que pode despertar novos leitores, o que seria o segredo para despertar novos hábitos, incentivando a interação e participação desses adolescentes, criando essas relações entre autores e leitores, entre leitores uma “nova relação de troca e identificação” (FAILLA, 2014, p. 84).

No entanto, também cabe pontuar que o celular é pouco utilizado como ferramenta de leitura, pois cinco dos entrevistados comentam que não se adaptaram à leitura de livros pelo celular, da mesma forma que não conseguem ler pelo computador ou *e-reader*. Bianca é a única a comentar sobre sua experiência de leitura no *e-reader*. Apenas Joana comenta sobre seu interesse pela leitura no celular, pontuando principalmente a facilidade de encontrar leituras em outros idiomas e por serem mais baratos: “até porque tem uns livros que eu gosto de ler em outros idiomas, e daí fica mais fácil de achar PDF, bem mais barato.” (JOANA, 14).

Para os demais entrevistados, o celular é tido especialmente como opção de leitura em momentos nos quais eles não têm o livro impresso por perto, como quando estão em filas, esperando em alguma atividade entre as aulas, ou quando viajam, em situações que preferem baixar no celular a leitura que já está sendo feita no impresso. Para Bianca, Luana e Nati o celular usado é apenas uma opção.

Se eu não tiver o livro, eu vou ter o PDF dele... eu acho isso muito útil, porque às vezes eu saio de casa pra... pra fazer tal coisa, daí no final vou ter que esperar. Ou saio de casa e tem um monte de trânsito, daí eu vou ali... no... no PDF, e fico lendo no celular... pra não ficar levando o livro pra cima e pra baixo. (LUANA, 14)

Ã... tem um site que é o LeLivros... e daí eu boto lá o livro que eu quero, faço download de PDF, e daí ele vai direto pro iBooks no celular.” (NATI, 14)

Além disso, o celular também serve como depósito de memórias de livros, frases, fotos e o que tiver sobre o que estão lendo no momento e pretendem enviar para amigos ou salvar no celular para ter consigo. Os rituais feitos utilizando as tecnologias e possibilidades destas como: *printscreen* da tela, compartilhamento, marcação de comentários, envio de fotos e vídeos. Isso

demonstra a apropriação feita por cada um nessas redes e dispositivos que não estariam diretamente voltadas para esse tipo de atividade, mas foram utilizadas de maneira que eles adaptassem isso ao seu cotidiano e imprimissem esse significado na sua rotina, o de estar sempre compartilhando suas preferências e atividades com amigos. O celular é tido como instrumento principal de troca de informações sobre livros e leituras, às vezes para manter na memória e outras para mostrar o que estão fazendo aos amigos.

Em muitos momentos percebemos que as práticas tradicionais, como marcação de livros, são mescladas com atividades feitas no celular como, por exemplo, Bianca, que usa o celular para armazenar informações sobre a leitura:

Ã... eu uso muito Post-It, sabe, aqueles de por no canto da página, eu ponho no canto da página, eu não ponho na página inteira... e eu quero, sei lá, por exemplo, um parágrafo, eu ponho ele mais ou menos na linha, que daí já fica mais ou menos marcado... E daí eu anoto no bloco de notas do celular, ou no caderno separado... (BIANCA, 14).

Outro exemplo disso é em relação ao cuidado com os livros, quando Marcos vai ao Youtube para consultar de que maneira pode conservar melhor seus livros.

É... eu pesquisei vídeos na internet de como fazer com que o livro... é... fique mais tempo inteiro... (risada) Porque eu, realmente, tenho... o primeiro livro, que foi a uns três anos atrás, que eu vi, as páginas, pelo menos as páginas das laterais, tão bem mais amareladas, e daí eu fiquei “ai, que droga, porque que fica assim” (MARCOS, 16).

Dessa forma, eles criam estratégias que aliam atividades no impresso e no digital que contribuem para armazenar e ter consigo aquilo que selecionam no impresso e que pode ser utilizado nos seus dispositivos. Ou seja, transcendem também a própria lógica estabelecida pelos seus dispositivos, adaptando ao que eles realmente precisam. É o caso da apropriação feita por Luana ao criar grupos no WhatsApp para armazenar informações importantes e utilizar o aplicativo de conversa para isso: “daí tu tem que botar uma outra pessoa no grupo, e depois excluir a pessoa, mas eu faço isso direto... Eu tenho esse... esse grupo que sou só eu, daí tem outro grupo que sou só eu... Esse aqui sou eu fazendo textão, ã...” (LUANA,14).

Com a internet, esses rituais cotidianos se adaptam ao que é possibilitado pelas tecnologias. A marcação em fotos, os *printscreen* enviados aos amigos, as redes sociais que permitem a troca de imagens, tudo isso é utilizado por eles para trocar experiências de leitura. Esses diferentes usos vão indicar não apenas como a leitura se reorganiza neste cenário, mas como ela é modificada pelas tecnologias. Por exemplo, mesmo que isso não fique realmente explícito, Luana indica que o celular já distraiu sua leitura, pois quando lê e pega o celular já

percebe que não vai conseguir se concentrar e não volta para a leitura, apresentando uma dificuldade de manter uma “profundidade de imersão” (CAR, 2011, p.129). Falaremos sobre essas mudanças mais adiante.

4.2.3.3 Acesso e competências para usos

Percebemos alguns indícios apresentados pelos adolescentes quando estes demonstram dificuldades que estão ligadas a competências para usos específicos de seus dispositivos e ferramentas das quais eles, muitas vezes, não conhecem todas as funcionalidades. Observamos o relato feito por Luana sobre duas questões de acesso: internet 3G e memória disponível no celular: “eu... baixo pelo computador, eu baixo no computador e conecto o celular, senão tu fica gastando memória, e eu já gasto minha 3G inteira, então não dá certo. Então eu baixo as coisas no meu computador e é mais fácil”. Mesmo que neste momento ela fale sobre um aplicativo de música, fica claro que o adolescente faz escolhas também por questões técnicas. Neste ponto precisamos ponderar sobre como o meio editorial vai pensar em alternativas que consigam abarcar esse tipo de questão, como o livro entra neste cenário restrito, onde só permanece aquilo que “vale a pena”. Se não for do interesse e não mantiver o adolescente envolvido, não sendo realmente útil, ele prefere utilizar seus dados móveis de internet e memória do celular com outros aplicativos e funções.

As editoras precisam atentar para os interesses e em como despertá-los, pois, conseqüentemente, estarão despertando ou trabalhando para a leitura. É o caso da entrevistada Joana, que destaca sua relação com aplicativos de leitura, e, ao indagarmos quais eram os aplicativos que mantinha no celular, respondeu: “de leitura? Eu tinha uma época uma lista... só que daí eu fiquei sem espaço e eu tive que desinstalar, daí agora quando eu quero escrever alguma coisa, eu só uso as notas... e eu tenho a pasta de documento de PDF... que é o que eu guardo os livros...”. Isso diz respeito a disponibilizar aplicativos leves e sem necessidade do uso de internet, ou adentrar nas redes sociais de leitores, criando maneiras de conexão entre autores e leitores, espaços em feiras e bienais, mas considerando os usos e conhecimentos destes receptores.

A entrevistada Marcela exemplifica com outra situação: “o impresso tu vai ter sempre na estante né, tu não vai perder.. digamos... porque... Que nem aconteceu com as minhas fotos, que se eu não tivesse salvado... e eu tinha perdido tudo... E agora vou ter que refazer todas minhas pastas de novo” (MARCELA, 19). É necessário atentar a como essas “marcas digitais são extremamente vulneráveis a todo tipo de apagamento” (PALACIOS, 2014, p.105),

diferentemente dos materiais impressos e palpáveis como o livro. Esse ponto também pode ser considerado no que já mencionamos sobre o conhecimento que os adolescentes têm dos suportes, pois, por exemplo, os *e-readers* permitem que a pessoa tenha um *login* e que todas as suas leituras e compras permaneçam neste sistema, mesmo quando a pessoa perde ou danifica o suporte físico. Ou seja, mesmo que seja fácil perder arquivos, já existem sistemas que mantêm armazenado os dados da pessoa em aplicativos ou na nuvem. Mas, para isso, os adolescentes precisam conhecer essas possibilidades e saber como utilizá-las.

Não é nossa intenção adentrar às possibilidades ou apresentar alternativas para os adolescentes, mas atentar para o que suas experiências dizem sobre questões técnicas que também interferem em suas práticas de leitura. Castro (2012, p.66) defende que “é ingênuo supor que apenas por conviver com as redes sociais desde que nasceu esta última geração seria ‘naturalmente’ desenvolva nos modos e fazeres da cultura digital.”. Podemos perceber que existem aspectos em que os adolescentes carecem de conhecimento e que, se eles tivessem mais informações ou fossem educados para as mídias (LIVINGSTONE, 2011) acerca das ferramentas, isso poderia contribuir para os usos dos dispositivos. Ao mesmo tempo, observamos que eles criam maneiras de se apropriar criativamente a partir de suas necessidades, o que, muitas vezes, também é positivo, como os grupos criados para armazenar passagens de livros e pastas criadas para armazenar informações de leitura. Por isso, a importância de não só pensarmos em como despertar o interesse dos adolescentes, mas também entender por quais dispositivos eles se mantêm conectados com essas novas informações e de que maneira pode-se criar caminhos a partir deles, pensando nas dificuldades apontadas.

4.2.3.4 *As compras na internet*

A competência de utilização desses dispositivos também está relacionada com a compra feita em sites de livrarias on-line. Mesmo que nas entrevistas eles deixem pouco claro sobre as compras feitas pela internet, isso aparece no grupo de discussão quando um indica a atividade do outro. Por exemplo, quando Joana retira a frase: “leio a partir de Facebook e Youtube”, e Luana e Marcos logo pontuam ter sido dessa forma que eles compraram seus últimos livros. Trazemos um trecho do grupo de discussão quando todos comentam sobre isso, e em outro momento reforçam essa relação estabelecida com as redes sociais, ao destacar que acompanham editoras e isso interfere nas escolhas de compra.

Joana: “compro livros pela internet”

Laura interrompe: Acho que todo mundo faz...

Mestranda questiona: todo mundo compra?

Participantes falam ao mesmo tempo:

Marcos: eu comprei Harry Potter pela internet...

Joana: é bem mais barato.

Bianca: eu vou grudar esse papel na minha testa...

Luana: a Bianca compra uns 5 livros por mês...

Joana: é muito mais barato (repete).

Comentar que realizam a compra não significa que efetivamente isso aconteça, pois nas entrevistas Marcos destaca que nunca realizou uma compra pela internet, o que nos fez compreender que isso pode ter acontecido por não querer ficar fora do que todos estavam dizendo fazer durante o grupo de discussão, diferente de Bianca e Luana que mencionaram a liberdade para compra. Entretanto, mesmo Bianca e Marcela tendo disponível um cartão de crédito, ou a liberdade, como é o caso de Luana, elas ainda sentem dificuldades por terem que solicitar isso aos pais, como já mencionado anteriormente. Exemplificamos a situação de Luana, quando menciona como faz com o pagamento dos boletos:

boleto, quando é pela internet, daí tipo, eu dou pra minha mãe e a minha mãe vai lá e paga o boleto. Mas quando é tipo, em livraria, às vezes eu... como tem bastante aqui perto do colégio, eu faço: “mãe, eu vou ficar o dia inteiro no colégio, tem tal livro que eu queria... tu não pode me dar um dinheiro pra comprar o livro?” Daí eu venho aqui e compro... (Luana,14)

Entendemos que é uma situação delicada, pois estamos tratando de adolescentes, menores de idade, que mesmo tendo sugestões de compra frequentemente através das redes sociais, ainda não podem utilizar isso sem restrições ou acompanhamento. Diferente da livraria, por exemplo.

4.2.3.5 Os best-sellers como preferências de leitura

Sem entrar de maneira mais profunda nas questões sobre o gosto literário, concordamos com Jeffman (2017, p.65) ao pontuar que “há gostos diferentes. O problema é que o gosto particular de alguns é tomado como critério de avaliação universal e de outros como

opiniões desqualificadas”. Para Petit (2009, p.183), “a leitura é uma atividade muito complexa, que não poderia ser reduzida a um aspecto, seja esse ou qualquer outro”. Ou seja, não podemos tomar a leitura de forma tão simplista reduzindo ao bom e ao ruim, o importante é que a leitura faça a pessoa refletir, ter contato com aspectos diferentes da sua realidade, ou se for apenas para distrair, que seja importante neste momento. Independente da história, cria-se uma relação entre o sujeito e o impresso, e isso constitui o leitor.

Dessa forma, consideramos importante trazer a perspectiva apresentada pelos nossos entrevistados daquilo que cada um declarou sobre suas relações com os best-sellers, os livros de maior sucesso editorial e que são considerados, não totalmente, mas por algumas instituições como escola, família, como leituras que não contribuiriam para a formação de adolescentes.

No grupo de discussão, Joana fez uma afirmação que reflete suas escolhas, apontando para o livro que levou por ser seu favorito, destaca que: “isso aqui é uma minoria... a maioria das coisas que eu leio é best-seller.”. Ou seja, ao propormos uma atividade de apresentação de livros favoritos no grupo de discussão, ela levou um livro considerado clássico por ela⁶⁸, mas, na verdade, ela gosta mesmo e tem mais contato com best-sellers.

Ao comentar sobre best-seller, Marcos já reforça que suas leituras são, na maioria, desse tipo de livros e ainda comenta que isso se dá pois: “é sim,... aqueles que tão na primeira prateleira da livraria... que tu entra e tem aquela prateleira...”. Sobre isso, Luana reforça a fala de Marcos: “é... tipo, é famosinho, mas se é famosinho é porque é bom...”. Esses comentários, feitos durante o grupo, reiteram suas falas nas entrevistas e deixam mais claro suas preferências de leituras. Luana também havia pontuado em sua entrevista que, para ela, “se é best-seller é porque o livro é bom”, e não concorda com quem fala que não vai ler algum livro por ser best-seller. Ao mesmo tempo, vê nesses livros uma porta de entrada para leituras mais literárias, pois se despertar o interesse pela leitura do livro é isso que importa, para que depois busquem por outros livros. A entrevistada segue reforçando que: “eu acho que vale mais a pena a pessoa ler 10 livros que ela goste do que um clássico a vida inteira entendeu?” Da mesma forma que foi através de um desses livros que a entrevistada tomou gosto pelo romance:

tipo, *A Culpa é das Estrelas*⁶⁹, eu li quando tava super em alta, e eu sou extremamente grata ao *A Culpa é das Estrelas* porque foi um dos livros que me fez realmente ter gosto pra continuar lendo e tal, foi com *A Culpa é das Estrelas* que eu descobri que romance era... o estilo que eu mais gostava (LUANA, 15).

⁶⁸ *Sonhos de Robô*, do autor Isaac Asimov. Editora Record.

⁶⁹ Autor John Green, Editora Intrínseca.

Desse modo, demonstra que o contato com o livro independe daquilo que julgam ser bom ou ruim, é importante, pois, para Failla (2014, p. 89), “apesar de não ser uma literatura ‘arte’, acredito que as ‘ondas’ recentes sejam uma boa iniciação, capazes de despertar o interesse pela leitura”. Vimos que o gosto e a preferência dos adolescentes que participaram do estudo sustentam esse entendimento, pois suas leituras estão intimamente ligadas a livros de sucesso.

4.2.3.6 *Tecnicidade e sociabilidade mediadas por plataformas de leitura*

Plataformas de conteúdos sobre livros são criadas e permitem a atualização de leituras, preferências, inserção de resenhas, comentários. Também existem as plataformas que os sujeitos podem criar histórias, que permitem novas trocas entre leitores. A leitura feita em aplicativos, os sites que reúnem novos leitores, aplicativos que permitem atualização de dados de leitura, ou redes sociais de leitores foram indicadas por nossos entrevistados. Esse envolvimento com alternativas também são pontos que apresentam novas maneiras de terem acesso a conteúdos, mesmo que em algum momento eles parem de acompanhar ou achar atrativo.

A relação que Luana cita foi importante para ela, pois uma plataforma específica de leitura, o Wattpad, permitiu uma relação mais próxima a autores independentes⁷⁰. Foi a partir deste aplicativo que a entrevistada participou de um grupo no WhatsApp, criado pela autora do texto, para discussões sobre o livro. São espaços de se conectar a experiências de leitura que indicam novas maneiras de ler e trocar opiniões sobre a leitura. Esse processo de participação e aproximação de autores e leitores fez Luana sentir mais vontade de ler o livro impresso, por conhecer como foi feito e quem é a pessoa por trás da história. Entretanto, neste momento também foi Luana quem sofreu com a interferência da mãe, ao solicitar que a filha saísse do grupo e que não se relacionasse com desconhecidos.

Uma outra situação relacionada à mesma plataforma foi apresentada por Nati, que menciona sua experiência com o Wattpad. Inicialmente, ela utilizava como complementar às histórias que lia no impresso, pois dizia que não queria que a história terminasse, e encontrou no Wattpad *fanfics*⁷¹ que proporcionavam esse complemento à leitura:

⁷⁰ O Wattpad reúne leitores e escritores e permite que qualquer pessoa crie a sua história, ou seja, permite a autopublicação.

⁷¹ Histórias criadas por fãs. (Jenkins, 2008)

eu usava... eu costumava usar bastante aquele Wattpad... que daí eu... quando assim, quando eu tava entre um livro e outro, mas eu não queria... tipo... eu tinha acabado de terminar uma série e eu ia começar outra, só que eu ainda tava com a outra na cabeça... daí eu não queria começar, daí eu ficava nessa... eu geralmente lia uma *fanfic*, que são essas histórias mais curtas, né? só pra tipo... continuar com aquela série na cabeça, que não é a série... só pra tipo, ir esquecendo e ir começando a outra (NATI, 14).

Ao perceber que isso estava atrasando a sua leitura, decidiu não fazer mais. Ela ressalta que isso foi devido às recomendações que surgiam no aplicativo, que ela achava interessantes e ia atrás dessas sugestões que acabavam levando ela para um caminho sem volta, pelas escolhas que ela fazia dentro do aplicativo. A dispersão proporcionada pela internet e seus *hiperlinks*, às vezes, podem ocasionar este tipo de situação.

Nenhum deles baixou aplicativos diferentes de leitura. Marcos nunca tinha ouvido falar sobre o Skoob. Alguns até chegaram a criar perfil no Skoob, mas não seguiram na rede social de leitores, como foi o caso de Nati e Luana.

Ã... eu até criei perfil no Skoob, nessas coisa aí... só que daí eu comecei a... não gostei muito... porque era mais indicação de livro, tipo... “ah, livro tal, ah, tô vendendo livro tal...” E eu não gosto de comprar livro usado... e daí eu tenho a minha lista... então acabou que eu... desisti. (NATI, 14)

Os entrevistados têm poucas experiências em plataformas de leitura ou atividades diferentes que vão além das redes sociais. Por exemplo, o Wattpad já comentado, ou aplicativos de livros. Os aplicativos citados são os que já vieram instalados nos seus dispositivos, a não ser Bianca, que menciona ter baixado o aplicativo do seu *e-reader*, e Joana que, ao ficar sem espaço, acabou excluindo os que ela tinha em seu celular.

Diante do exposto, percebemos que as situações apresentadas estão direta ou indiretamente associadas a família, e para compreender essa relação discorreremos sobre isso no próximo tópico.

4.2.3.7 *Tecnicidade mediando as relações com a família*

A tecnicidade, como já mencionado, acaba por relacionar-se com as diferentes medições, pois ela reorganiza as práticas diante da família e da escola. Especialmente sobre a família, podemos perceber que, ao proporcionar novas possibilidades e caminhos a esses adolescentes, também vai refletir em como a família, os pais e responsáveis vão lidar com isso. Em diferentes momentos apresentados pelos entrevistados, podemos perceber que a internet permite certa liberdade, mas a interferência dos pais, pelo cuidado e por monitorarem o que os

filhos estão utilizando, acaba por privar o acesso a determinadas atividades que poderiam ser feitas pelos entrevistados. Por exemplo Marcos, que destaca nunca ter comprado pela internet:

não, nunca comprei... nada pela internet. Eu só costumo pesquisar os preços na internet, mas comprar... assim, nunca... Nunca comprei nada, nem livros nem... **e tu acha que é por que? porque tu acha que não tem liberdade pra comprar?** eu aqui que... liberdade... Preciso de cartão de crédito... e eu acho melhor não comprar pela internet né... bem... parece que dá mais problema... ao meu...(MARCOS, 16).

A internet e os dispositivos utilizados pelos adolescentes permitem certa autonomia, pois percebemos que eles utilizam estratégias para burlar a autoridade dos pais a partir de usos das tecnologias. Luana comenta sobre a leitura feita durante a noite, que é um dos momentos que ela prefere ter o celular como alternativa de leitura que permite este uso específico:

e outra coisa que eu adoro é usar o PDF... tipo, de noite, quando... os meus pais passam pra ver se eu tô com a luz do quarto ligada, se eu tô dormindo ou não... Daí eu não posso ler com a luz desligada, daí eu pego de noite, eu leio pelo PDF, daí eu não faço luz. Inteligente (LUANA, 14).

Mas existe também muita desconfiança dos pais sobre o que os filhos estão fazendo nas redes e com quem estão conversando. Foi o que aconteceu com Luana, que participava de um grupo no WhatsApp, criado a partir de um site de leitores no Wattpad, que estavam discutindo sobre leituras e sobre um novo livro de uma das integrantes do grupo, quando sua mãe solicitou que ela saísse.

É que na real a minha mãe... esse grupo era no Whats... daí minha mãe viu que tinha um monte de gente que eu não conhecia no Whats e não sei que e lalaal. E daí ela fez eu sair do grupo, e daí eu me distanciei do grupo, sabe? Tipo, por me distanciar, eu fiquei falando com ele um bom tempo, como tipo, começava a falar do grupo, sem lembrar que eu não tava mais no grupo e eu ficava chateada e tal, e daí a gente foi se afastando um pouco e agora a gente mal se fala... Mas a gente era bem amigo... bem triste. (LUANA, 14.)

Outro exemplo sobre como esses adolescentes criam estratégias para burlar esse controle dos pais é exposto por Joana, ao comentar que prefere postar em grupos fechados ou em outras redes sociais que não o Facebook, já que nessa rede os pais e familiares também têm acesso: “eu até... tem grupos no Facebook. Eu comento muito em grupo, no Facebook em si eu não comento porque vai meus familiares vê e tals”.

Observamos, então, que este contexto em que as próprias editoras e autores “estão dirigindo-se diretamente aos leitores”, fazem com que ganhem espaço para criar conteúdo diretamente aos leitores, sem mediação dos pais ou escola. Eles criam conteúdos que chegam

ao perfil de rede social do adolescente, realizando promoções e conteúdos que estão fora dos cenários tradicionais (GEMMA LLUCH, 2017, p. 31).

É por esses motivos que Winocur (2009) ressalta que a internet é vista como um grande desafio para a autoridade desses pais, não só por tornar difícil o controle dentro da web, como acaba excluindo os pais do que se tornou relevante para seus filhos em termos de interesse e sociabilidade (WINOCUR, 2009, p.44). Por estarem na fase de transição que é a adolescência podemos entender como a internet, aliada aos amigos, pode ser considerada como outro espaço de socialização que proporciona aos adolescentes percepções distintas das trabalhadas na escola e pelos pais.

Isso fica claro quando Marcos comenta sobre um vídeo apresentado para a mãe quando esta disse que ele deveria seguir a profissão de médico ou de advogado, por estas serem profissões que lhe dariam estabilidade. Pelo contato que tinha com *Youtubers*, Marcos mostrou o vídeo à mãe, questionando o seu posicionamento, e defendendo que a escolha que ele tomar para o vestibular deveria ser de acordo com as suas preferências e não o que os pais esperavam dele. Ou seja, essas atitudes também dizem respeito ao que vimos sobre esse momento em que o adolescente se coloca contra muitas opiniões dos pais, criando sua personalidade e compartilhando aquilo que eles passam a ter contato em outros círculos sociais e que agora podemos ver também na internet, não só na rede de amigos da escola ou conhecidos. A internet também está se colocando como este ambiente que dá condições aos adolescentes de tratarem de assuntos com os pais.

O celular também é o responsável por “restaurar uma certa ordem familiar baseada na autoridade e no direito dos pais” (Winocur, 2009, p.62), quando todos ressaltam como os seus dispositivos são importantes meios de comunicação entre eles e seus pais para assegurar de que estão seguros e de que estão fazendo aquilo que avisaram aos pais. Exemplificamos com o caso de Marcela, ao comentar que leva o celular junto quando vai ler, pois a mãe não gosta de ficar sem resposta: “não... não às vezes né, porque a minha mãe diz pra eu ficar com o celular por perto, ou coisa do tipo e daí eu deixo assim... mas eu deixo no silencioso e não adianta, depois ela me xinga... (risada)” (MARCELA, 14). Para Winocur (2019, p.13), o celular permite estender virtualmente os laços de proteção do lar, pois ao estarmos conectados nos sentimos menos sozinhos e mais seguros, e estendemos isso à relação com pessoas na internet e com os amigos, pois, ao compartilhar suas opiniões ou ter alguém para trocar ideia sobre seus anseios, eles se sentem seguros.

Essas situações também estão atreladas ao período no qual se encontram, a adolescência, pois buscam sua independência, novas maneiras de se comunicar e de demonstrar seus gostos,

ideias, o que não os aproxima tanto aos pais e família, mas aos amigos. Portanto, os adolescentes são mais vigiados e monitorados pelos pais, mas estão cercados de possibilidades de burlar esses controles e permissões, criando espaços de fuga e liberdade, também pelas tecnologias e contato com informações compartilhadas entre os amigos.

4.2.3.8 Livro como companhia, fuga, reflexão, identificação e sentimento

Além do que vimos até aqui, a leitura também foi apresentada como uma experiência íntima, de reflexão e fuga. As histórias fizeram com que eles viajassem para outros lugares e entendessem de diferentes maneiras as situações cotidianas vistas nos livros, mas também fizeram se afastar da realidade que estavam vivenciando.

Para Bianca, mesmo sem perceber, a leitura pode influenciar: “É sem perceber que a leitura te influencia... e tu nem vê. E tu já tá reproduzindo aquilo que tu lê” (BIANCA, 14). É o mesmo comentado por Marcos ao falar que usa o que viu nos livros ao conversar com amigos, as gírias dos livros, entre os personagens que ele traz para o seu cotidiano. Ao indagarmos se Bianca havia aprendido algo com os livros, ela menciona que Harry Potter foi um dos responsáveis por criar seu caráter:

ah, várias... Harry Potter foi o livro que mais formou caráter na minha vida. Por eu tá crescendo junto com os personagens, conforme o momento das sagas... Foi assim que eu aprendi os princípios básicos de amizade, confiança, de lealdade... e sério... tipo... eu choro só de contar essa história, se eu parar pra contar tudo direitinho eu choro porque eu fico emocionada, sabe? Tipo... Harry Potter me ensinou muito mais do que a escola, por exemplo (BIANCA, 14).

Nati também percebe a leitura enquanto transformação e menciona que: “a leitura ela te faz... pensar... ela te faz vê um ponto de vista que não é o que tu sempre viu...”. Para Marcela “quando tu lê, tu tem várias outras vidas, né? E tipo, tu amplia teu conhecimento, ou não... porque depende do que tu vai ler...”. Para Petit (2008, p.77-78), esses encontros permitem simbolizar suas experiências e dar sentido ao que vivem, e conseqüentemente construir-se. Para a autora, a leitura permite que o leitor decifre sua própria experiência, pois o texto também “lê o leitor, é o texto que sabe sobre o leitor, ele revela, as palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar” (PETIT, 2008, p.38).

Ao se constituir através de histórias, esses adolescentes passam a rever certas atitudes e refletir sobre situações que estão passando e, até mesmo, propõem mudanças nas suas realidades. Foi o que aconteceu com Luana e as amigas, como já mencionamos anteriormente,

que queriam indicar um livro à escola que poderia contribuir com colegas que estavam tendo atitudes inadequadas, percebidas por elas ao lerem situações como as que estavam passando no livro *Extraordinário*, exemplificando o que destaca Petit:

abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma (PETIT, 2008, p.43).

Ao mesmo tempo que a leitura tem esse espaço de reflexão sobre situações pelas quais os adolescentes se identificam, ela também foi apresentada como um refúgio, uma fuga daquilo que estavam vivendo. É o caso de Luana, que buscava na ficção se afastar daquilo que estava passando e lhe deixando mal⁷²:

e daí foi quando eu comecei a ler mais, porque daí eu queria fugir daquilo... sabe? Que tava acontecendo... tipo, acho que foi das épocas que eu mais li, porque eu queria esquecer que eu tava vivendo, fingir que eu tinha outra coisa completamente diferente que aquilo não era comigo e não era real... Porque era muito difícil, sabe... [...] (LUANA, 14).

Os autores entendem que a leitura não é feita apenas de identificação, mas é importante também oferecer “outros significados e descobertas de mundos – subjetivos ou reais” (FAILLA, 2014, p. 89). Nessa fuga, eles podem descobrir novos olhares e perspectivas para suas vidas. Marcos compartilha do mesmo sentimento de, a partir da história, se distanciar do mundo: “eu leio pra prestar atenção na história, pra sair um pouco desse mundo... como tipo, como se fosse uma fuga do social”. É por isso que Failla defende esse momento de fuga e reflexão também como algo que constitui esses leitores pois “essa riqueza emocional, promovida pela literatura, liberta e estimula o protagonismo” (FAILLA, 2014, p. 89).

Visto isso, trazemos as experiências de Marcela e Luana ao comentarem sobre suas preferências de leitura, estas que são apontadas como aquelas que permitem que as adolescentes tenham uma identificação com a história. Ou seja, quando elas conseguem se incluir em determinados momentos, ou pensam sobre aquilo que está na sua realidade. Marcela lembra bastante dos livros de Paula Pimenta para reforçar vários momentos a preferência. Reforça isso ao mencionar: “eu não sei tipo, porque os da Paula Pimenta eu gosto porque tu se inclui, tu vira um personagem... e tem outros que... não...” (MARCELA, 14). Ainda sobre a autora, ela afirmam que: “é, eu gosto bastante da Paula Pimenta porque tipo, tipo... dia a dia... só que tem romance, tem um monte de coisa de amizade

⁷² A entrevistada passou por momentos delicados e, ao perder um amigo, buscou refúgio nos livros para se afastar da realidade.

e eu acho bem bom... E tem, tipo, uns de... uns... ai, como vou dizer... não sei, tipo, suspense... umas... também tem outras coisas... ai, não sei explicar...” (MARCELA, 14).

Ao identificar-se, essas adolescentes percebem que “não se é diferente” e isso pode ser “revelador de nós mesmos” (FAILLA, 2014, p.88), pois dessa forma eles se sentem parte, sentem que estão incluídos e que isso acontece em suas vidas, que o que estão lendo faz parte do seu cotidiano e permite pensar sobre ele e rever suas atitudes. Então, podemos tomar, não só a internet, as séries, os filmes, mas também os livros, como companheiros que contribuem para a formação desses adolescentes, em uma fase que estão diante de inúmeros impasses consigo mesmo, com os pais e a escola. Isso fica claro quando mencionamos as rotinas de leitura desses adolescentes, que tomam a leitura como diversão, entretenimento, refúgio, companhia e também como sentimento, como relata Luana e Bianca:

eu acho que é isso sabe? Leitura não é tu pegar um livro e ler obrigado, não é tu ler qualquer coisa porque tu tá afim de ler uma coisa... tu tem que ver o que tu mais gosta, o que tu consegue entrar na história... tipo, leitura não é só tu tá lendo... porque... Isso é qualquer coisa sabe? Leitura é realmente tu ler e tu entrar no que tu tá lendo, e tu se identificar com isso... tu interpretar, não é só tu ler, sem pensar em nada... leitor não é uma ação que tu faz, mas um sentimento que tu sente. (LUANA, 15)

eu gosto de livro que me faz sentir alguma coisa. Seja desespero, seja raiva, seja nojo... tipo, tem um livro que eu gostei muito... que eu li ultimamente, que é o Lolita, do Vladimir Nabokov, um livro pesadíssimo, que fala de um padrasto, que ele tem a filha, a Lolita, a filha né... e ele faz horrores com a guria... [...] Então não importa o que me faz sentir... se me faz sentir alguma coisa... se me entreter já tá ótimo. (BRUNA, 14)

Para Carrasco (2016, p. 51) “a experiência da leitura é sólida quando proporciona um contato emocional intenso”, e é preciso que o livro se torne presente em sua memória afetiva (CARRASCO, 2016, p.56) para que essa experiência realmente aconteça. Identificamos que a relação afetiva está presente na memória de cada adolescente, as trocas com amigos, as reflexões sobre amizade, as histórias pelas quais se identificam e fazem sentir, demonstram a forte influência do estado emocional nas suas preferências e apego a leituras específicas.

4.2.3.9 *Leitores produtores*

Vimos que cada um dos nossos entrevistados produz determinado conteúdo referente aos livros e leituras realizadas. Ao comentar em grupos no Facebook, ao produzir fotos dos livros e compartilhar nas redes, ao participar ativamente de *posts* de editoras e autores, eles estão consequentemente produzindo conteúdos próprios nestes espaços. Entendemos que, por estarem diariamente conectados e trocando informações, não só de leituras, isso permite

tomarmos nossos entrevistados como “translector” (Scolari, 2016), por transitarem entre as diferentes narrativas e também produzir conteúdos. Neste tópico, apresentamos as experiências de alguns entrevistados que revelaram algumas produções. Mesmo que de maneira tímida, eles foram nos dando indícios dessa produção, que foi o caso de Luana, Bianca e Joana, cada uma da sua maneira e no seu tempo.

Luana teve vontade de criar uma história que teria como personagens suas amigas. Ela queria aliar ficção com a realidade, apresentando a personalidade de cada amiga baseada em escolha de princesas:

é que assim... eu sempre quis escrever um livro, só que tipo, uma história corrida eu não consigo... daí eu pensei em fazer uma história de contos e crônicas que... tipo, eu adoro livros, tipo, princesa adormecida e Cinderela top, que são tipo, a vida das princesas trazidas pra realidade... trazidas pra atualmente. (LUANA, 15)

Para isso, ela criou estratégias de produção de conteúdo utilizado o WhatsApp. Inicialmente ela indagava as amigas para que elas escolhessem qual personagem gostariam de ser na história e, baseado nisso, ela criaria um conteúdo. Ela criou um grupo só dela onde colocava referências de fotos das princesas e colocava trechos que ela gostaria de inserir. Ela comenta que não chegou a finalizar essa história, mas afirma que gostaria de terminar.

Bianca fez diferente, ao sentir necessidade de algo que, para ela, fazia falta na história de Harry Potter, inclusive este é o seu livro favorito, ela está organizando um material para que cada novo leitor da história consiga entender cada detalhe.

Foi uma coisa que do nada me deu essa necessidade de fazer, sabe? Eu senti que tava faltando uma coisa dessas, sabe? Que eu pudesse abrir e fazer tipo uma busca assim, como se eu tivesse pesquisando no Google do Harry Potter, só que um livro, sabe? Então eu tô fazendo um caderno sabe... com capa de Harry Potter e tals,... e tipo um, tudo e todas as coisas. Tudo que eu tiver de interessante, eu vou [...] (BIANCA, 14)

Percebemos que os adolescentes que criam certo apreço pelos livros, como é o caso de Bianca, acabam criando conteúdos especializados dessas histórias, e produzindo este tipo de conteúdo eles acabam tendo um conhecimento especializado dessas leituras. Por terem tantas referências e acompanhar de perto, seja pelos livros, pela internet, produtos derivados e até mesmo eventos realizados na cidade, eles produzem conteúdo que vão além do senso comum, trazendo referências e produzindo uma referência.

Joana também já produziu e produz conteúdos. Lembra de quando escreveu um livro, mesmo que tenha sido quando era mais nova, e comenta que sempre gostou da ideia de escrever histórias. Atualmente ela cria seus conteúdos de maneira oculta, ou seja, ela cria um

personagem (Winocur, 2009, p.80), o que só foi possível com as possibilidades da internet, de criar perfis que não representem a sua identidade real, pois ela destaca que, dessa forma, ela tem liberdade para escrever o que e como quiser, sem se preocupar com o que vão pensar dela: “é que eu posso postar de séries, se eu quiser botar indiretas idiotas eu posso, se eu quiser botar palavrão, se seu quiser botar qualquer coisa, sei lá... eu normalmente eu não sei... parece sei lá, algo errado, só que... essas coisas de série, que eu assisto”.

Para Winocur (2009, p. 80), o fato de poder mudar diversas características para produzir esse conteúdo anonimamente significa que os sujeitos criam um veículo ideal para projetar aspectos negados ou idealizados e conseguem, dessa forma, liberar desejos reprimidos ou assumir preconceitos que normalmente eles autocensuram. Isso corrobora a fala de Joana ao pontuar sobre quais redes ela atualiza, ao destacar que busca essa liberdade, sem se preocupar com o que os outros vão achar do que ela escreve, tanto que ela não conta nem para os amigos:

que os meus amigos conheçam, só Snapchat e Facebook, mas na real eu tenho todas as redes sociais, mas eu gosto de ser livre pra postar o que eu quiser e sem me preocupar com identidade, com nada... então eu contei, literalmente, pra nenhum amigo meu, só o meu Twitter tem uma amiga minha que me ajudou a criar, ela que me deu a ideia... Que os meus amigos sabem que eu use, é o Snapchat e o Facebook... (JOANA, 14)

Diferente do que ela posta em outras redes sociais, Joana menciona que os conteúdos sobre leitura que ela produz e faz postagens não tem problema de serem postados em qualquer rede, pois o livro é visto de outra forma, ele é valorizado e entendido como conteúdo válido a ser compartilhado por adolescentes.

Isso eu faço no Facebook, porque as pessoas não tem problemas com livros... É que eu faço muita coisa, tipo, eu adoro... tipo agora se popularizou, mas eu adorava aqueles reality show de Drag, e as pessoas achavam muito tosco... Então daí eu ia postar só nas outras redes sociais, e daí eu posso postar e as pessoas não ficam tipo: “por que tu gosta de Drag?” E também eu gosto muito de desenho infantil, só que isso as pessoas acham estranho, então eu posso postar tudo de desenho, e eu tenho fórum de desenho, e outras pessoas não sabem da existência. (JOANA, 14).

Dessa forma, mais uma vez, percebemos como o livro é visto pelos adolescentes e também por seus pais ainda como um objeto de diferenciação. Um objeto que produz certo status e reflete sobre aquilo que os outros vão pensar que esses adolescentes estão compartilhando nas redes, pois, como pontua Joana, caso seja sobre livros e leitura, ninguém vê problema.

4.2.3.10 O que está mudando?

A leitura na adolescência está inscrita em um momento de transições. Transições da leitura de criança para a adulta, da escolha de gostos e também das cobranças dos pais e da escola. Neste momento, os adolescentes começam a ter mais atividades, cursinhos de preparação para iniciar o ensino médio, curso de língua estrangeira, atividades diversas no turno inverso ao das aulas, além de filmes, redes sociais e atividades que competem com a atividade de leitura. Tudo isso, como podemos perceber, interfere nas escolhas de suas atividades diárias, ou seja, a leitura na adolescência deve levar em conta essas mudanças e a transitoriedade pela qual estão passando.

Percebemos isso nas falas dos entrevistados, pois ressaltam essa instabilidade, as cobranças escolares que acabam interferindo na frequência de leitura e o aumento do tempo gasto com redes sociais e séries. Ao indagarmos aos adolescentes se eles sentem alguma mudança nas suas leituras e em como eles estão lidando com isso, com séries, filmes, internet, como eles mantêm a leitura e o que isso interfere em mudanças, eles pontuam suas experiências e alguns tentam manter um equilíbrio ao sentir que algumas vezes acabam deixando a leitura de lado para acompanhar filmes ou séries. Nati e Marcela tentam manter um equilíbrio ao perceber que estão propensas a utilizar outros meios. Nati menciona que, em dias que está cansada, ela prefere assistir um filme ou uma série, mas ela não deixa de fazer suas leituras.

Eu prefiro... eu não sei... é porque assim ó... eu só tipo muito Youtube e Netflix com os livros... é muito equilibrado pra mim... ã... depende do meu humor no dia... se eu tiver mais cansada, eu vou assistir alguma coisa, se eu tiver mais disposta... se eu tiver mais disposta daí eu vou ler, vou tentar procurar um livro. (NATI, 14)

é que... eu tento fazer os dois, sabe? Porque eu percebo que eu tô perdendo essa minha rotina de leitura, então... tipo assim... se eu assisto, sei lá... uns dois episódios de série... eu... vou lá antes de dormir e tanto ler uns dois capítulos ou mais... pra não ficar assim... pra equilibrar... (MARCELA, 14)

Os outros colocam que todas essas outras possibilidades, séries, filmes e internet, também são responsáveis por proporcionar novas referências. Que é o que Luana destaca comentando que: “eu acho que eu descubro mais o que eu gosto...”. Eles conhecem novos autores, conhecem leitores que indicam e instigam leituras e práticas para sua idade, como é o caso de ler através da indicação de *Booktubers*, criar listas e metas para acompanhar os canais, ou simplesmente por localizarem novos livros e receberem lançamentos pelos seus dispositivos. Isso reforça o que já destacamos no item sobre as recomendações da internet, que propõem

essas mudanças. A internet é tomada como uma opção e uma aliada além da leitura, pois os adolescentes utilizam-na para buscar conteúdos e estarem informados de livros e autores. A internet se relaciona com a leitura e pode também complementar, dar suporte e influenciar o contato com novos caminhos dentro da rede.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição do livro e da leitura veio acompanhada de desconfianças sobre o potencial ou avanço das práticas já estabelecidas. Isso também ocorre com as mudanças propostas pela internet e pelos novos meios de comunicação em relação às maneiras de ler o livro impresso ou à leitura nestes dispositivos. Ao nos aproximarmos de adolescentes leitores, porém, é possível compreender que novos usos se concretizam nessa trama entre o livro e a internet e que esse contexto proporciona práticas que permanecem, mas que estão também condicionadas pelas mudanças desses novos meios.

Esta pesquisa buscou investigar os usos e apropriações do livro por leitores adolescentes, de modo a entender os impactos dos suportes digitais nas formas de leitura a partir das mediações de sociabilidade, ritualidade e tecnicidade. Tivemos como objetivos compreender os hábitos e as preferências de adolescentes leitores santa-marienses; identificar possíveis mudanças nas práticas de leitura a partir do acesso às mídias digitais; e analisar a importância do livro para os adolescentes.

Metodologicamente, utilizamos estratégias para chegarmos a adolescentes leitores na cidade de Santa Maria. Aplicamos formulários na Feira do Livro da cidade, que nos levaram à realização de entrevistas com aqueles que demonstraram ter a leitura em sua rotina e, posterior a isso, foi criado um grupo de discussão. Através desse percurso, foi possível compreender as experiências dos entrevistados da pesquisa, pois, mesmo que estudos indiquem a dificuldade de trabalhar com adolescentes, observamos que, por abordarmos um assunto que está inserido em seu cotidiano e é uma das atividades preferidas, as técnicas foram adequadas.

O grupo de participantes é de estudantes de escolas particulares do centro da cidade, com um perfil leitor bastante específico. Os adolescentes compõem um grupo homogêneo, com inserção aos diferentes meios, e amplo acesso ao livro. Evidentemente que não podemos aplicar o que encontramos neste estudo aos demais grupos de leitores, e também não significa que não consideramos a existência de grupos com outras características e diferentes maneiras de acesso, mas o que identificamos certamente contribui na compreensão dos leitores do grupo social do qual estes adolescentes fazem parte.

A leitura desses adolescentes é feita em momentos divididos entre leituras extensivas; momentos mais íntimos; e outros em que eles realizam consultas e compartilham opiniões, o que é uma prática compartilhada.

Neste cenário, onde as propostas editoriais dão espaço a *booktubers*, celebridades da internet, e que criam espaços de interação entre autores e leitores, e entre a própria editora e o

seu público, percebemos que existe uma valorização do adolescente leitor. A indústria editorial passa a dar mais atenção para o leitor adolescente ao propor publicações que fazem sucesso entre eles. Observamos que a leitura não é atividade de exclusão, mas uma forma de identificação e vontade de compartilhar com os amigos, pois estão cada vez mais ativos e participativos por meio dessas histórias.

Verificamos que as mediações configuram o contexto das experiências leitoras e a apropriação, tanto da leitura como do livro e de outros dispositivos, aos quais os adolescentes têm acesso. A relação das mediações é complexa, pois envolve o contexto dessas práticas e a compreensão de um processo maior, ou seja, as relações entre as lógicas da produção e as lógicas dos usos dos livros pelos adolescentes.

Podemos identificar como a tecnicidade teve um aspecto central nas atividades desenvolvidas por cada um dos adolescentes e como ela constitui mudanças socioculturais (MARTÍN-BARBERO, 2017, p.24-26), o que conseqüentemente ganhou uma dimensão maior na análise. Vimos que a internet e os novos suportes reconfiguram as formas de acesso a informações sobre livro e leitura, da mesma forma que modificam as conexões com o texto, com autores, livrarias e editoras.

Percebemos que os adolescentes se mantêm conectados e tomam as redes sociais como prioridades em seus celulares e tempo livre, mesmo que indiquem a utilização do *e-reader* e a leitura em PDF como opção. Fica evidente, assim, que o celular e a internet são utilizados para consultas, manter contato com referências e compartilhar experiências nas redes de amigos. A partir disso, observamos que o celular serve como depósito de suas memórias diárias, memórias de atividades e também para armazenar conteúdos de livros, além de ser utilizado para compartilhar suas opiniões e fornecer conteúdos que imprimam aquilo que sentem e o que gostam, seja através de fotos ou passagens das histórias.

Em relação aos usos feitos pelos entrevistados, neste grupo percebemos que mesmo com tantas outras atividades cotidianas e tendo acesso a diferentes meios e dispositivos, ainda mantém a preferência pela leitura do livro, e essa preferência fica clara pelo apego e cuidados que todos possuem com seus livros. A organização dos livros em lugares específicos do quarto, a organização da leitura em cadernos, a frequência que mantêm de idas a livraria, a preferência pela compra de exemplares ao invés da retirada na biblioteca, são práticas que os adolescentes mantêm em suas rotinas.

Além desses cuidados com o livro impresso e o apego ao objeto, cabe mencionarmos a apropriação comum aos usuários de *smartphones* e redes sociais digitais. Os entrevistados criam estratégias que aliam atividades no impresso e no digital que contribuem para armazenar

e ter consigo aquilo que selecionam no impresso e que pode ser utilizado em seus dispositivos. Em termos de rituais, o do uso do *print screen* da tela para enviar aos amigos, a marcação em fotos e *posts* de autores ou editoras, a organização de conteúdos em pastas, baixar arquivos em PDF, são as práticas mais citadas por eles. São apropriações que estão atreladas às possibilidades da internet e do celular, mas que, ao mesmo tempo, são utilizadas para reforçar a aproximação a autores e a gêneros literários, propondo novas trocas e associação ao livro e às histórias, novas maneiras de ler e compartilhar as suas leitura e preferências. A leitura transita entre os diferentes formatos, e faz com que a história permaneça na memória dos adolescentes. Com isso, eles se sentem mais próximos das leituras, diferente do que aconteceria se ela permanecesse apenas no livro.

A partir desses dispositivos também se criam maneiras de burlar o controle dos pais sobre suas leituras e usos feitos da rede: ler no celular durante a noite, ao comentar em grupos fechados nas redes sociais, ou manter contato com pessoas em seus aplicativos de mensagens, mesmo quando os pais controlam essas atividades.

Pelas suas condições de acesso a diferentes informações, eles identificam as contradições nos discursos de seus pais e professores. Percebemos então, que os participantes estão em um lugar de fala particular e, por esse motivo, têm uma visão crítica tanto em relação à escola quanto à família.

Analisar o contexto pelo qual esses adolescentes têm acesso a determinadas atividades é importante para a consolidação ou não das práticas leitoras. Podemos verificar que essas mediações, família, escola e amigos, delimitam e indicam alguns aspectos da leitura e permitem diferentes formas pelas quais cada entrevistado vai ter contato com os livros e outros modos de leitura. Verificamos, inicialmente, que as mediações responsáveis pelo interesse se concentram na família e escola, mas a consolidação de preferências ou hábitos está relacionada às relações de amizades e suas interações e indicações da internet.

A família é responsável por oportunizar espaços que proporcionem o contato com o livro para desenvolvimento de um hábito no ambiente familiar, do mesmo modo que é a família que oferece as condições necessárias aos adolescentes, fornecendo recursos para a compra do livro e demais atividades abordadas por eles. Da mesma forma que foi identificado nos Retratos da Leitura no Brasil, a figura da mãe é destacada pelos entrevistados como a principal influência. Diante disso, entendemos a importância da mãe para o incentivo da leitura desde cedo e pela preocupação e cuidado durante a adolescência, quando conseguem identificar o gosto dos filhos, respeitar e sugerir novas leituras, participando ativamente, mediando e indicando aos filhos.

A escola também promove atividades e espaços que tratam a leitura no ambiente escolar. Neste ponto, com exemplos evidenciados pelos participantes, podemos inferir que a escola exerce um certo “domínio” (PETIT, 2013, p.22) sobre o que deve ou não ser lido pelos alunos. Isso posto, devemos ponderar sobre a “incapacidade da escola de enfrentar desafios pedagógicos frente às rápidas mudanças da sociedade nos séculos XX e XXI do que fazer um diagnóstico acurado dos fenômenos em curso” (CECCANTINI, 2016, p.84). Os exemplos mencionados pelos entrevistados indicam que as atividades propostas pela escola e, especialmente as bibliotecas, não são vistas como espaços de atividades prazerosas. Essa situação da biblioteca é mencionada em outros estudos, como o de Travancas (2015), quando indica que frequentar a biblioteca não é um hábito para os adolescentes.

A relação com os amigos demonstra a forte influência destes nas atividades e hábitos de cada entrevistado. As conversas sobre os livros acontecem tanto na escola como por troca de mensagens de texto. Então, as preferências de leitura e atividades estão atreladas aos amigos e seus gostos compartilhados. A leitura é mediada pelos amigos, mas ela também faz a mediação dessas relações afetivas.

Embora não tenhamos discutido questões de gênero, cabe pontuarmos que a atividade de leitura entre meninas é predominante comparada aos meninos. Mais uma vez nossos entrevistados reforçam o que vimos na pesquisa nacional, ao indicarem a baixa existência de amigos e colegas leitores. Além disso, o menino participante deste estudo indica a sua dificuldade em trocar ideias sobre leituras com outros meninos ou com outras meninas, e ele acredita que isso se dá por ser menino, o que reforça o que já foi visto em outros estudos já apresentados, quando a leitura é vista como algo que efeminiza o leitor, e que esta seria uma atividade feminina, não sendo vista como uma atividade para meninos.

Diante disso, notamos que a internet também proporciona novas maneiras de se relacionar, criando novos laços de amizade na própria rede. Eles sentem essa necessidade de mostrar, de compartilhar o que leem, de comentar, e isso faz parte do que as redes sociais despertam em cada um deles, da mesma forma que vimos essa característica como responsável por despertar o interesse de novos leitores. A leitura feita em conjunto com as amigas, as discussões feitas pelo WhatsApp, as indicações de livros enviadas aos amigos pela rede e o compartilhamento de conteúdos de livros nas redes sociais são atividades atreladas à necessidade de estar em grupos e pertencer a eles, sentindo-se parte de uma coletividade (BECKER, 1994; COLOMER, 2009).

A leitura compõe um circuito de entretenimento para os adolescentes, pois ela está inserida na rotina que transcende o livro. Ela faz parte das consultas na internet, da indicação

de novas leituras, o filme e a série que indicam livros e vice-versa. Todas essas opções estão interligadas e fazem com que a leitura vá além do livro impresso. Eles utilizam a internet como um meio para compartilhar angústias, gostos e preferências, buscando encontrar na rede identificações, sugestões, que fazem com que a sua leitura tenha novos caminhos.

Cabe mencionar também que os próprios adolescentes já conseguem mensurar o que o celular provoca nas suas leituras e práticas diárias. Já percebem as mudanças ou o ato de “deixar de lado” os livros para dedicar mais tempo ao celular e às séries. Ainda assim, o simples fato de eles irem até uma biblioteca ou livraria e efetivarem a compra ou o empréstimo de livros impressos supõe uma intenção, já que a internet, os aplicativos que todos os amigos usam estão próximos e fáceis de serem acessados. Portanto, devemos considerar que mesmo em contato constante e diário com dispositivos e internet, os adolescentes ainda dispõem de atenção e interesse pelo impresso.

De outro modo, é preciso analisarmos a leitura na adolescência de forma moderada, pois sabemos que ela nem sempre é uma prioridade na vida de todos os adolescentes. O grupo entrevistado é um grupo com vantagens de acesso e incentivo aos quais cada um teve contato durante sua trajetória: família e escola. que incentivaram e deram condições para esses usos e apropriações, visto que eles identificam que são poucos os colegas que leem.

Esses aspectos devem ser avaliados visualizando também a leitura em diferentes períodos da vida desses sujeitos, pois percebemos que existem diferenças entre a leitura na infância e a leitura na adolescência. A leitura na infância está diretamente ligada à aprendizagem da leitura, com um maior alcance dessa atividade entre os nove e onze anos, e a leitura adolescente se insere em um momento de maiores cobranças escolares (COLOMER, 2009, p.27). Este processo acaba afastando o adolescente das atividades de leitura da biblioteca, quando inicialmente eram incentivados e participavam de diferentes momentos, pois agora a escola tem outros focos para a adolescência, com outros tipos de cobranças. Eles possuem mais atividades em turnos inversos aos da escola, cursos de inglês, dança, academia e, sobretudo, o tempo dispensado no uso de seus celulares.

Da mesma forma, ponderamos que a leitura também é marcada por períodos de interrupções que podem ser breves ou longas. Os adolescentes demonstram isso ao relatar que sentem necessidade de fazer outras atividades, ou que não possuem tempo para ler como em uma época passada, o que não significa que eles se afastem desse gosto, afinal, ele já faz parte de suas vidas e atividades de prazer. Entendemos que esses momentos existem e que fazem parte da prática de leitura (PETIT, 2008).

O baixo uso de dispositivos específicos para leitura na tela pode indicar, tanto a carência de propostas editoriais que levem em conta essas novas interações, como falta de uma educação para as mídias (LIVINGSTONE, 2011) aos adolescentes para que consigam utilizar e se apropriar da melhor forma desses mecanismos. É importante atentarmos para o que Castro (2012, p. 66) chama a atenção ao pontuar que seria “ingênuo supor que apenas por conviver com as redes sociais desde que nasceu esta última geração seria ‘naturalmente’ desenvolva nos modos e fazeres da cultura digital”. Fica claro que, em alguns momentos, os entrevistados não possuem conhecimento de algumas facilidades e ferramentas disponíveis para a leitura ou para a busca de novos conteúdos. Ao mesmo tempo, algumas das entrevistadas demonstraram um percurso interessante de usos de aplicativos e de referências a leituras em várias plataformas. O que nos faz entender que essas situações também decorrem da trajetória de leitura individual dos entrevistados, voltada para a leitura do livro impresso e não ao digital.

Os adolescentes participantes da pesquisa nos dão indícios importantes de como a leitura pode ser pensada para este público. É preciso que a leitura seja mais que uma obrigação, mas faça parte do cotidiano e desperte o interesse para compartilhar essas experiências. Ao nos aproximarmos das experiências desses adolescentes, concordamos que hoje são eles os grandes mediadores da tecnologia (ROCHA e PEREIRA, 2009, p. 87), eles protagonizam suas práticas e conferem novos usos para seus dispositivos. São diferentes as possibilidades, e sabemos que em cada contexto e trajetória a leitura vai ser tomada de diferentes maneiras, como fuga, distração, entretenimento, companhia. Também sabemos que o momento em que se encontram diz muito sobre os hábitos de leitura. Podemos dizer que sim, o adolescente lê, lê do seu jeito, lê aquilo que o faz sentir, faz se emocionar, faz querer compartilhar, faz questionar e faz refletir sobre sua realidade, mas, acima de tudo, faz ele ser leitor. Os adolescentes demonstram que a leitura transcende o impresso e está presente nos diferentes meios, proporcionando novas trocas e maneiras de ler.

É compreensível que não podemos separar o que acontece no cotidiano desses adolescentes. Eles fazem tudo simultaneamente; além de leitores, são usuários, internautas, espectadores, seguidores, pois transitam entre o impresso, o on-line, a tela do cinema e a tela do celular. Entendemos, então, como Scolari (2016), que os adolescentes participantes deste estudo, são “translectores”, pois transitam entre os diferentes textos de maneira a se apropriar daquilo que faz sentido em determinados momentos e produzem conteúdos diferentes para cada uma das redes sociais em que mantêm conta ativa. Eles realizam diferentes leituras no decorrer da sua rotina, ora leituras extensivas, ora leituras rápidas. Eles expandem as histórias ao produzir conteúdos e ao acompanhar conteúdos feitos por seus semelhantes. Os adolescentes

mantêm o hábito da leitura silenciosa e íntima e, por outro lado, dedicam-se a uma leitura compartilhada, acompanhando comentários e opiniões de amigos e produzindo novos conteúdos.

A internet se mostra como um complemento ao impresso, ela expande a relação com o livro. Por fazer parte do cotidiano desses adolescentes, eles já nasceram nesse cenário e isso é indissociável das rotinas e atividades de cada um. Tudo acontece simultaneamente, e para eles o livro complementa a internet e suas vidas, e a internet complementa e auxilia suas leituras. Ou seja, um meio não substitui o outro, eles coexistem (SILVERSTONE, 2004; CANCLINI, 2014; WINOCUR, 2009).

Despertar o interesse pela leitura, mesmo que eles transitem entre as diferentes telas e propostas de histórias, sejam elas em filmes, séries ou livros, é o que importa. O sucesso dos serviços de *streaming*, como o Netflix, com inúmeras histórias que são baseadas em livros, permite pensarmos que o adolescente pode participar disso tudo também com a leitura. Basta ele ter pontes que proporcionem esses contatos, que pode ser a família, a escola, mediadores da internet, amigos.

Por fim, consideramos que os objetivos foram alcançados e desejamos que muitas outras pesquisas sejam instigadas pelas discussões e inquietações que nos trouxeram até aqui. Realizar um estudo de recepção com adolescentes é um desafio, mas, ao mesmo tempo, é inspirador, pois eles demonstram que, mesmo com as mudanças, ainda possuem forte contato com o livro e se veem leitores no futuro. Eles ressaltam que querem ser pais que incentivam seus filhos a ler o que tiverem vontade. Além disso, pensam em conhecer novos gêneros e expandir seu leque de opções para leituras futuras. Vimos que os adolescentes são os principais responsáveis pelos novos usos e novas práticas diante de amigos, escola e família, pois propõem a mudança e criam junto com elas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5-6, p.25-36, 1997.
- ANDRADE, Rogério Pelizzari de. Da leitura dos media à leitura dos livros: a sala de leitura como espaço de mediação. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. **Anais eletrônicos**. Fortaleza, CE. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/trabalhos.htm>> Acesso em: 19 abr. 2016.
- AMORIM, Galeno.(org.) **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial-Instituto Pró-Livro, 2008.
- AZEVEDO, Marcella. Valores simbólicos e vivência de experiências diferenciadas na literatura juvenil: reflexões a partir de uma pesquisa exploratória com jovens leitores do Rio de Janeiro. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVIII. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro, RJ. 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/trabalhos.htm>> Acesso em: 20 abr. 2016.
- BACEGGA, Maria Aparecida. Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação. In: Comunicação & Educação, São Paulo, (12): 7 a 16, maio/ago. 1998.
- BARICHELLO, Eugenia Maria Mariano Rocha. **História da Feira do Livro de Santa Maria**: memórias e registros. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2013. 130p.
- BECKER, Daniel. O que é adolescência. brasiliense. 12 ed. 1994.
- BEAUD, S. e WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BONIN, Jiani Adriana. Reflexões sobre a formação metodológica na orientação de projetos de pesquisa em comunicação. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación Online**, v. 9, p. 36-45, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.
- CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CARRENHO, Carlo. O que os livros digitais representam para o aumento da leitura? O que diz a Retratos da Leitura sobre quem lê nesse suporte? In: FAILLA, Zoara (org.). Retratos da leitura no Brasil 4. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. O poder da comunicação. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- CASTRO, Gisela G. S. Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo. **IN**: BARBOSA, Livia (org.). Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 61-77.
- CECCANTINI, João Luís. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. **In**: FAILLA, Zoara (org.). Retratos da leitura no Brasil 4. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2 edição. 1988.
- _____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Ed. UNB, 1994.

COGO, Denise. Pesquisa em Recepção na América Latina: perspectivas teórico-metodológicas. Barcelona, Incom, 2007. Disponível em: <http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/48_por.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2016.

COLINA ZALAZAR, Carlos Eduardo. Los grupos de discusión como propuesta metodológica. In: Cervantes BARBA, Cecília 7 SANCHEZ RUIZ, Enrique (coord.) Investigar la comunicacion. Guadalajara: s/e, 1994.

COLOMER, Teresa (coord.). **Lecturas adolescentes.** Barcelona: Editorial Graó, 2009.

CRUCES, Francisco. Maneras de leer: una introducción. In: Francisco Cruces (Dir.). ¿Cómo leemos en la sociedad digital? Lectores, booktubers y prosumidores. Editorial Ariel, S. A., 2017.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DICK, M. E.; GONÇALVES, B. S.; PEREIRA, A. T. C.; VIEIRA, M. L. H. **A influência dos dispositivos portáteis de leitura no design do livro digital.** XX Congresso da Sociedade Iberoamericana de Gráfica Digital (Sigradi). 2016, no prelo.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In.: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2009.

EPSTEIN, Jason. **O negócio do livro: passado, presente e futuro do mercado editorial.** Tradução Zaida Maldonado. – Rio de Janeiro: Record, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana C. **Cartografias dos estudos culturais.** Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção.** São Paulo: Hacker Editores, 2005.

ESCOSTEGUY, A. C. et al. O uso de tecnologias por famílias agricultoras: uma reflexão metodológica. Revista ESPM,dez/2016. <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1191/pdf.>>

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4.** Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FISCHER. S. R. **História da leitura.** Tradução de Cláudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FRAGOSO, Suely. RECUERO, Raquel. AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p.64 a 89.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 202 p.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar.** Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro : Record, 2004.

GOMES, Itânia. Efeito e Recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual.** Editorial UOC: Barcelona, 2004.

IBÁÑEZ, J. (1989): Cómo se realiza una investigación mediante grupos de discusión, en García Ferrando, M.; Ibáñez, J. y Alvira, F., El análisis de la realidad social Madrid, Alianza Editorial, 489-501.

INHELDER, Barbel, Piaget, Jean. O pensamento do adolescente, **In: Da lógica da criança à lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais.** Tradução por Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1976. p.249-260. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais Psicologia).

JACKS, Nilda. Tendências latino-americanas nos estudos de recepção. **Revista Famecos.** Porto Alegre. n. 5. nov.1996. Texto apresentado no GT Comunicação e Recepção. XVII INTERCOM, Piracicaba, 1994.

_____. **Meios e audiências.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **Meios e audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg. Booktubers: Uma pesquisa etnográfica sobre a comunidade de leitores presente no YouTube. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Programa de Pós-graduação em Ciência da Comunicação, RS, 2017.

WOTTRICH, L.; SILVA, R. C.; RONSINI, V. M. A Perspectiva das Mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela. **Anais.** XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba/PR, 2009.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 246 e ss.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos.** Porto Alegre: Artmed, 2006. 656 p.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. 2005. Disponível: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>> Acesso em: 25 de maio de 2017.

LEVY, Ruggero. O adolescente. **In: EIZIRIK, Cláudio Laks. BASSOLS, Ana Margareth Siqueira. (Orgs). O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica.** 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2013.

LIMA, Sirleide de Almeida. SOUZA, Agostinho Potenciano de. CORSI, Solange da Silva. O Best-seller e a formação do gosto pela leitura dos jovens leitores. **REVISTA ECO PÓS.** V. 18. n.1. 2015.

LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. In: **Matrizes.** ano 4 – n. 2 jan./jun. 2011 - São Paulo - Brasil. p. 11-42.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Uma agenda metodológica presente para a pesquisa de recepção na América Latina. In: JACKS, Nilda (org.). **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro.** Quito-Ecuador: Editorial “Quipus”/CIESPAL, 2011.

_____. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. In: **Matrizes:** V. 8 - N. 1 jan./jun 2014 São Paulo - Brasil p. 65-80.

_____. Pesquisa em Comunicação. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MACHIAVELLI, Marina. Faz a pessoa abrir a cabeça para um novo mundo”: leituras sobre o consumo do livro por adolescentes. 2014. Monografia de Graduação (Comunicação Social - Produção Editorial) - Universidade Federal de Santa Maria.

MACHIAVELLI, Marina. BORDINHÃO, Filipe. “Uma base de incentivo”: o consumo do livro por adolescentes a partir das mediações escola e família. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 2015. **Anais eletrônicos.** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/trabalhos.htm>> Acesso em: 20 abr. 2016.

MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. In: **Intexto,** Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58439>>.

MALINI, Fábio. Literatura, Twitter e Facebook: a economia dos likes e do RTS dos usuários-fãs de literatura brasileira nas redes sociais. **In:** Revista Observatório Itaú Cultural. Livro e Leitura: das políticas públicas ao mercado editorial. N. 17 (ago./dez. 2014). São Paulo: Itaú Cultural. 2014.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTEL, Frédéric. **Smart**: O que você não sabe sobre a internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p.9-15; 139-165; 415-449.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. **Oficio de Cartógrafo**: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. México: Fondo de cultura económica, 2002.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. 372. P

_____. A mudança na percepção da juventude: sociabilidade, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. **In:** Borelli, Sílvia. H. S.; Freire Filho. João. *Cultruas juvenis do século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

_____. As formas mestiças da mídia. Pesquisa FAPESP **online**, n 163, set. 2009a, p.10-15. Entrevista concedida à Mariluce Moura.

_____. Convergencia Digital y diversidad cultural. **IN:** MORAES, Denis de. *Mutaciones de lo visible: comunicación y procesos culturales en la era digital*. – 1 ed. - Buenos Aires: Paidós, 2010.

_____. Pensar la Comunicación en Latinoamérica. *Redes.com: revista de estudios para el desarrollo social de la comunicación*, no 10. 2014.

_____. **A comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Jóvenes**: Entre el palimpsesto y el hipertexto. NED Ediciones, 2017.

MARTÍN-BARBERO J.; REY, G. Os exercícios de ver: hegemonia audiovisual e eficácia televisiva. SP: Senac, 2001.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. Editora Àtica. v.49. (coord.) Sônia Scoss Nicolari. 2002.

MARGALLO, Ana M^a. Entre la lectura juvenil y la adulta: el papel de los «best sellers». **In:** COLOMER, Teresa (coord.). *Lecturas adolescentes*. Barcelona: Editorial Graó, 2009.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. 4ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MESSA, Márcia Rejane. Os estudos feministas de mídia: uma trajetória anglo-americana. **In:** ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Comunicacao e Gênero: a aventura da pesquisa*. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p.38-61

MONTEIRO, Júlio Altieri. Onze Leituras no Digital. **In:** Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXV. **Anais eletrônicos**. Fortaleza, CE. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/trabalhos.htm>> Acesso em: 19 abr. 2016.

OUTEIRAL, Jose. Do adolescer ao adultecer. **In:** OUTEIRAL. Jose, MOURA. Luiza, SANTOS. Stela Marys Vieira. (orgs). *Adultecer: A dor e o prazer de tornar-se adulto*. Livraria e editora Revinter Ltda. 2008.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. Editora brasiliense. São Paulo. 1994.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. La condición comunicacional contemporánea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. **In:** JACKS, Nilda (org.). **Análisis de recepción en**

América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro. Quito-Ecuador: Editorial “Quipus”/CIESPAL, 2011.

OZAELLA, Sérgio. A adolescência como construção social. **In:** UNICEF. O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades / Fundo das Nações Unidas para a Infância. – Brasília, DF: UNICEF, 2011.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação.** Mai/ Jun/ Jul/ Ago; p.15-24. n.5. 1997.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **A Comunicação como encontro.** Bauru, Sp: EDUSC, 2006.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital:** o mercado editorial e as mídias digitais. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

PETIT, Michèle Petit. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. São Paulo: Ed.34, 2008. 192 p.

_____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público.** 2013.

PIAGET, Jean. A adolescência. **In:** Seis estudos de psicologia.- 21. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

PINSKY, Luciana. Os editores e o livro digital: o que está sendo feito e pensado em tempos do incunábulo digital. **Livro** – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição, n.3. 2013.

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. **IN:** Canavilhas, João. (org.). WebJornalismo: 7 Características que marcam a diferença. 2014.

PRIMO, Alex. Introdução. **In:** Alex Primo. (Org.). **Interações em rede.** Porto Alegre: Sulina, 2013 , p.7-13.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1991. – (Biblioteca básica de ciências sociais. Série 2. Textos; v7.

RICHARDSON, Roberto Jarry (et al). **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Sérgio Luiz Alves da. As Diferentes Concepções sobre a Leitura em uma Escola Pública de Ensino Médio. **In:** XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais eletrônicos.** Fortaleza, CE. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/trabalhos.htm>> Acesso em: 19 abr. 2016.

_____. Passado, Presente e Futuro: os Jovens e a Leitura em uma Escola Pública de Ensino Médio do Rio de Janeiro. **In:** Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação., XXXVI. **Anais eletrônicos.** Manaus - AM. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/trabalhos.htm>> acesso em: 19 abr. 2016.

_____. “Tudo Tem Seu Lado Bom e Seu Lado Ruim”: Usos e Abusos da Internet/Computador. **In:** Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. XXXVIII. **Anais eletrônicos.** Rio de Janeiro - RJ. 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/trabalhos.htm>> Acesso em: 20 abr. 2016.

RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de sentido:** consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **A crença no mérito e a desigualdade:** a recepção da telenovela no horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção) **In:** GOMES, Itania Maria Mota; JUNIOR, Jader Janotti. (orgs). Comunicação e Estudos Culturais. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTAELLA, Lucia. O Leitor ubíquo e suas Consequências para a educação. [2004?] Disponível em: <http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf> Acesso em: 23 de jan. de 2017.

SCOLARI, Carlos A. El translector. Lectura y narrativas transmedia en la nueva ecología de la comunicación. 2016. Disponível em : <http://www.fge.es/lalectura/docs/Carlos_A_Scolari%20_175-186.pdf> Acesso em: 28 mar. 2017.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas: p.51-61, 2009.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRAVANCAS, Isabel. Adolescentes cariocas e a leitura. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais eletrônicos**. Fortaleza, CE. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/trabalhos.htm>> Acesso em: 19 abr. 2016.

TRAVANCAS, Isabel. O livro e a leitura para adolescentes do Rio de Janeiro e de Barcelona. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. XXXVIII. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro - RJ. 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/trabalhos.htm>> Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. La lectura de los adolescentes de Barcelona. **TaNTágORa**, v. 12, p. 12-12, 2014.

_____. Juventud y lectura: una investigación sobre adolescentes em Barcelona. **Grafo**, v. 1, p. 47-73, 2014.

_____. O livro como produto midiático e os estudos de recepção' Revista Contracampo, 26ª edição, maio de 2013, Niteroi. **Contracampo**, v. 26, p. 87-105, 2013.

THORNTON, Ricardo. **Grupos de discussão**. Grupos focais. Metodologia. Tradução de Lucine D'Ávila de Moura, Leonardo Meira do Nascimento – Santa Maria: FACOS-UFSM, 2005. 108 p.

Uehara, Fabio. Mais um capítulo do livro. In: : Revista Observatório Itaú Cultural. Livro e Leitura: das políticas públicas ao mercado editorial. N. 17 (ago./dez. 2014). São Paulo: Itaú Cultural. 2014.

UNICEF (2002): Situação da Adolescência Brasileira, UNICEF.

WINOCUR, Rosalía. Robinson Crusoe ya tiene celular: la conexión como espacio de control de la incertidumbre. México: Siglo XXI, 2009.

APÊNDICE

Apêndice A - Formulário 2016

1. Nome:
2. Idade:
3. E-mail:
4. Celular:
5. Nível de escolaridade
 - Ensino Fundamental
 - Ensino Médio
 - Ensino Superior
6. Instituição de ensino:

Leitura

7. Fontes de leitura
 - Livro
 - Livro digital
 - Sites na internet
 - Revistas
 - Jornais
 - Blogs
 - Redes Sociais
8. Plataforma de leitura
 - Livro
 - Celular
 - Tablet
 - Computador
 - E-reader
9. Frequência de leitura do livro
 - Todo dia
 - Uma vez por semana
 - Várias vezes na semana
 - Só no fim de semana
 - Uma vez por mês
 - Uma vez por ano
10. O que é definidor para a compra do livro?
 - Indicação de amigo
 - Capa
 - Autor
 - Preço
11. Como você costuma ter acesso aos livros que você lê?
 - Livraria
 - Feira do livro
 - Biblioteca da Escola
 - Biblioteca pública
 - Sebo
 - outros _____
12. Você frequenta biblioteca?

- Da escola
- Da cidade
- Não frequento

13. Quantos livros você tem em casa?

- 1
- 2
- 3
- mais de 4
- não tenho livros em casa

14. Você já leu livro digital? sim não

15. Onde você costuma ler o livro digital?

- Computador
- Celular
- Tablet
- E-reader

16. Cite seus livros preferidos

- 1-
- 2-
- 3-

17. Você participa de ações de leitura na cidade?

- sim não

Qual?

18. Você participa/participou de algum projeto de leitura na escola?

- sim não

Qual?

19. O que te motiva a vir a feira do livro de Santa Maria?

20. Você busca informações sobre livro e leitura na internet?

- 21. sim não

22. Quantos livros extraescolares você lê por ano?

23. Você estaria disponível para uma entrevista, se necessário, para aprofundarmos essas questões? Sim

- Não

Apêndice B - Formulário 2017

3. Nome:

4. Idade:

5. E-mail:

6. Celular:

7. Nível de escolaridade

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Fundamental

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior

8. Instituição de ensino:

Leitura

9. Fontes de leitura

Livro impresso

Livro digital

Sites na internet

Revistas

Jornal impresso

Blogs

Redes Sociais on-line

10. Plataforma de leitura

Papel

Celular

Tablet

Computador

E-reader

11. Frequência de leitura do livro impresso

Todo dia

Uma vez por semana

Várias vezes na semana

Só no fim de semana

Uma vez por mês

Uma vez por ano

12. O que é definidor para a compra do livro?

Indicação de amigo

Capa

Autor

Preço

Indicação da mídia

Indicação da internet

13. Como você costuma ter acesso aos livros que você lê?

Livraria

Livraria virtual

Feira do livro

Biblioteca da Escola

Biblioteca pública

Sebo

Emprestado

outros _____

14. Você frequenta biblioteca?

- Da escola
- Da cidade
- Não frequento

15. Quantos livros você tem em casa?

- 1 a 4
- 5 a 10
- 11 a 20
- mais de 20
- não tenho livros em casa

16. Você já leu livro digital?

- sim não
- PDF
- ePUB

17. Onde você costuma ler o livro digital?

- Computador
- Celular
- Tablet
- E-reader

18. Frequência de leitura do livro digital

- Todo dia
- Uma vez por semana
- Várias vezes na semana
- Só no fim de semana
- Uma vez por mês
- Uma vez por ano

19. Cite seus livros preferidos

- 1-
- 2-
- 3-

20. Você participa de ações de leitura na cidade?

- sim não
- Qual?

21. Você participa/participou de algum projeto de leitura na escola?

- sim não
- Qual?

22. Você busca informações sobre livro e leitura na internet?

- sim não

- Youtube
- Grupo no facebook
- Grupo no WhatsApp
- Blog
- Site editoras
- Instagram
- Outros _____

23. Quantos livros extraescolares você lê por ano?

24. Você estaria disponível para uma entrevista, se necessário, para aprofundarmos essas questões?

- Sim Não

Apêndice C - Autorização dos responsáveis**A U T O R I Z A Ç Ã O**

Eu, _____,
concordo e **autorizo** que meu filho(a) _____ participe da pesquisa “**Usos e Apropriações do livro por adolescentes: reconfiguração das práticas de leitura**”, através de uma entrevista, que será realizada na (o) _____. O estudo faz parte da dissertação de Mestrado de Marina Machiavelli, aluna do Curso de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), matrícula 201660813, sob a orientação da Prof. Dr.^a Liliane Dutra Brignol.

O objetivo da pesquisa é compreender os usos e apropriações do livro por leitores adolescentes, de modo a entender os impactos dos suportes digitais nos modos de ler. Para isso, busca pesquisar teoricamente a relação entre usos e apropriações do livro, leitura e a adolescência. De maneira que consiga compreender os hábitos e as preferências de adolescentes leitores santa-marienses; identificar possíveis mudanças nas práticas de leitura a partir do acesso às mídias digitais e verificar a importância do livro para os adolescentes de Santa Maria.

Declaro, ainda, estar ciente da utilização das respostas do meu filho(a), exclusivamente, para fins de análises acadêmicas da pesquisa.

Assinatura Pai/ Mãe ou Responsável

Santa Maria, ____ de _____ de 2017

Apêndice D - Roteiro entrevista**Entrevista****Livro/ usos e apropriações**

1. Frequência com que lê livros?

- diariamente
- de 2 a 3 vezes por semana
- 1 vez por semana
- fim-de-semana
- quinzenalmente
- mensalmente (1 x por mês)
- anualmente

2. Qual o número de horas dedicadas ao livro?

menos de 1h entre 1h e 2h entre 2h e 3h entre 3h e 4h mais de 4h

10. Quantos livros extra-escolares você lê por ano?

11. Você tem alguma meta de leitura?

12. Cite livros que você leu nos últimos três meses.

13. Cite um livro que você está lendo no momento

14. O que você mais gosta nos livros?

15. O que você menos gosta?

16. Já tirou alguma lição de algum livro que leu?

17. Você prefere alguma temática ou autor?

Você empresta seus livros?

18. Gosta de livros que muitos já estão lendo ou prefere algo mais específico?

19. O que você acha dos Best Sellers? qual sua experiência

20. Você prefere o livro impresso ou digital? Por quê?

21. O que muda para você na experiência da leitura do impresso para o digital?

22. Descreva a sua leitura do livro impresso

23. Descreva a sua experiência de leitura no digital

24. Você acha que Santa Maria incentiva a leitura e o livro? Por quê?
25. Você acha que a sua escola incentiva a leitura e o livro? Por quê?
26. Na tua opinião, qual a importância da leitura? e do estudo/educação para uma pessoa?
E da leitura?
27. Você vê seus colegas lendo?
28. Você vê seus amigos lendo?
29. Vocês comentam sobre algum livro?
30. Você tem preferência por atividades coletivas ou individuais?
31. Qual a sua atividade de lazer favorita? Por quê?
32. Quais as atividades feitas no tempo livre?
33. Você tem o hábito de ir ao cinema?
34. Qual o seu filme favorito?
35. Você já assistiu filme de algum livro que você já leu?
36. O que você prefere? o livro ou o filme da história?
37. Como você vê a questão dos livros que viram filmes?

Internet

38. Em quais redes sociais você mantém seu perfil ativo? facebook, twitter, instagram, pinterest, youtube ou algum outro?
39. Você acessa sites sobre livro? Quais? E por quê?
40. Você compartilha comentários sobre livros e leituras? Em quais canais?
41. Você participa de algum grupo de leitores? Se sim, de que forma? compartilha conteúdos,
faz comentários?
42. Você já criou perfil em alguma plataforma de leitura ou de leitores (skoob, etc)
43. Se sim, atualiza com que frequência? já escreveu resenhas?
44. Já fez amigos por preferência de leitura?
45. Você curte algum livro ou algum autor no facebook? Instagram ou alguma outra rede?
46. Você segue algum autor ou editora nas redes sociais? quais? Por quê?

47. Você já fez alguma pesquisa enquanto lia o livro impresso? como foi? por qual motivo?
48. Já participou de algum projeto na internet? (colaboração em projetos de autores, texto)
49. Já teve alguma experiência literária diferente proporcionada pela internet? (caixa de livros; turista literário)
50. Já comprou algum livro na internet?
51. Já foi instigado a comprar por algum anúncio de livro em sites ou redes sociais?
52. Já comprou algum livro por indicação de alguém na internet?
53. Você conhece um leitor digital/ e-reader?
54. Comente sua experiência com um leitor digital. (Caso já tenha uma experiência, quais as ferramentas você utilizou? marcação, pesquisa, tradutor.)
55. Você conhece todas as ferramentas de um leitor digital? caso não tenha utilizado, você acha que conhecendo melhor você leria mais nesses dispositivos?
56. Você já baixou livros no computador ou celular?
57. Quais os aplicativos de leitura você tem no seu celular? já chegou a baixar algum e depois apagar? e no computador?
58. Comparando as redes sociais com o livro, qual o que mais lhe agrada? Por quê?
59. Comparando a televisão com o livro, qual o que mais lhe agrada? Por quê?

Família

60. Sobre o que mais você conversa com sua mãe? E Com o seu pai? E os irmãos?
61. Você já teve ou costuma ter algum tipo de conflito com os seus pais? Que tipo?
62. Você tem liberdade para sair sozinha com os teus amigos? (viajar, comprar, etc)
63. A sua família costuma fazer atividades juntos? Que tipo? Qual a periodicidade?
64. Você recebe mesada? Caso receba, no que costuma gastar?
65. Como é a exigência em relação a educação/estudo por parte dos seus pais?
66. Você gosta de estudar? Onde você costuma estudar?
67. Depois que terminar o Ensino Médio, pretende seguir estudando? Qual o curso pretende fazer?
68. Qual a formação dos seus pais? E dos irmãos? E dos avós?

69. Na tua casa, vocês têm o hábito de ler? E você?
70. Vocês assinam algum jornal, revista ou comprar livros com periodicidade?
71. Vocês assinam algum serviço de streaming (netflix, spotify)
72. Na sua casa, onde ficam os livros que vocês possuem?
73. Quando você era criança os seus pais davam livros ou faziam leituras com você? Lembra de alguma situação?
74. E, hoje em dia, eles incentivam que você leia?
75. Você gosta de ganhar livros de presente? E dos seus pais, já ganhou algum livro de presente? Quais?
76. Você já presenteou alguém com um livro?
77. Seus pais já te indicaram algum livro? Quais e porque?
78. Você costuma conversar sobre notícias com os seus pais? E sobre literatura, livros?
79. Você já viu seus pais lendo? O que eles gostam de ler?
80. Como você tem acesso ao livro? Compra? Empréstimo de amigos/ parentes? Biblioteca?
81. Você costuma ir a livraria sozinho? E com os seus pais? Com amigos?
82. Vocês frequentam a feira do livro de Santa Maria? Com os seus pais ou com os amigos?

Escola

83. Quais são os livros que caem nas provas?
84. Seus professores te incentivam a ler? De que maneira?
85. Existe algum projeto de leitura na escola? Você participa de algum?
86. Como é a relação da escola com o livro?
87. Você frequenta a biblioteca?
88. O que você acha da biblioteca?
89. É fácil retirar livros na biblioteca?
90. Algum professor já te indicou algum livro?
91. Você costuma ler os livros indicados pelas matérias da escola?

92. Cite alguns livros que você teve que ler para fazer trabalhos da escola? Qual o que mais gostou? Por quê?

Apêndice E - Roteiro entrevista Roteiro Grupo de Discussão

Abertura

Apresentação;

Boas-vindas;

Moderador explica sobre a proposta e como tudo vai funcionar;

Explica sobre os instrumentos de gravação e recomenda que todos desliguem o celular.

Roda de apresentação:

- Falar o nome e idade.

Perguntas Introdutórias

- Apresentação do livro preferido.
- Comentar o porque escolheu trazer o livro, porque é o seu livro preferido.

Perguntas de Transição

———— Dinâmica 1 ————

- Retirar fichas com perfil.
- Você se identifica com o perfil retirado ou identifica alguém do grupo? porquê?

Perfil que constam nas fichas

- Leio a partir de recomendações do facebook ou Youtube;
- Leio depois de assistir o filme.
- Organizo as minhas leituras em um caderno;
- Compartilho opiniões sobre livros e leituras nas minhas redes sociais;
- Leio no celular quando não tenho livros comigo;

Perguntas-Chaves

———— Dinâmica 2 ————

- Relação internet e leitura: roda de perguntas.

Projeção de imagens de práticas na internet (skoob, livro interativo, blogs, etc);

- O que cada um faz e perguntar algo sobre essa prática que você tem para os participantes do grupo, alguma dúvida em relação a como a outra pessoa realiza. Eu realizo a pesquisa dessa forma, e você? eu acompanho meu autor favorito dessa forma e você? o que você tem curiosidade de saber sobre a prática do outro participante?

Pergunta de Finalização e Discussão sobre as perguntas:

———— Dinâmica 3 ————

1- Como você se imagina como leitor no futuro?

2- Desde que começou a ler o que percebe que mudou nas rotinas e preferências?